# INDICE

## DOS

## ARTIGOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME.

### N.º 1. — *Maio.*


DEDICATORIA A S. M. I. . . . . Pag. 3
INTRODUCÇÃO. . . . . „ 5
POLITICA. — O Brazil em 1839. . . . . „ 7
ECONOMIA POLITICA. — Dos differentes systemas de colonisação, suas causas e seus resultados. . . . . „ 17
PHILOSOPHIA. — Da popularidade entre os antigos e os modernos. . . . . „ 28
POESIA. — Episodio do poema inedito — *a Confederação dos Tamoyos.* — Ode de Casimiro Delavigne, traduzida. . „ 39
VARIEDADE. — A vida do deputado. . . . . „ 47
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 55


### N.º 2. — *Junho.*


HISTORIA. — Eleições em França e Inglaterra, sua influencia e seus resultados . . . . . „ 65
MORAL. — O alcorão. . . . . „ 92
SCIENCIAS NATURAES. — Geologia. . . . . „ 100
POLITICA. — O ministerio de 19 de Setembro: — sua retirada . . . . . „ 105
POESIA. — A Inconstancia. — A Illusão. . . . . „ 117
VARIEDADE. — A vespera da queda d'um ministro de estado. . . . . „ 123
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 130

## N.º 3. — Julho.


LITTERATURA. — Juizo da Revista de Edimburgo sobre a litteratura franceza contemporanea . . . . . Pag. 145
ECONOMIA SOCIAL. — Da deportação para a Siberia . „ 163
SCIENCIAS NATURAES. — Geologia. . . . . „ 170
POLITICA. — Instituições militares. . . . . „ 175
RETRATOS HISTORICOS. — Mr. de Talleyrand . . . „ 180
POESIA. — Episodio do poema inedito — *a Confederação dos Tamoyos.* . . . . . „ 187
VARIEDADES. — I. Um primeiro ministro. II. O club de Southamptom . . . . . „ 199
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 212


## N.º 4. — Agosto.


ECONOMIA POLITICA. — Qual é o melhor intermedio das permutações, as moedas metalicas ou o papel-moeda? „ 225
INDUSTRIA. — Progressos da applicação do vapôr aos differentes ramos da Industria em França e em Inglaterra. . „ 243
PHILOSOPHIA. — MORAL. — Da educação das classes superiores na Gram-Bretanha, de suas vantagens e deffeitos. „ 263
FINANÇAS. — COMMERCIO. — Associações commerciaes e industriaes no Rio de Janeiro. . . . . „ 276
POESIA. — Apologo. — Ode. . . . . „ 285
VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDICO. — O Jovem Doutor. „ 290
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades. . . . . „ 309


---

Com este numero temos o prazer de offerecer a nossos leitores o retrato de SUA MAGESTADE IMPERIAL tirado pelo Sr. Porto Alegre.

---


1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
*Rua do Hospicio n.* 66.

# INDICE

## DOS

## ARTIGOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME.

---

### N.º 1. — *Setembro.*


ECONOMIA POLITICA. — A conta corrente da guerra e das sedições. - - - - - - - - - Pag. 3

LITTERATURA — O theatro romantico. - - - - „ 14

HISTORIA — Frederico II e sua época. - - - - „ 23

SCIENCIAS NATURAES. — Geologia (3.º artigo. - - „ 44

POESIA. — Italia e Roma ou os momentos antigos. - - „ 49

VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDICO. — II. O cancro. — O duello. - - - - - - - - - - „ 51

MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - „ 71


### N.º 2. — *Outubro.*


VIAGENS. — Viagem de Lima ao Pará pelos Andes, pelas Missões e pelo rio Amazonas. - - - - - „ 80

BIOGRAPHIA. — GALERIA BRASILEIRA. — Introducção. - „ 104

I — Fr. Francisco de São Carlos. - - - - - „ 107

ECONOMIA POLITICA. — CONTOS DE MADAME MARCET. —

I — Orico e o pobre. - - - - - - - - - „ 118

II. — O jornal. - - - - - - - - - - „ 122

POESIAS. — Ecloga 1.ª de Virgilio, traduzida á letra e offerecida a S. M. I. por M. O. M. - - - - - „ 130

Homilia de Santo Isidoro, traduzida por José Eloi Ottoni. „ 135

VARIEDADE. — Os Illuminados. - - - - - „ 139

MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - „ 150

BIBLIOTECA NACIONAL

## N.º 3. — Novembro.

SCIENCIA MEDICA. — Do regimen dietetico e de sua influrncia sobre a saude. - - - - - - - - Pag. 161
HISTORIA. — Quatro capitulos ineditos da *Chronica de D. Affonso Henriques* por Duarte Galvão. - - - - - „ 186
ECONOMIA POLITICA. — CONTOS DE MADAME MARCET. III. — Os tres gigante. - - - - - - - „ 189
POESIAS. — Sephora. - - - - - - - - „ 215
Lyras. - - - - - - - - - - - „ 220
VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDIDO. — III O — hypocondriaco. - - - - - - - - - - - „ 222
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - - „ 257

## N.º 4. — Dezembro.

MORAL. — A alta civilisação, suas pretenções, e seus resultados. - - - - - - - - - - - - „ 261
POLITICA. — Ideias acerca da organisação e conveniencia d'um exercito permanente no Brasil. - - - - - - „ 283
VIAGENS. — A cova de Guacharo. - - - - - - „ 291
LITTERATURA. — Viagem pela Alemanha. — 1836. - - „ 303
VARIEDADE. — Um copo d'agua côm assucar. - - - „ 324
MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, etc. - - - - - - - - „ 331

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
*Rua do Hospicio N.* 66.

# REVISTA

# NACIONAL E ESTRANGEIRA,

ESCOLHA

D'ARTIGOS ORIGINAES E TRADUZIDOS POR UMA SOCIEDADE DE LITTERATOS BRAZILEIROS.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
DO
RIO DE JANEIRO

## Tomo 1.°

Rio de Janeiro.

1839.

# A MAGESTADE

DO

# SENHOR D. PEDRO II.

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. R 51 1 952

## Dedicatoria.

*Um dia reinareis! — Chegue esse dia*
*Que um povo inteiro celebrar deseja,*
*Em Vós, Senhor, um Anjo se annuncia*
*Cujo genio e candura o céo bafeja.*
*Lembrae-vos que o Brazil em Vós confia*
*Que lhe haveis de outorgar o qu'elle almeja,*
*Gloria, Justiça, amor, tranquillidade,*
*Artes, Lettras, Sciencia, e Liberdade.*

# REVISTA

# NACIONAL E ESTRANGEIRA.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

## INTRODUCÇÃO.

Até hoje a imprensa brazileira tem vivido da politica do dia: questões de momento, urgentes, que se precipitam diariamente umas sobre outras, obrigam a imprensa a abandonal-as apenas as tem aventado, sem dar-lhes todo o necessario desenvolvimento, sem encaral-as por todos os lados, e até mesmo sem examinal-as com madureza e circumspecção! Entretanto a imprensa tem immensa influencia sobre todas as classes da sociedade; a mór parte dos homens espera pelo seu periodico para saber como deve pensar a respeito da questão do dia, para saber como deve encarar os acontecimentos que se succedem, afim de tirar d'elles motivo para louvar ou censurar a administração, para louvar ou censurar a opposição.

E não é para admirar este facto que notamos; os povos que se constituem tem de luttar por muito tempo para firmar as grandes verdades sobre que se deve basear seu governo, e essa lutta incessante, esse desejo ardente de conhecer o governo que melhor lhes quadra, os fasem vacillar sobre verdades que já deram como taes, e travam depois a pratica do systema que combinaram e reputaram melhor. Devemos disel-o, o interesse privado, —— movel mesquinho de muitas acções que se acobertam com o publico interesse, --- tem tambem grande parte n'essa incerteza de principios, que não dá tempo á imprensa para examinal-os no combatte. Não é de hoje que os ambiciosos assoalham principios, como de verdade eterna, e que reprovam depois como falsos, subversivos e anarchicos, para adoptal-os ainda outra vez, e sempre obrigados pelas

occurrencias, pela necessidade de satisfaser sua ambição. E a imprensa ou os combatta, ou defenda esses principios, é obrigada a estar continuamente na esplanada, com as armas sempre promptas para attacar ou defender, —— e as questões passam mal discutidas, os principios mais erroneos que se emittem n'essas discussões, ——as mais das vezes de interesses privados,——ficam inconcussos, inapercebidos. È este resultado ordinario, quando a imprensa diaria se erige professôra de direito, e não se limita a raciocinar sobre os factos.

É necessario dar outra direcção á imprensa; e pois que não somos os redactores da REVISTA NACIONAL E ESTRANGEIRA de tamanha influencia que possamos fazel-o, licito nos seja abrir a estrada e convidar com o nosso exemplo pessôas que por seu saber e por sua influencia levem ao cabo essa obra, que nos parece de summa importancia, e que certo influirá sobre a carreira de quaesquer futuras publicações.

Por não confiarmos em nossas acanhadas luzes, reconhecedores da propria insufficiencia, recorreremos antes aos escriptos alheios do que aos nossos, modelando esta publicação pela Revista Britannica. A maior parte dos litteratos brasileiros conhecem esta collecção de artigos sobre sciencias e artes, e esse conhecimento forra-nos ao trabalho de elogial-a.

Assignantes de grande numero de periodicos, tanto inglezes como francezes, publicados com o titulo de *Revista*, estamos ao alcance de satisfazer os desejos de nossos leitores, traduzindo e publicando o melhor que d'elles podermos colher. Igualmente havemos amigos, cujos talentos respeitamos, que nos promettem ajudar na empreza que intentamos, enriquecendo nossa collecção com artigos seus e sobre objectos peculiares do Brazil. Assim, estamos certos que não será baldada a leitura da REVISTA NACIONAL E ESTRANGEIRA.

É visto que a responsabilidade moral dos artigos que se publicarem deve unicamente pesar sobre aquelles que os assignarem, por quanto os redactores d'este periodico conservam em sua redacção toda a liberdade de pensamento. Igualmente não aceitamos a responsabilidade moral pelos artigos traduzidos que publicarmos.

A REVISTA NACIONAL E ESTRANGEIRA será publicada até o dia 5 de cada mez, contendo pelo menos 64 paginas, na fórma d'este primeiro numero.

———

# POLITICA.

## O BRAZIL EM 1839.

Vão abrir-se as camaras legislativas; negocios da mais alta importancia devem este anno ser tratados pelo unico poder do estado que tenha força para remediar os males que pesam sobre nós, para arredar a crise medonha que ameaça destruir todas as nossas instituições, acabando com a monarchia no Brazil. O estado politico e financeiro do paiz é aterrador; caminhamos a passos largos para uma completa dissolução social, ou para o despotismo militar. Todavia não é sem remedio o mal; um paiz novo e cheio de recursos como o Brazil só necessita homens que se votem de coração ao seu bem-estar: quando se despresarem os mesquinhos manejos do egoismo, quando se trabalhar pelos verdadeiros interesses do paiz, não ha duvida que elle melhorará, e seus negocios offerecerão mais lisongeiro aspecto.

Na actualidade, em presença da oligarchia da camara dos deputados, o poder executivo só terá força quando para elle forem chamados homens que tenham por si o voto geral de seus concidadãos, e virtude e saber bastante para não alienal-o. O ministerio hoje não é só um logar de honra e proveito, é mais alguma cousa, é emprego de muito trabalho, de muito desgosto, e necessario será que aquelles que visam o poder tenham por diante que a rocha Tarpeia não dista muito do Capitolio. Não basta estar certo na tactica parlamentar, não é bastante saber organisar maiorias nas camaras, saber conserval-as com concessões exigidas pelo interesse particular, e muitas vezes reprovadas pelo interesse nacional: é preciso mais alguma coisa; completa dedicação ao paiz, abnegação propria, despego de seus negocios para só occupar-se dos do estado. Nao se

persuada o candidato ao poder que o povo confiará sempre em promessas; e si alguma pretensão á gloria de bem servir a sua patria o leva a representar nos partidos politicos que se combattem, pese bem qual é o estado presente do Brazil, examine com que elementos desorganisadôres tem de luttar, veja antes si os meios que pretende pôr em acção para tiral-o da posição actual são bastantes para o fim, e depois consulte suas proprias forças, para que no momento de abandonar o poder não diga: « Eu não contava que estavamos em tão ardua posição, meus calculos falharam, não posso salvar o Brazil! » Essas palavras serão o corpo de delicto de sua condemnação no tribunal da opinião publica, e algum dia essas condemnações terão seu devido effeito, que não é possivel continuar o Brazil na mesma marcha, até hoje seguida, sem que muito breve haja uma reorganisação social, de certo precedida d'um baptismo de sangue.

Pesa sobre nós uma divida enorme; flagella-nos a guerra civil que ameaça arrancar-nos uma provincia; nosso territorio foi violado por uma nação amiga, que contra todo o direito nega-se á justiça de nossas reclamações: emquanto estes grandes males atrahem a attenção por sua gravidade, outros nos affligem, que, com quanto os reconheçamos menores, todavia necessitam urgentissimo remedio que os remôva.

A nossa divida vae em crescimento; emquanto a guerra do Rio-Grande torna necessario multiplicar os emprestimos, e os desejos de adquirir popularidade arredam os ministros da fazenda de propor novos impostos, as rendas publicas são mal arrecadadas, ou escoam-se pelas mãos dos exactôres. Grande numero de impostos pesam sobre a nação que nem um proveito fundem ao thesoiro publico, e servem unicamente para vexar os contribuintes, e manter um grande numero de empregados de fazenda, que em ultimo resultado só aproveitam a si. Entretanto as camaras não se assustam de augmentar as despezas publicas, decretando augmento de ordenados, pensões, etc. Circumstanciado exame no thesouro publico do Brazil é um dos passos reclamado para melhoramento do nosso estado financeiro, e quando as camaras o não decretem de motu proprio, é de crer que o ministro, cioso de sua honra e da lealdade com que procede, o exija, como exigiu em França Casimir Perier logo que entrou para o ministerio, e espero que as camaras se não retirarão este anno

sem faser effectivo esse exame, sem tomar as contas de annos atrasados. É da primeira necessidade saber exactamente qual é a divida brazileira externa e interna, fundada e fluctuante, conhecer de que meios se póde dispôr para pagal-a. Sem esse conhecimento, conceder creditos, decretar impostos é rematada imprudencia.

Sei que medidas efficases hãode ser propostas este anno: empregados do thesouro que me merecem grande conceito por sua intelligencia e honradez, asseguram-me que, com a approvação e execução d'essas medidas, as rendas orçadas chegam para a despeza decretada, mas o que não sei, o que não póde entrar em calculo é si essas rendas se cobrarão, si as medidas que se hão de propôr serão sufficientes para desarreigar abusos inveterados por longa pratica, ou si os executores terão força para cortar por amizades, despresar odios, arrostar intrigas que certo se hãode mover contra elles. Haja um ministro que tenha essa coragem, e os males financeiros serão em grande parte removidos.

Cumpre examinar os titulos de nossos credores, exigir que os nossos devedores paguem o que devem, acabar com o systema de fazer do thesonro publico nacional pagadoria, crear uma fiscalisação regular e severa, e estou certo que não mais haveremos mister recorrer a emprestimos, e esgotar o credito de que gozamos, unicamente por se haver pago com promptidão o juro da nossa divida.

Os negocios da guerra complicam-se cada vez mais, por havermos andado errados em todos os nossos planos, por termos posto á testa de nosso exercito e armada, aliás valente, homens incapazes de commandal-o, ou por sua ineptidão, ou por sua cobardia. Diversos generaes tem tido o nosso exercito no Rio-Grande do Sul, e todos ou quasi todos tem assignalado seu commando por derrotas mais ou menos graves, compromettendo d'est'arte o imperio que, com todos os recursos de dez-e-sete provincias e de parte da provincia rebellada, não pôde ainda levar ao fim essa guerra funestissima, já pelos exforços a que nos tem obrigado, já pelo terrivel exemplo que se dá a futuros rebeldes que intentem desmembrar o imperio.

Desde que o poder se viu sem meios de acção sobre as diversas provincias, de facto independentes do governo central, facil era prever esses resultados que tanto nos assustam hoje. O governo achava-se sem exercito, sem marinha, e si por ventura rebentasse em

qualquer parte do imperio uma rebellião, em quanto organisava exercito e marinha, os rebeldes augmentavam suas forças, crescia a desordem, os ambiciosos não temiam que o governo os podesse conter, e preparavam seus planos com todo o vagar. A indole do systema representativo, e sobre tudo a lei da regencia exigia que o governo central não désse um passo, sem primeiro ser autorisado pelas camaras; as camaras podiam ter um momento de capricho, que seria secundado por esse pernicioso principio implicitamente contido na mesma lei que obriga ao poder executivo a receber das camaras a politica que ha-de seguir, e a seu chefe irresponsavel que ellas imponham-lhe os ministros que devem ser nomeados. Esse principio de funestas consequencias subgeitou o imperio a oligarchia, e deu-nos uma politica de expediente sempre fraca e mesquinha em todos os seus resultados. D'ahi em diante, não foi mais permittido appellar do juizo da camara dos deputados para a nação, o paiz official, como á massa dos eleitores chamou M. Guizot, não teve mais de intervir e decidir entre as idéas do ministerio e da camara.

Não se persuadam os leitores que quero favonear os projectos do governo ou da opposição; escrevo o que penso, e penso desembaraçado de amizades ou de odios: não pretendo allianças, e o unico e ardente voto que faço é pela felicidade do Brazil. Dotados de instituições que excedem nossas forças e intelligencia, comesinho era ver que não podia o governo entender na administração do estado, e execução das leis, sem que o circumdasse força sufficiente para terminar desavenças que por ventura se suscitassem, e ameaçassem o imperio. O contrario se fez, e é hoje fóra de duvida a necessidade d'uma mudança não de homens, que a quasi todos havemos dolorosamente experimentado, mas de cousas que certo não estão em seus devidos logares e em relação entre si. Não são bastantes dez-e-sete annos para estabelecer em uma nação, educada com todos os preconceitos e erros da ignorancia, um systema de governo que se assenta nas largas bases da civilisação, com partes ainda controvertidas e não decididas; não são bastantes dez-e-sete annos para fazer a educação d'uma povoação rara e espalhada por grande estensão de territorio; nem ás instituições é dado crear homens para ellas. Transportae para os Estados-Unidos, Inglaterra ou França os habitantes da Russia, deixae-lhes as instituições liberaes d'esses estados, e ellas ficarão por executar; haverá anomalia entre os usos e costumes do povo russiano e as instituições dos estados para que for habitar.

Ao estadista não cumpre crear, porêm modificar, melhorar, aperfeiçoar. Desenvolvida a intelligencia do povo cujos destinos lhe foram confiados, ou a cuja felicidade dedica suas vigilias, deve o estadista dar-lhe instituiçoes mais desenvolvidas, cujos principios não encontrem ás idéas geralmente recebidas, como uteis e verdadeiras; é no espirito publico que deve estudar as instituiçoes necessarias para dar-lhe maior somma de liberdade, e segurança. Não é facil esse estudo, é verdade, principalmente em um paiz como o Brazil onde a civilisação e a instrucção não é igual em todas as provincias, em todas as comarcas d'uma mesma provincia, em todos os municipios d'uma mesma comarca, etc.: em paizes taes é mister comprehender bem as individualidades, antes de generalisar o pensamento commum ou da maioria, e formular em principio esse pensamento; sem esse estudo previo não póde o estadista exprimir a necessidade do povo, ou iniciar a lei. Caminhar por via opposta é andar errado na sciencia do governo, é anarchisar o estado que não póde prosperar sem ordem, a qual não existe quando as instituiçoes estão acima ou abaixo da intelligencia do povo.

Volto ao assumpto de que, mau grado meu, me havia desviado. A guerra do Rio-Grande do Sul é o facto characteristico da impotencia e fraqueza do governo do Brazil, que ainda não pôde reunir em uma só todas as vontades dos chefes legalistas, ou quebrar-lhes a influencia de que gozam em fracçoes do exercito, de maneira que sua defecção não seja a defecção d'essas fracçoes. O espirito de desobediencia e insubordinação tem-se desenvolvido em nosso exercito, sendo o general desobedecido em suas ordens, e de tão pequena força moral que se não atreve a processar os desobedientes! Verdade seja que essas ordens são taes, que parecem dictadas por um apaniguado com os rebeldes para entregar-lhes nossas forças sem meios de defeza. É tristissimo não haver um militar para commandar em chefe o exercito legalista, e ver-se o governo na angustia terrivel de conservar o general que se ha distinguido na provincia—por uma derrota completa, consequencia fatal da má disposição em que collocou as forças legalistas, deixando-as inteiramente expostas ás lanças dos rebeldes, — e por uma retirada vergonhosa porque a sortida fôra mal calculada.

Em quanto os negocios da guerra vão em mau passo n'aquella provincia, não é mais acertada a administraçao d'ella. Grandes sommas de dinheiro se tem despendido e despendem mensalmente, sem que vejamos o fructo d'essas despezas, que augmentam

nossa divida e nossos apuros. Ainda a guerra assola a provincia e já se pagam indemnisaçōes avultadissimas, sem processo, com simplices attestados de pessôas que ante o administrador não devem merecer fé : grandes soldos se vão pagando tambem a officiaes, cujos serviços sāo dispensaveis, ou mal feitos.

È mister quanto antes reformar este modo de fazer a guerra a rebeldes; é preciso acabar com elles de uma vez ; as nossas hesitaçōes, as derrotas que hemos soffrido, consequencia de nossos erros e caprichos, tem augmentado as forças da rebellião na provincia, e si nos resta por fim a gloria das famosas ordens do dia, aos rebeldes ficam as victorias alcançadas sobre as armas imperiaes, e o terror que infundem á legalidade e ao imperio todo. Temos hoje n'aquella provincia obra de 8,000 homens, d'estes 6,500 estão em estado de entrar em campanha, e os outros podem com vantagem guarnecer os pontos que cumpre aos legalistas conservar, e entretanto o general legalista, tendo igualmente uma armada propria para as aguas da provincia, consente que as forças rebeldes tenham em apertado assedio Porto Alegre! Mostra a tropa ardentissimos desejos de sahir, formando uma só columna, e passear toda a campanha ; é esse o voto dos diversos chefes da legalidade, mas o contrario decide o general, dividindo as forças imperiaes em pequenas fracçōes, dando-lhes posiçōes de nem um interesse, e espondo-as a novas derrotas! Esse movimento em massa não me parece a mim desarrasoado, e posto que não veja o estado do Rio Grande com olhos militares, todavia enxergo mais vantagens n'essa marcha do que nos *passeios militares* que dá o general em chefe das forças imperiaes. É sentida a falta de cavalhada que soffre o nosso exercito, e por todos é sabido que immensos legalistas há na campanha, por necessidade adherentes aos rebeldes, que lhes impoem seu jugo com força effectiva e real : existem tambem pela campanha algumas partidas de denodados e valentes legalistas, que se não ajuntam ao grosso do exercito por estarem cortadas as communicaçōes ; teria por tanto a marcha d'esses 6,000 homens o triplicado fim de favorecer a retirada d'esses estancieiros legalistas, que com rasão se temem dos rebeldes, de obter cavalhada, e de reunir essas partidas que subirão a 600 ou 700 homens.

Parece que alguma cousa se ha confiado em allianças com governos estrangeiros : tem-se fallado bastante em ajustes com o governo de Monte-Video, e posto que officialmente se não

saiba d'essas relações diplomaticas, ha com tudo motivos para acredital-as, sendo o primeiro o silencio que se tem guardado da parte do governo á tal respeito. Quisera não haver por provavel essa alliança que de alguma maneira compromette a honra e dignidade do imperio, e abster-me-hei de longos commentarios sobre ellas. Fructo Rivera ainda não tem estabelecido seu governo em bases firmes e seguras; em lutta com seus visinhos, tendo em frente um partido Oribista que debelar, é crivel que faça quaesquer pactos ou allianças que lhe dêem dinheiro em troco de futuros serviços, que elle prestará ou não, conforme forem seus interesses, quando fôr tempo de reclamar esses serviços, na occasião de exigirmos o cumprimento das promessas feitas. E quaes serão os interesses de Fructo, quando por accaso se haja firmado seu governo? Qual é a sua lealdade no cumprimento de empenhos a que se tenha obrigado? É sobre esses pontos que deve meditar o estadista, antes de comprometter-se, para que não venha a ser depois ludibriado e frustrado em suas esperanças.

Quando o Brazil souber manter-se na posição que lhe compete na America, quando, nas relações para com os paizes conterraneos, tomar a linguagem que lhe convem, e não se subjeitar a influencias que não deve receber, não haverá receio de que os governos estrangeiros intervenham em nossas contendas internas e prestem auxilio directo ou indirecto a qualquer provincia que por desgraça se rebelle no Brazil. Desgraçadamente está ainda por vir o governo que comprehenda qual a verdadeira posição que deve tomar o imperio em suas relações exteriores. Os nossos tratados estão quasi terminados, e si o governo não pode tractar com liberdade, exigir completa e real reciprocidade nos novos tratados que se devem entabolar, melhor será que os não faça: o Brazil é um mercado valioso para os productos estrangeiros, e não deve haver medo que as nações estrangeiras deixem de continuar nas relações de commercio que até aqui tem mantido.

Não é possivel fallar hoje na guerra que devasta a interessante provincia do Rio Grande do Sul, sem faser algumas considerações sobre a materia de um aviso expedido pelo respectivo ministro ao presidente da provincia, que parece ter por fim diminuir as forças rebeldes, tirando-lhe, os auxiliares que na escravatura da provincia foram recrutar os fautores da rebellião. Promette o governo brazileiro assegu-

rar a liberdade aos escravos que das filas rebeldes se passarem para a legalidade, e ameaça com açoites aquelles que forem aprisionados com as armas na mão.

Medidas há que, com quanto sejam uteis, não devem, por impoliticas, ser tomadas por um governo, e me parece que n'esse caso está a medida de que fallei. Era preciso tirar aos rebeldes no Brazil a vontade de sublevar e armar a escravatura, para com ella faser a guerra; nada me parece mais justo. Entretanto estará n'esse caso a medida tomada? Dê-se que 200 ou 300 escravos abandonam as bandeiras dos rebeldes, e passam-se; o governo da provincia deve immediatamente remettel-os para a côrte, onde se lhes dará a liberdade, indemnisando seus senhores; d'ahi segue-se immediatamente que a população pacifica de nossas cidades e villas se verá assaltada de 200 ou 300 malfeitores, que sem duvida alguma darão que faser á policia e aos tribunaes criminaes. Ainda mais, quaes são os fundos que o governo tem á sua disposição para esse fim? serão os decretados para as repartições da guerra e marinha?.... Parece-me que se lhes não póde dar tal applicação.

Nem um mal provirá aos rebeldes d'esse commercio, e nem será impossivel que elles o favoreçam para entre nós terem seductores de escravos, que acharão sempre lucro em servir a rebellião, pois, em caso de aperto, tem o recurso de se passarem para a legalidade para gosar da promessa do governo brazileiro. Era preciso ter em consideração estas rasões, por natureza obvias, antes de decretar essa medida. A outra parte do aviso, em vez de aterrar os escravos alistados no exercito rebelde, dar-lhes-ha coragem e os obrigará a defender-se desesperadamente para não serem aprisionados e açoitados com severidade.

Lembro-me que Bolivar decretou uma medida quasi identica na America do Sul. Os Hespanhóes, contra quem combattia Bolivar pela independencia, alistaram em seus exercitos os escravos e com elles fasiam guerra de exterminio aos Americanos; Bolivar, a quem já se havia aconselhado esse meio contra os Hespanhóes, sem querer adoptal-o, vendo o erro em que estes haviam cahido, decretou que o governo da republica assegurava a liberdade a todos os escravos que se alistassem no exercito americano e tomassem armas contra os Hespanhóes. Os escravos que mais acreditaram a pro-

messa de Bolivar do que a dos generaes Hespanhóes, reconhecendo n'aquelle mais poder e mais força, correram as armas, abandonaram os Hespanhóes, e os Americanos aplaudiram a medida tomada por seu prudente chefe, que em um momento engrossou seu exercito, enfraquecendo as forças inimigas. Esses escravos depois se conservaram sob a disciplina militar, arregimentados, vivendo debaixo da mais severa inspecção e da vigilancia mais cuidadosa, sem inquietarem os pacificos habitantes das cidades e campos com crimes que certo cometteriam si os deixassem vagar a sua vontade. Já os leitôres vêem em que differem as duas medidas: Bolivar augmentou seu exercito e enfraqueceu o inimigo, o Brazil não augmentará seu exercito, e enfraquecerá momentaneamente o inimigo; Bolivar não expôz as populaçōes ao punhal de escravos libertos sem educação e sem freio que os contivesse, o Brazil nos expõe a essa dura prova, por que nem uma condição impõe aos escravos que se passarem; Bolivar tirou aos Hespanhoes a vontade de sublevar outros escravos, o Brazil pelo contrario dá um novo incentivo de que se podem prevalecer os chefes rebeldes para persuadil-os a tomarem armas, mostrando-lhes qual será o resultado de sua cooperação.

Não é de menos importancia, posto que de mais facil decisão, a violação de nosso territorio commettida pela nação franceza na provincia do Pará. Os archivos da Diplomacia não appresentam, creio, questão mais simples em si mesma do que essa da margem esquerda do Oyapock, violentamente occupada com força armada por agentes francezes que indubitavelmente não obraram sem instrucções muito positivas de seu governo.

Serei parco em rasões para demonstrar a justiça que nos assiste n'essa questão; ahi anda pelas mãos de todos a Memoria escripta a esse respeito pelo senador do imperio, o Snr. visconde de S. Leopoldo, presidente do Instituto Historico Geographico Brazileiro, que demonstrou quaes eram, pelo tratado de 1817 feito entre os reis de Portugal e de França, os limites do Brazil pelo Norte. Por esse tratado foi pactuado que o Brazil partia com a Guyanna franceza pelo rio Oyapock que fica entre 4 e 5 graus de lat. septentrional e até 322° a l'Este da Ilha do Ferro, pelo paralello de 2°, 24' de latitude septentrional; e com effeito, examinando-se as melhores cartas geographicas, como as de Arrowsmith, vê-se que o rio Oyapock fica em 4.° e 22' de lat. Ora ainda ha por nós a

posse de dez-e-nove ou vinte annos, posse não interrompida por acto algum hostil da França, que não julgou estar offendido o tratado fazendo-se a divisão pelo rio Oyapock, quando ao rei de França se fez entrega da Guyanna, sem indemnisação alguma a Portugal. É com o tratado em uma mão e com as cartas de Arrowsmith em outra, que o governo do Brasil deve não so reclamar energicamente ao da França que mande quanto antes evacuar o territorio brasileiro, como exigir uma satisfação pela violação do tratado em plena paz.

Logo que a França ordenou as suas tropas que pisassem o territorio brazileiro, não convinha que o governo imperial usasse sómente dos meios diplomaticos; mais alguma cousa havia-se mister para salvar a nacionalidade da affronta d'uma invasão estrangeira, sem motivo que a provocasse, justificasse ou conhonestasse; cumpria oppôr á entrada com força armada um facto de identica natureza, e ordenar ao ministro brazileiro acreditado em França que fisesse urgentissimas e incessantes reclamações, levando-as a ponto de pedir seus passaportes. Qualquer das republicas nossas visinhas, apesar de fracas e laceradas por guerras intestinas o teria feito, e não era muito que déssemos um dia exemplo de energia para salvarmos a nacionalidade offendida, primeiro direito para uma nação que se presa, e quer ser respeitada pelas outras.

Eis o estado do Brazil em 1839; eis as questões mais urgentes e que exigem prompta solução, porque não me faço cargo de discutir a divergencia suscitada entre S. Santidade e o governo imperial pela nomeação do bispo do Rio de Janeiro, a qual tem chegado a ponto tal que difficil será terminal-a sem desar para uma das partes: taes e tantos foram os erros commettidos na maneira de tratal-a! Não era tambem meu proposito faser avultar entre os males que nos affligem a desordem em que se acha o poder judiciario, já por falta de juises, empregados em commissões, já por defeitos na legislação novissima geral e provincial; as usurpações e contra-sensos de algumas assembléas provinciaes; a falta de plano e systema que se nota na instrucção publica primaria; as instituições de guardas nacionaes, jurados, camaras municipaes, juizes de paz; os deffeitos da lei de eleições, etc., etc.

Dêem os actuaes legisladores remedio adequado aos males que havemos indicado, aguardando tempos mais favoraveis para emendar o que é defeituoso, e muito lhes deverá á nação. *N. S.*

# ECONOMIA POLITICA.

## DOS DIFFERENTES SYSTEMAS DE COLONISAÇÃO, SUAS CAUSAS E SEUS RESULTADOS.

O HOMEM politico nunca deveria esquecer que a materia sobre a qual elle opera é o homem; ente fraco, movel, vicioso, facil de arrastrar, capaz de virtudes, porêm incapaz de constante perseverança na virtude. O estado social para que concorrem entes tão complexos e tão singularmente compostos de bem e de mal, nunca será sinão um resultado incompleto, uma obra mesclada, um exforço para o melhor, do qual sempre nos approximaremos, sem nunca alcançal-o. Longe de nós esse engano commum aos alchimistas da sciencia natural, da Medicina e da Politica, que attribuem ao homem, em um porvir incerto, uma perfeição impossivel, como si elle podesse despojar-se de sua propria organisação; como si sua capacidade para o bem e para o mal não estivesse inherente a essa organisação; como si podessem as leis primitivas da natureza transmudar-se no cadinho. Assim deliravam perigosa e loucamente esses millenarios que acreditavam na proxima vinda de Christo, novo rei do mundo; assim se agitavam em uma esphera ideal, que inundaram de sangue humano, todos esses fanaticos, surdos á voz de um grande philosopho (Pascal) que lhes bradava: «O homem não é nem anjo nem bruto, e quem quer fazer-se anjo faz-se bruto.»

Trata-se, não de fazer perfeita a especie humana, mas de fazel-a o menos infeliz possivel. Os erros, cumpre corrigil-os; as más inclinações, cumpre prevenil-as e enfraquecel-as; os vicios incuraveis, cumpre restringil-os em um dominio limitado, suspender seu contagio e paralysar seus effeitos. Toda sociedade civilisada produzirá seu duplicado fructo: com o com-

mercio que enriquece a cobiça que murcha a alma; com os gozos de uma vida opulenta a priguiça de uns, o trabalho de outros, a desastrosa dissipação d'estes, a rapina de alguns. Uma população faminta se derramará por um territorio cujos productos bastarão apenas para alimental-o. Uma partilha desigual de fortunas dará aos ricos, com a consciencia de seu poder, invencivel desejo de abusar d'elle. A Politica é sciencia de paliativos, é a Medicina social; por isso, incerta como ella, é só na observação dos factos que se ella estêa: logo que pertende conferir-vos vida immortal, inabalavel saude, vigor que nada póde superar, remedios para todos os males, ficae certo que é empirica e virá a vos ser fatal. Paracelso e Platão, o charlatão dos bêcos e o utopista politico, bebem na mesma fonte de erro, voluntario ou involuntario, sua loucura e seu poderio; enganam-se ou vos enganam, e o resultado ordinario d'essas curas maravilhosas é a molestia, a dôr e a morte.

Os verdadeiros principios da Politica, bem como os da Medicina, são muito mais simplices. Assentam sobre o estudo da natureza humana, que nunca se apaga sob o exforço da civilisação. N'esse estudo achareis consequencias mais certas, guias mais uteis do que nas mais abstractas theorias.

O que é a colonisação? È ella necessaria ou vantajosa ás velhas sociedades? Deve arrecear-se ver essas longinquas ramificações de um povo mui numeroso destacar-se do tronco e formar nação separada? Tira a mãe patria algum proveito d'essa maneira de deitar para fóra aquelles de seus filhos que a embaraçam, ou que querem buscar fortuna em outra parte? Ganha a civilisação com isso? Devem favorecer-se essas extradições de homens que, espalhando-se pela superficie do globo, parecem quebrar a nacionalidade especial das localidades? habituar os individuos a naturalisarem-se cidadãos do mundo, e affeiçoal-os á gleba que os nutre, não á sociedade cujas leis regeram os seus maiores? Os economistas politicos têem muitas vezes ventilado estas questões: a historia e o conhecimento de nossa especie, de nossos misteres, de nossas faculdades, resolvêl-as-hão com facilidade.

A colonisação não emana de um estado de civilisação muito adiantado, como pareceram crêl-o; remonta á origem das sociedades: ella povoou o mundo. A tenda do patriarcha mandou ao longe seus filhos mais môços, fundadores de novas sociedades nas regiões longinquas. As vezes esses fugitivos, que iam

longe de sua patria buscar um asylo, terras que arrotear e um clima benefico, eram, como Caîm, marcados com o stygma da reprovação e victimas da aversão que haviam inspirado a suas familias. Renovavam assim sua existencia, começavam nova vida e expiavam, pelas fadigas e inquietações inherentes ao primeiro esboço de uma colonia, os aggravos que lhes podia lançar em rosto a antiga sociedade de que eram membros. Muitas vezes o espirito de aventuras, o tedio de uma subjeição mui cega ás vontades de um chefe imperioso, a difficuldade de arrancar a um solo esgotado productos sufficientes para nutrir uma população sempre crescente, emfim a esperança de melhor porvir em climas desconhecidos, impelliram massas inteiras a expatriar-se. Foi assim que a Asia fecunda refluiu sobre a Europa deserta. Dos cumes do Indo e do Caucaso desceram essas torrentes de homens armados que, longo tempo antes da época historica, colonisaram a Grecia e plantaram suas barracas no meio das florestas germanicas. De ambas as extremidades do mundo, se cruzaram essas extraordinarias e gigantescas transmigrações: as barcas dos Scandinavos singraram para o Oriente, os juncos dos Indios se dirigiram para o Norte. Os Indo-Chinezes e os Tartaros avançaram, a travéz dos desertos, da parte da Turquia européa e asiatica; e esses homens pacientes, que vão consultar as recordações philosophicas para se illustrarem sobre a origem dos povos, descobriram em todas as linguas do mundo provas incontestaveis d'essa immensa fusão, d'essa mistura universal.

Quer resulte da necessidade ou de livre escolha, a colonisação tem os mesmos effeitos. Muitas vezes ella remedêa males que não saberia prevenir toda a habilidade da politica, restabelece o nivel que sempre se deve achar entre a fertilidade do solo e a população de um paiz. Entretanto, cremos que esta colonisação forçada, cuja causa deve ser procurada na carencia dos recursos, revela sempre um vicio social.

Si uma porção dos habitantes se destaca para ir povoar novo territorio, si arrastram esperanças de gloria e de fortuna, como os Portuguezes e os Hespanhoes no tempo de seu esplendor, esse espectaculo e essa energia aventureira tem grandeza e aprazem ao espirito. Mas para que familias inteiras, urgidas pela necessidade e pela dôr, abandonem sua herdade paterna e o tumulo de seus avoengos, é mister que o paiz tenha sido mal governado, que seus recursos não hajam sido nem pru-

dentemente regulados, nem postos de reserva com a necessaria economia. Viu-se a Escossia e a Irlanda lançarem assim para longe de si uma superfetação de homens e de filhos semi-núsque fundaram, nos bosques da America e sobre as margens de seus vastos rios, colonias hoje florescentes, cidades hoje povoadas e industriosas.

Observae todavia quanto são mentirosas as theorias humanas. Dirieis que, de todas as colonisações, a mais perigosa e a mais fatal aos interesses da sociedade é a que exporta para longe toda a massa criminosa cujo peso a nação não póde mais supportar. Lord Bacon se pronuncia abertamente contra este modo de eliminação. Fundar novo estado com a escoria de um estado corrupto, é, a seu ver, um crime, uma loucura. Em vez de reformar os antigos vicios com essa mudança de logar, não fazeis, na opinião d'este philosopho, sinão lançar para longe a corrupção que vos róe, a ulcera por que sois devorado. Lá não irão estabelecer-se os homens de bem que o aspecto do crime espanta; lá a podrecerá eternamente a relé social que fermentará por sua aggregação. Sereis constrangidos a enormes despesas para manterdes em paz esses batalhões de bandidos, esses exercitos de homens sem leis e sem costumes. De vossa mal succedida tentativa, não resultará sinão uma vergonhosa e longinqua prisão, cujos tristes carcereiros, impotentes legisladores de uma sociedade impossivel, terão os vãos titulos de governadores, de officiaes e de administradores publicos.

Infelizmente a pratica não justifica sempre a argumentação brilhante pela logica, em apparencia, a mais severa. A historia desmente essas argumentações: raças criminosas têm produzido grandes cidadãos, e os salteadores de Roma nascente, homens selvagens e cobertos de sangue prepararam os berços gloriosos dos Publicolas, dos Brutos e dos Manlios. Tal é o singular destino da especie humana! As leis, as circumstancias, um vinculo social mais ou menos poderoso, uma nacionalsdade decidida, imprimem um grande character nos descendentes dos miseros refugiados das lagôas de Veneza. Os Pelasgos, cuja gloria, transmittida aos Hellenos, abrilhanta todas as paginas da historia, não têm outra origem. Em todas as origens historicas achaes o roubo e o homicidio, e dirieis que o fatal signo de Caim, que edificou as primeiras cidades, nunca pôde desapparecer. Por mais que diga Horacio, as nações ou as familias degeneram ou melhoram. Os Gregos modernos não conservaram

de seus brilhantes antepassados sinão a destreza, o estouvamento e o sophisma, qualidades ou defeitos a que, n'estes ultimos tempos, juntaram a valentia ; mas o heroismo desinteressado, a eloquencia patriotica, a força da alma, não são qualidades que se transmittam. Procurae-lhe a origem em uma certa educação e nas circumstancias que a favorecem.

A America septentrional recebeu em seu seio, ainda deserto, não só proscriptos politicos e fanaticos inveterados, sinão bancaroteiros, criminosos cavalleiros de industria, gente sem profissão. Ella os transformou, refundiu sua raça : sua colonisação deu a esses descendentes de uma população heterogenea um character homogeneo ; reuniu-os e associou-os em republica livre e honesta, poderosa e pacifica.

A America meridional viu seus campos occupados e suas mattas roteadas por nobres *hidalgos*, filhos de uma civilisação que passava por moral. Vêde o que essa civilisação catholica, com seus grandes exforços de virtude, de dedicação e de coragem, produziu no Mexico e no Perú. Os costumes e os characteres descahiram ahi muito abaixo dos costumes e dos characteres indigenas. Povo incapaz de gozar da liberdade e incapaz de sustentar o jugo, mudando de senhores e de leis por capricho, voluptuoso, sensual, perdido de vicios, custa-vos a crer que seja essa nação castelhana cujas armas e cujo genio conquistaram um novo mundo.

Em varias épochas e por vezes repetidas, tentaram-se colonisações systematicas. Os Francezes nas Floridas e no Senegal, os Inglezes nas costas d'Africa, e os Hollandezes em differentes pontos do archipelago indiano tentaram fundar sucursaes da mãe-patria, e seus exforços fôram raras vezes coroados de successo feliz.

Foi o egoismo que arruinou essas colonias ; a elle se deve attribuir a decadencia successiva de todos esses estabelecimentos que custaram tão grandes sommas e sobre os quaes tantas esperanças se haviam fundado. As metropoles esperaram loucamente que colonias inteiras se sacrificariam a seu bem-estar, despediçariam seus suores para darem novos gozos a seus fundadores e se esqueceriam eternamente de si : ridicula e absurda esperança ! O trabalho que só approveita a senhores avarentos é marcado de esterilidade : vêde o que têm produzido os escravos. Durante um certo lapso de tempo, emquanto a colonia está em seu berço para assim dizer, tiraes d'ella partido ; deixae-a porém

crescer. Uma vez emancipada, ella viverá vida sua propria. Tentar impôr-lhe perpetua servidão, é obrigar-vos a prover sempre á educação de vosso filho. Por haver assim peccado contra o bom senso, a Inglaterra despendeu milhões na sua guerra da America; e a Hespanha, mais culpada ainda, viu os novos povos, cujos germens ella havia semeado, despedaçar seus grilhões sem os poder preparar á liberdade.

Cumpre pois, quando se funda uma colonia, ter em vista, não sómente o interesse actual da mãe-patria, mas tambem o porvir do novo estado que se vae crear. Tal é o grande principio da colonisação. È por este meio que subsistirão os laços entre a metropole e a colonia; é por esta previsão que se evitarão os perigos incalculaveis, os homicidios, as espoliações, as lesões de interesse publico e privado, sempre occasionadas por esse momento de crise inevitavel em que o povo novo, desenvolvendo-se em sua liberdade, se forma por si mesmo em corpo de nação independente. As scenas de desolação que nos offerece a historia das Antilhas e a de todas as colonias européas são uma lição terrivel, uma punição da imprudencia que acabo de apontar.

A colonisação, considerada como meio de engrandecimento e de conquista, não póde ser bem fortemente condemnada. Sustente-se a população com os fructos da terra natal, é ahi que o céo collocou todos os recursos de seu bem-estar. Supponde porém uma nação sobrecarregada de homens, as cidades esfaimadas, o vicio nascendo da miseria; supponde tambem uma d'essas épochas em que todas as almas estão agitadas de inquieto ardor: essa é a febre das nações. Cada qual tende a sahir de sua posição natural e da ordem social que occupa. As ambições são vagas e ardentes. O tedio de uma velha e tranquilla organisação social inspirou aos membros d'esse grande corpo doente não sei que precisão de mudar tudo. Ás revoluções succede o conçaço: as feridas feitas no commercio, na industria, nos costumes, são numerosas e parecem incuraveis. Formou-se, durante estes tristes periodos, não sei que atheismo de virtude, não sei que culto do mal, do lucro, do crime. Então a emigração voluntaria se torna uma necessidade; as longinquas plagas e as esperanças longinquas se offerecem ao mesmo tempo como um engodo e um asylo a todas essas almas desenfreadas que não aspiram sinão a arrojar-se fóra da ordem natural. As grandes cidades fabricam o crime, dão nascimento a

desmoralisações de natureza singular, excrescencias comparaveis a essas falsas e perigosas vegetações a que a podridão da madeira serve de leito e de berço. Abrí larga porta a esses flagellos. Ao deixar o paiz, mudarão de natureza; quando não soffressem nem uma alteração, colherieis dous proveitos, o de expurgar o antigo estado e o de satisfazer, por meio de relances vantajosos, o ardor de novidade que atormentava uma parte da massa social. Embora uma certa fracção de cidadãos nutra sentimentos hostis ás instituições sob as quaes se acha collocado, ou embora velhos odios de familia corram com o sangue e se propaguem de pae a filho; sejam quaesquer que fôrem os motivos que a vossos compatriotas inspirem a aversão do solo natal, a colonisação é o unico remedio a essa infelicidade.

Mas procuremos estabelecer n'esta discussão uma ordem mais exacta. Temos visto de que causas podia emanar uma colonia:

1.° A carestia e a esterilidade do solo desterram de sua patria uma multidão miseravel que vae procurar em outra parte alimentos e trabalho.

2.° Uma população muito numerosa, que não póde empregar todos os braços ociosos, nem satisfazer todas as suas necessidades, se extravasa por assim dizer.

3.° Uma sociedade ambiciosa busca estender pelo estabelecimento de colonias sua esphera de influencia e de riquezas.

4.° Os membros da sociedade, que vêem com olhos de hostilidade e de odio as instituições nacionaes, apressam-se a fugir d'ellas.

5.° As ambições individuaes, descontentes de sua sorte e não vendo abrir-se prespectiva que os satisfaça, lançam-se para novas regiões.

Algumas vezes vereis estes diversos motivos combinarem-se e confundirem-se. Na actual situação da Europa, por exemplo, a população augmenta, a paz conserva os homens e favorece os casamentos, o abalo das revoluções introduz profunda inquietação na sociedade; e o descontentamento, a pobreza, a dissidencia das opiniões, alimentam a discordia. Nunca houve maior necessidade de recorrer-se á colonisação.

Vergonha entretanto para os governos que, para se libertarem de um peso incommodo, amontoassem homens em navios e os lançassem sobre um solo extrangeiro! Esses engeitados da civilisação européa, abandonados por sua mãe, cobririam de opprobrio nossa época e nosso estado social. Foi esse crime

que, no fim do XVI seculo, desterrou para as Floridas colonias de Huguenotes; foi elle que fez que tantos desgraçados perecessem nas costas d'Africa.

Não era assim que obravam os legisladores da antiga Grecia. Quando fundavam uma colonia, começavam por escolher um solo fertil, um clima favoravel; depois declaravam independente a colonia, e sobre essa mesma independencia baseavam a prosperidade de seu estabelecimento. Si Athenas succumbiu aos exforços da confederação do Peloponeso; si, apezar do poder que devia a suas colonias, veio por fim a anniquilar-se sob o peso de sua ambição punida e fragil, deve attribuir-se esse resultado a suas crueldades, a suas imprudencias, aos impetos irregulares de sua inquieta democracia. Pretendia levantar gigantesco edificio sobre fraca base. Depois de haver creado colonias florescentes, quiz despojal-as de toda a sua força e approprial-a a si. O mundo viu o colosso trepidar, depois cahir.

Carthago, igualmente feliz em seus ensaios de colonisação, não foi mais bem succedida em seus projectos de conquista. Para ella, assim como para Roma, havia necessidade de subjugar o mundo inteiro. Emquanto se contentou com propagar ao longe sua civilisação commercial, colheu os fructos de sua industria. O estandarte punico fluctuou sobre os mares, e a riqueza da mãe-patria se augmentou com a grandeza da opulencia que havia dado a suas colonias. Apenas abandonou essa estrada, para entrar na carreira em que a precipitavam uma ambição sem limites e uma fatal cobiça, seu poder esmagado pelo predominio de Roma, se extinguiu em ondas de sangue.

As colonias hollandezas não produziram resultados menos admiraveis. Mas, qaando veio a soar a hora da emancipação necessaria, a mãe-patria não teve a coragem e bom senso de sacrificar ao inevitavel destino dos imperios algumas vantagens de que por muito tempo gosára. Semelhante a esses monarchas possuidores hereditarios de direitos que o tempo ha surdamente minado, e que com mão impotente querem reter seus privilegios destruidos, a Hollanda, em vez de fundar novas colonias e alargar seu commercio, renovando-o, abatteu-se sobre si mesma, foi descendo de grau em grau até á ordem subalterna que presentemente occupa.

A imprevidencia, que arruina os individuos, mata os imperios. Arrancar o ouro ás entranhas da terra e carregar seus galeoes com esse ouro, eis todo o partido que quiz a incuria hes-

panhola tirar de seus estabelecimentos coloniaes. Que aconteceu? as minas se exhauriram, e os desgraçados colonos, sem costumes, sem instituições fortes, regidos por pessimas leis, amaldiçoaram seus legisladores.

Prevejamos portanto o momento em que a colonia se ha-de tornar livre, e façamos com que nos sirva sua mesma independencia. Os beneficios que ella nos poderá dar durante a época de sua tutela, durante a sua infancia, si posso fallar assim, compensarão bem as despesas que houvermos feito. A sahida será franqueada aos homens que tiverem precisão de deixar seu paiz. Não fallo aqui dos motivos que nos póde offerecer uma philanthropia geral; esses motivos têem pouco valor no curso ordinario da vida. Os homens collocados á testa dos negocios têem ordinariamente em vista os interesses reaes de seus concidadãos e de seus subditos. Alargar o quadro da civilisação, propagar as luzes e o bem-estar, dar a novas regiões o beneficio de instituições, de costumes mais brandos e melhores: estes grandes moveis poderão obrar sobre o philosopho; muitissimas vezes deixam frio o homem politico.

O espirito de partido, que se apodera de todas as discussões em Inglaterra, não deixou de apresentar debaixo de côres falsas e exclusivas essa difficil e abstracta questão. Os adversarios da colonisação têm exagerado os perigos que ella accarreta; seus partidarios só têm dado attenção ás vantagens que confere. A esse accrescimo dos capitaes, a essa viva e estimulante excitação que no commercio imprimem as colonias, os anti-colonistas têem opposto a revolta inevitavel das mesmas colonias ou sua decadencia depois de certo lapso de tempo, as despesas necessarias para sua fundação, as hostilidades que sua posse occasiona. Alguns têem pretendido que essa extensão de dominios, por meio de remotas possessões, só serve para deteriorar e enfraquecer o centro, a nação mesma, que se torna secundaria. Têem outros feito valer numerosos exemplos historicos, e especialmente a elevação do Brazil á dignidade de metropole; emquanto que Portugal, outr'ora séde da administração soberana, se viu decahido de suas honras e condemnado a não occupar sinão um grau subalterno. Sabe-se quão enganadoras são as similitudes historicas. No mundo nada se assemelha; os annaes do globo não nos offerecem dous governos regidos pelas mesmas leis. N'essa multidão de incidentes que decidem da sorte das na-

ções, as analogias apparentes occultam contrastes e differenças que nos escapam.

Todavia, quando dos mesmos acontecimentos emana sempre o mesmo resultado, quando vemos um facto desenvolver-se invariavelmente como o corollario de uma situação preliminar, impossivel é não meditar sobre esse encadeamento das causas e dos effeitos: ao philosopho pertence receber a lição dos tempos passados; ao legislador compete pôl-a em acção.

Uma colonia se destina, primeiramente a alliviar a mãe-patria, depois a sustental-a e enriquecêl-a, emfim a desligar-se d'ella e a viver vida sua propria. Estas tres phases da colonia requerem cuidados e auxilios differentes. A escolha de uma feliz temperatura, a ordem perfeita estabelecida nos preparativos da expedição, bastantes viveres, bastante dinheiro, bastantes homens e tropas para protegêl-a, alimental-a e defendêl-a: taes são os primeiros pontos a que se deve attender. Consultando, no decurso d'este primeiro periodo, o interesse da colonia, semeareis os germens do lucro que vos deve dar o segundo periodo. Os Francezes, os Portuguezes e os Hespanhoes, quasi nunca pozeram em pratica estes preceitos de humanidade e de sãa politica. Escravos foram comprados, minas exploradas, o anil e a canna cultivados; rapace e cruel avidez derramou o sangue pelos sulcos e cavernas onde germinam o ouro e a prata. Ora, como no Canadá, a fraqueza da colonia a fez cahir sob a mão de um adversario habil e poderoso; ora, como no Senegal, os colonos pereceram pelo influxo de um clima fatal, sobre um solo que não se abria sinão para recobrir cadaveres e que se negava a nutrir seus habitantes. A infernal crueldade dos descendentes de Pizarro, de Cortez e de seus companheiros, o fanatismo absurdo que se mistura a essa barbaridade, prepararam a decadencia das colonias hespanholas; e a exigencia, a tyrannia, o rigor das exacções a que a Inglaterra subjeitou, desde sua origem, seus dominios americanos, lançou n'essas almas já republicanas e impacientes de toda especie de jugo, o primeiro fermento da rebellião que creou os Estados-Unidos.

Uma politica sabia, velando nos interesses dos colonos, retardaria o momento da separação, trataria a esses concidadãos remotos, não como escravos, mas como irmãos; far-lhes-hia sentir por beneficios, e não por actos de despotismo, sua presença e sua superioridade. Assegurando sua pacifica existencia,

não exigindo d'elles a principio sinão uma vantagem fraca, em compensação de serviços positivos e reaes, facilitaria suas proprias exportações, abriria um expediente a seu commercio e uma sahida certa aos productos de sua industria. Em 1787, a Gram-Bretanha exportava para as Indias occidentaes na razão de 1,638,703 lib. st. (13,108:644$000 pouco mais ou menos) de mercadorias, e essa somma enorme, exceptuando 200,000 lib. sterl. (1,600:000$000 rs.) era tirada das manufacturas inglezas. Tornava-se a mandar para as Indias occidentaes o seu mesmo assucar, depois de o haverem submettido a processos que o purificavam e melhoravam. Foi d'essas mesmas regiões que sahiram as riquezas destinadas a pagar nossos manufactureiros de Birmingham e de Manchester, nossos mercadores de pannos de Yorkshire, de Glocestershire e de Wilts, nossos oleiros de Straffordshire, nossos proprietarios de minas de chumbo, de cobre e de ferro. Este resultado gigantesco pertence ao segundo periodo que indicámos; é a colheita das colonias.

Sem duvida, varios accidentes podem estancar ou diminuir essas fontes de opulencia; mas não se póde fazer entrar em conta essa eventualidade desgraçada. Muitissimas vezes não se curou sinão dos interesses materiaes da mãe-patria; e quando chegou o momento da ceifa colonial, arrancou-se sem compaixão aos colonos quanto seu solo produzia: comprazeram-se em preparar assim terriveis catastrophes. É contrario o caminho que cumpre seguir, e havemos tentado demonstral-o. Fundando um novo estado, não por egoismo, mas por necessidade, não para enriquecer com os suores de uma colonia, mas para dar uma sahida á superabundancia da população, desviareis ou enfraquecereis os golpes com que vos ameaça a scisão futura dos dous estados. Dando a vossos colonos a garantia de direitos bem legitimos e do gozo de seu solo e de seus productos, retardareis o momento de emancipação. Emfim, si essa emancipação se torna necessaria, compete-vos prevêl-a, subjeitar-vos a ella, dar-lhe as mãos, regularisal-a e tirar d'essa nova posição prevista todas as vantagens que as circumstancias vos permittirem. O genio da civilisação estenderá suas azas sobre regiões longo tempo inhabitadas ou selvagens; vosso idioma e vossas leis se perpetuarão, ainda depois que o tempo e as revoluções houverem confundido vossa fórma social no pó dos velhos imperios e das sociedades destruidas. *(Oxford Prize-Essays.)*

# PHILOSOPHIA.

## DA POPULARIDADE ENTRE OS ANTIGOS E OS MODERNOS.

O HOMEM que deixou mais aphorismos fecundos e sentenças applicaveis, lord, Bacon, diz, no seu *Ensaio sobre a fama*:» É este o assumpto de que menos vezes se occupam os philosophos, temem-o como si se tratasse de uma de suas molestias; entretanto, seria mui util discutil-o: os negocios do mundo inteiro giram sobre este fragil eixo. »

O amor da fama, essa grande fraqueza da vaidade, que se subdivide, de tantas maneiras e traja tantas fórmas diversas. esse mister de estender a vida alêm de si mesmo, de usurpar n'este mundo mais logar do que Deus nos deu, mereceria com effeito a analyse severa dos philosophos. Ora ella manda ao homem escapar ao olvido pelo crime; ora fal-o abandonar uma posição placida e uma vida pacifica, para lançal-o em uma existencia procelosa onde só encontra desgraça. Algumas vezes é ao porvir que elle pede a gloria, e procura tornar propicia uma posteridade que elle não ha-de ouvir. Muitas vezes tambem quer ser *popular*, quer usufruir sua gloria, quer ser immortal durante a vida. Os suffragios de algumas almas escolhidas, de algumas intelligencias elevadas, não o satisfarão; é-lhe necessario mais: os murmurios acariciadores do povo, o carro de triumpho, a ovação, o broquel.

Autor, artista, guerreiro, chefe de seita, chefe de partido, podem mirar á popularidade ou desdenhal-a. A classe inferior das intelligencias e dos talentos não tem outro fito nem outra corôa. Para elevar-se acima d'esta fraqueza, para buscar o bem em si mesmo, para amar sua patria com desinteresse e candura, é mis-

ter uma alma sublime, e uma energia de heroismo que raras vezes se encontra. Christo deu d'isso exemplo ao mundo : é o typo da virtude divina.

Quanto á virtude puramente humana, tem necessidade de sustentaculo e de arrimo ; escora-se na vaidade, sollicita empenhada os suffragios do vulgo. Mas o que acontece ? esse vulgo, cego, voluvel, pouco illustrado. arrastra-o comsigo por um caminho muitas vezes miseravel e criminoso. Esse desejo de ser applaudido não daria em resultado sinão grandes acções, si o mundo fôsse povoado de anjos. Não succede assim : a popularidade, movel poderoso, tem feito igualmente brotar crimes e virtudes, pequices e acções louvaveis, loucuras e façanhas. Em summa fica-lhe sempre a mancha original de seu nascimento, a vaidade ; reconhece-se essa fraqueza sob os brilhantes atavios com que se adorna a popularidade. Descobre-se-lhe o vestigio em todas as suas obras. O escriptor que quer ser popular sacrifica ao gosto do momento ; o artista que aspira ao mesmo fim immola o sentimento do bello e a pureza das fórmas aos caprichos da moda passageira ; o chefe de partido cede á torrente que arrebata, e sabe que se tornará odioso ao povo si o quizer conter. Em uma palavra, a popularidade não é sinão um negocio de amor proprio ; enfeita monstros, deifica infames. Marat foi popular, João de Leyde foi popular ; Boucher na pintura, Gongora e Le Marini, na poesia, alcançaram o ultimo fastigio da popularidade. Seu tumulo foi depois privado das honras accumuladas sobre sua fronte ; todas essas corôas prodigalisadas aos vivos emmurcheceram sobre seus cadaveres : não se viu mais sinão o frenetico Marat, o licencioso e facil Boucher, o emphatico Gongora, o presumido Marini. Seus vicios se apresentaram salientes, horriveis e tanto mais patentes, quanto os haviam rodeado de uma fama ficticia. Que de homens têm pagado caro na historia a popularidade de sua vida !

O amor da gloria desdenha muitas vezes o presente. É o presente que a popularidade acarinha e anima. A popularidade é esse amor vago e confuso da turba, é essa vãa idolatria de um homem, é essa paixão da multidão por seu heroe ; paixão que a manhãa se converterá em odio ou desdem ; paixão que teria levado Washington ao patibulo, si Washington houvesse recusado obedecer á dictadura popular ; paixão que teria feito adorar o mais infame tyranno, si esse tyranno houvesse servido seus prazeres. Caligula e Nero foram populares.

Não tomando a palavra *popularidade* sinão na accepção politi-

ca, não é ella sómente o amor da fama , é de mais um artificio, uma seducção ao vulgo. Querem que todas essas almas se commovam por um sentimento de benevolencia e de amizade; enfeudam-se na multidão. Si ella se desvaira, desvairam-se com ella ; si se irrita, partilham sua irritação : d'essa sympathia com a multidão, fazem uma arma perigosa ; são governados pelas emoções publicas, não por suas proprias emoçoes. Obedecem aos impulsos d'essa massa e compram, fazendo-se escravos moveis de uma opinião movel, o direito de parecer guial-a, emtretanto que são por ella guiados. Por isso tem-se visto homens populares que não são estimados. Wilkes , perdido de dividas, era popular no reinado de George III : poucas pessôas houveram confiado a esse dissipador mal reputado a gestão de seus negocios pessoaes ; no entanto seu nome resplandecia em todas as illuminações : *Viva Wilkes* ! era o grito geral de reunião.

Não é uma e mesma cousa o parasita de um homem rico e o cortezão de um povo ? Não pretende colher os fructos da popularidade aquelle que a ella aspira ? E o homem que capta os favores do poder representado por um só individuo opulento e investido de autoridade, differe acaso em nada do homem que affaga o poder popular para fazer sua dupla colheita de gozos vaidosos e de lucrativas recompensas ? Marcaram com o ferrete de infamia a maior parte dos fovoritos dos reis ; os favoritos dos povos quasi não valem mais do que elles. De ambas as partes, ha a mesma flexibilidade. a mesma abnegação de vontade pessoal, a mesma ausencia de convicção , a mesma baixeza altiva, o mesmo olvido da virtude, a mesma sêde de honras, as mesmas exigencias de vaidade, a mesma prostração ante o senhor: Aquelle se gloria de sentar-se á mesa dos principes , e paga essa honra com complacencias servis ; este vae fazer saudes em uma taberna, no meio de uma multidão que com elle não tem analogia alguma de educação, de costumes, de idéas, de linguagem. Um favorito do povo nunca se atreve a ter uma opinião sua. Seu character natural, elle o disfigura para agradar a seu despota. Assim que vê que suas propensões as mais arraigadas começam a desagradar, abdica-as. Assim que suas antigas opiniões se desacreditam, repudia-as. Miseravel officio , em verdade ! O povo e os reis fazem pagar caro a seus queridos , um a popularidade que lhes concede, os outros o favor de que os enche. Que de caprichos que soffrer ! Que profunda ingratidão ! Como o favorito de hontem é esquecido, assim que novo favorito se appresenta ! Que tormentos de coração

e de amor proprio , quando o senhor vos desampara ! Que tristes exemplos diante vós semeados na estrada da popularidade ! Luiz XIII não dá uma lagryma a Luynes, esse favorito que tantos invejosos havia feito. Mirabeau, tão popular na hora de sua morte, é praguejado assim que seu tumulo se fecha. Alternativamente despontam , durante a revolução franceza, popularidades que sobem ao cadafalso e a quem perseguem os vivas do povo.

A gloria do homem de bem, a de l'Hôpital, de Malesherbes, é bella e cresce depois que o homem de bem tem desapparecido da terra. A popularidade é pequena como tudo o que é theatral. Tem sua mascara, seus bastidores, suas vestimentas de emprestimo, seus applausos assalariados ; não prova nada, si a consideraes em si mesma.

Amar realmente o seu paiz não é procurar todos os meios de ser por elle amado. Quando Socrates annunciava altamente a existencia do Deus supremo, do Deus unico, expunha-se ao odio de seus concidadãos ; era profundamente impopular. Quando este mesmo Malesherbes proclamava os direitos da humanidade, quando algumas almas fortes pretestavam sós contra os cadafalsos, quando o carrasco mostrava ao povo a cabeça ensanguentada de Carlotta Corday , era o vicio ou a virtude que a popularidade coroava ? Enganam-se os partidarios da democracia quando pretendem offerecer a popularipade como recompensa das grandes acções ; ella tem palmas para o homicidio e elogios para a infamia.

Si o desejo da popularidade não nascesse sinão de um sentimento puro de benevolencia para os homens, seria um admiravel movel de virtude e dedicação ; mas, digamo-lo sem receio, o poder e o valimento são as recompensas que sollicitos buscam a maior parte d'aquelles que têem por mira essa popularidade. Não pretendo affirmar que essa benevolencia universal nunca se mistura com a sêde da popularidade ; porêm a liga de vaidade e de ambição prevalece quasi sempre, como provam os annaes de todos os povos. E notae que essa ambiçao não consegue seu proprio fim ; illude-se a si mesma : vêde Pompeu. De todos os homens populares, foi elle talvez o melhor, o mais amado, aquelle que misturou menos vicios a suas virtudes ; pois bem, quando estava no fastigio do poder, seus concidadãos, sentados no theatro , exclamaram com o actor : *Nostris miseriis tu magnus es* (são nossas miserias que te fazem *grande*). Elle morreu e foi vingado ; mas a posteridade não ratificou a popularidade de sua

vida : discerniu sem a menor duvida essa vaidade que o impellia, que o animava , e que bastou para rebaixar o character o mais nobre, a mais elevada fama.

César não era isento d'esse ardente desejo de popularidade, porêm unia-lhe intuitos mais subidos. César era um ambicioso sublime; Pompeu era um homem vão a quem não faltava talento. Pompeu, longo tempo idolo de Roma, nada fez em beneficio de Roma, sua benevolencia se derramava em palavras, esgotava-se em testemunhos de patriotismo e de gratidão. Havia em seu antagonista um fito mais elevado. Queria elle servir realmente sua patria, amava, não sómente a gloria de hoje, os applausos populares, os murmurios da multidão, mas a gloria eterna, aquella que se levanta sobre os tumulos e não se extingue na posteridade. Pompeu, guiado pelos homens de partido que o rodeavam , teria juncado de cadaveres sua marcha triumphal, si a batalha de Pharsalia lhe houvesse sido favoravel : a popularidade o houvera levado a matanças horrorosas; elle ter-se-hia visto forçado a servir as paixões ferozes e cegas d'esse mesmo povo cujos suffragios captava. César , pelo contrario, cedendo á clemencia , arriscou sua popularidade : considerado muito tempo como um tyranno morreu aos golpes d'um punhal. Sylla morreu em seu leito.

Os amantes da popularidade tratam seu idolo como esses seductores, cujo typo é Lovelace, tratavam outr'ora as mulheres a quem dirigiam suas homenagens; não é nem a razão que elles querem convencer, nem a estima que pretendem grangear : é uma affeição cega que excitam. Pouco lhes importam os meios que empregam , e os vicios que servem , e a corrupção que espalham, comtanto que agradem. Um sentimento honroso , uma emoção virtuosa , si oppoem algum obstaculo a seus designios, elles os destroem. Que Clarissa caia de sua dignidade e essa alma pura se mergulhe no lôdo do vicio o mais abjecto, pouco importa a Lovelace. Elle quer ser amado : ficará satisfeito, si Clarissa decahida escutar seus votos. Lovelace fingirá honradez, generosidade , grandeza de alma , afim de chegar até o coração de Clarissa. Para agradar a outra mulher mostrar-se-ha estouvado, leviano , caustico , lisongeará seus preconceitos , affagará suas paixões. É por nossos vicios sobretudo que somos vulneraveis ; é affagando nossas mais intimas fraquezas que se tem certeza de agradar-nos.

Appicae este exemplo aos actos de todos os cortezãos: vê-

os-heis pedir cabeças si a multidão as pede, gritar : *Viva o rei* ! si a pessôa do monarcha é amada , abster-se com cuidado de toda palavra que se assemelhe a uma arguição, e nunca arriscar, sob pretexto algum , esse thesouro que lhes é tão charo e tão precioso. As massas são , assim como os individuos , accessiveis á lisonja , inimigas da severidade que as faz voltar ao dever , impacientes do freio e fracas em proporção de sua violencia. Ainda quando o sectario da popularidade não quizesse fazer um instrumento nocivo do predominio que quer adquirir, sua lisonja bastaria para exercer sobre a multidão uma influencia perigosa. Com effeito, esse servilismo que se liga a nossos passos, essa flexibilidade que previne nossos desejos, são os maiores flagellos dos monarchas bem como dos povos.

Confunde-se facilmente o amor da popularidade, de um lado , com o amor da gloria , e do outro , com o patriotismo. Duplicado e perigoso engano : a gloria reside no porvir ; a popularidade não é sinão o écho tumultuoso do presente. O patriotismo é a beneficencia para com o paiz , a dedicação ao solo que nos viu nascer, ás instituições que o regem e aos homens que o habitam. A vida, a liberdade, a fortuna de vossos concidadãos, se vos tornam charas e sagradas. Si se ha mister um sacrificio para protegêl-as, si o perigo publico está ahi que vos chama, si a aggressão ameaça destruir essa confederação de interesses a que vossos interesses proprios estão ligados e confundidos, estaes prompto a dar vosso sangue e vosso bem por essa causa santa. Ha no patriotismo essa mistura de egoismo e de retorno para si mesmo que se acha em todos os sentimentos energicos do homem. Trata-se do lar e do altar, do berço dos filhos e do tumulo dos avós. Esses homens padecem e gozam comnosco , sob a lei dos mesmos usos; seu idioma é o nosso , nossas esperanças e nossos receio têm écho em seu peito. Eis o que deu aos Hollandezes a força de arrostarem Luiz XIV omnipotente; eis o que , apezar das instrucções mal combinadas, fez a grandeza e gloria das sociedades antigas.

Alguns exemplos historicos provarão até a evidencia que se pode ao mesmo tempo ser amigo de sua patria e impopular, ou muito popular e inimigo de sua patria.

Quando Henrique IV publicou o edicto de Nantes, não podia commetter acto algum que fôsse mais contrario ás opi-

niões e aos sentimentos de seus concidadãos. A maioria dos Francezes era catholica. A Liga, commandada pelos Guises, gozava, só, da popularidade. Si não desordenardes todos os dados da historia, não tereis os Guises por amigos sinceros de seu paiz. Representantes do interesse catholico e da influencia hespanhola, elles se apressam em chamar essa potencia á corôa e perpetram o maior crime de que possa um cidadão tornar-se réo, o de entregar seu paiz ao estrangeiro. Qual era entretanto o partido popular? o dos Guises. Era por elles que se armava a multidão, por elles que as partasanas e os velhos gladios se desenferrujavam no fundo do armazem do mercador, no quarto de dormir do burguez. A bondade de Henrique IV conseguiu apenas conciliar-lhe parte d'essa temivel popularidade que o crime feliz e o talento dos Guises haviam alcançado. Revogando o edicto de Nantes, Luiz XIV praticou uma acção execravel e popular; seu avô, publicando-o, havia aguçado o punhal popular com que Ravaillac devia feril-o.

Sim, a iniquidade e a estulticie recebem muitas vezes veneração entre o vulgo. Si perguntardes porque isso assim é, responder-vos-hão que elle é *o vulgo;* que seus pensamentos, seus actos, não são illuminados sinão por meia sabedoria e por vago clarão; que seus preconceitos e suas paixões prevalecem sempre sobre sua razão; e que, si quizerdes servir seus preconceitos e suas paixões, sereis forçado alternativamente a commetter loucuras e crimes.

A maior parte da gente que foi bem succedida, como energicamente se exprime Montaigne, em *escravisar* seu paiz, eram homens populares. Em 18 *brumaire*, quando Bonaparte quebrou a legislatura e expelliu os senadores tremulos ante as baionetas de seus soldados, o povo o adorava; mas Robespierre tinha tambem sabido conquistar, poucos annos antes, a mesma popularidade. Com que olhos deve-se pois ver uma popularidade que nada prova o favor d'aquelle que a adquire, popularidade sempre vacillante e que póde-se consolidar ou por crimes ou por baixezas? Uma obsequiosidade fatal, ou uma tyrannia á qual tudo se curva, algumas vezes uma mistura de despotismo e de brandura, de dureza e de lisonja, basta para fazer um homem popular. Não raras vezes elle muda de fórma: de escravo faz-se imperador e torna-se senhor de todos. Outras vezes não tem a coragem e firmeza necessarias para se arrogar o

poder. Mas sua flexibilidade e obediencia não são menos nocivas do que poderiam ser sua ambição e crueldade.

O povo sedusido olha a vontade do homem popular como decretos de Deus; não escuta sinão aquelles que lhe prostituem sua alma, não quer crer sinão em seus aduladores. Paga com applausos e honras essa condescendencia servil e implicita á sua infallibilidade. Justos ou injustos, uteis ou perigosos, cumpre que seus caprichos sejam obedecidos. Mas o candidato popular perde todos os seus direitos, não se lhe leva em conta sacrificio algum, logo que elle resiste ao gigante cuja vassallagem acaba de acceitar. É á custa de eterna subjeição que o povo concede seus favores. Ide pois, jungí-vos ao carro d'esse senhor caprichoso, seguí a fluctuação incerta de seus voluveis humores; elle se mostrará mais difficil de servir do que Tiberio, mais insaciavel de novas voluptuosidades do que Caligula, mais difficil de contentar do que todos os despotas da Asia.

Não só as regiões onde reina a democracia, sinão aquellas onde um governo mixto assegura ao publico uma fracção de influencia e de poder, fornecem lições importantes e exemplos curiosos d'essa popularidade e de suas consequencias. Si um partido popular chega ao poder, não ha bastantes elogios para elle, bastantes anathemas para seus adversarios. Elle vae salvar o poder, vae cicatrizar as chagas que uma pessima administração deixou sanguentas e aggravadas. Abre-se immensa, risonha, luminosa carreira de esperanças; a popularidade cerca o novo ministerio e vae coadjuval-o.

Passe-se um mez, e n'esse rapido espaço de tempo, a popularidade terá desertado seus favoritos. Comporte-se o poder bem ou mal, ha n'elle uma necessidade primaria e incontestavel, necessidade de existir e de conservar-se. Pois bem, para se conservar, para existir por si mesmo, é mister que resista aos clamores confusos com que o importunam; é mister que offenda preconceitos; é mister que a salvação da patria, e não applausos publicos, seja sua lei suprema. Da popularidade mais estrepitosa, vós o vêdes passar á mais pronunciada impopularidade, e não é isso uma prova nem pró nem contra elle; a mesma força das cousas exige que o povo fulmine o ostracismo e a maldição contra todo aquelle que o não segue ás cegas. A sociedade, suas leis, suas exigencias, suas restricções, impoem ao individuo um perpetuo constrangimento. A liberdade selvagem, que reside na essencia da natureza humana, se irrita

contra esses grilhões com que a carregam: todo aquelle que vem offerecer-se para defensor das más propensões da nossa natureza tem pois a certeza de achar partidarios; não ha seita destructiva da sociedade que não tenha a sua hora de poder.

Um povo é sempre facil de enganar; elle não raciocina, e seu instincto guia mal. Ama as illusões, presta-se ás decepções a que o querem subjeitar: alenta aquelles que de boa mente querem abatter-se a ponto de fazerem-se seus sycophantas; d'esse commercio de bajulação e de venalidade, resulta uma depravação geral, de que a antiga Athenas deu notavel exemplo. Ficará a virtude publica em pé no meio de tantas illusões? O homem o mais despresado será querido do povo, si o lisongear; o homem dotado da mais sãa razão professará opiniões as mais loucas, si assim lh'o ordenar o povo, e si á profissão d'essas opiniões estiver ligado o suffragio da multidão: é uma prostituição mutua; os sophistas que alimentam essa necessidade de lisonja nem por isso são menos desdenhados; corruptores e corrompidos, recebem por seu turno a repercussão dos vicios que espalham. Nas sociedades antigas a tribuna e as escholas. nas sociedades modernas os jornaes e os livros, essa tribuna de poder diverso, retumbam com os elogios concedidos aos povos pelos aduladores populares: acabam por persuadir-lhe que elle está ácima de tudo, que as leis da decencia e da virtude não são feitas para elle, que o poder é sempre culpado, que elle é o unico senhor, que sua vaidade, sua iniquidade, seus caprichos devem reinar exclusivamente e regular os destinos sociaes.

Entre os Athenienses, essa adulação do povo se havia transformado em systema. Sabe-se quaes foram os resultados da democracia atheniense. Todas as instituições da nação se acharam depravadas e envilecidas. A administração da justiça, entregue ao vulgo pelos homens que gozavam da popularidade, tornou-se venal e profundamente iniqua; os costumes se corromperam. O capricho e o acaso decidiram todas as grandes empresas. O reinado da popularidade foi o da anarchia a mais flagrante; homens sem virtude e sem talento luttaram contra ambiciosos dotados de talento e falhos de principios. Viram-se todos esses parasitas do povo rivalisar em audacia e infamia para lhe agradarem. Em suas relações com as nações extrangeiras, Athenas, dirigida pelos mesmos homens, não se mostrou nem mais recta nem mais nobre. Não cessavam de bradar-lhe que ella era omnipotente, e que de sua só vontade dependiam os principios e as

leis. Ella se tornou insolente, tyrannica, violenta, perfida, infiel a todos os tratados: os aduladores a haviam corrompido.

Uma das grandes desgraças da popularidade é que, bastando a audacia e a baixeza para conquistal-a, muitas vezes os homens virtuosos recusam submetter-se a suas exigencias. « Eu! exclama o guerreiro, abatter minha espada ante essa populaça que me dictará loucuras!—Eu! diz por seu turno o homem politico, curvar-me ante essa turba ignorante, doutrinada por sophistas mais ignorantes do que ella e mais perigosos! Não, de certo. » O homem que se preza é inexperto n'essa sciencia, malgeitoso e desazado na arte de seduzir as massas. Alentar erros, servir fraquezas, acariciar preconceitos, parece-lhe profissão odiosa e indigna do homem de bem. Deixa pois o campo livre a aquelles que querem correr essa carreira que elle despreza. Os clamores e os epigrammas do sophista prevalecem sobre os axiomas de seu bom senso. Exprobram-lhe o não ser nem assaz comprazenteiro nem assaz sociavel. Torna-se impopular, desagrada; vão amaldiçoal-o.

Assim, de um lado, um povo, substituindo suas fantasias á lei, se precipita para a sua ruina; e de outro, os aduladores que o rodêam impellem-o e o atiram ao abysmo. Si elle podesse dar ouvidos a conselhos severos, não se perderia tudo. Mas todo aquelle que o adverte de sua imprudencia é um inimigo a quem elle não perdôa. No decurso da revolução franceza os homens populares que ainda conservavam alguns principios de honestidade viram sua popularidade naufragar sobre esse escolho. O povo não tem cessado de marchar em sua via de temeridade, de imprudencia e de crime, despresando os conselhos d'aquelles que ousavam contradizêl-o e votando-lhes implacavel odio. Alternativamente, Turgot, Malesherbes, Mirabeau, Danton mesmo, e emfim Robespierre, incorreram no desagrado d'esse mesmo povo a que haviam prodigalisado as adulações.

A popularidade é cousa tão precaria! traz em si mesma os germens de sua morte. Tem por base preconceitos e paixões, base detestavel, fragil e vacillante. Notae bem que a popularidade não é a estima publica; que Socrates, estimado de seus concidadãos, foi condemnado a beber a cicuta, e que a populaça approvou o juizo do Areópago: observae que a popularidade é essencialmente passageira, e que o porvir reforma quasi sempre suas sentenças.

Quaes foram os homens que apressaram a decadencia de Athenas e de Sparta? aquelles que esposavam todas as rixas do

povo, fasiam propria sua colera, affagavam todas as suas propensões, praguejavam aquelles que elle repellia: então, para adquirir-se essa mercê, era mister distribuir comestiveis aos pobres, abrir seus jardins aos passeadores, dar festas e representações theatraes, seduzir a multidão ociosa por meio de todos esses engodos vulgares. Em Sparta, alcançava-se o mesmo fim, levando a excesso a austeridade geral, andando descalço no rigor do inverno, preferindo o seu grosseiro caldo ás mais saborosas iguarias. Em Roma, cercavam-se de clientes a quem prodigalisavam sua fortuna, mandavam arrasar sua casa, si ella desagradava ao povo; abaixavam diante d'elle as fasces consulares. E muitas vezes a multidão ingrata, á qual se havia sacrificado tudo, condemnava Aristides ao desterro, ou deixava precipitar seus tribunos, seus defensores, do alto d'essa rocha Tarpéia tão visinha do Capitolio.

A pretenção á popularidade mudou de fórma, mas não de natureza, nos governos representativos. Como elles têm por mola principal a opinião publica, a ella é que se capta. Os mesmos perigos estão ligados aos mesmos abusos; temos tambem nossas gemonias: tal nome adorado se torna infame, logo que a popularidade o abandona: o epigramma e a caricatura chovem sobre elle. Outro favorito se appresenta, que adopta os novos preconceitos do vulgo: esse é abençoado; collocam-o sobre o altar d'onde acabam de derribar o seu predecessor, e a ovação dura até o momento em que o povo se enfastia de incensar sempre o mesmo idolo e se praz em escolher outro.

É impossivel, alêm d'isso, corresponder a todas as esperanças que se fizeram conceber, satisfazer a espectativa que se inspirou. O enthusiasmo popular contava com uma idade d'oiro: fizeram de vós um heroe e um deus; o sonho não tarda a esvaecer-se: ficaes com vossas fraquezas e vossas miserias em frente de um povo que se enganou, para cujo engano concorrestes e que vos considera como perfeito. De uma exaltação extrema e irreflectida, essa massa passa a um odio cego; de um amor e de uma confiança sem limites, a uma aversão profunda. Prodigalisastes vosso sangue, vossos bens, vosso tempo: pouco importa; uma só acção, uma só palavra que desagradam, vos fazem perder o premio devido.

Desprezae pois, homens de estado, essa popularidade passageira; é para um fim mais nobre que deveis dirigir-vos: mudae em mais elevado desejo, em mais generosa paixão, essa paixão de amor proprio, esse desejo de popularidade; amae a

gloria, a gloria que restitue á cathegoria dos grandes homens todos aquelles que a injustiça contemporanea havia infamado. Não sejaes mais actores, representando mesquinho papel sobre um theatro fragil. Servi o vosso paiz como cidadãos, desempenhae vossos deveres como homens. Si a hora da equidade publica não soar para vós, consolae-vos: mais de uma alma virtuosa tem soffrido. Não aguardeis nem temaes nada das prevenções favoraveis ou desfavoraveis de vossos concidadãos; não tendes lei que receber sinão de vossa consciencia e da historia, essa consciencia do genero humano, como disse Tacito.

*(Godwin's Essays.)*

---

# POESIA.

## EPISODIO DE UM POEMA INEDITO DO SNR. DR. *D. J. G. Magalhães*, INTITULADO:

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

---

### CANTO QUARTO.

Ja da noite os negrumes se extinguiam;
O sol, que extensas vira eôas plagas,
Que lhe a terra mostrára no seu gyro,
De assomar no brasilico horisonte
Ao longe visos dava. Já seu rosto
Rutila entre essas collossaes montanhas,
Que em forma de pyramides se elevam,
Ou de Egypcias columnas que sustentam
Nos verdes capiteis de eternos bosques

O vastissimo tecto de saphira.
Rouxas, porpureas nuvens, d'ouro ornadas,
Se curvam, se ensanefam, e arcos formam,
Que ao triumphante sol entrada ampleiam.
É hora da partida. — A sensitiva,
Que da noite o langor emurchecêra,
Se desperta e desdobra as verdes folhas:
Das palmeiras os grelos, como lanças,
Igneas lampejam co'o fulgor diurno,
E o aroma matinal axhala o campo.
È hora da partida — As féras bramam
Nos covís dos desertos; o hymno de gloria
Ao Creador entôa a natureza,
E o alado chôro a voz lhe cadenceia.

---

È hora da partida — Sim, é hora:
As *inubias* dos chefes já resôam,
E nos valles echoam clangorosas.
Mal do somno despertos, os guerreiros
Da terra se levantam, e estericam
Os braços, e tres vezes as cabeças
Emplumadas sacodem. Assim vê-se
Vasta planicie de flexiveis cannas,
As verdes folhas agitando, erguer-se
Quando o tufão se enfreia, que a prostrára.
Cada qual seu carcaz aos hombros prende
Pejado de farpadas, duras settas,
E, o arco sobraçando, a massa empunha.
Outros sopesam guarnecidos galhos
De candido algodão e seccas palhas
Com que do inimigo aos campos mandam
Pelos ares o incendio, o estrago e a morte.

---

Por incultos caminhos mal trilhados
Luttando co'os cipós, que os emaranham,
Os Tamoyos belliferos caminham,
Seguidos dos Francezes alliados.
Das tribus na vanguarda chefes marcham,

Do exercito na cauda horrendas velhas,
Enrugadas, medonhas como espectros,
Nuas, pintadas de verniz vermelho,
E de preto e amarello matisadas;
Sobre bordões se curvam e carregam
As panellas fataes e os cheios vasos
De *uiçú* e de *cauim* tão grato aos Indios.

---

Sobre o cume de um monte alcantilado
Assustada Iguassú, comtemplativa,
Nas mãos pousava o queixo, a coma esparsa
Negra, lustrosa, em ondas fluctuantes,
Via ao longe o exercito sumir-se,
Ora combros subindo, ora baixando;
E entre dos bosques corpulentos troncos
Arbustos os guerreiros pareciam.

---

Ruim melancholia lhe lavrava
O coração immerso na tristesa.
Da copada jaqueira em verde ramo
Cantava o sabiá canções de amores
Com magicos accentos da saudade:
Canções, que embebem n'alma o abatimento,
Branda, terna affeição, langor suave,
Que quasi a vida extingue entre delicias;
Antes canções, que as almas extasiam,
Arrebatam, extrahem do mortal corpo,
A ao vago espaço as sobem, as sublimam
As puras regiões de excelsos gosos.
Que coração ha ahi, já tão quebrado,
Cujas cordas não vibrem doces échos,
Quando o canoro sabiá gorgeia?
Que coração ha ahi petrificado,
Que alivio encontre, quando exhala
A dor sua em tristissimos suspiros,
Em cantos de amargura magoados?

---

Canta, oh virgem dos bosques olhi-negra!
Canta, oh bella Iguassú, canta, acompanha

O terno sabiá que te convida!
Ah! doce é o cantar, remedio é prompto
Que d'alma aos seios sobe e a magoa abranda;
Tal da papoula o expandido aroma
Entorpece o aguilhão que o peito punge,
E n'alma idéas gera deleitosas.

---

## IGUASSÚ.

— « Só, eis-me aqui no cimo da montanha
Dos meus abandonada, como um tronco
Despido, inutil no alto da colina,
Que a flexa de Tupá quebrára os ramos.
Só, eis-me aqui do velho pae ausente,
Ausente do querido bem amado,
Como viuva rôla solitaria
Em deserto areal seu mal carpindo.

---

« Inda hoje o caro pae vi a meu lado,
Inda hoje o amante vi — fugiram ambos
Velloses como os cervos das florestas.
— Já fui feliz — mas hoje? . . . desgraçada! . . . » —

---

— E os échos responderam — « Desgraçada! — »

---

— « Desgraçada! . . . Inda vivo! . . . Antes á guerra
O pae e o bravo amante acompanhasse;
Ouvindo sua voz, seu rosto vendo,
E morrer a seu lado melhor fôra! . . . » —

---

— E os échos responderam — « Melhor fôra! . . . » —

---

— « Genios, que as grotas povoaes e os valles,
Genios, que repetis os meus accentos,

Ide, e do amante murmurae no ouvido
Que a amante sua de saudade morre ! . . . » —

---

— E os échos responderam — « Morre ! — morre ! » —

---

Morre ! . . . morre ! . . . — Soou per longo tempo.
O canto pára um pouco a bella Indiana,
Murmurando dos échos o estribilho.
Os negros olhos de chorar vermelhos
Co'as mãos enxuga, mas de novo estanques
Lagrymas brotam, que lhe o peito aljofram,
Como burbulha em bagas abundantes
Da fendida *taboca* a clara limpha.

---

O sabiá de ouvil–a se enternece,
E como que algum genio o inspirasse,
Ouvindo–a modular tristes endeixas,
Tão cortadas de dôr, emmudecêra;
Ou talvez que julgando–se vencido,
Não podendo subir tão alta gamma,
Mudo aprendesse á gorgeiar mais doce;
Mas ella os sons cortando, elle replica
Com mais grata escolhida melodia.

---

Escutou Iguassú por um momento,
Crava os olhos no ceo, menos chorosos,
Suspira, e geme, e continúa o canto,
E temendo que os échos lhe respondam
Em baixa voz começa compassada:

---

« Porque tão cedo, oh sol, hoje raiaste?
« Porque flamejas, como accezas brasas?
« Ah ! tu me queimas — teu ardor modera,
« Que na marcha os guerreiros enlanguece.

« D'esta terra , que é tua , d'estes bosques ,
« Que o grão *Tamandaré* , depois das aguas
« Do diluvio , plantára p'ra teus filhos ,
« Hoje os Tamoyos em defesa marcham.

« Tamandaré foi pae dos avós nossos ,
« Sempre Tamandaré á ti foi caro ,
« Tu , oh sol , o aquecceste na velhice ,
« Aquece os filhos seus — mas ah ! — não tanto.

« Olhos meus , de chorar cançados olhos
« Que tendes mais que ver ? — Já se esconderam
« N'aquelles negros bosques os guerreiros
« Entre as *arabutans* e as sapucaias.

« Nada mais vejo , que prazer me cause.
« Só estou sobre a terra. — Vinde oh feras !
« Não ha quem me defenda !— Vinde ; ao menos
« Menos dura é a morte que a saudade.

« Aqui branquejem meus despidos ossos ;
« Minha alma , então mais leve , transformada
« Em mimoso colibri , irá voando
« Ao lado sempre do guerreiro amante.

« Sim. . . morrerei. . . . »

— E mais dizer não pôde
Em meio de um soluço a voz faltou-lhe.
Os labios lhe tremiam convulsivos
Como flores battidas pelo vento. . . .

---

Crusa os braços no collo , os olhos cerra ,
Curva a fronte , e no peito o queixo appoia ,
As derretidas perlas entornando.
Tal n'um jardim a candida assucena
De matutino orvalho o calix cheio ,
Si o zephyro a bafeja , a fronte pende ,
Puros christaes em lagrymas vertendo.

Não sei si dorme, e si respira ainda,
Mas parece entre pedras bella estatua.
— O sol que ao despontar a viu chorosa,
N'este mesmo logar chorosa a deixa.

---

# ODE

TRADUSIDA DE CASIMIRO DELAVIGNE.

---

. . . Neque harum, quas colis, arborum
Te, præter invisas cupressos,
Ulla brevem dominum sequetur

HOR.

Eis no vasto horisonte a linda Aurora
As variadas flôres esparzindo :
Vai, oh mancebo ; — sob as verdes parras
Do festim os aprestos adereça ;
Mergulha n'agua os frascos venerandos,
Os frascos prenhes do licor antigo,
De nossa ardente sede respeitado :
Em frias ondas deslisando á frouxo
Generoso Falerno o peito banhe
D'alma volupia no gentil delirio.

---

Baccho desponta as aguçadas settas
Da dôr pungente ; a luzidia fouce
Contra mim arremesse embora a morte ;
De mim depende só minha ventura ;
Quando tenaz destino avexa o sabio,
Elle se envolve no dobrado manto
Da sã virtude, e com risonhos brindes

Insulta a cega deusa, que pensava
Tel-o humilde a seus pés acabrunhado.

---

D'essas viçosas arvores soberbas,
Que á meu berço prestaram sombra amiga,
Ha-de sómente o funebre cypreste
Ser-me fiel no derradeiro instante :
Mas tempo ainda decorre ; e muitas vezes
Antes que sobre a loisa do sepulchro
Oscille a rama do cypreste erguido,
Ha-de a videira os pampanos formosos
Sobre as frentes curvar, hoje inspiradas
De seu nectar na fonte portentosa.

---

Quando o sopro da morte a luz dos olhos
Vier turbar-me, oh suspirada Nise,
Ah ! do leito de dôres não te affastes,
Do leito, á que o prazer guiou teus passos ;
Escuta os meus gemidos ; no teu seio
Deixa que encoste a fronte amortecida,
Que sinta o coração pulsar-te ancioso :
Oxalá que á teus labios, todo fogo,
Unindo os labios meus ainda eu possa
Minha existencia evaporar em um beijo.

---

Então da Parca o frigido despojo
Enfeita, oh Nise, de virentes myrtos ;
Recostada no braço, a taça em punho,
De minhas ricas vestes adornado,
No fatal somno a semelhança mostre
Do affortunado commensal prudente,
Que descuidoso jaz adormecido
Do festival banquete apóz os vivos.

---

Tu mesma has-de sentir na linda face
Esvaecidos os jasmins e as rosas:

Mas do sepulchro surge o eterno dia;
E como os noivos subito acordados
Na manhã, que seguiu noite de bodas,
De ineffavel prazer no gozo extremo,
Pasmados de existir, oh minha amada
Veremos como nasce a bella Aurora
Do dia que não morre.

* * *

# VARIEDADES.

## A VIDA DO DEPUTADO.

Quem ha ahi tão desinteressado, de tamanha abnegação, de tão pouco amôr proprio, que não deseje ser deputado, ter assento na representação nacional, para tratar os ministros por cima do hombro, atirar-lhe ao rosto em plena camara os decentissimos epithetos de traidor, inepto, imbecil? Não está longe o tempo em que o povo se apresente ao povo como candidato á camara temporaria; e todos têem rasão, — que é justiça natural pensarmos dos outros como de nós mesmos pensamos, e si por acaso nos julgarmos inhabeis para deputados, a quem julgaremos habil? E na verdade a vida parece tão bôa, que não é possivel não desejal-a com todo o ardor do mais vivo desejo; a vida do deputado amolda-se a todas as paixões e inclinações humanas: o ambicioso quer ser deputado, porque de um momento para outro cahir-lhe-ha em casa uma pasta com todos os seus appensos, ou uma presidencia de primeira ordem; a difficuldade para conseguil-o não é das maiores. Si o deputado é apaixonado das virtudes austeras de Catão ou de Bruto, quer seja essa paixão resultado de calculo, quer de natural predisposição, cumpre-lhe unicamente apresentar-se do lado op-

posto ao ministerio, sejam quaes forem seus principios, gritar bem alto, intitular-se defensor dos direitos do povo, ainda que ninguem os attaque, pôr-se em quarentena com os ministros ou seus amigos, e deixe correr trinta dias por um mez, que mais hora menos hora será ministro ou presidente, ficando-lhe a vantagem de governar como Deus o ajudar, e direito para queixar-se de obstaculos materiaes impossiveis de remover. Si pelo contrario o homem-deputado é de facil convicção, si reputa sempre os argumentos ministeriaes de bastante solidez para converterem pedras, si seu amôr a ordem e tranquillidade publica o collocam na *dura* necessidade de sustentar qualquer governo, tambem tem sua carreira feita, principalmente si o honrado deputado não é desazado em materias de interesse, — para as quaes ainda não vi pessôa que desgeitoza seja.

Si o deputado é avarento (tambem os ha), que brilhante que é sua carreira! O subsidio é certo, e ainda não houve ministro da fasenda que declarasse não ter com que pagal-o. Alem do subsidio ha alguns pingos de cera que se não deixam esperdiçar: lá vem um requerente que deseja obter do ministro bom despacho e vale-se de toda a amizade do deputado, que, por amôr da santa economia, tem grande predilecção pelos jantares, e aprova sempre o tempêro e o paladar delicado do cosinheiro de S. Ex.ª; que lhe custa pedir? Ha quasi sempre grandes probabilidades de ser servido, se ellas e tornam em certeza si na camara se discute alguma lei de orçamento, ou outras da mesma importancia. O bom despacho é semente que se lança em terra muito bem amanhada, e não deixará de germinar e dar fructo.

Si o homem é gamenho, amante de bôas companhias, si tem talentos de salão e se apraz em mostral-os, que posição ha para isso melhor do que a d'um deputado? Tem todos os dias convites para saraus e bailes; não ha salão elegante em que sua presença nao seja necessaria, não ha reunião *fashionable* de que o deputado não seja o primeiro adorno. Ser deputado é ser tudo; e isto é muito verdadeiro; quando o deputado põe pela primeira vez o pé na camara abre-se ante seus passos uma carreira cujo extremo final ninguem sabe qual é: as honras e os empregos o procuram; as viuvas ricas o perseguem; as filhas unicas de milionarios o flagellam: a estrada é juncada de rosas sem espinhos.

Si o homem é priguiçoso não ha por certo melhor meio de

satisfaser essa predisposição pesada: pode deitar-se as trez horas da tarde e levantar-se no outro dîa as dez horas, enfiar a casaca e procurar na camara a poltrona que menos exposta seja aos raios da luz; ahi estará em seu paraiso, nada o encommodará, nem mesmo as votações, porque em todas ellas se pode conservar sentado. E esse murmurio das grandes assembléas é muito agradavel ao homem que só cura de seu commodo, e não se deixa arrastar por esses lampejos de eloquencia estudada de que tanto abundam taes logares. E o subsidio? é sempre o mesmo, quer trabalhe, quer durma.

E quem ha ahi que não deseje ser deputado a assembléa geral? Qual é o pae que não almeja ver seu filho passar pelas provas da eleição e sentar-se entre os legisladôres da nação, ralhar com os ministros e com tudo, interpelal-os, accusal-os e insultal-os? Tudo isso é amor e dedicação ao paiz: as circumstancias, as arbitrariedades ministeriaes exigem essa linguagem energica, de fogo; si assim não fôra o paiz se perderia por que o ministerio continuaria. O pobre velho consegue que o filho seja deputado, faz longa e incommoda viagem para vel-o e ouvil-o na camara; o deputado independente tem a palavra, falla rapido, suas palavras abrazam, os ministros viram-se e reviram-se em suas cadeiras, estão no verdadeiro banco de dores; termina-se o discurso; o velhinho nada ouviu, não viu os movimentos da camara e das galerias; — tal é o seu praser que não tem consciencia de si! Si o abençoado filho perorar segunda vez, a desgraça do pae é completa, morrerá de gosto, e o pobre filho terá concorrido para um parricidio!

Mas não é possivel que falle segunda vez, o pae tem a felicidade de assistir a discusão do voto de graças, — e qual é o deputado que sahe de sua casa para a corte e não traz já estudado o primeiro discurso que hade recitar na camara n'essa discussão vaga? Ou elle seja da opposição ou ministerial, o discurso vem feito para patentear os motivos por que se liga a este ou áquelle lado da camara; e hade ser recitado, dê no que dér, embora os collegas mostrem-se impacientes, os espectadores desertem as galerias, os tachygraphos deixem de escrever. E tambem que importa ao deputado que os tachygraphos escrevam? o discurso está na carteira, está escripto e semeado das magicas palavras sublinhadas — *profundo silencio*! *attenção*! *sensação*! *apoiados geraes*, etc., etc.

Grandes apertos para os editores de periodicos! o deputado

sahe da camara, dirige-se ao escriptorio de redacção, puxa pelo enorme manuscripto, pede a impressão do discurso que a pouco improvisára, está prompto para pagar as despezas que se fizerem com tanto que no dia seguinte o discurso seja publicado. Si o discurso é em apoio do ministerio, o deputado promette ao jornalista toda a protecção do governo; si é contrario, então outro será o resultado, o povo correrá em massa a caza do bemaventurado jornalista que terá de augmentar o numero de seus assignantes com algumas centenas de amigos da patria; os lucros são certos, ainda não entrando em linha de conta os milhares de exemplares que se venderão avulsos. Depois de calculadas todas as vantagens, o jornalista incumbe-se da publicação do discurso; o deputado quer ver as provas, porque, diz elle, na rapidez com que o escreveu depois que o recitou na camara, alguns erros podiam escapar-lhe. Com effeito vae-lhe a prova a caza; o homem faz largas correcções no estylo, consulta os livros d'onde extrahiu alguns pedaços, acrescenta periodos, corta outros, finalmente é um segundo discurso. O pobre deputado não descança, vae para a typographia, quer ver tudo, tudo examina, e, é de crer, que si elle não pagasse tão vantajosamente, o editor do jornal o empurraria pela porta fóra; — ainda assim elle e os compositores pregam-lhe algumas peças. São onze horas; o novo discurso está composto; mas ha ainda que rectificar; o deputado corre a uma livraria, quer comprar as obras de Guizot, os discursos de Thiers, o *Choix des rapports*, mas a livraria está fechada, o livreiro não abre a porta; elle volta á typographia, corrige o discurso, vê compaginar o periodico, a uma hora principia o prelo a trabalhar. No outro dia publica-se o discurso; está detestavel, mas fica ainda ao deputado o direito das reclamaçoes, direito que elle não despresa para introduzir emendas que ainda mais desfiguram seus pensamentos. Todavia elle corre todas as cazas de seus amigos e conhecidos, pergunta-lhes si leram o seu discurso; dá o jornal aos que o não tem; aos que o tem nota certas passagens, faz vibrar sua voz que, diz elle, derrocará o bem cimentado edificio ministerial. A administração do correio nota um augmento consideravel de sua receita; e não é para admirar porque lá foram para a provincia que elegeu o honrado deputado algumas centenas de jornaes envolvidos em grandes folhas de papel, e porisso pagam segundo a regra geral. Cousa maravilhosa! em todo

o resto da sessão o nobre parlamentar não pede a palavra, e contenta-se com alguma desengraçada interrupção.

A discussão dos votos de graça offerecem sempre muitos d'estes oradores, que desapparecem logo que elles são votados. Que importa porêm que haja repugnancia em ouvil-os? A vida do deputado nem porisso é menos feliz: vivemos em um seculo de calculo; tudo anda subjeito ás regras da simples arithmetica; sommar, diminuir, multiplicar e dividir é a sciencia universal: a utilidade é tudo, e si o deputado senta-se e levanta-se na camara, porque não hade ser caroavel aos partidos, ou, — para me servir da linguagem parlamentar despresando a popular que tem mais senso, — aos lados direito e esquerdo e ao centro? O voto é tudo, ahi reside a idéa positiva; o mais é ninharia que não merece entrar em linha de conta. Numeram-se os votos e não os dircursos, e ainda se não viu desprezar essas unidades por não fallarem ou por fallarem fastidiosamente.

E então que pae não procurará esse arranjo a seu filho? dar-lhe honra, consideração, respeito e estima das mais altas personagens do estado não é cousa que se despreze, nem são demasiados os sacrificios que se fazem para alcançal-o. É preciso visitar os clubs, entrar nas caballas, escrever a todos os compadres, amigos e devedores, consultar a arvore genealogica em todos os seus ramos para não esquecer o ultimo primo, conhecer todos os parentes e reclamar seus serviços para honra de toda a familia; mas tudo isso é nada; o desejo de ter um filho deputado não pára ante essas difficuldades de nem um momento, e muitas vezes depois de as vencer, passa alêm, emprega o suborno, a força, viola as urnas, adultera-as, e tudo isso é justificado pela utilidade, principio que santifica todos os meios.

E si o amor paterno obriga a esses manejos, que direi do amor materno? Qual é a mãe, que, depois de estabelecido o systema representativo, não faz votos ardentes para ver seu filho deputado? qual é a que, embalando seu filho no berço, não ouve uma voz interna dizer-lhe — este será deputado? Ora, o interesse das mães pela felicidade dos filhos é sempre maior que o dos paes, porque ellas amam por tal arte que não vêem no mundo quem se avantage em talentos, boas qualidades, etc., a seus queridos filhos; e quantas não tem feito os pobres maridos andarem em passo de cão, como ordinariamente se diz,



BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

para realisarem seus desejos tanto mais intensos quanto maior é o espaço que medeia entre sua formação e sua realisação !

Não se persuadam os leitores que as mulheres no Brasil são bisonhas e pêcas n'esta materia que parece exigir grandes calculos e combinações : está em erro grosseiro quem assim pensa, e deve confessar-se ignorante da historia das caballas que é a primeira parte da historia das eleições de nosso paiz. As Brazileiras primam em materias de empenhos, e têm sempre a sua disposição grandes meios para verem seus desejos coroados de feliz successo. Com effeito quem melhores meios tem de tecer uma intriga d'essa natureza, ter em sua mão todos os fios d'ella e manejal-a com mais sangue frio? As mulheres tem entrada em todas as casas, insinúam-se em todos os animos, sabem inspirar confiança aos mais desconfiados, dominam, governam, despotisam as vontades mais rebeldes, e com essas propriedades como não vencer nas caballas? A mór parte dos eleitores são cazados, e que meios tem um pae de familia, que quer viver tranquillo, para resistir as vontades de suas mulheres? E quem melhor interessará uma mulher do que sua amiga, sua comadre, sua prima? Depois, ha uma cousa notavel ; D. F. era absolumente indifferente á eleição do filho de sua amiga, a rogos d'esta conseguiu a influencia de seu marido em favor d'elle ; não penseis que pára aqui o obsequio, não é só o voto do marido que ella agenceia ; obriga-o a procurar seus amigos, e ella por seu lado vae visitar suas amigas para interessal-as na eleição. Assim todas caballam, e o candidato será deputado apesar de quaesquer exforços que se façam em contrario.

Não sei si meus leitores tem idéa d'uma peça de theatro, composta por Scribe com o titulo *Camaraderie:* ha ahi motivo para largas reflexões sobre o poder das mulheres na sociedade, e mau é que os estadistas não tenham ainda comprehendido todo o elasterio d'essa força social, para pol-a em jogo em suas politicas combinações. Lembro-me agora da opinião de um lente ensinando Diplomacia a seus alumnos, que reconhecia nas mulheres maior aptidão e agilidade para a vida diplomatica, como mais capases de rastrear e surprehender segredos de gabinete, e obter vantagens em seu favor em quaesquer tratados que negociassem. Aos leitores deixo o desenvolvimento e exame d'essa opinião, para continuar em meu proposito.

A arte de caballar está muito adiantada no Brazil ; e si ainda não temos tanta franqueza, como em Inglaterra e Estados-

Unidos, as escondidas fasemos o que podemos, e não sei si aquelles paizes nos levarão a palma. Si algum paxorrento quisesse dar-se ao trabalho de escrever a *Arte de Caballar*, obra de que tanto carece a nossa litteratura, fico que escreveria um livro dobradamente maior do que a *Arte de furtar* do Padre A. Vieira, mesmo com todos os augmentos que ella reclama, attentos os progressos que tem feito a civilisação.

Já eu disse e agora repito, não são grandes os sacrificios que se fasem para obter um assento no salão da camara dos deputados, combinae-os com as vantagens que vos provirão d'esse assento, e certo concordareis commigo, porque há ahi vantagens para todos os genios e temperamentos, para todas as opiniões e inclinações. Ser deputado é ser tudo, convencei-vos d'isso. . . .

Muito amigo de meus leitores, não devo encobrir meus pensamentos, nem occultar o mal que existe de mistura com o bem. Em tudo há compensações, as vantagens, os gosos, os prazeres que proporciona a camara dos deputados, são compensados por um pensamento do futuro, que nos primeiros dias se apresenta vago e indefinido, e depois vae tomando corpo, permittam-me a palavra, e acaba por desenhar-se completo no espirito do deputado. Esse pensamento é a espada de Damocles, é o medico de Sancho Pança, é o fantasma de Hamlet: acompanha o deputado por toda a parte, está presente a suas menores acções, trava-lhe os prazeres, perturba-lhe o somno, é o embaraço invisivel porem fortissimo de todos os seus futuros projectos de gloria e de elevação.

Vede aquelle deputado da opposição: elle perora contra o ministerio, é um inimigo irreconciliavel; observae-o agora, perturba-se, titubêa, não sabe o que hade diser, parece que arrepende-se de sua guerra e que, no meio de seu mais eloquente discurso, vae com todo o temor do requerente, que não tem quem por elle falle ao ministro, apresentar um requerimento a esse misterio corruptor e corrompido, no qual lhe pede um emprego de pequeno ordenado!... Sabeis qual é a causa d'essa mudança? o pensamento infernal veio-lhe a lembrança e elle não viu mais a camara, ministerio, povo, so viu o futuro, só viu a possibilidode de não ser reeleito. E tem razão: — é tão bôa a vida do deputado!...

Vede aquell'outro deputado, notavel por sua impassibilidade, pela mancira pausada e grave com que entra na camara,

pelo vagar com que se senta, pela tranquillidade que deixa ver em seu rosto, pela innocencia com que se recosta e dorme. *Le pouvre homme*! está dormindo tão tranquillo como quem não tem pensões ou cuidados; é uma barbaridade fazerem-lhe bulha !... Observae-o agora, coitado ! tem o rosto contrahido e afogueado, parece o homem que acorda no meio do incendio de sua casa, e assustado, cheio de terror não sabe para onde fugir, nem se lhe resta ainda tempo para salvar do incendio alguma cousa de tantas que ganhou com o suor de seu rosto. Sabeis qual é a causa de tamanha mudança? o maldito pensamento lhe apareceu em sonho e teve a tyrannia de apresentar-se em forma de trabalho: o pobre homem viu-se desamparado, divorciado, viuvo, orfam do subsidio, o qual está tão ligado a sua vida, que elle morrerá de certo si não for reeleito. E tem rasão: — é tão bôa a vida do deputado !...

Vede este sentado a mesa do ministro; como se extasia ante as iguarias do jantar ministerial ! é um verdadeiro gastronomo; sabe o nome a todos os molhos, a todos os guisados; sabe como se elles preparam, não para para mandal-os fazer em sua casa, mas para aconselhal-os as pessôas que o honram com sua amizade. Ninguem melhor que elle sabe trinchar um frango, e si não tem outro merito, é ao menos um dos mais firmes sustentaculos do ministerio: — tambem o ministerio tem todo o cuidado em bem alimental-o para dar-lhe forças com que possa gritar *apoiados* na camara e dar estrondosas risadas. Observae-o agora; o homem se engasga, não sabe si deve responder a saude que lhe fazem, e, determinado a fazel-o, depois de grande hesitação pega em um copo cheio d'agua e com ella agradece o brinde; mistura peixe com carne, molho de pimentas com doce, vinho do Porto com Champagne.... Pobre homem ! a rasão d'esta alteração é o pensamento que não será reeleito, que não terá mais jantares ministeriaes, que se verá na necessidade de abrir conta com o carniceiro; e em sua perturbação admira-se que os eleitores não o reelejam, sendo elle o representante d'uma grande e interessante classe da sociedade ! penalisa-se, afflige-se com a idéa do futuro. E tem rasão: — é tão bôa a vida do deputado !...

O mundo é assim feito; contentemo-nos e resignemo-nos, já que lhe não podemos dar remedio e arranjal-o a nossa vontade. Cumpram-se os designios da Providencia, e trabalhemos todos para sermos deputados: bom é provar de tudo. *N. S.*

# MISCELLANEA.

## NOTICIAS SCIENTIFICAS. — STATISTICA.

*Das recompensas dadas a alguns generaes inglezes.*— Quando se discutia na camara dos deputados em França qual a pensão que se devia decretar á viuva do general Damrémont, M. Guizot fez a seus collegas a seguinte pergunta: «Que teria feito o parlamento inglez si o governador general das Indias fosse morto tomando a capital de Tippoo-Saib?» Sem duvida o parlamento inglez teria votado a pensão de 2,000 lib. á viuva do marquez de Wellesley; Sua Senhoria porêm, que não era homem de guerra, não assistiu ao cerco de Seringapatam, e as operações foram ordenadas pelo general Harris, que recebeu felicitações das duas camaras, e algum tempo depois foi nomeado barão de Seringapatam e de Mysore.

Os Inglezes tem tido mais d'um general em chefe morto em combatte. Citaremos Wolfe, morto na batalha de Quebec; sir John Moore na Corunha, e sir Ralph Abercombry no Egypto quando Menou attacou o acampamento inglez. Moore e Wolfe morreram ambos celibatarios, mas sir Ralph Abercombry era cazado; sua viuva foi nomeada baroneza com uma pensão de 2,000 libs. Não é por certo ao parlamento britannico que se póde exprobrar haver regateado as recompensas dos serviços militares. O celebre Nelson, alêm de grande numero de distincções honorificas, recebeu muitas vezes não equivocas provas de gratidão nacional. No attaque de Calvi elle tinha perdido um olho; no de Santa Cruz foi ferido no cotovêllo, e, forçado a soffrer uma amputação, obteve a primeira pensão de 1,000 libs. A victoria de Aboukir valeu-lhe a segunda de 2,000 libs., transmissivel a seus dois herdeiros immediatos. A Companhia das

Indias fez-lhe presente de 10,000 libs. Na mesma occasião, os Bourbons de Napoles, por elle restabelecidos na Sicilia, recompensaram-o com o ducado de Bronte, e dotaram-o com 3,000 libs. pouco mais ou menos. A victoria de Trafalgar teria feito chover sobre o Napoleão dos mares recompensas novas; porêm uma balla franceza vingou a destruição da ultima armada que a França teve para oppôr á sua antiga rival.

A munificencia do parlamento reverteu em beneficio da familia do illustre morto. Votou a cada uma de suas irmãas uma quantia de 10,000 libs., e seu irmão mais velho, ecclesiastico, recebeu o titulo de conde, uma renda de 6,000 libs. e a somma de 100,000 libs. para comprar um dominio.

De todos os heroes da Gram-Bretanha porêm, aquelle a quem mais lucrativos foram os lances felizes da guerra, é sem contradicção o homem que o primeiro enthusiasmo de seus compatriotas nivelou a Nelson, nivel em que elle não poderia manter-se. Lord Wellington, depois da batalha de Talavera, obteve uma pensão de 2,000 libs. e foi elevado ao pariato com os titulos de barão Douro de Wellesley e de visconde Wellington de Talavera. A tomada de Ciudad Rodrigo valeu-lhe o titulo de conde e o parlamento votou-lhe uma pensão addicional de 2,000 libs. Depois da batalha de Salamanca e da momentanea occupação de Madrid, obteve o titulo de marquez e o parlamento votou-lhe um presente de 100,000 libs. Por occasião da paz de 1814, recebeu o titulo de duque, mais um novo presente de 300,000 libs., mais a somma necessaria para elevar suas rendas a 17,000 libs. Finalmente o parlamento pagou-lhe 200,000 libs. por sua victoria de Waterloo e comprou-lhe ainda em cima a propriedade de Strathfielsay. O rei dos Paizes-Baixos fez-lhe presente d'uma renda annual de 20,000 florins. Sabe-se que igualmente o condecorou com o titulo de principe de Warteloo. Inutilmente augmentariamos esta nota d'um par de paginas, si quisessemos enumerar os titulos e as dignidades com que a fortuna favoreceu Sua Senhoria. « Devo confessar que sou um sugeito feliz! » dizia elle não nos occorre agora em que occasião. Entre seus titulos dois sobretudo fazem levantar a ovelha, o de doutor em direito e o de marechal de França. O primeiro foi-lhe conferido pela universidade de Oxford, o segundo por esse rei pouco Francez, que, observando-se que Napoleão e Wellington tinham nascido no mesmo anno, exclamou: «A Providencia devia-nos essa compensação! »

*Vaccina.* — Em o anno de 1837 forão vaccinados 47,258 individuos do exercito Prussiano, destes 37,299 tinhão com certeza sido vaccinados, em 6,903 havia duvida, e 3,056 não haviam sido vaccinados. O resultado da vaccina appresentou-se regular em 21,308 individuos; irregular em 10,557, e não produziu resultado em 15,393. Estes ultimos sendo de novo vaccinados, a bexiga teve effeito sómente em 2,243. No curso d'estas repetidas operações, mostraram-se 21 individuos attacados de catapóras, mas nem um com bexigas regulares.

— O *Constitutionel* de 25 de fevereiro escreve o seguinte:

« A *Gazette médicale* extracta dos periodicos inglezes documentos, dos quaes resulta que, não contando o anno de 1781, o hospital de Londres destinado aos bexigosos, não tinha ainda recebido tantos doentes como no anno de 1838, contando mesmo da sua fundação em 1746. Do 1.º de janeiro até 11 de dezembro de 1838 recebeu este hospital dirigido pelo doutor Gregory, 681 bexigosos, dos quaes 281 haviam sido vaccinados. Igual observação se fez no resto da Inglaterra, na maior parte da Europa septentrional. Devemos diser que, no maior numero de casos, as bexigas. depois da vaccina, são muito menos malignas do que sem ella. A mortalidade na primeira conjunctura é de 9 por 100, emquanto que ao contrario, sem vacina, é de 25 por 100, ou d'um quarto. Ainda mesmo que a vaccina désse só este resultado, deveriamos viva gratidão a Jenner. Si porêm acrescentarmos que Gregory não viu homens vaccinados atacados de bexigas, sinão quinze annos ao menos depois de se haverem vaccinado, julgar-se-ha como nós que é mister curar das revaccinações, qualquer que seja a pertinacia dos preconceitos. Quanto maïor for a tardança em revaccinar-se, logo que o homem chega aos 18 ou 20 annos, tanto mais perigosa será a bexiga a que se expõe; isto é ainda dito pelo doutor Gregory e provado pela experiencia.

## INDUSTRIA.

*Fabricas.* — O governo francez propoz um premio de 36,000 francos, para o fabricante que appresentasse, até o 1.º de oitubro do corrente anno, quinhentas resmas de um papel inalteravel ás fraudes, que se praticam nas escripturas e outros papeis importantes, já por meio de lavagens, já por meio de fumigações, etc.

O officio de cavouqueiro é um dos mais perigosos, pela possibilidade e mesmo frequencia da explosão da polvora nas minas, e o processo mais perigoso é o de carregar a mina. Os instrumentos de ferro, especialmente em rochas quartzosas, ferem fogo e o communicam á polvora; sendo a explosão quasi sempre mortal para o carregador, e perigosa para os trabalhadores que estão perto. O primeiro melhoramento consiste em substituir a agulha e mais utensis de ferro, por outros de cobre ou de latão, e é incrivel o obstaculo que por toda a parte tem encontrado este tão simples e rasoavel melhoramento; mas como no acto de carregar e de escorvar a mina, ainda fica havendo algum perigo do incidente de explosão inesperada, experimentei desde 1827, em algumas obras das que tenho dirigido, um methodo de carregamento que me parece reunir muitas vantagens. Tendo lançado dentro da mina a polvora de sua carga, crava-se a prumo na polvora e a meio da mina, hum canudo de duas linhas de grossura cheio de polvora fina seccada, e acaba-se de encher a broca ou mina com areia secca: a areia fornece a reacção sufficiente para o bom effeito da mina, o tempo que leva a arder o canudinho que serve de estopim pode estar calculado de antemão, e assim ficarão evitadas as maiores probabilidades de desastres. Quando porém o logar é humido ou a broca não é a prumo, este processo não tem applicação.

Mr. *John Taylor* em Inglaterra, e Mr. *Fournet*, director de huma mina de carvão de pedra em França, tem ultimamente lembrado varios processos: o 1.° consiste em formar a carga com sua espolêta ou estopim e alcatroal-o por fóra, formando como huma bomba de fogueteiro: introduzir a bomba na broca da mina, e acabar de a encher com barro, terra, etc., e neste acto vem a não haver perigo de explosão. Quanto ao methodo de Mr. *Fournet*, elle consiste: 1.° Em calçar a agulha com huma ponta de latão. 2.° Collocar a agulha a meio da mina, e não encostada ao lado como fazem os mineiros francezes. 3.° Usar de hum soquête, calçado tambem de latão, que tem hum furo vertical que enfia na agulha que se acha a prumo no meio da carga, e ahi labora para soccar a terra, pó de pedra, ou quaesquer substancias que sirvam de buxas. Este processo obteve approvação de huma commissão de Engenheiros de Pontes e Calçadas de França.

*B.*

## CONHECIMENTOS UTEIS.

*Comestiveis.* — Mr. Voisin, director do seminario das Missões estrangeiras, recebeu ultimamente da China, ovos de pata ainda frescos, e que se poderiam ainda conservar por mais um ou dois annos. Vieram cobertos com uma massa feita de cal, sal commum, e cinza de favas (ou potassa) feita em chá forte: a capa de massa deve ter a grossura de 2 linhas, ou de uma moeda nossa de 40 rs.

*Estrumes.* — M. Dubuc, boticario de Rouen, descubriu que o muriato de soda é um excellente estrume. Dissolve 2 libras e 1/4 de sal marino secco em 70 a 80 canadas de agua, e com esta salmoura rega as sementeiras de quando em quando, e colhe o dobro das novidades obtidas de sementes regadas com agua simples. Isto se verifica em quanto ao trigo e mais cereaes, ás batatas e outras plantas. A cal tambem é excellente estrume, mas passados 14 ou 15 annos cessa de ter bom effeito, sem todavia destruir a susceptibilidade do solo de ser melhorado por outros estrumes.

*Enxertias.* — Para segurar os enxertos é excellente a substancia recommendada por Miller bem estendida sobre tiras de papel ou de panno de linho. Compõe-se do seguinte: 1 libra de pêz e outra de resina, 2 de banha de porco, e 4 libras de terebentina, tudo bem derretido e misturado. Conserva-se a mistura liquida pondo-a em uma panella em cima de agua fervendo.

*Meios de obstar á podridão da madeira.* — Todos os autores attribuem a putrefacção da madeira, e o bolor que nella se cria, ás galhas que se criam nas arvores na primavera. Por isso convem não cortar a madeira nesta estação, mas sim no inverno quando a seiva fallece, seccando-a bem depois, antes de a empregar, ou molhando-a repetidas vezes e seccando-a logo; mas o meio mais certo de conservar a madeira intacta é usando do methodo proposto por M. Atlee de Southampton. Consiste em condensar as pranchas e taboado passando-o por cylindros de ferro em uma prensa, o que priva a madeira de toda a mucilagem que encerra. Este processo dá muito maior solidez e rigeza á madeira. Algumas pranchas de acajú ou mahogano e de pau de rosa foram assim reduzidas a metade da sua espessura.

*Processo para tornar a madeira incombustivel.* — O doutor Fuchs, membro da Academia das Sciencias de Munich, descubriu uma composição que torna a madeira impenetravel ao

fogo e á agua. Consiste em dissolver terra areenta bem lavada para separar todas as substancias heterogeneas, em uma solução de alcali caustico : applicada sobre a madeira forma uma capa vitrea. O custo é insignificante, e não passa de 2 francos e 3 centimos por cada 100 pés quadrados. O Theatro Regio de Munich, ao qual se applicou o referido processo, não exigiu mais de 4 a 5000 francos de despeza. Parece incrivel que continue a reinar tanta negligencia em adoptar meios efficazes de atalhar os incendios em terra e no mar, sendo ha tanto tempo conhecida a efficacia das solluções alcalinas e aluminosas contra esta horrivel calamidade. Esta mesma preparação em estado liquido será igualmente util para apagar os incendios. Uma composição barata e ao alcance de todos para tornar os telhados de colmo ou de madeira incombustivel, é a seguinte. Barro, $\frac{7}{1}$ ; arêa, cal, excremento de cavallo, de cada um $\frac{1}{1}$ ; tudo bem misturado até á consistencia de argamassa. Applica-se em camada de um centimetro, e introduz-se em todas as fendas. O chlorureto de cal dissolvido em agua é meio efficacissimo de apagar o fogo o mais intenso, porquanto forma uma capa vitrea sobre os tições, que impede a combustão.

## CURIOSIDADES.

### O MONSTRO MARINHO.

Parece, que a origem de todos os povos nas relações de seus historiadores é acompanhada sempre de circumstancias extraordinarias e maravilhosas. D'esta lei com effeito não se eximem as naçoes da America relativamente aos tempos do descobrimento e da conquista. Muitos exemplos poderiamos indicar; mas basta por hoje o seguinte trasladado para vulgar da traducção Franceza da historia da provincia de Santa-Cruz por Pedro de Magalhães de Gandavo publicada em Lisboa no anno de 1576, posta em francez, e dada á luz em 1837 por Mr. Terneaux, como parte da sua collecção de viagens, relações, e memorias originaes para servir a historia do descobrimento da America.

CAPITULO 9.° Do monstro marinho morto na capitania de S. Vicente em 1564.

O monstro marinho, que foi morto n'esta capitania em 1564, foi uma cousa tão nova, e á qual os olhos dos homens estavam tão pouco habituados, que apezar de ser ella já conhecida por

todas as partes do mundo eu não deixarei de fallar d'isso, contando extensamente o que se passou n'essa occasião.

Em a capitania de S. Vicente, estando a noite já bastante adiantada, á hora em que todos começavam a entregar-se ao somno, uma india escrava do capitão sahiu casualmente de casa. Lançando os olhos para uma planicie, que decorre entre o estabellecimento dos Portuguezes e o mar, viu um monstro, que andava de um logar para outro com movimentos extraordinarios, de tempo a tempo tão espantosos, que a mulher assustada, e quasi fóra de si foi ter cóm o filho do capitão, que se chamava Balthasar Ferreira, e lhe deu conta do que tinha visto, pensando que era uma apparição diabolica. Como porêm elle tinha tanto de sensato quanto de valente, e os indigenas do paiz não merecem grande confiança, não deu muita attenção ás palavras da india, e deixando-se ficar na cama ordenou-lhe, que fôsse certificar-se do que era. Ella obedeceu e voltou ainda mais espantada, que da primeira vez, protestando de novo que a cousa era tão terrivel, que não podia deixar de ser o diabo. Saltou elle da cama abaixo, e lançando mão de uma espada, que tinha a seu lado, sahiu de casa na fé de que seria algum tigre, ou outro animal do paiz, e de que logo conheceria a falsidade de quanto lhe tinha referido a india. Deitando porêm a vista para o lado, que ella lhe indicou, percebeu confusamente uma massa enorme sem poder distinguir o que era, tanto mais quanto nunca se tinha visto um tal monstro inteiramente diverso de todos os outos animaes. Approximando-se para melhor o examinar, foi sentido pelo monstro, que levantou a cabeça, e vendo-o começou a dirigir-se para o mar. O mancebo conheceu que era um animal marinho, e apressou-se a cortar-lhe a retirada. O monstro levantou-se então direito como um homem, apoiando-se nas barbatanas posteriores: Balthasar Ferreira cravou-lhe a espada no corpo, saltando ligeiramente para o lado a fim de que o animal não cahisse sobre elle: e escapou não sem perigo porque a copia de sangue, que rompeu da ferida, batteu-lhe sobre a face, e o cegou quaşi inteiramente. Então o monstro cahindo no chão seguiu o caminho do moço, e assim mesmo ferido correu sobre elle com a bocca aberta para despedaçal-o com unhas e dentes: porêm o Balthasar lhe deu na cabeça uma cutilada, que muito o enfraqueceu, e então o animal se dirigiu de novo

para o mar. Alguns naturaes acodiram n'este momento aos gritos da india, que observava o combate, lançaram-se ao monstro, e quasi morto o trouxeram para a villa, onde no dia seguinte foi exposto a vista de todos. O monstro tinha quinze palmos de alto, corpo cabelludo, e sobre o focinho longos pellos a maneira de bigodes. Os naturaes chamam-lhe—hipupiara, demonio dos mares. Tem apparecido outros n'estas paragens, mas são raros.

### UM HOMEM ASSIGNALADO PELA NATUREZA.

Pappenheim, famoso general austriaco, de que muito falla a historia da guerra de Trinta-Annos, era de um character por extremo impetuoso, e de um atrevimento na peleja, que (segundo a espressão de Schiller) fazia delle o braço direito de um general em chefe, ao mesmo passo que o tornava inhabil para occupar este posto. Pappenheim conforme refere o mesmo historiador tinha nascido com duas manchas vermelhas sobre a testa, que figuravam duas espadas, e que eram visiveis ainda nos ultimos annos de sua vida, quando uma paixão violenta o agitava.

— Grande numero de *mumias* mexicanas foram descobertas em uma grande caverna, nos arredores de Durango, capital de um dos estados do Mexico. A principal differença entre estas, e as *mumias* do Egypto consiste em que ellas estão assentadas, em quanto que as Egypcias estão estão esticadas, e em pé. Acharam-se tecidos, ligas, collares, armas, e ornamentos de differentes especies; entre outros um punhal de silex, com o punho ricamente lavrado; muitos rosarios, ou cordões de contas de côr, misturadas com fragmentos de ossos polidos como o marfim; vestes elasticas, e soberbas; sandalias identicas as que fabricam ainda hoje os Indios. Todos estes objectos exhalam um odor cadaverico, que muito encommoda. Suppõe-se que a materia, com que se fizeram os tecidos, é a planta ali chamada — *Chuguilla* e o trabalho é de tanta perfeição, que difficilmente o poderiam igualar os melhores obreiros da Europa moderna.

— Em uma venda de manuscriptos celebres, que ultimamente teve logar em Vienna d'Austria, pagou-se por uma carta de Luthero 300 florins; — por uma de Schiller 60; — 25 por uma de Erasmo; — 25 por uma de Mozart; — 32 por uma de J. J. Rousseau; — 11 por uma de Frederico 2.° da Prussia; —

10 por uma de Goethe; — e 15 florins pela assignatura de Napoleão.

— Viu-se em Londres em casa do ourives da côrte, — cujas lojas são vastos e riquissimos museus, —um alfinete de peito no valor de 250,000 francos, que se destinava á rainha Victoria, o qual é formado de quatro lindos brilhantes. —O maior pertenceu á princeza Carlotta; um á Maria de Medicis, rainha de França; outro a Maria Antonietta, tambem rainha de França, que morrêra na guilhotina; e o ultimo era da infeliz e bella Maria Stuard, rainha da Escossia, assassinada por Isabel de Inglaterra. A rainha Victoria, trasendo este alfinete, prova não ser fatalista.

## BIBLIOGRAPHIA.

— NOTICIA DO ALCATRÃO MINERAL BETUMINOSO, das minas de Lobsann na Alsacia, e exposição das suas applicaçoes nas construcções Civis, Militares, e de Marinha: por *Julio Frederico* KOELER, Capitão do Imperial Corpo d'Engenheiros, e Membro da Directoria das Obras publicas da Provincia do Rio de Janeiro.

O Snr. *Koeler* acaba de fazer hum grande serviço á Architectura no Brasil, publicando esta Memoria: o alcatrão mineral pode substituir o vegetal em todos os seus usos, e tem muitos que lhe são especiaes.

Em chapas delgadas, pode servir para os tectos rasos, substituindo os telhados das nossas casas, que são tão pezados, caros e de difficil concerto e conservação. Si esta mesma cobertura é feita com chapas mais grossas, obtem-se terrassos bem vedados, que são tão preciosos em paizes quentes como o nosso. Estas mesmas chapas grossas podem formar os passeios das ruas mais commodos do que os lagêdos actuaes. Com o alcatrão mineral se betumam obras hydraulicas, fundem-se canos de conduzir aguas etc.

Acha-se na loja dos Snrs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77.

---

COMPENDIO DE MATHEMATICAS ELEMENTARES para uso dos Alumnos da Eschola d'Architectos Medidores da provincia do

Rio de Janeiro, por *Pedro d'Alcantara* BELLEGARDE, Major Engenheiro, Lente Director da mesma eschola etc.

O compendio de Mathematicas não é sómente appropriado para o fim da sua publicação. Depois de ter dado, e de uma maneira luminosa, os elementos de Arithemetica e Algebra, passa á Geometria: aqui muitas demonstraçoes são novas, e todas são filiadas com methodo particular. No que toca a este ramo das Mathematicas, muito ganharão especialmente, os Alumnos da Eschola Militar, da Academia de Marinha, da Aula do Commercio, etc., com o seu estudo. Passando depois o autor á Geometria analytica em que sé resolvem muitos problemas, que o não costumam ser em livros elementares, termina pelo desenho geometrico e Metrologia este interessante compendio, que se acha adoptado para a Eschola d'Architectos Medidores, para a Eschola Normal, para os exames da Eschola de Medecina, para o Collegio de Instrucção Elementar, e em muitos outros estabelecimentos de educação.

Acha-se na loja de Albino Jordão, rua do Ouvidor n.º 121.

---

— Pelas ultimas noticias, que recebemos da Europa, Mr. *Thiers* occupa-se muito em escrever a *Historia de Florença*, que elle espera acabar e publicar até o fim d'este anno. Oxalá si assemelhe ella á *Historia da revolução Franceza*, que terá a França mais um monumento de gloria moderno!

---

P. S. Os versos com que dedicamos a S. M. Imperial esta publicação, foram escriptos no *Album* do Mesmo Augusto Senhor pelo Dr. D. J. G. Magalhães.

— O artigo *O Brazil em* 1839 estava escripto e composto antes de 16 de abril: impossivel era retiral-o.

---

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
*Rua do Hospicio n.* 66.

# HISTORIA.

## ELEIÇÕES EM FRANÇA E EM INGLATERRA, SUA INFLUENCIA E SEUS ULTIMOS RESULTADOS.

Depois que a batalha de Waterloo, essa lutta da Europa contra um guerreiro, restituiu a paz ao continente e franqueou á Gram-Bretanha os portos do commercio; as naçõ̃es, cançadas de combattes, parecem haver conspirado tacitamente para manter essa paz comprada tão caro. O horror da guerra, a necessidade do descanço, eis o character actual da civilisação européa. O fim de todos os esforços já não é hoje nem a gloria nem a conquista, é sim a accumulação das riquezas por meio dos aperfeiçoamentos da industria. Sabemos emfim o que valem essas guerras tão ardentemente emprehendidas e de que os povos se arrependem com o tempo. Outr'ora o enthusiasmo da honra arrastrava as naçõ̃es á carreira das batalhas; hoje a necessidade dos gozos e o desenvolvimento da razão publica têm tirado seu prestigio a esse phantasma mortifero. Buscamos triumphos que nos custem menos caro; queremos conquistas que não sejam compradas com o sangue de nossos filhos, e cujos fructos possam ao mesmo tempo augmentar o nosso bem-estar e os nossos prazeres.

Esta tendencia é sobre tudo notavel entre as naçõ̃es que vivem debaixo do regimen representativo: ahi nada póde comprimir o espirito publico; elle se manifesta em toda a sua força, com toda a sua energia. Stortings da Suecia, Dieta helvetica, Camara dos representantes belgas, Camara dos deputados de França, Parlamento britanico, até as reuniõ̃es das Côrtes offerecem ao observador o mesmo espirito pacifico, a mesma sol-

licitude pelos interesses materiaes, a mesma repugnancia pelos azares da guerra. Quando rebentou a revolução de 1830, quando o elemento democratico, comprimido durante quinze annos pela Santa-Alliança, tomou seu vôo, esperava-se por uma conflagração geral: os thronos estavam vacillantes, o povo acabava de reconquistar o seu poderio. O que acconteceu? Depois dos primeiros impetos de effervescencia, por toda a parte se curou com mais actividade que nunca de melhoramentos internos, de projectos financeiros, de estradas, de canaes. Famosa lição para os despotas e para as monarchias absolutas! a ordem e a moderação vinham de baixo (1). A' medida que o radicalismo ia se approximando do poder, tornava-se mais circumspecto e menos absoluto em seus principios, emquanto que o partido conservador era forçado a reconhecer, muito tarde para sua influencia, que não se podem encadear ao passado os destinos de uma naçao, e que a sciencia politica deve mudar com o tempo, variar com as circumstancias.

Uma vez traçado o caminho, os dous partidos extremos se deixaram arrastrar, e hoje o partido prudentemente innovador é o unico que domina na Europa. As eleições quasi simultaneas da Inglaterra, da França e da Hespanha vêm corroborar esta opinião: todas ellas foram a favor do progresso e da moderação.

Sem duvida os resultados de uma eleição geral representam raras vezes a opinião individual dos eleitores; mas são a expressão do sentimento vago das massas. N'essas solemnidades populares, nós o sabemos, se patentêam a ignorancia em sua fealdade, a estultice em seu orgulho, a venalidade em seu descaramento, a crapula em seu opprobrio e devassidão. É o egoismo, a astucia, a sensualidade sem disfarce. Que importa! penetrae intimamente n'esses mesmos movimentos que vos indignam, levantae esses envoltorios: o amor do paiz, o progresso da civilisação mostrar-se-hão a vossos olhos. Essa escuma cuja turbulencia vos assusta, cuja grosseria é para vós um motivo de des-

---

(1) Na sessão de 1837, o parlamento britanico promulgou 132 bills relativos ás vias de communicação ou aos melhoramentos internos. Quanto á França, vêde o resumo dos trabalhos da camara de 1830 a 1837, publicado recentemente pelo Snr. Dupin. Os relatorios da administração belga, durante o mesmo periodo, indicam a mesma tendencia; e a Hollanda mesma, apezar de seu ar bellicoso, abraçou com ardor o novo systema que assignalamos. Tendo só pouca cousa que fazer na Europa, o governo dos Paizes-Baixos voltou toda a sua sollicitude para as suas colonias, que se acham hoje no estado o mais florescente.

prezo, encobre um manancial de beneficios publicos. As intelligencias são excitadas, o patriotismo desperta. N'este mundo, aquillo que mais honra a humanidade necessita, para obrar e se desenvolver, de uma liga e de uma fusão com motivos e idéas de outro genero. É já muito que taes pensamentos se avivem e se conservem em nós. Alimentemol-os, protejamol-os com amor. N'essas batalhas dos partidos, a energia se desenvolve, o egoismo e o patriotismo luttam ás claras; e, si os defeitos da nossa especie se mostram a descoberto, suas qualidades brilham, e a popularidade, e a evidencia do theatro em que se ellas mostram, lhes imprime mais potencia e audacia. Não vos assusteis pois d'esse tumulto de alguns dias, drama de populaça, charlataneria de desordem; ide mais longe: vêde o que lhes succede, o que lhes sobrevive. Sem duvida são ahi mal comprehendidos os principios da economia politica; as senhas são decepções, as illusões são numerosas, os preconceitos conservam seu poder; mas vêde que materiaes se preparam no seio d'esse chaos! são elementos de ordem, de melhoramento.

A despeito de si mesmos, os sustentadores do absolutismo se deixam invadir pelo genio da civilisação que os importuna e cerca de todas as partes. É cousa digna de admiração esse movimento a que nada se póde oppôr: seus mesmos inimigos o servem por seus exforços para reprimil-o, e por seus artificios para illudil-o. Vêem-se estadistas, cujos principios todos são erroneos, concorrer para a obra da emancipação e da paz, como esses cegos que desempenham sua tarefa por necessidade ou por habito.

Os dous paizes que se acham á frente da civilisação européa, a França e a Inglaterra, marcham ambos com passo desigual e muitas vezes incerto na via do governo representativo. Mas a analogia apparente que um observador superficial descobre entre a França e a Inglaterra occulta profundas dissidencias. Procuremos descriminar essas differenças pouco sensiveis, comparando o systema eleitoral de ambos os paizes, seus resultados recentes e seu porvir provavel; estudo que merece toda a nossa attenção.

Em França, desde 1830, a questão da eligibilidade e a do suffragio, entregues á sanha dos partidos, parecem-nos ter sido mui incompletamente tratadas. Escutae a uns: a massa inteira da nação tem o direito de nomear seus representantes; os outros affirmam que todos os individuos que compoem essa massa

deveriam poder ser deputados. Dae attenção a estes : o direito eleitoral não é um privilegio, mas sómente uma funcção publica, exercida pelo pequeno numero para a vantagem de todos : soluções pouco satisfatorias de um problema mui complicado, resultados absolutos que não concordam com a verdadeira politica, nascida da observação e da experiencia. Qual é a situação moral e intellectual da França? Em que circumstancias se acha ella? É o que convêm examinar. As theorias não são nada em comparação das necessidades e dos factos.

Antes de 1830, a corôa absorvia todos os poderes. Creadora de pares hereditarios, nomeando os ministros, os prefeitos, os concelhos geraes e municipaes, luttava com vantagem contra a camara dos deputados, unico poder electivo, annullado alêm d'isso pelo duplicado voto e pelo privilegio que a si reservava a corôa de nomear os presidentes dos collegios eleitoraes. O *budget* nacional ficava submettido a uma verificação illusoria, e o *budget* particular não era subjeito a verificação alguma.

Em consequencia da insurreição de julho, todas as posições usurpadas pelo governo, ou contestadas pelo povo, foram tomadas pelo poder electivo. A camara dos deputados assumiu a iniciativa que lhe havia sido recusada pela carta de 1814. Esta assembléa, despida havia pouco de toda autoridade real, as circumstancias a investem de um poder constituinte ; eil-a encarregada de crear uma carta, uma dynastia. A nação se levanta em massa, organisa seus batalhões, nomêa seus chefes militares e vigia ella propria na conservação da nova França que acaba de nascer: a eleição é a palavra sacramental do codigo regenerado. Acima do poder executivo paira a opinião, força inteiramente moderna, verdadeira delegada das sociedades. Sem representar exactamente todos os interesses, sem offerecer a rigorosa applicação do mesmo principio, o systema eleitoral que rege a França, e que se encontra em todos os graus da escala politica, na guarda nacional, nos concelhos das commuus, nos concelhos dos departamentos, e emfim no corpo eleitoral propriamente dito, multiplica quanto é possivel as garantias da liberdade.

O que é a guarda nacional? A democracia armada, conservando toda a sua força e subjeita á disciplina, que duplica a força. Todos os Francezes, á excepção dos magistrados, dos empregados publicos e dos condemnados que a lei infama, devem seus serviços á guarda nacional desde os 20 annos até 60 ; os

operarios, artifices, criados, que formam a porção mais turbulenta d'esta democracia, são lançados na reserva e não são chamados ao serviço sinão nas épochas de invasão extrangeira ou de guerra civil. O serviço ordinario é feito pelos cidadãos que pagam imposto, e, alêm d'isso, obrigados a fardar-se, armados pelo estado, organisados em companhias, batalhões e legiões, ao patriotismo dos quaes se acha confiada a protecção da carta. Esta immensa assembléa de cidadãos armados elege seus proprios officiaes para os postos inferiores, por eleição directa, para os postos superiores, por eleição indirecta combinada com a sancção regia.

Esta lei não fez mais que sanccionar e regularisar o movimento de 1830. Antes do 22 de março de 1831, 3,572,924 cidadãos tinham tomado armas; em 1832, o recenseamento poz na reserva 1,947,846 homens, e no serviço ordinario 3,781,206 guardas nacionaes, o que formava um total geral de 5,729,052 homens debaixo de armas. O receio da guerra civil fez primeiramente suspender a organisação da guarda nacional em 2,482 communs pertencentes a 17 departamentos. Em novembro de 1832, 390 d'estas communs foram autorisadas a armar-se. Póde-se avaliar hoje em 6,000,000 o numero dos cidadãos inscriptos nos registos da guarda nacional.

Imaginae esta immensa população eriçada de baionetas, espalhada pelas 37,000 communs da França e exercendo simultaneamente todos os tres annos a potencia electiva, verdadeiro elemento republicano. N'esse momento de crise, o poder supremo desce á posição de candidato e se humilha ante o poder popular. Em 1832, só a organisação das communs urbanas se compunha de 86 legiões, comprehendendo 229 batalhões ou esquadrões, e 587 outros batalhões ou esquadrões não incorporados; a das communs ruraes consistia em 12,124 companhias isoladas, e 4,025 subdivisões de companhias; total, 1,871,073 homens. As organisações cantonaes ou associações de communs ruraes se elevavam, na mesma época, a 34 legiões, comprehendendo 158 batalhões ou esquadrões, e 2,218 batalhões isolados: total, 1,823,928 homens. Com 20 officiaes superiores ou inferiores por 100 homens, chega-se a um resultado que 700,000 cidadãos são investidos pela eleição da autoridade militar; mas esta democracia, que se torna senhora de tão grande poder, ainda não teve tempo de conseguir o grau de educação que o exercicio d'este poder suppõe: « A boa vontade não fal-

tou em parte alguma, dizia o Snr. d'Argout no seu relatorio, mas houve falta de pessôas proprias para completar as organisações. » Assim a guarda nacional leva muito adiantamento á educação nacional, e a instituição, como muitas vezes acontece, excedeu os misteres do povo.

Conhece-se que elementos perigosos e tambem civilisadores ha em uma instituição d'este genero. A obra do nivelamento começada pelas guerras da revolução, continuada pela conscripção, se termina rapidamente sob a influencia da guarda nacional. É mui fraca a capacidade exigida dos officiaes inferiores, para que cada qual não tente alcançal-a. Nos departamentos de Leste, departamentos guerreiros, expostos á invasão e onde a memoria de Bonaparte é o objecto de um culto, a guarda nacional tem eleito para chefes a homens hostis ao systema pacifico e pouco dispostos a favorecer as intenções repressivas do governo. Quasi todas as grandes cidades onde foi licenciada a guarda nacional pertencem ás fronteiras de Leste: taes são Beaucaire, Grenoble, Lyon, Châlons-sur-Saône, Colmar. Nos dezoito mezes que seguiram a promulgação da lei foram publicadas quarenta ordenanças de dissolução; é verdade que onze d'essas ordenanças se dirigiam, não ao corpo inteiro, e sim a uma ou varias companhias da commum.

No Sul, onde são extremas as opiniões, onde a recordação das guerras civis e religiosas é ainda flagrante, eis como se acha repartida a força social: os mercadores, os manufactureiros, os proprietarios abastados sustentam, em geral, a monarchia actual; todos os grandes proprietarios e a massa catholica inferior se ligam ás idéas legitimistas; os pequenos proprietarios, que formam o nucleo da guarda nacional, se unem aos operarios das cidades e affectam opiniões mais ou menos republicanas. N'essas comarcas, as eleições dos officiaes da guarda nacional têm portanto sido más, e foi muitas vezes necessario suspendêl-a ou dissolvêl-a. No Oeste, theatro da guerra dos Chouans, os districtos ruraes, que deixaram que se lhes impozesse, mas sem aceital-o, o novo governo, foram privados d'esta instituição, cujo uso se acha circumscripto ás cidades. Foram os departamentos do centro e os cantões manufactureiros do Norte que forneceram ao gabinete de 13 de março seus partidarios os mais numerosos e os mais dedicados.

Entretanto ha sempre, na instituição mesmo da guarda nacional, um elemento activo de democracia que excede o movi-

mento dos collegios eleitoraes. Sómente em Pariz se viu a guarda nacional abraçar com energia a defesa do novo governo e oppôr á agitaçao republicana uma resistencia obstinada: 80,000 homens perfeitamente armados, disciplinados, manobrando bem, sustentaram durante seis annos o combatte a favor da autoridade legal. Hoje esse exercito municipal forma um quarto poder, igual pelo menos a seus rivaes: seu zelo arrostou tudo, até o ridiculo. Debalde attacada pelos partidos, que aviltavam com o titulo de *especieiros-janisaros* esta milicia que os havia vencido, ella conquistou um poder enorme de que poderia abusar e de que no emtanto não abusa. Muito circumspecta em todas as suas relações com os poderes governantes, habituou-os ao receio, e estes se applicam em presentir as opiniões que ella abraça; sua opposição surda paralysou mais de uma intriga de côrte: foi ella que forçou o poder a renunciar o estado de cerco e os fortes destacados. Deve confessar-se, o unico limite do poderio conquistado pela guarda nacional é a sua propria discrição: ella é para o governo o que o governo é para a capital e o que Pariz é para a Franca. Si este corpo armado se declarasse hostil á administração, a administração cahiria na mesma hora. A experiencia de 1830 provou que dissolver a guarda nacional é preparar uma revolução; obstaculo formidavel e util sem o qual o poder executivo seria tentado a recorrer ás medidas oppressivas; contrapeso vigoroso, o unico talvez que se possa oppôr com successo a um governo que dispõe do exercito; grande força democratica opposta a uma grande força executiva.

Si a democracia de Lyon, Grenoble, Marseille, Montpellier, pende para o republicanismo, a de Pariz, pelo contrario, representada pela guarda nacional que comprehende todos os que pagam imposto, desde o pequeno mercador por varejo até o membro do Instituto, tem-se mostrado favoravel ao justo-meio. Suas eleições têm repellido os inimigos da monarchia e levado ao grau de officiaes uma maioria ministerial unida a uma minoria de opposição moderada. Porque? é que a democracia parisiense é na realidade uma aristocracia em presença da França. Esta grande cidade, que é olhada como um arsenal de revoluções, é, a fallar verdade, um centro de resistencia. Marchando na vanguarda da civilisação, sua população sagaz e ardente quer a ordem primeiramente, depois a paz e a liberdade. Accrescentemos que a guarda nacional, for-

necendo um certo numero de homens capazes de fallar, de obrar e de dar um impulso, tem entretanto por massa principal uma multidão de interesses privados e de pequenos egoismos, difficeis de sublevar a favor dos projectos temerarios ou muito arriscados.

Depois da guarda nacional, a mais forte posição da democracia em França é o governo municipal, nascido como ella do impulso revolucionario de julho, e apenas modificado em sua tendencia pela reacção de 13 de março.

O numero dos eleitores creados pela lei municipal é quasi igual ao dos guardas nacionaes em serviço activo: eleva-se a 2,873,082 cidadãos. Talvez se queira presumir que esta multidão de suffragios dá uma preponderancia excessiva ás massas ignorantes e á democracia cega. Mas, cousa singular! si de mais perto se examina esta lei, acha-se que a prerogativa eleitoral, algumas vezes muito rebaixada e muito reduzida, algumas vezes, em desforra, muito extensa e muito ampla, estabelece assim uma especie de compensação muito perigosa. A commum é alternativamente uma grosseira democracia e uma aristocracia estreitamente local, cujos interesses nem sempre são identicos aos da communidade.

A commum, tomando o estado por modelo, se regula a si mesma; tem sua assembléa deliberante, seu concelho municipal e seu poder executivo, composto do *maire* e de seus adjunctos. Delegado do estado e representante da commum, este magistrado municipal, nomeado pela corôa nas communs que têm mais de 3,000 habitantes, e pelos prefeitos nas que têm menos, fórma o ultimo annel administrativo d'essa grande cadêa que desce do ministro ao prefeito, do prefeito ao subprefeito e d'este ás autoridades locaes. Mas, como o rei não póde escolhêl-os sinão de entre os membros do concelho municipal nomeados pelos corpos eleitoraes, vê-se que todo o poder da commum tem a sua origem na eleição popular.

O elemento democratico entrou muito mais vivamente no systema eleitoral das communs do que no systema eleitoral propriamente dito: em vez de ser eleitor aos 25 annos sómente, começa-se a sêl-o aos 21; e não só a *capacidade* do individuo, como a relação proporcional da população entra aqui em linha de conta. O principio fundamental da lei é conceder o voto aos mais *tributados*, cujo numero deve igualar e decima parte da população nas communs de 1,000 habitantes

e abaixo; é de 5 eleitores por 100 habitantes para as cidades que contam menos de 5,000 e mais de 1,000 almas, de 4 eleitores por 100 para as populaçōes de 5 a 15,000 almas; em fim de 2 eleitores por 100 cidadãos, quando a cidade conta 15,000 almas. A esta lista de eleitores se unem o que se chamam *capacidades*, isto é, todos aquelles que, por seus serviços e sua profissão, parecem dar uma garantia intellectual. Os rendeiros e quinteiros gozam de uma concessão particular; o terço do imposto cobrado sobre a terra que elles cultivam lhes é computado como si fôssem proprietarios: finalmente, ultima garantia dada á individualidade das communs, o numero dos eleitores nunca póde ser de menos de trinta, posto que em grande numero d'essas communs se contem menos de 300 habitantes.

Não é possivel que alguem se illuda acerca do espirito d'esta lei, que outorga tudo ás populaçōes ruraes e quasi nada ás populaçoes das cidades; estas ultimas só inspiram desconfiança, e os habitantes dos campos são tratados com uma generosidade pelo menos imprudente. Pariz, que se acha submettida a uma organisação especial, só conta um unico eleitor por 42 habitantes, e o mais miseravel logarejo de França contêm, guardada toda a proporção, tres vezes tantos eleitores quantos as grandes cidades e cinco vezes tantos quantos a metropole. Por um processo contrario á ordem natural das cousas, as mais ignorantes aldêas dos departamentos, as mais pobres são as que contêm o maior numero de eleitores. Si a superioridade pecuniaria está toda no systema eleitoral propriamente dito, acha-se ridiculamente sacrificada pela lei municipal. Não é absurdo que uma quota de 15 centimos confira o direito de suffragio n'uma commum do departamento do Var, e que em Rouen seja mister pagar 175 fr. 28 c. e em Pariz 200 fr., para ter o direito de entrar para o concelho municipal? Ha em França dezenove departamentos em que o imposto communal desce a menos de 1 fr., e doze em que diminue até 10 soldos: qual é o effeito da lei? é que, nas communs ruraes, votam quasi todos os tributados, emquanto que, nas cidades, só votam os mais tributados; a ignorancia e a pobreza fornecem assim o maior numero possivel de eleitores.

Este systema admitte ou exclue alternativamente as classes inferiores ou medias, conforme as localidades: o operario do campo goza dos direitos civicos, o operario da cidade não tem

nem direito civico nem direito politico; disposição tanto mais injusta quanto são precisamente as classes laboriosas das cidades que pagam mais impostos. Tem uma commum rural precisão de dinheiro para uma eschola ou uma estrada? cada um dos tributados supporta a sua parte proporcional dos *centimos addicionaes*; a illuminação, o calçamento e a vigilancia das cidades, pelo contrario, são mantidos por fundos alimentados pela taxa e por uma multidão de direitos com que carregam as classes laboriosas. Em Pariz, um operario paga ao fisco 80 ou 100 fr. por anno, e este sacrificio que elle faz sobre as necessidades de sua vida não lhe dá o privilegio de ser representado no concelho municipal. Teria havido justiça em ser o numero dos eleitores municipaes mais consideravel nas cidades do que nos districtos ruraes; porêm o espirito das cidades assusta: todo o mundo se lembra da commum de Pariz.

Um duplo movimento veio influir sobre a creação d'esta lei: primeiramente o impulso democratico a que está a França submettida, depois o desejo secreto de restringir esse movimento. Accrescentemos mais que, em vez de servir-se aos interesses das localidades ou aos do Estado, tentou-se, como muitissimas vezes accontece em França, obedecer ás opiniões da maioria; opiniões singularmente contradictorias, revolucionarias na substancia, porêm impregnadas do terror que lhes inspira a antiga revolução.

As populações ruraes estão bem distantes, em materia de educação, das populações urbanas: as primeiras ainda se não poderam elevar acima do ciume acanhado e do miseravel odio excitados pelos abusos do antigo regimen; as segundas, avidas de direitos politicos, consultando a opinião, amando a liberdade, sabem exercer seus direitos e conserval-os. Porque phenomeno e porque extravagancia se engrossou desmedidamente a preponderancia das communs pouco civilisadas, pouco civilisadoras, para se diminuir a dos centros de civilisação? Os logarejos os mais insignificantes terão todavia sua assembléa deliberante! Serão necessarios para 500 habitantes, e até para menos, 10 concelheiros municipaes privados dos elementos da sciencia administrativa, sem interesses maiores que discutir, sem capacidade real; este logarejo, cujos *maires* e adjunctos apenas sabem ler e escrever, vae pois governar-se por si mesmo! É possivel fazer mais desgraçada applicação do espirito democratico? Tal commum rural, que não possue 10 fr. de

renda annual, administrará seus negocios segundo o mesmo principio que a cidade de Pariz com sua renda de 50 milhões, somma que excede a renda de todas as communs ruraes ao mesmo tempo. O pequeno negocio, o grande commercio, as manufacturas, o exercicio das profissões sabias, estão quasi inteiramente concentradas nas cidades; e é aos districtos ruraes que se pedem os individuos necessarios para 36,000 assembléas deliberantes! O espirito d'essas communs ignorantes rege necessariamente seus concelhos municipaes; 13,000 de entre ellas têm recusado fundos para o estabelecimento de escholas nas parochias. Algumas communs do departamento do Norte não têm querido reparar os caminhos vicinaes, pela excellente razão que seus paes passaram bem sem elles. Pelo quadro seguinte, se formará um juizo da repartição da renda das communs em França, e de quão poucas ha que tenham um grande interesse na gestão de seus negocios. Acham-se n'este paiz:

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 3,528 | communs | tendo menos de | | | 100 fr. | de renda ord. |
| 5,196 | ,, | tendo de | 100 | a | 200 | idem. |
| 10,091 | ,, | ,, ,, | 200 | a | 500 | id m. |
| 16,742 | ,, | ,, ,, | 500 | a | 10,000 | idem. |
| 386 | ,, | ,, ,, | 10.000 | a | 30,000 | idem. |
| 173 | ,, | ,, ,, | 30,000 | a | 100,000 | idem. |
| 87 | ,, | tendo mais de | | | 100,000 | idem. |

De que serve este gramde apparato de direitos eleitoraes, de eleições, de assembléas, de deliberações, a essas 10,000 communs, cada uma das quaes não é assaz rica para pagar um guarda campestre ou subscrever para o *Boletim das Leis*? não se acha, mesmo na maioria das outras communs, uma desproporção enorme entre o objecto que se pretende conseguir e os meios que se empregam? É a alavanca de Archimedes posta em acção para deslocar uma gaiola ou levantar uma palha.

Em Inglaterra, onde a desigualdade das classes e das fortunas se faz mais vivamente sentir do que em França, o estado intellectual do povo estabelece o nivel das capacidades politicas. Em França, pelo contrario, as fortunas estão muito mais igualmente repartidas, as luzes muito mais desigualmente. Ha tanta differença entre as cidades de segunda ordem e Pariz, como ha entre essas mesmas cidades e as communs ruraes. «Em tal commum, diz M. Thiers, os regulamentos prohibem que se venda peixe em outra parte que nos mercados obrigados: ha uma em que a faculdade de vender e comprar pertencia exclusivamente

a vinte e duas familias, e a administração teve de luttar muito tempo antes de conseguir reformar este absurdo privilegio. N'uma das primeiras cidades de França, prohibe-se a todo individuo ter aves em sua casa no domingo; n'uma outra, confisca-se tudo o que é vendido fóra do mercado. Certa cidade tem a tyrannia de exigir que todos aquelles que vendem carne sejam alojados, elles e suas familias, no matadouro. Sob a legislação actual, com nossa unidade administrativa, ainda apparecem estes ultimos vestigios do feudalismo; com quanta potencia renasceriam elles d'este systema de retalhamento! »

Não penseis que estas vantagens dadas ás communs asseguram em França a independencia municipal, tão prezada pelos Inglezes. A commum franceza, pelo contrario, subjeita á lei do anno VIII, não póde, apezar de sua apparente importancia, nem regular o seu budget, nem contrahir emprestimos, nem sustentar processos, nem regular seus interesses sem o concurso do estado. A par de uma liberdade quasi federal se acha collocada uma centralisação absorvente; dous elementos hostís: um forte pela violencia, o outro poderoso pela ordem que estabelece e pela disciplina á que subjeita tudo. A maior parte das novas leis pendem para um ou para outro lado; o combatte começou, a carreira está aberta. Deus sabe a quem ficará a victoria!

Temos até aqui visto o elemento democratico senhor das principaes posições da politica franceza, contrariado, é verdade, em suas tendencias, ou pelos ciumes do poder, ou pelos habitos imperiaes, mas emfim disposto a estender sua dominação sobre o presente e sobre o porvir; lancemos agora nossos olhos sobre outro ramo das mesmas instituições, ramo *aristocratico* ou que pretende sêl-o.

Foi com uma intenção inteiramente aristocratica que se crearam os concelhos geraes dos departamentos. Elles não são da mesma data nem da mesma origem que a guarda nacional e concelhos municipaes. A camara dos deputados, que lançou as bases do novo governo, serviu de berço commum á lei sobre a guarda nacional, á lei municipal, á lei que redusiu os pares á nullidade. A camara dos pares, pelo contrario, condemnada a ratificar todas as conquistas da democracia, reservou para si a formação dos concelhos geraes instituidos á sua propria imagem e em seus proprios interesses; foi mesmo mais longe do que houvera querido o governo, e fez uma guerra surda ao espirito democratico. Pelos termos da lei em vigor, todo

*concelho geral* se compõe de um numero igual ao dos cantões de um deportamento. A eleição tem logar na cidade principal do cantão ; o corpo eleitoral se compõe de eleitores que pagam 200 fr. de imposto , dos cidadãos inscriptos na segunda lista do jury, emfim , nas localidades que não têm 50 eleitores, dos cidadãos mais tributados. Esta massa de eleitores, que se eleva pelo menos a 235,000, nomêa os concelhos geraes e os concelhos de districtos. Os concelhos geraes não vêm a ser outra cousa sinão camaras de pares em miniatura. São nomeados por nove annos; e, como a assembléa é renovada na terça parte, a maioria permanece intacta e arrosta as variações da opinião publica , assim como as modificações do corpo eleitoral. No departamento do Sena, a lista dos eleitores muda de dez em dez annos , em consequencia do movimento da população ou das mudanças de propriedades e de fortunas; cada anno, uma decima parte dos antigos eleitores dá logar a um numero igual de novos votantes. Ainda quando esta proporção não fôsse igual para o resto da França, e suppondo que a renovação do corpo eleitoral nos departamentos exigisse quinze annos, é certo que esta variação progressiva torna illusorio o que se chama representação , faz d'ella uma ficção legal, e vem a dar n'este resultado que o deputado, nomeado pelos constituintes que outr'ora representava, não representa por fim mais ninguem quando têm desapparecido esses constituintes.

Sem duvida o concelho geral de um departamento não é uma camara de deputados : elle não faz leis, não derriba ministerios; porêm vota um budget e pronuncia sobre certos interesses graves. Os eleitores, que verificam o procedimento da administração pelo intermedio de seus representantes, são interessados em exercer a mesma verificação sobre estes ultimos ; mas, si o eleitor perde o seu direito de eleição antes de ter o eleito terminado a sua carreira official , a verificação de que fallamos é illusoria.

Accrescentemos que se deu demasiada preponderancia ao espirito de localidade, sob pretexto de crearem-se novos interesses e centros. Entretanto tratava-se da França, paiz onde, como o havemos dito, as luzes estão muito desigualmente espalhadas, onde a civilisação politica está em seu berço , e onde se devêra arrancar os eleitores á estreita influencia dos preconceitos locaes, ao egoismo da parochia, a essa personalidade acanhada que raras vezes sahe do recinto da aldêa para se ele-

var até os interesses geraes. As assembléas de districto offerecem, para a eleição dos membros do concelho geral, a mesma desvantagem que os collegios eleitoraes para a nomeação dos deputados. Elles commovem e suscitam todas as paixões, todos os interesses mesquinhos, tudo o que ha de acanhado e local; emfim a eleição se acha equilibrada de um lado pela massa dos grandes proprietarios, e de outro pela dos pequenos proprietarios ciosos.

Podia-se esperar que as *capacidades* introduzidas no corpo eleitoral, elemento util e novo, exercessem benefica influencia sobre os concelhos dos departamentos: este principio vivificador se achou de repente neutralisado. Nas questões politicas, os concelhos geraes estão menos adiantados, ou si querem, menos decididos do que a mesma camara dos deputados. As differentes graduações da opposiçao ahi se acham fracamente representadas. Não ha talvez sinão o departaímento do Sena onde a maioria do concelho geral possúe uma côr mais pronunciada do que a da camara. Em quasi todos os outros departamentos, a opinião ministerial tem prevalecido. Com effeito, são os grandes proprietarios que têm tudo dirigido; e estes ultimos, por um desejo bem natural de conservação e de estabilidade, se inclinam ao que existe: digamos tambem que os 17,000 votantes, que devem seu titulo á sua posição intellectual, são para os eleitores nascidos do imposto como 1 é para 12; proporção demasiadamente fraca para modificar o estado das cousas.

Mas tem ao menos este systema eleitoral produzido bons instrumentos de administração? não. Os documentos officiaes que nos dão os resultados dos trabalhos executados pelos concelhos geraes e a analyse de seus votos estão longe de fallar em seu abono. Nem uma unidade politica, poucas vistas de interesse geral. Estes querem uma reforma do codigo eleitoral, aquelles um melhoramento do systema das prisões, outros um aperfeiçoamento da theoria do imposto; todos concordam em pedir ao governo o mais que é possivel de fundos, e em reclamar contra os impostos de que os querem sobrecarregar. Digamos comtudo que a experiencia lhes chega gradualmente. Quanto mais marcham n'esta estrada politica, tanto mais renunciam o fallar de seus votos, de seus desejos, de seus pezares, para se occuparem um pouco de seus verdadeiros interesses. Em 1835, viam-se elles invadirem, quanto em

si cabia, as attribuições das camaras e dos ministros; agora começam a restringir-se em seus verdadeiros deveres, vão-se pouco a pouco impregnando d'esse espirito de corporação que torna tão fortes as municipalidades inglezas. A vaidade provincial que os levava a sacrificar tudo para construirem um palacio de prefeito, um seminario, um peristylo de tribunal, vae-se apagando gradualmente: os centimos variaveis e os centimos facultativos se applicam em geral ao tombo, ás escholas primarias ou ao melhoramento das estradas. Pouco adiantadas em economia politica, estas assembléas, quando precisam de dinheiro para grandes trabalhos publicos, preferem um augmento de imposto a um emprestimo que offereceria a vantagem de empregar um capital extrangeiro ao melhoramento do solo. Procurando-se resumir os characteres politicos que distinguem estas reuniões provinciaes, reconhecer-se-ha n'ellas primeiramente o interesse local, uma certa prudencia, viva sollicitude pela prosperidade material da França e o mais completo olvido de sua grandeza moral. Não lhes falleis das letras e das artes; pouco lhes importam ellas. N'um dos departamentos do Sul, o presidente do concelho geral, homem instruido, pediu 3,000 fr. de fundos applicaveis á bibliotheca da capital: sua proposição foi mal recebida. « Que nos importa isso? » perguntaram os membros eleitos pelos cantões mais remotos, que não visitam a sua capital sinão duas ou tres vezes por anno. A somma foi votada, porêm com a clausula expressa de que tal precedente não poderia ter nem uma influencia para o futuro, e que a somma era votada por consideração ao presidente. A lei (desazo e contrasenso mui extravagantes!) prohibiu aos periodicos que dessem conta das deliberações dos concelhos geraes; mas toda instituição que descança sobre a eleição acarreta a sua publicidade, e os concelhos geraes escaparam a essa intimação malgeitosa, publicando suas proprias deliberações.

Conforme o que acabamos de dizer, o mal da França, esse mal occulto que os publicistas indagam com tanto cuidado e com tão pouco successo, não está (como dizem uns) na tendencia democratica, nem (como pretendem outros) na resistencia do governo ao progresso da sociedade. O mal consiste precisamente no conflicto d'essas tendencias oppostas que se contrariam em vez de se regularisarem, que não se moderam nem se ponderam uma pela outra; da qual uma arrastra para o governo das massas o carro aventuroso do Estado; e a outra é estacio-

naria até a reacção: aqui, elemento popular; ali, elemento aristocratico. A par de uma centralisação absorvente, um espirito de localidade cego, acanhado e a que se dá incitamento. Não é sómente uma mistura de principios oppostos: traçam-lhes a cada um sua esphera, seu imperio; estabelecem-os de posse de dominio fixo onde podem a seu grado desenvolver-se e estender-se. O governo imperial subsiste pela centralisação, os ciumes provinciaes do antigo regimen se mantêm; o espirito republicano sobresahe naturalmente do modo eleitoral que tende ao sufragio universal. Admitte-se o poderio das capacidades; expulsas de todas as posições politicas, ellas se refugiam na imprensa d'onde não cessam de aggredir o poder. O espirito local das provincias lutta contra Pariz; como até aqui não ha nos departamentos sinão um fraco movimento de liberdade politica, como todos os intuitos de seus principaes se concentram no interesse material, d'ahi resulta um genio singular, estacionario e cioso que assume importancia e que não produz grande cousa, que detesta Pariz e que é forçado a submetter-se aos arestos da capital mais illustrada e mais activa.

Assim as constituições d'estes povos, que crêem fazer tudo *ab ovo* sobre um plano philosophico, se acham definitivamente muito menos regulares e menos unidas do que aquellas cuja elaboração tem sido confiada ao tempo, aos costumes, ao progresso natural das cousas. Em vez de abusos inveterados, junto aos quaes a experiencia e o uso vêm collocar remedios, achaes n'essas constituições improvisadas vicios primitivos e novos contra os quaes não se sabe como precaver-se, cujo funesto desenvolvimento se opera cada dia e que trazem comsigo uma lição tardia.

Occupemo-nos agora com a eleição dos deputados; esse é o ponto culminante do systema eleitoral em vigor na França. De 1789 a 1814, a eleição foi indirecta: os cidadãos activos nomeavam os eleitores, os quaes tambem nomeavam os deputados. A eleicão directa, estabelecendo entre os eleitores e os deputados relações immediatas, substituiu por um governo verdadeiro a sombra do governo republicano ou consular que desde vinte e cinco annos tinha pesado sobre a França. Havia-se primeiro fixado em 300 fr. o censo eleitoral, com a intenção de formar-se um exercito de 120,000 eleitores, numero que não tardou a diminuir pela subdivisão constante das propriedades. Em 1830, tinha elle descido a 94,000. No espaço de dez annos,

a massa dos eleitores que pagavam mais de 1,000 fr. tinha diminuido de um terço, de um quarto os que tinham mais de 500 fr., e de um quinto aquelles que eram taxados de 100 a 500 fr. Em 1827, só se contavam 15,000 candidatos que pagavam 1,000 fr., taxa legal da eligibilidade, e 40,000 eleitores sómente que pagavam 500 fr. O principio da repartição das terras e a destruição das grandes fortunas deviam conduzir a esse resultado que tornava inevitavel uma revolução. Depois de 1830, o primeiro passo da democracia foi a diminuição do censo que desceu a 200 fr., tal era a ignorancia politica da época, ignorancia que não tem minguado muito, que se esperava então, unindo aos tributados em 200 fr. as capacidades inscriptas na segunda lista do jury, obter-se 230,000 eleitores. Porêm não se quiz admittir como capacidades sinão os membros do Instituto e os officiaes a meio soldo, dos quaes se exigia sómente uma contribuição de 100 fr. em vez de 200.

Em 1834 e 1835, tudo o que se pôde obter por este systema foram 184,316 eleitores. Só a duodecima parte d'esta massa pertencia ao departamento do Sena que conta 16,000 eleitores, emquanto que a Corsega não conta sinão 305. Por uma d'essas anomalias tão frequentes nas iustituições francezas, a deputação repousou sobre uma duplicada base contradictoria: é a riqueza proporcional que decide do numero dos eleitores, emquanto que o dos deputados é proporcionado á população. O departamento do Norte conta 1 eleitor por 153 habitantes; o de Doubs, 1 eleitor por 255, e o do Indre, 1 por 224. O departamento do Sena, que contêm 53 vezes mais eleitores do que a Corsega, nomêa quatorze deputados sómente e esta ilha nomêa dous. Nós o dissemos, a população dos campos foi extremamente favorecida com detrimento das cidades, isto é, o sacrificio feito á maioria numerica se achou inteiramente illusorio, pois que essa maioria gozava de uma civilisação incompleta e não representava a verdadeira força vital da nação. Os costumes politicos estão tão pouco adiantados em França, que esse grande direito do suffragio, que é a verdadeira realeza, está abandonado por um grande numero de cidadãos. Muitos votantes não se mostrariam, si os não inscrevessem officiosamente na lista eleitoral. Desde 1830, essa indifferença tem crescido mais. Já estava ganha a grande batalha á que se dava importancia; parecia desde então que nada mais havia que fazer. Em 1834, em 173,165 eleitores só houveram 126,333

votantes. É seguramente uma desgraça esta deserção; ella parece dar ganho de causa áquelles que sustentam que a França está menos adiantada do que as suas instituições.

Em summa, este systema eleitoral tão mal seguro, assentando sobre contradicções flagrantes, representa menos mal o estado moral da França. Ella mesma nada tem fixo: não estão determinadas as suas proprias opiniões, sua força activa é democratica não está regulada, e armam-se contra ella em vez de empregal-a; sua força conservadora é cheia de paixões ou de mesquinhezas. Todos os dias se sente mais a grande lacuna deixada nas instituições pela ausencia dos elementos aristocraticos. Em Inglaterra, a aristocracia whig ou tory influe muito sobre as eleições; em França, o governo, seus agentes e seus empregados compoem a verdadeira aristocracia, necessariamente movel e que carece de independencia. Ha portanto muita e mui pouca democracia nas instituições que acabamos de indicar, e que têm ainda alguma cousa de transitorio e de incerto; muita nos concelhos municipaes e na guarda nacional, mui pouca nos concelhos geraes e na composição da camara dos deputados.

De que maneira se formará o poder futuro? Como conseguirá elle equilibrar a repartição das luzes e das propriedades? É o que nos ha-de ensinar o futuro.

A esta situação anormal da França opponhamos a situação critica, é verdade, porêm mais regular da Gram-Bretanha. Ella se viu forçada a transformar um systema antigo, varias partes do qual datam da idade media, em um systema mais conforme ao progresso da civilisação. Havemos assistido a esse grande sacrificio, a essa grande metamorphose, cujas consequencias vão em breve fazer-se sentir. Antes da reforma, os quarenta condados da Inglaterra nomeavam cada um dous deputados ou 80 membros; os doze condados do paiz de Galles, cada um um membro ou 12 deputados; as aldeias (comprehendidas as cidades e universidades) 409 membros; as doze aldeias do paiz de Galles, 12 membros; os trinta e dous condados de Irlanda, 64 membros; as trinta e quatro aldeias do mesmo paiz, 34 membros; as quinze aldeias de Escossia, 15 membros; emfim os trinta e tres condados de Escossia, 30 membros sómente, porque seis d'esses condados alternavam e não mandavam, de dous em dous annos um, sinão 3 membros ao parlamento. Nos condados de Inglaterra e de

Galles, os rendeiros ou proprietarios que possuiam 48 lib. st. de renda eram eleitores. Mas este titulo dependia, nas aldeias, de uma multidão de usos antigos e de tradições problematicas que eram acceitas como leis. O systema eleitoral dos condados irlandezes, regidos até 1839 pelo mesmo principio que os condados de Inglaterra, se acha, desde essa época, pertencente aos proprietarios de 10 lib. st. (80$000). Quanto ás aldeias irlandezas, não eram regidas, como as de Inglaterra, sinão pelos costumes os mais arbitrarios e muitas vezes os mais ridiculos. A Escossia, sempre affeiçoada ás suas instituições especiaes, não reconhecia por eleitores em seus trinta e tres condados sinão os herdeiros ou pretendentes dos antigos foreiros e os vassallos da corôa; e, nas quinze aldeias, os quatro ou cinco delegados das localidades de que se compunha a aldeia. Singular systema, mas que não tinha mal servido até essa época. Todo o mundo conhece os *bourgs-pourris* e os gracejos de fundação a que deram logar Gatton e Old-Sarum. Aqui a aldeia se compunha de seis casas, todas n'uma mesma linha e pertencentes ao mesmo proprietario, que podia propôr-se a si mesmo como candidato, nomear-se e felicitar-se de sua nomeação. Alli, o que era ainda melhor, a aldeia não existia, e não se encontravam sinão as ruinas de uma pobre casinhola velha.

Em 1770, o grande Chatham tinha pedido, com muita eloquencia, a reforma d'estes abusos; tinha sido imitado por Wilkes, em 1776; em 1780, pelo duque de Richmond; de 1782 a 1784, por Pitt duas vezes differentes; de 1792 a 1800, por lord Grey; de 1809 a 1818, por sir Francisco Burdet; e emfim de 1819 a 1830, quatro vezes por lord John Russell. Estas tentativas, renovadas debalde durante sessenta annos, não deviam ser coroados de successo sinão em 1831, sobre proposta do mesmo lord Russell. O acto que elle propoz não veio a ser lei sinão em 7 de junho de 1832, depois de muitas vacillações e methamorphoses. Foi necessario que o rei triumphasse da resistencia da camara dos pares, ameaçando-a com muitas promoções novas.

Sempre composta, como no passado, de 698 membros, a camara dos communs tomou então nova face: a antiga repartição eleitoral foi destruida, os quarenta condados de Inglaterra nomearam 143 deputados, os doze condados de Galles, 15; os trinta e tres condados de Escossia, 30; os trinta e dous conda-

dos de Irlanda, 64 ; as aldeias de Inglaterra e de Galles, 342 ; as de Escossia , 23 ; as de Irlanda , 41. O direito de *eleger* foi tirado a varias aldeias, em outras foi consideravelmente reduzido ; algumas localidades que não possuiam esse direito obtiveram-o, novas classes de eleitores foram creados , e conservadas com modificaçōes a maior parte das antigas. Assegurou-se a regularidade das listas eleitoraes , que d'antes se achavam sem garantias. Multiplicou-se o numero dos logares onde foram recebidos os votos.

São sobretudo as reformas relativas ás diversas classes de eleitores cuja influencia é importante considerar. Antigamente era facil crear proprietarios ficticios , ou por doação, ou por venda : quiz-se tornar mais difficil essa fraude , exigindo-se o gozo pessoal de uma propriedade de 40 schellings. Estendeu-se o direito de eleição aos rendeiros ou locatarios que tinham arrendamento de uma propriedade de 8 lib. st. de renda por um arrendamento de sessenta annos ou mais , e de 50 lib. st. por um arrendamento de vinte annos , e mais , quer occupem ou não a propriedade ; aos locatarios ou rendeiros de uma propriedade de 50 lib. st. de renda com ou sem arrendamento , comtanto que os locatarios ou rendeiros occupem elles mesmos a propriedade. Esta classe exerceu muita influencia sobre as ultimas eleiçōes dos condados.

A maior parte dos eleitores das aldeias têm sido conservados, á excepção da ultima classe que não paga imposto *(pot-wallopers* e *scot-and-lot-voters)*. Mas, por uma nova disposição, todo habitante das cidades occupando uma casa ou armazem de uma renda de 10 lib. st., domiciliado , tendo pago suas contribuiçōes antes de 20 de junho de cada anno , vem a ser eleitor nas aldeias. As casas de 100 lib. st. formam a terça ou a quarta parte do numero total das casas inglezas. Uma numerosa classe de eleitores novos é portanto introduzida. A influencia dos antigos eleitores é annullada ou modificada ; mas tambem muitos cidadãos , temendo-se da nova lei , preferiram abandonar seus direitos eleitoraes, antes do que pagar as contribuiçōes. Quanto ás classes de eleitores pobres , porêm admittidas pela antiga constituição , seus direitos , supprimidos para o futuro , lhes foram conservados durante a vida.

Vê-se que , destruindo as mais flagrantes das antigas anomalias , a lei reformada manteve um certo nnmero d'ellas. A corrupçāo eleitoral mudou de curso , mas não de intensidade ;

as influencias illicitas não cessaram a sua acção, em balde combattida desde o XV até o XIX século por cento oitenta ou duzentos actos do parlamento, cuja lista aqui appresentamos:

| | | |
|---|---|---|
| Antes da revolução de 1688. . . . . | 14 | actos. |
| ,, da morte de Guilherme III . . . . . | 26 | ,, |
| ,, ,, da rainha Anna. . . . . | 35 | ,, |
| ,, ,, de George I. . . . . | 37 | ,, |
| ,, ,, de George II. . . . . | 42 | ,, |
| Em 1800 . . . . . | 75 | ,, |

Emfim novos actos contra a corrupção datam dos annos de 1801, 1806, 1809, 1810, 1811, 1819, 1826, 1827, 1831. Como destruir uma influencia que tira a sua origem da lei mesma, da pobreza de um grande numero de eleitores e da força conservada pela aristocracia e pela grande propriedade?

De que maneira, depois da reforma de 1831, tem operado em Inglaterra essa machina antiga e nova? O elemento popular introduzido na camara dos communs em uma proporção muito mais consideravel do que d'antes, não augmentou a consideração de que ella gozava. Antes pelo contrario, não podendo satisfazer aos desejos e ás exigencias dos constituintes, os membros do parlamento incorreram, depois da reforma, no desagrado de todos os partidos. Havia-se de antemão preconisado a superioridade de uma camara dos communs, eleita sem *bourgs-pourris* e por uma maioria burgueza,—elogios prematuros e necessariamente enganadores; era desconhecer a grande necessidade da vida politica: o habito, uma longa educação, o fructo que se colhe do traquejo dos negocios, são indispensaveis aos legisladores. Os recem-chegados não podem comprehender os misteres de sua épocha e continuar activamente seus trabalhos parlamentares. E com effeito, não se acharam na camara renovada nem os talentos transcendentes, nem a dignidade, nem a efficacia que uma confiança muito prematura havia crido poder prometter-lhe. Entre os novos membros muitas mediocridades pretenciosas; os unicos talentos reaes se achavam no numero d'aquelles que se tinham sentado nos parlamentos precedentes. A expedição dos negocios, a rapidez do trabalho, nada ganharam n'esta nova assembléa. O *Times* dava recentemente uma lista de dezenove bills de que não houve tempo de tratar-se; bastará escolher, como exemplo da lentidão e da irregularidade com que foram dirigidos os debattes, a historia de um só bill, aquelle que é relativo á prisão por divida:

Lido pela primeira vez a. . . . . 6 de fevereiro.
Lido segunda vez a . . . . . 15 ,,
Remettido á commissão a . . . . . 1 de março.
Este bill fica addiado e vota-se uma compensação para os carcereiros a. . . . . 3 ,,
Imprimem-o com o relatorio a. . . . . 7 ,,
Addiamento para o dia . . . . . 13 ,,
Segundo addiamento para . . . . . 16 ,,
Terceiro para. . . . . 20 ,,
Exame por uma nova commissão a. . . . . 21 ,,
Dia fixado para os debattes . . . . . 23 ,,
Addiado para. . . . . 3 de abril.
(N'esse dia não ha parlamento.)
Nova commissão a. . . . . 6 ,,
Debatte fixado para o dia . . . . . 7 ,,
Addiado para. . . . . 13 ,,
,, ,, . . . . . 18 ,,
,, ,, . . . . . 24 ,,
,, ,, . . . . . 1 de maio.
,, ,, . . . . . 5 ,,
,, ,, . . . . . 8 ,,
,, ,, . . . . . 9 ,,
(Por falta de membros não houve sessão.)
Debattes fixados para . . . . . 11 ,,
Addiados para. . . . . 18 ,,
Etc., etc., etc., até. . . . . 3 de julho.
De repente, depois da terceira leitura, este bill passa e é enviado para a camara dos pares (*).

---

(*) Esta lentidão não se faz sómente sentir no seio da camara, mas tambem nos trabalhos de suas commissões. Tomemos ao acaso dezoito commissões da sessão de 1836, e lancemos uma vista de olhos sobre seus trabalhos.

Antigamente cada commissão se compunha de trinta e quarenta pessôas; hoje, o pessoal da maior parte d'ellas está reduzido, para cada uma, a quinze membros, numero necessario, dizem, para o exame profundado das questões propostas e para seu relatorio em tempo util. Ora, sobre estas dezoito commissões, cinco appresentaram seus relatorios á camara dos communs depois de seis mezes, cinco depois de quatro mezes e meio; as oito outras, depois de dous, tres e quatro mezes. As vinte e uma sessões da commissão das artes e manufacturas levaram cinco mezes; as onze sessões da commissão encarregada do exame das eleições controvertidas duraram quatro, o que faz um pouco menos de tres sessões por mez. Não se pense que esta lentidão provêm da reducção do pessoal das commissões: no decurso da mesma sessão, uma commissão foi nomeada para examinar a situação dos interesses agricolas.

Eis-ahi, dizem, não sem razão, os conservadores, o que se póde esperar de uma camara inexperta; ora batte só uma aza, ora a rapidez de seu movimento é indecente e perigosa.

---

Compozeram-a de trinta e seis membros, em razão da importancia da materia; resultou que nem um relatorio foi feito. Prossigamos em nosso exame.

O numero das sessões da commissão dos bills publicos foi de sete; conseguintemente, si se multiplica o algarismo 7 por 15, numero de membros exigido para cada commissão, dever-se-hia ter por producto 105. Pois bem! este producto se reduz a 45: differença 60. A commissão das artes e manufacturas, a dos naufragios, a dos bills publicos, e, em ultimo logar, a das terras coloniaes, as mais bem seguidas de todas, não viram sinão um ou dous membros assistir a todas as sessões: emfim, os trabalhos das dezoito commissões se resumem, para a totalidade das sessões, a 307. Si essas sessões houvessem sido regularmente seguidas, 307 multiplicadas por 15 teriam dado por producto 4,605 assistentes, emquanto que o numero real não foi sinão de 2,732, o que faz um pouco mais de 9 membros por sessão, cuja metade reune-se ás commissões depois de reiteradas mensagens, e se contenta com mandar registar seu nome pelo secretario para se retirar. Por aqui se vê sobre que numero de pessoas descançam em geral os trabalhos das commissões. No emtanto é menos a falta de zelo do que á organisação viciosa das commissões que se deve attribuir o mal de que fallamos. Assim, em 17 de junho, M. Roxey faz parte de quatro commissões; lord Sanderson, em 23 de junho, de tres; M. Hawes, durante todo o curso da sessão, de duas, tres e quatro, independentemente das commissões particulares que tem um numero de membros illimitado; o doutor Bowring, de duas; M. Wyse, de duas; M. Clay, de tres: como esperar que possam estes membros assistir, no mesmo dia, á mesma hora, a tres ou quatro commissões e entregar-se com proveito a seus trabalhos?

Não é tudo; ás commissões ordinarias é preciso juntar as commissões particulares. Assim, em 15 de junho, independentemente de onze commissões de 15 membros cada uma, o que representa um total de 165 membros, reunem-se vinte e tres commissões particulares, algumas das quaes se compoem de 100, 126, 118 e 131 membros. Calculou se que, si cada uma d'estas commissões tivesse sido seguida de uma maneira regular, houveram sido precisas 2,000 pessôas, e a totalidade dos membros da camara dos communs só é de 698. Emfim, os regulamentos exigem a presença de cinco membros pelo menos em cada commissão, para que sejam validos os trabalhos: acontece pois muitas vezes que ha necessidade de ir-se recrutar membros no seio das outras commissões; mas, no emtanto, as horas se passam, ou então fica addiada a questão.

Sendo assim, e pois que parece bem demonstrado que não é o maior numero que activa os trabalhos das commissães, porque motivo não reduzir este numero 15? E' bem evidente que a responsabilidade, assim cancentrada, não seria illusoria como presentemente. Resta portanto provar que as questões podem ser tão bem profundadas por tres ou cinco pessôas encarregadas especialmente d'esse cuidado, e que não tenham sinão uma questão que examinar, como por quinze membros que, pela multiplicidade de seus trabalhos, são obrigados a descançar uns sobre os outros do cuidado de estudal-a. Não entraremos em pormenor algum sobre este ponto; porêm, admittindo o caso contra o qual pleiteamos, temos para nós que as discussões a que dão logar as questões, quando são discutidas em sessões publicas, corrigiriam os abusos que houvessem escapado á investigação dos membros assim reduzidos.

É verdade que os torys exageram, no interesse de seu partido, essas accusações aliás assaz fundadas; mas fica provado que toda regeneração, toda alteração politica se opera necessariamente com desordem e com perigo, e que a maior parte dos resultados promettidos não foram alcançados. Conseguiu-se sómente augmentar o numero dos membros radicaes: o partido conservador se assustou e reuniu todas as suas forças; então o batalhão whig ou moderado, sustentador do ministerio, reduzido a uma minoria imperceptivel, não pôde marchar sinão escoltado pelos radicaes ou pelos conservadores: foi preciso que o ministerio se appoiasse ora á direita, ora á esquerda, para achar alguma força; que aventurasse muitas promessas, sem ter certeza de cumpril-as; que descesse a algumas lisonjarias pouco dignas d'elle; que recorresse a esse meio miseravel a que chamamos *trimming*, e que consiste em nadar entre duas aguas, em mentir, esconder-se, dizer equivocos, dissimular, bordejar: politica sem dignidade bem como sem porvir.

Em resumo, o combatte verdadeiro se travou entre os radicaes e os conservadores, por conseguinte entre a democracia e a aristocracia. Sustentados pela força de fóra, porêm inferiores em talento e em habito dos negocios, estes ultimos cedem o passo, na camara, á opposição conservadora, como o prova o resultado das votações sobre as materias as mais importantes. A proposito dos negocios de Hespanha, os votantes se dividiram em 242 conservadores e 278 membros, quer ministeriaes, quer radicaes. No negocio do escrutinio secreto, os conservadores, reunidos ao governo, lhe deram 253 membros, emquanto que os radicaes ficaram em numero de 153. O exame das listas produziu um total de 58 whigs, 153 radicaes e 242 conservadores: os membros fluctuantes fizeram variar estes numeros. Assim, a proposito do imposto sobre as igrejas, os ministros tiveram 287 votos e os conservadores 282; na questão da igreja escosseza, acharam-se 216 votantes ministeriaes contra 176 conservadores. N'estas duas ultimas circumstancias, o exercito ministerial se tinha reforçado, aqui com 138, alli com 104 membros. Pelo contrario, quando se tratou de excluir os bispos da camara dos pares, os radicaes, desligando-se do ministerio, ficaram reduzidos a 29 membros, emquanto que 283 conservadores, ligando-se aos ministros, formaram com estes uma massa de 397 membros. Na ques-

tão das penas corporaes a infligir aos soldados, 72 radicaes sómente se acham em presença de 167 membros ministeriaes, 119 dos quaes eram conservadores.

Tal é a singular situação do ministerio inglez, que deve sua força, hoje a um partido, á manhãa ao partido contrario. Semelhante a um dançarino de corda cuja maromba desigual seria terminada de um lado pelo peso do partido conservador, do outro pelo do exercito radical, não lhe faltou destreza; mas este estado precario não póde durar muito tempo.

Os radicaes, comprehendendo que sua hora não é chegada, abraçam de boa vontade o partido de um governo que approva alguns de seus principios e lhes parece dever leval-os ao fim de seus exforcos. Por isso, em todas as questões que não vão de encontro a seus interesses, o governo póde contar com o appoio dos radicaes. Os conservadores, de seu lado, sabem que uma massa popular os attaca, e que na nação ha contra elles uma opposição sempre crescente cujos effeitos são incalculaveis. Por isso não deixam de se ligar ao poder e de dar-lhe uma força que redunda em seu proprio proveito, todas as vezes que se trata de uma questão conservadora, pois que sempre o poder tem interesse na conservação.

Emquanto subsistirem em Inglaterra o direito de primogenitura e a lei sobre as heranças, os conservadores se hão-de necessariamente manter; o modo eleitoral da França, modo que acabamos de analysar, não tem outra origem que o fraccionamento sem fim das propriedades e a destruição de toda aristocracia. Com estas duas alavancas, ter-se-hia destruido uma monarchia muito mais poderosa, muito mais bem fundada, muito mais intacta do que a monarchia de Luiz XVI; mas em Inglaterra, o direito de successão e a transmissão das propriedades não têm soffrido a minima mudança. Esta dupla arca santa ainda não recebeu um só ataque, e é preciso que seja muito grande a sua força, que sua solidez seja bem inalteravel, para ter protegido o partido conservador contra a velha independencia ingleza, reforçada pelo novo radicalismo, e duplicada, si se póde dizêl-o, por toda a força executiva do governo. As duas ultimas eleições geraes desguarneceram as fileiras ministeriaes, e o whiguismo, forçado a occupar um posto intermediario, subjeitou-se a todo o embaraço d'esta existencia equivoca.

Dous partidos ganham terreno: um, quanto á influencia so-

bre a massa do povo e sobre o porvir, é o radicalismo; outro, quanto á influencia actual e positiva sobre os negocios, é o partido conservador. Já as grandes familias whigs observam com pezar a perda de seu credito: toda a força da opinião se inclina para a reforma radical ou para a conservação monarchica. Na ultima eleição, os whigs perderam 24 votos no parlamento, ou, como se diz em linguagem parlamentar, 24 assentos de condados *(county-seats)*. Segundo toda probabilidade, a decadencia não deve parar ahi. É especialmente nos *condados* que o partido ministerial tem soffrido; nas *aldeias* prevalece a secção radical do partido ministerial.

Não são pois os whigs, mas sim as radicaes que estão senhores das aldeias. Teriam os whigs vencido, si o houvessem pretendido? eis o que é difficil saber-se: entre as duas fracções whig e radical havia um contracto secreto, um pacto de alliança que lhes vedava estorvar mutuamente suas operações. Má politica da parte dos whigs, que não ignoravam a derrota que os aguardava nos condados e que deveriam, ainda á custa dos radicaes, ter-se reforçado nas aldeias.

A phalange dos torys é muito mais compacta, precisamente porque é mais attacada. Whigs ministeriaes, whigs de côr reformista, radicaes de toda ordem, o'connellistas irlandezes, compoem um exercito cujos elementos não são homogeneos e que talvez não fiquem muito tempo de accordo. Pelo contrario, o interesse conservador domina todo o grupo que tem este nome; é possivel que haja equivoco: trata-se de *conservar* o que existe, trata-se de um thesouro que guardar, de propriedades que pôr a salvo; não de opiniões variaveis, fluctuantes, muitas vezes incertas, susceptiveis de mil interpretações, mas de verdadeiros interesses fixos, uns hereditarios, outros pertencentes a corporações e a grupos dispostos a combatter até o ultimo suspiro. O resultado das ultimas eleições provou a solidez d'este partido e tudo quando elle ainda tem de força real. Na complicação dos interesses que regem a Inglaterra, a lutta deve pois prolongar-se, a nosso ver, até o momento em que a destruição dos dous baluartes que assignalámos determinar a invasão definitiva da democracia. Mas, segundo toda apparencia, a resistencia será longa e obstinada; a presença dos velhos elementos constitutivos da sociedade é um preservativo poderoso que infelizmente não possue a França. Vimos com que difficuldade seus legisladores tentaram reconstituir bases politicas um pouco

solidas, e o quanto ficaram distantes do successo. Um dos mais importantes elementos do porvir é o passado. Reformadores imprudentes que tendem para o porvir sem fazerem uso do passado, os radicaes não vêem que se privam a si mesmos de uma parte das forças necessarias á realisação de suas esperanças.

A lutta que parece proxima de se accalmar em França, e que provavelmente dará logar ao cuidado mais bem dirigido dos interesses materiaes, adquirirá em Inglaterra, segundo toda probabilidade, novo grau de intensidade e violencia. O elemento democratico em França, derrotado recentemente pelas classes burguezas, não poderá subsistir sinão tentando approximar-se dos interesses conservadores; suicidar-se-ha assim sem o querer, ou antes se transformará, tornar-se-ha util, servirá ao commercio e á industria, e emfim occupará um posto honroso e soberanamente util entre os poderes sociaes.

Na Gram-Bretanha, pelo contrario, o elemento democratico está longe de haver percorrido toda a sua linha ascendente; tem uma terrivel guerra que sustentar contra o torysmo conservador, antes de alcançar esse ponto de metamorphose pacifica que assignalámos. De reforma em reforma, virá sem duvida por fim a querer tocar na propriedade e na herança. D'esse momento de crise depende toda a lutta. Uma vez superadas estas duas barreiras, abrir-se-ha nova carreira; alguma cousa de semelhante á revolução de França terá talvez logar, mas com as modificações que exige a variedade dos genios e dos costumes. O systema eleitoral de ambas as nações soffrerá tambem mudanças que terão logar em sentido inteiramente contrario ás esperanças e aos receios geraes. A maior parte das forças vivas da democracia franceza serão removidas, e sua actividade irá fundir-se no commercio, nas especulações e na industria; ao contrario, pelo progresso mesmo das cousas o poder conservador perderá sucessivamente em Inglaterra sustentadores e proselytos. A força da opinião desbastará as fileiras dos torys. Este duplo espectaculo, cheio de interesse em ambas as nações, não póde occupar menos de alguns seculos, e nossa vista prophetica não alcança bastante longe para determinarmos-lhe os pormenores ou mesmo indicarmos suas grandes massas.

*(Foreign and Quarterly Review.)*

# MORAL.

## O ALCORÃO.

ALCORÃO na lingua arabe tem a mesma significação que *Biblos* em grego, *o livro*, como si, nas religiões de Moysés e de Mahomet, um só livro, o da lei, devesse andar pelas mãos do povo, como si o conhecimento de todos os outros fosse perigoso e culpavel. Com effeito é possivel que para os israelitas e mahometanos, para todos os povos emfim que precederam a redempção, ou que ainda não gosaram de seus meritos, o latrocinio feito pelo primeiro homem a arvore da sciencia devesse envenenar todos os seus fructos, cujo uso maldito ser-lhes-hia funesto. É a unica maneira de explicar essa veneração dos povos pelo livro de sua lei religiosa, que continha quanto lhes era permittido conhecer das cousas divinas e humanas, procurando com mais segurança o resto nas tradições uniformes dos Persas ou nas inspirações de sua consciencia.

Bem examinado, poder-se-hia dizer que o Corão não é mais do que o Evangelho judaisado. Contém elle quasi tudo que contém o Evangelho, menos seu espirito. É a interpretação carnal dos preceitos divinos, a appreciação material das promessas de Deus, tal qual sempre a fiseram os Israelitas; supre com a authoridade a inhabilidade em que se acha de explicar ao homem sua natureza e seus fins, emquanto que o Evangelho resolve todos os problemas, dissipa todas as duvidas, esclarece todos os mysterios de nossa hnmanidade; e Mahomet, adoptando-o como uma obra moral sem a fé que o faz comprehender, tradusindo-o a seus adeptos em um sentido todo humano, e com o intuito pessoal da ambição, redusiu-o em grande parte ás proporções exiguas d'um tratado de moral ou de politica.

Entremos no exame de seu livro, que, quando não tivesse outra importancia que a de reger, sob a triplice relação religiosa, social e politica, quasi metade do globo, só por isso mereceria a attenção do philosopho; e com quanto não possamos compartir a admiração de seus sectarios pelas riquezas do estylo com que é escripto, e pela pureza de sua moral, força è convir que os Europeus que até hoje o têem tratado de collecção de fabulas absurdas, de insignificantes declamações levaram o espirito de detracção ao menos tão longe como os outros seu enthusiasmo.

Reconhecia Mahomet que a idolatria e superstição haviam degradado a religião primitiva, e consequentemente suppunha, como nós, nas primeiras raças humanas, ou communicações directas com a divindade, ou um esforço de rasão, e não concordam nem uma nem outra cousa com o systema dos philosophos dos derradeiros seculos, que dão ao homem em sua origem o estado selvagem, e o vem trasendo gradualmente para a civilisação.

Mahomet pretendia ser o reformador, o renovador d'essa religião que Abrahão, Moysés e Jezus-Christo tinham tido missão de pregar antes d'elle. Assim todas as religiões que tem adquirido poderosa influencia sobre os povos, procuraram ligar-se a religião primaria, revelada ao homem por seu Creador; e aquelles que, como Mahomet, pretenderam ser chefes de seita, começaram por dar-se como os novos intermediarios escolhidos pelo Altissimo para a continuação das revelações já feitas ao homem. O homem desapparece desde que quer obrar com força sobre seus semelhantes: chama sempre a Deus em seu auxilio, por que sabe que só n'Elle reside a authoridade. Mahomet por tanto não se dá por autor do Alcorão; um triumpho de amor-proprio não basta para homens d'essa laia: foi o anjo S. Gabriel quem lhe trouxe esse livro folha por folha, tendo-o copiado no septimo ceo, onde elle existia desde a eternidade.

Em facto de crenças torna-se simples e natural o que em poesia chamamos maravilhoso.

O Corão foi revelado em arabe, lingua usada na Mecca; e, hoje, cousa notavel, é esse idioma lingua morta como a lingua catholica de nossa igreja, porque toda a lei, que não deve soffrer alteração ou mudança no que ordena, deve guardar a mesma immutabilidade na expressão de seus mandamentos.

Poucos Europeus ha versados na interpretação da lingua arabe de maneira que possam comprehender todas as bellezas que os Musulmanos attribuem ao estylo do Alcorão; ou talvez seja para estes artigo de fé acreditar religiosamente em quanto o proprio Mahomet diz em favor do seu estylo, a que elle chama obra incomparavel, só podendo ser dictada por Deus. Ha doutores d'essa lei, que, encarecendo mais os elogios presumpçosos do propheta, dizem que mais facil seria ressuscitar os mortos do que imitar semelhante estylo. E, com effeito, é provavel que o enthusiasmo d'um homem como Mahomet, excitado pela confiança fanatica que, desde o principio, lhe testemunhou um povo inteiro, fallando em uma lingua tão animada e tão habil para exprimir todas as impressões da alma, haja communicado a seus preceitos tal riqueza de imaginacão, tal vivacidade de expressões, tal harmonia de palavras, que d'ellas nos não possam dar uma fraca ideia nossas pobres linguas da Europa. Si porêm somos incapazes de appreciar o merito litterario do Alcorão, tudo que é relativo a sua composição, sua theologia, sua moral pertence a nossa jurisdicção philosophica; e n'esse ponto parece-nos difficil não só compartir mas ainda comprehender a admiração absoluta que essa obra inspira, ha doze seculos.

Esse livro nada tem de completo, nada de homogeneo, e, a este respeito, nós christãos a quem foi dada a leitura do Evangelho, longe estamos de reconhecer n'elle, tão salientes são as suas inconherencias, o menor vestigio d'essa inspiração divina que se manifesta em cada phrase da vida de Christo. A par d'um principio de charidade, Mahomet faz soar um appello á guerra, suas maldições contra aquelles a quem chama infieis conspurcam cada pagina de seu livro, seu proselytismo não é, fallando verdade, sinão uma propaganda violenta e armada: sua religião emfim, sendo estabelecida de alguma forma nos interesses materiaes de um povo, não apresenta esse character de persuasão e universalidade que imprime ao christianismo um cunho verdadeiramente divino. A arma d'este é a palavra; a do mahometismo a espada: o character de ambas as religiões é bastante conhecido por estes dois symbolos; vê-se bem d'onde dimanam ambas: Deus e o homem mostram-se n'ellas com seus attributos.

Tal qual é, esse livro, emanação humana do christianismo, é para os povos a que foi dado um encaminhamento para nossas crenças salutares. A unidade de Deus e sua adoração em espiri-

to, tão alta, tão energicamente proclamadas pelo Alcorão dão-lhe immensa superioridade sobre todas as superstições idolatras de que estava infeccionado o Oriente todo sensual. As privações que elle impõe, as abstinencias que prescreve, as horas de oração que ordena tão frequentes, todas essas praticas de disciplina que nem uma religião tinha universalmente exigido como elle antes da nossa, fazem do mahometismo antes uma heresia christãa do que uma religião a parte; por isso tem-se adoptado com favor a opinião, que Mahomet havia bebido suas inspirações nos discursos de certo Bathyras Jacobita, de Sergio, frade nestorio, e de alguns Judeus. A veneração que elle proclama pelos homens mais celebres da Escriptura parece confirmar esta opinião.

Mahomet recebeu do Oriente o dogma universalmente acreditado dos dois principios; porem de alguma forma subordinou-os ao poder supremo de Deus um e indivisivel tal qual elle o proclamou, e n'isto aproxima-se da crença mosaica, que separa os anjos que permaneceram fieis, ou os bons anjos, d'aquelles que foram degradados por sua orgulhosa revolta e só conservaram poder para o mal. Segundo as tradições, diz o Alcorão, não ha homem ou mulher sem um anjo e um diabo; o diabo entra no homem como o sangue em seu corpo, e, de todos os filhos de Adão, Maria e seu filho foram os unicos que escaparam d'esse contacto no momento de seu nascimento.

Os Mahometanos devem orar quatro vezes por dia; de manhãa antes de nascer o sol, ao meio dia, antes do occaso do sol e a hora de meia noite. Os fieis são advertidos para orar por altas vozes que descem dos minaretes; e, em qualquer logar que estejam, devem elevar sua alma para o ceo, e repetir ao menos as palavras sacramentaes. Oram com os olhos voltados para Mecca, como os Judeus para Jerusalem, como os Persas para o sol, os Sabeus para a lua *andando em sua claridade*, segundo a expressão de Job, como finalmente os christãos para o Oriente.

É notavel que o dia consagrado por Mahomet seja aquelle que parecia dever ser mais reverenciado pelos christãos, a sexta feira, dia em que se consummaram os grandes mysterios de nossa redempção. Será isto mais um laço com que Mahomet queria prender sua religião á vinda de Christo? ou dependeria do acaso a escolha d'esse dia? Os commentadores não nos podem fornecer a respeito explicação alguma, porque escreveram todos sob a influencia d'uma prevenção hostil ao christianismo, que parece não haver partilhado o proprio autor do Corão.

O complemento das orações e das abluções é o jejum, o qual Mahomet ordena como um dos meios os mais efficases de salvação. « A oração nos leva a meio caminho para Deus, disse depois d'elle um dos seus primeiros califas, o jejum leva-nos a porta de seu palacio, e a esmola nos franqueia a entrada. »

Eis os dois grandes preceitos do christianismo, a abstinencia e a esmola, ordenados por Mahomet, cuja voz não é aqui mais do que um echo das doutrinas de nossa igreja. A antiguidade não havia conhecido sinão por exepção ou pelas secretas revelações dos sanctuarios a maravilhosa virtude da abstinencia e da esmola, que a propria philosophia antiga tinha praticado com estrondo, e, mais tarde, d'uma mancira satisfactoria, sómente depois que os apostolos haviam pregado por tantos paizes os preceitos e dado o exemplo. O que faz de Mahomet um homem de ordem elevada é o desvello com que tirou d'uma religião em que não acreditava, pois que a não professava, o que ella ensinava de melhor na pratica, a parte a humildade e a mansidão, de que não poderia faser conveniente applicacão uma rasão de homem.

O mez de Ramadan, que corresponde a nossa quaresma, impõe obrigações muito mais rigorosas do que aquellas cuja pratica nos adoça a disciplina ecclesiastica. « O' verdadeiros crentes, diz o propheta, o jejum vos é ordenado para que possaes temer a Deus. » Durante o mez de Ramadan, nem um alimento, nem uma satisfação sensual é permittida desde manhãa até o fim do dia, a vida deve ser pura, a oração mais frequente a fim de que as disposições internas estejam em harmonia com os sacrificios impostos exteriormente a todos os fieis.

A pratica da esmola constitue uma parte essencial das obrigações que impõe a épocha santa do Ramadan; então quasi poderiam os christãos achar cousas que os edificasse e que deveriam imitar. O dizimo do producto das terras que a igreja reclamava outr'ora para seus ministros, Mahomet o consagra aos pobres; este imposto recahe tambem sobre as mercadorias que entram para o commercio; porem a esmola d'um verdadeiro musulmano não se deve limitar ao cumprimento d'este dever. Hassan, neto de Mahomet, dividiu com os desgraçados por duas vezes no curso de sua vida todos os seus bens, e o Corão aconselha aos que vindimam e colhem que deixem em seus campos a parte do pobre que virá ceifar . . . . . .

Das altas maximas religiosas prodigalisadas no Alcorão, Mahomet passa a regulamentos politicos e sociaes, e como os sacerdotes de sua lei deviam ser os juizes do povo, torna-se, de propheta que era, simples legislador. Uma parte do Alcorão se muda, a este respeito, em uma especie de *Deuteronomio*. O furto, a usura, e mesmo o jogo são expressamente prohibidos, e o assassinio é punido, como em todas as legislações antigas de que ainda a nossa conserva o cunho, por uma especie de represalia. Mahomet porem degradou essa justiça de escaimbo, já tão imperfeita, avaliando o sangue em dinheiro, e estabelecendo o preço d'um assassinato em multas de oiro, de gado ou de escravos.

Os outros crimes sociaes são tratados no Alcorão com alguma brandura em relação aos costumes arabes, em geral mui barbaros; o que porem aproxima o codigo social de Mahomet a seu codigo theologico, ou antes ás ideias christãas sobre as quaes foi fundado, é a eloquencia de suas maldições contra o infanticidio, em geral permittido por todos os legisladores antigos, e adoptado pelos Arabes, sobre tudo ao nascimento de suas filhas, que ás vezes enterravam vivas. O zelo de sua charidade se estendeu talvez tanto como a charidade christãa em favor d'essas infortunadas victimas da vergonha das mães, d'esses filhos desprezados ou regeitados, orphãos por nascerem, os quaes elle recommenda ás liberalidades do estado, declarando-os livres e procurando compensar por esse direito precioso as vantagens d'essa protecção da familia, que nada pode substituir. Muitas outras disposições todas judiciarias e quasi de policia completam a acção do Alcorão sobre os povos que o adoptaram. Os castigos que se devem infligir aos culpados são indicados em uma jerarchia mui justamente calculada; tambem este codigo universal rege todos os sectarios de Mahomet ha doze seculos sem quasi mudança alguma, parecendo que o direito de progresso só foi dado aos que caminham para o bem; para os outros, si não ha decadencia, ha immobilidade.

Pela rasão de Mahomet fazer dependentes todos os seus direitos da espada, e ordenar a morte de quantos não reconheciam a lei que havia dado, não se deve concluir que foi um homem sanguinario: muitas partes do Corão escriptas com effusão de coração protestariam contra essa accusação. Mahomet não teve nunca intenção de ordenar que fosse derramado sangue inutil; elle não fez mais qne professar altamente a doutrina dos

interesses, que era a sua, como é de todos os homens positivos que tem obrado fortemente sobre seus semelhantes. Esta doutrina é de todas a mais fatal por servir para desfarçar os mais vergonhosos principios sob pretexto de gloria ou de bem publico, que tem algum valor para as almas fracas. Quasi todos os homens de revolução foram Mahomets que pediram á espada a consagração de seus systemas.

Depois de havermos analysado o livro de Mahomet com os poucos desenvolvimentos que podiam entrar no pequeno espaço que nos era dado, perguntaremos si nossos leitores não acabam com nosco, não que Mahomet descende directamente de Ismael, como pretenderam provar alguns genealogistas musulmanos, mas que é realmente o pae da raça arabe. Filho de Abrahão como Isaac, porêm filho illegitimo, si seus descendentes não mereceram ainda sua parte da herança paterna, parecem menos longe do que os outros povos do momento que os deve reintegrar. Até aqui a differença de suas origens se faz sentir em seus costumes e em seu destino. Aos filhos de Ismael, filho da carne, Mahomet, puro propheta, e um resto de sensualismo, pura doutrina; aos filhos de Isaac, filho do espirito, de Isaac immolado pelo consentimento de seu pae, e ressuscitado, por assim dizer, no monte Moria, depurado de toda a mancha pelo assentimento que elle mesmo havia dado a sua immolação, Jezus, filho de Deus, e o espiritualismo o mais sublime, pura religião, que tem a Deus por causa e por objecto.

Todavia, em nosso entender, Mahomet, em vez de ser no Oriente o successor de Jezus-Christo como elle pretende, é pelo contrario seu precursor, e prepára n'esses paizes sua vinda que será a de sua Igreja. Si com effeito podemos accusal-o de haver suffocado em algumas bellas partes da Europa e da Asia-Menor o fervor apostolico que com tanto brilho ahi havia germinado desde os primeiros tempos, não poderiamos entretanto contestar que. na mór parte dos paizes que receberam sua lei, elle tenha feito progredir as crenças religiosas substituindo por toda a parte a unidade de Deus á idolatria, a charidade ao egoismo, e dispondo, pelo jejum e pela oração, quasi um terço do mundo conhecido ás largas ceifas de penitencia, que nossa Igreja é chamada a colher mais tarde.

Com effeito, a recommendação da oração e do jejum é um reconhecimento tacito d'uma parte do dogma christão, a queda e a necessidade de expiação. Pode-se por tanto dizer com alguma

verdade, que o mahometismo, como outr'ora o judaismo, prepara os espiritos para receberem o que serve de complemento a esse dogma todo humanitario, a redempção. A esperança de nós outros catholicos, que sabemos que todos os povos sem distincção foram chamados, é que os que professam o islamismo, mais separados de nós pelos preconceitos rancorosos d'uma guerra longa e quasi geral do que pela differença das doutrinas, serão os primeiros que se hão-de reunir ao estandarte da cruz: a influencia franceza, sempre tão poderosa junto ao divan, começa a ser mais social que politica, e é de esperar que se torne mais religiosa que social. A França fornece ao sultão seus instructores militares e seus jornalistas; manda-lhe seus filhos para secundar ou dirigir suas emprezas de arte ou de civilisação; e, por uma singular coincidencia, a França, ha alguns doze seculos, salvou do alfange musulmano as doutrinas espiritualistas do christianismo, e sustentou em Poitiers a civilisação europea ameaçada por dusentos mil sectarios do islamismo. Assim terá ella guardado, em proveito d'esses mesmos que a attacavam, a civilisação christãa, que communica hoje aos Turcos com igual desvello ao que os antepassados d'estes empregavam para destruil-a.

Alex. Guiraud.

*Encyclopédie du XIX^e siècle.*

# SCIENCIAS NATURAES.

## Geologia.

### I.

Esquadrinha o antiquario os monumentos levantados pelas mãos do homem para celebrar as virtudes e talvez os crimes dos poderosos da terra ; cáta os manuscriptos traçados em caracteres de origem e relação desconhecidas, e em linguagem perdida ou obliterada pela diuturnidade do tempo, e, de tantos elementos que isoladamente nada forneceriam, tira consequencias ao menos provaveis, da antiguidade dos monumentos e das suas relações com as inscripções correspondentes : deprehende a idade provavel da civilisação e artes ; e servindo-se do soccorro da *Astronomia* chega a calcular as circumstancias particulares de mez e dia da crecção ou dedicação dos monumentos ; fornecendo, assim, a chave que deu ao sabio *Champollion* a leitura dos, antes, indecifraveis jeroglificos Egypcios.

Mas o homem que não pára na carreira curiosa da indagação da natureza e da sua marcha, observa os factos e não se contenta de perscrutar a historia da nossa raça ; vae por diante, canja alem da creação do primeiro homem, e attrevido forma systemas de periodos da larga historia do globo que habitamos, desenterrando, não os tenues vestigios do poder dos homens, mas os immensos despojos das revoluções espantosas por que tem passado o nosso planeta. A coordenação d'estes factos observados e a doutrina que os reune e filia, é a sciencia que tem o nome de *Geologia*.

A historia do globo está traçada em indeleveis e formidaveis

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

characteres não só na delgada tôna que a fraqueza physica do homem tem podido examinar, mas ainda no seu interior, de cujo estado somos ainda obrigados a formar systemas mais ou menos plausiveis. Mas, apanhar a chave que nos guia até decifrarmos estes characteres magnos, não sabemos si será dado ao engenho humano. Outros ainda mais attrevidos chegam a formar theorias da formação de todo o nosso systema planetario e dos seus estados futuros.

Não será, de certo, desagradavel aos nossos leitores um breve esboço dos differentos systemas chamados *theorias da terra*, pelos quaes, antes das ultimas observações, pretenderam alguns sabios explicar tanto o estado presente do globo como o mesmo diluvio de que nos dá noticia a historia.

*Burnet* em 1681 foi o primeiro moderno que apresentou um systema ou theoria da terra; eis as suas bases. A terra no estado primitivo era uma mistura informe de todas as substancias, isto é, um verdadeiro *cháos*: pouco a pouco foram as materias mais pesadas cahindo ao centro e ficando a agua ao de cima; mas, como houvessem substancias volateis e muito leves, subiram acima da agua, com o tempo se foi cobrindo das substancias solidas mais leves do que ella, da athmosphera foram cahindo algumas materias terrosas que tinham subido accarretadas pela violencia do ascenso do ar, e formou-se uma capa de terra, extremamente fertil e sem grandes desigualdades. Esta foi a terra cultivada por Adão e seus ditosos descendentes até Noé; e porque? Porque o calor do sol foi pouco a pouco aquecendo a delgada terra, e, no fim de 15 seculos, fendeu-a e precipitou-se parte no abismo das aguas: eis o diluvio. Esta terra que, até então boiante, cobria toda a superficie do globo, depois só chegou para formar uma quinta parte que hoje é terra e ficou parte dos abismos á vista que constitue os mares largos que existem actualmente.

Para primeiro ensaio, o systema de Burnet não é mal exposto, e como não havia outro dominou por algum tempo; observando-se porem que se acham conchas marinhas sobre mui altas montanhas, e em porções consideraveis, tratou-se de fazer uma theoria da terra, que explicasse directamente esta occurrencia: é o que fez *Woodward*, suppondo que para o acto do diluvio, Deus havia tornado em pó todas as substancias solidas, que então fazendo massa com a agua admittiram em si as conchas e outras producções marinhas. Apesar de que o autor d'este systema

o apoiasse com muitas observações interessantes e justas, a sua obra durou pouco, e deixou espaço ao mais brilhante apparato do systema de *Whiston* (1696), que, com a Biblia na mão, tentou explicar os phenomenos da creação e do diluvio: acompanhemol-o.

Foi a terra antigamente um comêta em que todos os elementos confundidos formavam um vasto abismo; densos vapores privavam a face da terra da luz do sol onde então *As trévas cobriam a face do abismo.*

Em o seguinte dia, a terra tornou-se em planêta, tomou a forma esferica; a athmosphera precipitou as crassas nuvens que privavam a acção benefica do sol: assim o quiz a vontade do Senhor quando disse: *Faça-se a luz.*

Depois de ter dado a explicação dos outros dias da creação, passa a explicar o diluvio, dizendo que elle foi causado pela cauda de um comêta que abarcou a terra, e que em seu estado vaporoso forneceu a copiosa chuva que cahiu durante os 40 dias em que a terra esteve envolvida n'esta nova athmosphera de vapores aquosos: assim se explica a passagem: *Abriram-se as cataratas do céo.* Mas era necessario explicar outra passagem: *Abriram-se as fontes do abismo:* para isso suppõe que a attracção do comêta rompeu a capa da terra e fez affluir a agua que debaixo se achava.

Todas estas explicações são naturaes, e tal é a intenção da explicação de Whiston; mas a debil *Arca de Noé* sem soccorro sobrenatural não poderia resistir a tão grandes combates: por isso observou-se que o *lenho guardador* da especie humana foi o escolho fatal onde naufragou o systema de Whiston, que não póde explicar naturalmente tal conservação. « Assim, diz Buffon, o autor antes quer correr risco de se affogar com a arca, do que attribuir, como devia, a vontade do Omnipotente a conservação do precioso navio.

O famoso mathematico *Leibnitz* suppoz que o sol arde, e que os differentes planêtas tambem em outro tempo arderam; que depois se apagaram, os vapores aquosos se precipitaram e formaram os mares etc. *Maillet* fez seu systema e sustentou que as aguas cobriram primitivamente todo o globo e que vão em diminuição progressiva e mesmo rapida: assim em quanto um philosopho nos ameaça de perecer a raça humana de frio, outro nos appresenta o não menos terrivel fim da sêde. Uma opinião curiosa de Maillet, e que se tem propagado, ainda que

sem fundamento algum, é que o homem foi primitivamente peixe, e successivamente passando pelas fórmas fabulosas das sereias e dos tritões, chegamos ao estado presente. Esta opinião fundada tão sómente em contos fabulosos e em imaginações de poetas, são contrariados por todas as observações, e só o seu maravilhoso lhe póde ter dado uma vóga que mereceu a um famoso naturalista moderno *( Lamarck )* a honra da adopção.

O illustre naturalista *Buffon* , com a eloquencia que characterisa as suas producções , buscou estabelecer uma theoria da terra , brilhante , como o seu autor , e mesmo plausivel , mas destituida das sufficientes provas e mesmo em contradicção com muitos numerosos factos posteriormente observados , e por isso hoje abandonada.

Suppõe elle , que o sol foi chocado por um comêta , que achando-o incadescente e fluido , lhe destacou varios pedaços que são os planetas ; e que este choque produziu tambem a rotação em cada um.

Estes planetas, por muitos annos não poderam ser habitados, até que, pela distancia do sol , acabaram de arder e se apagaram, e se tornaram solidos esfriando. Então os vapores se condensaram em agua, e o ar ficou puro e transparente. Ora recebendo os polos menos calor do sol , por isso foram os primeiros em serem habitados pelos mesmos animaes , que hoje só podem habitar debaixo do equador , e assim explica a existencia de muitas ossadas de elefantes achadas na Siberia e outros paizes septentrionaes. Mas a agua proveniente da condensação da athmosphera tinha , antes d'isto, coberto a terra toda, e como pelo resfriamento a terra se gretou em profundas cavidades, ahi se precipitaram as aguas e deixaram descuberta a parte que actualmente está. D'este modo explica Buffon a existencia de despojos marinhos em altas montanhás.

Esta doutrina hoje se não pode sustentar, porque os comêtas, quando chegam perto do sol , ficam tão raros e vaporosos , que o seu choque não poderia produzir um tal effeito. Só na obra mesmo de Buffon se póde ver a bellesa com que é exposta esta theoria , os seductores argumentos com que a estabelece , e as plausiveis experiencias com que pertende confirmal-a. Não sendo mais do que um formoso sonho , é um dos mais bellos monumentos, que nos deixou o grande naturalista francez.

Para explicar o estado presente do globo terrestre , tem mui-

tos outros physicos recorrido a hypotheses mais ou menos engenhosas ou curiosas, e o celebre naturalista Cuvier assim se exprime, passando-lhes revista :

« Um (Delametherie) suppõe que tudo se formou por precipitado, isto é, que se foi depondo pouco a pouco no fundo das aguas, e que pela retirada successiva das mesmas aguas se acha a superficie da terra no estado actual.

« Outro (Hutton) que as substancias que accarretam os rios tirados dos montes e das planicies indo para o fundo do mar, ahi serão aquecidas pela enorme pressão que experimentam, até rebentarem em vulcões espantosos.

« Um terceiro (Lamanon) diz, que os lagos e mares, collocados anteriormente como em degraus, vieram successivamente precipitar-se no grande mar actual.

« O quarto (Dolomieu) suppõe que existiram marés de mais de 600 braças de altura, que mudavam a face ao fundo dos mares e á superficie da terra.

« Um quinto (Marschall) vai b[illegible]car á athmosfera as substancias que cobrem a superficie da terra, pela queda successiva, ou a precipitação della, dessas substancias; bem como hoje accontece com os *aerolythos*.

« Ainda outro (Bertrand) suppõe o globo terraqueoôcco, e com um nucleo de pedra iman, que conforme a attracção dos comêtas se transporta, já para um, já para outro polo, fazendo assim pesar as aguas ora para um ora para outro hemisferio, alagando um para deixar desafogado e mais habitavel o outro.»

Em os numeros seguintes faremos ver em breve esboço as circumstancias mais notaveis de importantes fenomenos geologicos, bem como os vulcões, tremores de terra, etc. daremos tambem conta da nova e bella theoria de Mr. Boubée. As applicações da Geologia á industria, e especialmente á agricultura, acharão logar em alguns numeros da REVISTA.

*B.*

# POLITICA.

## O MINISTERIO DE 19 DE SETEMBRO: — SUA RETIRADA.

ACOMPANHAR o Brasil nas rapidas e incessantes variações de sua politica; examinar e pesar com madureza e reflexão todos os systemas que se organisam hoje no poder para amanhãa desapparecerem e serem registrados no grande livro das utopias politicas, é tarefa sobremaneira pesada, e talvez de nem um fructo, por que, costumados a despresar o passado e desdenhar suas lições, os homens politicos do Brasil vão continuando na ideia de systematisar elementos heterogeneos, e não se cançam em ler esse grande livro das utopias que tão proveitoso seria ao leitor reflectido. Despresando os systemas, muitas idéias uteis se colheriam ahi, que não seriam de difficil pratica, e certo aproveitariam ao paiz. Entretanto, reconhecendo a magnitude e importancia do objecto, permittam-me os leitores que exprima meu pensamento sobre o gabinete de 19 de setembro.

Nem a estima com que me honravam alguns dos ministros d'esse gabinete, nem a posição que tomei depois de 19 de setembro de 1837 nas filas ministeriaes, nem as circumstancias imprevistas, incalculadas, independentes de minha vontade que me collocaram na vanguarda do exercito ministerial, nem um d'esses motivos me obrigaram jámais a desconhecer alguns erros no ministerio, — erros que todavia não indicavam fonte depravada e impura, e que achavam na fragilidade da humanidade e nos immensos bens de que eram precedidos e seguidos sobeja desculpa aos olhos do cidadão que, como eu, tivessem a convicção pura e sincera de provirem todos os males do Brazil de havermos tido sempre governos fracos, em permanente lutta com a tribuna e com a imprensa. Essa convicção, ainda hoje a te-

nho; penso que a ideia de dar appoio e força aos governos do Brazil, na actualidade de cousas e emquanto permanecerem como estão, é uma idéa salvadora, e que grande parte de nossos males se remediarão quando formos mais obedientes e menos argumentadores.

Os governos sem força não se hostilisam a si, são infensos ao paiz, e, si morrem depois de breve espaço de vida, deixam amplo legado de embaraços a seus successôres, que devem principiar por angariar a força já perdida, e não podem dar um passo nos melhoramentos nacionaes, na execução das leis, emquanto não tiverem inspirado respeito. Os governos fracos, sem possibilidade de fazer o bem, podem fazer o mal que quiserem, e realmente o fazem, a despeito das melhores intenções, só por sua existencia que a fraqueza põe á mercê dos interesseiros e ambiciosos. Sempre que o governo fôr dependente, sempre que se lhe não der toda a liberdade de acção e execução, será um espantalho ludibriado; a autoridade perderá a força moral, unica que lhe é proveitosa, os homens de patriotismo fugirão do poder, e o estado se verá retalhado em tantas facções quantas forem os ambiciosos ou turbulentos, que, nos calculos de sua ambição, farão entrar a fraqueza do governo como primeiro elemento, sinão de triumpho, de impunidade ao menos, e o governo mesmo não passará de patrimonio das facções que disputarão seu exercicio com as armas.

Creio que ainda ministerio subiu ao poder no Brazil com tantos titulos á estima publica, e em que mais se concentrasse a attenção da nação que tudo esperava d'elle, do que esse que se organisou em 19 de setembro. A camara dos deputados, immediata representação do povo, deu-lhe todo o apoio reclamado pelas necessidades do paiz, inspirado pela confiança que depositava no saber e patriotismo d'essa administração que cessou de dirigir os negocios publicos em 13 de abril de 1839. Nada se lhe recusou,— creditos, forças, leis excepcionaes, tudo lhe foi liberalisado, e entretanto esse ministerio teve de subjeitar-se a lei da mobilidade prompta e rapida que rege as nossas administrações! O gabinete de 19 de setembro, forte com o apoio da tribuna, da imprensa e das eleições, tendo suffocado em breve espaço a rebellião que erguera o cólo na segunda cidade do Brazil, teve de ceder a não sei que embaraço, e retirou-se no momento em que devia dar conta da sua administração, do emprego dos meios que lhe haviam as camaras liberalisado, e do

resultado d'estes meios! Triste realidade das nossas cousas! O poder não se consolida, a força o abandonna, e o imperio caminha a passos largos para sua dissolução, como si lhe fora peso sua grandeza, como si temesse ser forte!

Com effeito esse ministerio havia nas filas da opposição de 1836 ganhado terreno polegada a polegada; seus exforços eram coroados de triumpho, sinão nas camaras, que se apresentavam vacillantes, fluctuando entre o ministerio e a opposição, ao menos na imprensa e nas eleições, e preciso foi ceder-lhe o poder que as precedentes administrações não tinham força para sustentar. Foi um facto deploravel, um acontecimento que poderia ter funestas consequencias, esse da demissão do regente do imperio, mas, força é confessal-o e o mesmo regente o reconheu, a vontade irresponsavel não podia escolher n'essa epocha outro ministerio que não fosse o que subiu ao poder em 19 de setembro, ou ao menos composto de homens que compartissem suas ideias e seus principios. Os ministerios precedentes, por um encadeamento de circumstancias imprevistas, por eventos independentes de sua vontade, viam cortados em flor seus mais bem calculados planos, suas medidas talvez bem meditadas, assentando talvez em dados certos e irrecusaveis, eram perdidas, porque parece que um mau genio se comprasia em desfazer esses planos, em contrariar essas medidas e tornal-as muitas vezes fataes para o imperio.

É curioso examinar o movimento das opiniões populares, o povo aplaude, contrista-se, torna-se indifferente, zomba das capacidades e por fim resiste. Assim aconteceu com o pensamento governamental que dominou as administrações que de 12 de oitubro de 1835 a 19 de setembro de 1837 se succederam no poder. Foi aplaudido esse pensamento dominador logo que se ostentou no poder; alguns revezes fizeram contristar o paiz; a indifferença seguiu-se a esse sentimento de tristeza e d'ahi a pouco foram taxados de imbecis e ignorantes os homens da administração; finalmente a opposição desencadeiou-se forte e violenta e tenaz, todos os actos ministeriaes eram accusados como criminosos, e, porque a ideia de responsabilidade ministerial, é tida no Brazil por cousa inexequivel, os attaques passaram alêm do ministerio, e censuras se dirigiram a quem não deviam ser dirigidas, a quem as leis tinham posto acima da responsabilidade, e por consequencia da censura. O governo representativo estava falseado; os poderes politicos do estado,

de direito independentes, eram de facto dependentes e um d'elles os havia absorvido e redusido a delegados seus, já intervindo directamente em seu exercicio, já impedindo que elle fosse desembaraçado e livre, como a constituição e o systema representativo o exige. Este estado anomalo e absurdo existe ainda para desgraça do paiz; a mudança é absolutamente necessaria.

Eu o disse, as administrações precedentes já não tinham força para sustentar o poder, a vontade irresponsavel devia ou subjeitar-se a um ministerio tirado dos bancos da opposição, ou resignar o poder: — a nação se havia explicado positivamente a respeito dos homens que composeram as administrações anteriores a 19 de setembro, sua politica era regeitada; derrotados na tribuna, vencidos nas eleições, ludibriados pela imprensa, esses homens eram o symbolo, com rasão ou sem ella, d'uma politica absurda, detestavel, anti-nacional e anti-constitucional. Seria arriscar a tranquillidade do imperio continuar com taes homens no poder; — o regente resignou o posto; — os ex-ministros entregaram as pastas a seus adversarios politicos.

O prestigio com que assumiu o poder a antiga opposição deu-lhe força de sobejo, e a actividade e energia que nos primeiros mezes desenvolveu o gabinete de 19 de setembro fez esperar que esse ministerio teria de percorrer no poder o espaço que medeia até a maioridade do Snr. D. Pedro II, e que a esse tempo estaria o Brasil tranquillo e prospero. Foi erro, erro grosseiro por que antes de tudo deviamos contar os que taes esperanças concebiamos com os habitos da população que não póde soffrer uma administração por muito tempo, sempre soffrega de mudanças, incapaz de ter fé em um systema que haja abraçado, e despresando-o como improficuo e mau logo que elle falha em alguma de suas partes. O ministerio tinha ostentado toda sua força, e a medida que enviava ao Rio Grande socorros necessarios e exigidos pelo estado da legalidade, suffocava na Bahia a rebellião, que se mostrára tão aterradôra. A sessão de 1838 abriu-se: o ministerio derrotou seus contrarios em todas as discussões e não cedeu uma polegada de terreno.

Em meio de seus triumphos parlamentares, a imprensa e as eleições o ajudavam, prestavam-lhe seu apoio formidavel, e com lealdade e pureza defendiam o systema que havia adoptado o gabinete de debellar os facciosos que com as armas em punho ousassem ameaçar o imperio, de perdoar aos que deposessem as

armas e viessem implorar da munificencia do trono imperial desculpa a seus erros, perdão a suas culpas. O gabinete declarou estar no proposito firme de não admittir, sob sua responsabilidade, transacção alguma entre a corôa e as facções, protestou atacal-as com a força, com toda a força de que podesse dispor, e, deplorando os erros dos illudidos, o derramamento de sangue dos maus, o ministerio propôz ao poder legislativo sua politica de força e energia, assegurando que se retiraria si ella não fosse aceita.

O poder legislativo com toda a franqueza apoiou a politica ministerial, armou a administração de todas as forças que lhe eram necessarias para execução d'essa politica proposta e approvada. E não houve, por honra das camaras por honra do ministerio, por honra do Brasil, exprimo aqui minha convicção intima, profunda, inabalavel, não houve n'esse apoio franco e leal o commercio vergonhoso e infame que o espirito de partido tem exprobrado, que a licença tem assoalhado: havia communhão de principios, de vistas politicas, e mal seria do governo, si não aceitasse a cooperação do poder legislativo para evitar que o dessem como autor de tarifas de consciencias no Brasil, como dominado pelo genio corruptor de Walpole! — Cegueira dos partidos politicos! não recuam ante uma injuria á nação inteira, comtanto que possam falsear a posição de seus adversarios, estabelecem precedentes que servirão mais tarde para feril-os!

Nas luttas dos partidos politicos, quando seus interesses se acham compromettidos, os principios mais verdadeiros, mais honestos são torturados para d'elles se tirar uma applicação falsa e deshonrosa na pratica. O governo representativo, ainda muito novo e quasi ignorado no Brazil, tem-se prestado a todas as ambições, a todos os partidos e facções: os mesmos principios, invertidos, commentados, tem servido a partidos diversos. Hoje desacredita-se o principio de transacção que tão francamente foi apregoado pelo gabinete de 19 de setembro; os adversarios d'essa administração horrorisam-se sómente com sua ideia; perguntae-lhes porém o que é transacção politica, qual o governo que não tem transigido com fracções poderosas ou fracas, e elles, com toda sua habilidade, torcerão as palavras para dar-lhes um sentido que deshonre, traduzirão o principio por commercio material de compra e venda, apresentando d'um lado o comprador com empregos, pensões e beneficios, e do outro lado o vendedor pondo em almoeda suas opiniões, suas

consciencias, seus votos; dirão por fim — transacção politica é corrupção politica!

Não me quero dar por mais intelligente do que na realidade sou, e penso que em questões d'esta ordem o simples bom senso sobra para descriminar os grosseiros sophismas que os partidos sohem formar para illudir os incautos; e muito desconfio da habilidade que para explicar ideias claras e comesinhas, serve-se de circumlocuções, emprega grandes arrasoados.

A Politica, como todas as sciencias que repousam em factos, é muitas vezes derrotada em seus systemas e theorias por factos que os systemas e theorias não comprehendem não podem explicar: por isso jamais reprovarei a intelligencia que adoptar diversos systemas politicos successivamente: os factos, as circumstancias das naçõe mudam-se diariamente, não são subjeitos a calculos, e si são esses os elementos dos systemas, como censurar os estadistas que se dobram as circumstancias para aproveital-as e servir-se d'ellas em beneficio do paiz? Si quereis estygmatisar os politicos que mudam de systema no decurso de sua vida publica, provae primeiro que os homens nascem com um grau de instrucção que não é possivel augmentar, ou que os conhecimentos humanos tem chegado ao ponto que lhes é vedado ultrapassar; provae que o homem é dotado da previsão do futuro, ou que os acontecimentos se succedem em uma ordem certa, invariavel, e que as circumstancias, as ideias, os preconceitos das naçõe são immutaveis: si o não provaes, como quereis convencer que os systemas devem ser sempre os mesmos, como quereis accusar o homem que modifica, altera, muda o systema que uma vez adoptou? Eis a primeira transacção politica necessaria, transacção que o estadista faz comsigo mesmo, que ainda nem um deixou de fazer, porque as naçõe mudam, e não é possivel vel-as sempre sob o mesmo ponto de vista, por que os systemas e theorias não encadeiam os acontecimentos, nem estes estão subjeitos á logica.

Tenho que os ministerios devem formar systema ou plano de proceder na sua administração: a maneira de encarar as necessidades publicas, e o modo porque ellas devem ser satisfeitas determinam o essencial do systema, que nem por isso deixa de ter ideias accidentaes, adherentes, que concorrem para sua execução e a que chamarei ideias de expediente: é possivel mudar essas ideias sem alterar o systema em sua essencia, por que a execução depende dos meios e estes podem ser de diversa natu-

reza, e com elles chegar-se ao mesmo fim ou resultado. Alterar esses expedientes quando da alteração não provêm quebra ao systema e o governo adquire mais força por obter a cooperação de uma fracção ou grupo da nação, segregado d'elle por essas ideias accidentaes, será tudo quanto quiserem menos deshonrôso e infamante.

Depois dos grandes abalos revolucionarios, a authoridade vê-se cercada de perigos incessantes e terriveis: então as naçōes dividem-se em pequenas fracçōes, não ha maioria nacional, e as minorias se julgam habilitadas e com sobeja capacidade para governar o estado. Este facto é constante: a boa ideia que cada um faz de si, o desejo que todos tem de subir ao poder e fazer a experiencia de seus meios de governo, desenvolve-se fortemente n'essas epochas criticas das naçōes: ninguem se contenta com o governo existente, mas tambem ninguem sabe dizer a quem quereria ver na administração, como possuindo sua inteira confiança. Este facto que é constante depois das revoluçōes avulta mais quando ellas deixam as naçōes a braços com os riscos d'uma menoridade, e o poder supremo entregue a um simples cidadão sem o prestigio do nascimento.

Ora, n'este caso, como sempre, os governos são o centro em que se deve reunir toda a força por bem mesmo da nação, e pois que as mais das vezes as diversas fracçōes não se acham desligadas sinão por accidentes, por caprichos de pouco valor, é forçoso ao governo ceder um pouco para chamal-as ao centro, para se fortalecer com sua força. Fasem-se então as transacçōes politicas: de ambas as partes, alias unidas pelo essencial, se sacrificam ideias ou principios accidentaes. Este sacrificio não é novo; ainda não houve estadista que dirigindo o poder o não fisesse uma e muitas vezes, e todavia ainda ninguem, por mais honesto, por mais severo nos principios de moral se lembrou de tachar de deshonroso e infamante o principio das trasacçōes politicas. Nossa vida é uma continuada transacção moral: todos os dias transigimos com a propria consciencia, reformando ou alterando nosso proceder, trasigimos com aquelles com quem vivemos, para nos não expormos á renuncia da vida social.

A Politica exige muitas vezes essas cessōes de principios, e em nossa curta vida constitucional temos visto mais d'um exemplo de transacçōes, que se teriam por impossiveis annos ou mezes antes, e em consequencia d'ellas allianças politicas, amizades publicamente confessadas, que não poderiam existir sem mu-

dança de principios accidentaes e mesmo essenciaes. Entretanto essas transacções foram acolhidas sem reparo, nunca foram reputadas deshonrosas para aquelles que as faziam.

Errou sem dúvida o ministerio de 19 de setembro, não por adoptar o principio das transacções politicas, mas por não dar-lhe toda a devida expansão na pratica: si esse gabinete se não acobardasse com os brados de tantos que em sua vida publica contam mais d'uma transacção politica, si em algumas idéas de expediente, tendente, á execução de seus systemas, não fosse elle tão pertinaz, certo não haveria perdido nas camaras alguns votos d'essa maioria tão decidida em apoial-o e prestar-lhe todos os auxilios de que podia dispor. Os governos pertinazes não tem longa duração: os factos tem uma logica de ferro a que é preciso que as administrações se curvem, si não quizerem perecer arrastradas por elles. Si o governo passado transigisse com a opposição que exigia a mudança d'um chefe de importancia nas actuaes circumstancias, si cedesse aos votos de seus proprios amigos que viam n'esse chefe incapacidade de bem executar as vistas da administração, teria evitado um ponto de accusação, sem mudar cousa alguma em seu systema, porque os homens em taes casos são instrumentos, representam uma idéa de expediente.

Deixando a discussão d'este principio, para continuar na historia da passada administração, direi, que sua queda era certa desde que os ministros abandonassem por um momento a politica forte e energica que haviam adoptado para abraçar a politica das hesitações e condescendencias, que ainda não sei para que sirva, a não ser para adquirir minguada clientella expondo-se a inimisade de numerosos descontentes. E com effeito o gabinete de 19 de setembro, como que não teve força para levar avante seu systema, ou não tinha n'elle bastante confiança de maneira que o abandonou para servir-se ora da politica de força, ora da politica de hesitação. Creio poder afirmar que ainda os factos não haviam derrotado o systema adoptado; a maioria nacional, essa maioria composta de diversas minorias, não o tinha ainda reprovado, e demasiado imprudente foi o gabinete em abandonal-o, e por suas proprias mãos procurou sua queda. Em taes casos, quando o pensamento ministerial discorda do pensamento nacional, o unico meio de terminar a discordancia é uma demissão, para que subam ao poder homens que tenham força de sustentar na pratica o systema theoricamente orga-

nisado, e confiança n'elle para o não abandonar antes de tempo e fora da sasão : nem sempre os homens de plano são homens de execução.

Brilhantes victorias alcançou o gabinete de 19 de setembro sobre seus adversarios politicos, e uma d'essas victorias teve por consequencia tirar-lhe a força que se fundava, em parte, na opposição e resistencia que lhe fasiam esses adversarios, reconhecidos por sectarios das doutrinas e principios que naufragaram em 19 de setembro.

Alguns amigos do ministerio que pretenderam travar o plano de seus inimigos, que consistia em demorar por longas discussoes os actos que o governo reputava mais importantes para execução de suas vistas politicas, proposeram na camara electiva a medida de encerrar-se a discussão logo que sobre qualquer objecto houvessem seis discursos pro e seis contra, si a camara o julgasse sufficientemente discutido. Altos clamores se levantaram da parte dos adversarios da administração, pretextando que se queria, com essa medida, evitar o exame dos actos da administração, fazer callar as censuras da tribuna, etc., etc., mas occultavam a causa real de seus queixumes e era verem, por uma simples alteração no regimento da casa, baldado o plano que tão habilmente haviam formado, e de que esperavam colher os desejados fructos. O ministerio não sondou todas as consequencias d'essa medida, seus amigos illudiram-se com as vantagens que appareciam á primeira vista, e a medida passou para reger *per interim*, e a opposição, protestando contra ella, reduziu-se a um silencio absoluto.

Talvez calculasse a opposição de então com outros resultados e não tivesse em vista o que realmente aconteceu : todos nos illudimos; e essa medida, que tão util parecia ao ministerio, foi o primeiro precursor de sua morte politica :— tanto é certo que o excesso do poder é um vicio mesmo nos governos!

Havia o ministerio apregoado logo que subiu ao poder, que elle obedeceria ao principio de solidariedade, que seus systemas, suas medidas administrativas seriam combinadas por todos e que todos seriam moralmente responsaveis por ellas, que os ministros só se reservavam para si o expediente das secretarias. Já se vê pois que era de mister haver entre os ministros perfeito acordo, unidade de vistas, identidade de pensamentos e ideias, e era isso sem duvida a cousa mais difficil. Para conseguil-o todavia bastava a opposição e resistencia da minoria da camara dos

deputados, onde tinham assento todos os ministros da corôa, e onde eram diariamente interpellados com mais ou menos violencia, com mais ou menos acrimonia. Este estado continuo de guerra parlamentar dava força ao ministerio, porque o interessava na união mutua de pensamentos: era preciso calcular as respostas, não dar brecha para que a opposição podesse denunciar á nação discordancia nos ministros, falta de solidariedade de pensamento. Faltou essa guerra, foram-se relaxando os laços de união, e não será talvez improvavel que o ministerio désse de mão ao principio de solidariedade, que forçoso era manter, e que lhe dava toda a força.

Não faço revelações, que para tanto não estou habilitado; aventuro conjecturas que me parecem provaveis, e são dedusidas da natureza das cousas: longe portanto de dar como certo meu pensamento, apenas o offereço aos leitores como fructo de minhas reflexões sobre a vida e morte politica do ministerio de 19 de setembro.

Teve pois, em meu entender, grande influencia no facto da demissão do passado ministerio o silencio da opposição. Quando essa occurrencia teve logar, illudi-me com ella, e creio que muitos igualmente se illudiram, porque nunca se ponderou essa consequencia natural, talvez por ser muito obvia, e os homens desdenham sempre as consequencias proximas e naturaes de qualquer facto, para procurarem outras que são remotas e menos verosimeis.

De não menor influencia foi sem duvida a declaração feita por um cidadão, collocado em alta posição social, em que afirmava que a vontade irresponsavel o convidára para organisar um novo gabinete que devia substituir ao de 19 de setembro, o qual se reputava desunido em consequencia de preferencias diplomaticas, e, apesar de todos os protestos de união feitos pelo ministerio, a desunião recebeu o cunho da verdade por essa declaração, que não produziu outro effeito que não fôsse tirar a administração a força moral de que tanto carecia e apresental-a á nação como nos ultimos paroxismos de sua existencia. A actualidade exigia por certo outro modo de proceder: cumpria que esse desejo da vontade irresponsavel ficasse sepultado no silencio, ou então devia a declaração ser immediatamente acompanhada dos decretos de demissão do gabinete.

Todavia parece que o ministerio, para conjurar o perigo que o ameaçava, procurou mostrar-se mais unido que d'antes,

porêm o golpe estava dado, e ainda que se podia julgar, pelo facto da continuação do gabinete, que o eleitor dos ministros não insistia n'esse seu primeiro desejo, comtudo lavrava pelo espirito publico certa desconfiança que nada aproveitava ao ministerio, e que de algum modo o fez considerar como tendo proxima a sua demissão. Alêm d'isso, e a esta circumstancia dou grande preponderancia, apezar de todos os sacrificios feitos pela nação, apezar de todos os exforços feito pelo governo, para terminar a guerra civil no Rio-Grande, não se havia conseguido uma victoria sob essa administração, antes sofreram as armas imperiaes algumas derrotas; si a columna de Santa Catharina se reunisse ao exercito da legalidade no Rio-Grande; si obtivessem nossas armas um triumpho sobre a rebellião, por pequeno que fôsse, o ministerio adquiriria novas forças e continuaria sua existencia. Convençam-se os governos do Brazil, que, em quantó durar aquella guerra desastrosa, terão de encontro ao peito a lança do gaúcho, prestes a derribal-o.

Este estado de cousas não podia, nem devia durar: o juizo publico formulava-se claramente a respeito da administração de 19 de setembro, esperava-se a reunião das camaras para saber-se em que mãos deporiam os membros do ministerio as pastas que pareciam conservar interinamente. Os factos entretanto apressaram o termo de sua existencia, e, si devo acreditar nas revellaçoes que se tem feito como partindo de fontes bem informadas, o ministerio passado via-se obrigado ou a continuar na administração com deshonra propria, ou a dar demissão do exercicio de suas altas funcções.

Diz-se que a escolha d'um senador pelo Rio de Janeiro deu motivo a divergencia, por que o proposto pelo ministerio era recusado pela vontade irrespousavel. Tanto a vontade irresponsavel como o ministerio estavam em seu direito, e, pois que o ministerio fazia depender sua honra da escolha do cidadão proposto, não havia outro meio de terminar a questão, si por ventura é exacto que a vontade irresponsavel recusava seu assentimento a essa proposta. Uma transacção em caso de tanto momento seria vergonhosissima para qualquer ministerio.

A administração pertendia desmentir as desfavoraveis ideias que se haviam assoalhado de ter perdido a confiauça do eleitor dos ministros, e nada lhe parecia mais proprio para esse fim do que a nomeação de um seu collega para tomar assento na camara vitalicia, e realmente, si tal nomeação tivesse logar,

como ceusurar o ministerio por esse lado? A vontade irresponsavel julgou pelo contrario, e o ministerio demittiu-se,—tudo isto está na natureza do governo representativo, os ministerios demittem-se quando não encontram apoio em quem os nomeia.

O ministerio de 19 de setembro não foi isento de erros, mas inegaveis são os serviços que fez ao paiz: em uma épocha mais calma, quando se apagarem os odios dos partidos, far-se-ha justiça inteira a essa administração, celebre principalmente pelo apoio que encontrou no paiz. Ninguem hoje desconhece a necessidade de fortificar o centro contra as invasões das provincias, e esse governo principiou a executar essa grande ideia, reuniu alguns elementos para a grande obra da união e centralisação, que é necessario não perder. Estes serviços são, em meu entender, de grande utilidade para o Brazil: é necessario equilibrar os dous principios constitutivos do governo do imperio, e não consentir que um d'elles adquira superioridade e domine o outro.

De não menos importancia é o exercito que *o* ministerio conseguiu reunir na provincia do Rio Grande do Sul; no meio de embaraços de todo genero com que teve de luttar a passada administração, e com que hão-de luttar todas as administrações que se seguirem, até que haja mudança nas ideias politicas da população, o gabinete de 19 de setembro pôz em armas n'aquella provincia 8,500 homens, que, com quanto não tenham ainda a necessaria instrucção, todavia mostram que o governo passado não desattendeu á primeira e mais urgente necessidade do estado—a pacificação do Rio Grande do Sul.

*N. S.*

# POESIA.

## A INCONSTANCIA.

Como estàs tão risonha, ó minha amada!
Inda tão moça, na manhãa da vida
Tudo p'ra ti é goso, tudo encantos:
Nada parece te causar pezares.
Como um tranquillo corrego do valle
Que entre flores serpêa murmurando
De tua vida os dias se deslisam,
O' socia inseparavel da alegria!
Sempre um sorriso poisa-te nos labios
Sempre em teus olhos o prazer resplende.
De teu semblante angelico e formoso,
Como estes ceos diafanos, sem nuvens
Em dias de verão, nnnca o infortunio,
Nunca a tristeza desbotou-lhe o viço.

Oh! não te enganes, Lilia, minha amada,
Tão candida que és, tão innocente,
C'os risos da ventura; não, não penses
Ser este mundo grato paraizo.
A bonança é traidora, é do seu seio
Que surge a tempestade.

Oh Lilia, ves? — A lua solitaria
La vae no firmamento recamado

De brilhantes estrêllas; — uma nuvem,
Uma nuvem si quer lhes não offusca
O brilho portentoso. — Ella impera
No meio do silencio, tudo é mudo.
Olha a floresta. . . . nem um bafo apenas
De grata viração lhe agita as folhas.
O mar as crespas ondas não empina
Contra estas rochas, nem alli murmura
Resvalando lascivo sobre a areia:
Vê como em vasto espelho elle reflecte
Da noite toda a pompa magestosa!
Oh sim tudo é silencio, tudo é mudo,
A natureza repoiza como o homem!

Mas não te enganes, Lilia, minha amada,
Tão candida que és, tão innocente,
C'os risos da ventura; não, não penses
Ser este mundo grato paraizo.
A bonança é traidora, é do seu seio
Que surge a tempestade.

Eil-a! não ouves
Como ao longe rimbomba tremebundo
O brado do trovão? Vamos, o Lilia,
Os echos das montanhas se despertam,
A lua vae fugindo, eis brama o vento
E a floresta se agita. . . . olha que vagas
O mar irado impelle contra as praias!
A tempestade se arroja desgrenhada
Por cima d'estas serras, seus mil braços
Já se estendem por todo o firmamento,
Sua voz é terrivel, seus olhares
Já nas trevas lampejam scintillantes,
Que horrivel confusão, que chaos é este!
O vasto mar parece enraivecido
Romper os diques que lhe oppoz o Eterno.
Que horrivel confusão! que é do silencio
Que melancholico vagava sobre as aguas,
Que emmudecia os echos das montanhas,
Que inda ha pouco reinava n'estes ceos? . . .

Bem te dizia, Lilia, não te enganes,
Tão candida que és, tão innocente,
C'os risos da ventura; não, não penses
Ser este mundo grato paraizo.
A bonança é traidora, é do seu seio
Que surge a tempestade.

*F. R. da S.*

---

# A ILLUSÃO.

Feliz tempo dos meus primeiros annos!
Eu qu'eu cuidava que a maior ventura
Era ser conhecido entre os humanos.
Como um filho amado
Da madre Natureza,
Por Deus animado
Do excelso talento
Da diva Poesia;
A cujo alto accento
O mundo abalado,
Seguindo a harmonia,
Reconhecesse que quem tange a lyra
É um anjo entre os homens desfarçado,
Cuja augusta missão só Deus inspira.

Feliz tempo, em que o sol se me antolhava
Como um astro sem mancha coruscante
Luz eterna, que nunca se eclipsava!
Eu n'elle só via
Um carro radiante
Onde Deus vivia;
E sempre gyrando,

Sem outro destino
Que ir tudo aclarando
De um fogo divino.
Tal eu cuidava ser do genio a sorte;
Então nódoas no sol não descobria,
Hoje sei que tudo é subjeito á morte.

Tudo que existe, tudo que respira
Tem principio e tem fim. Murcham as flores,
A luz se apaga, o universo expira
Que vale a belleza?
Que valem amores?
Se em nada ha firmeza?
De que serve a gloria
Ganhada n'uma hora,
Si é tão transitoria?
Renome e grandeza,
Tudo se evapora!
Mas contra as leis de Deus não murmuremos;
Imitemos, meu bem, a natureza,
E as venturas de amor juntos gozemos.

*M.*

---

## Ode ao Sr. D. Jose' Palafox y Melci, Defensor de Saragoça.

I.

Os cysnes que adejam do Tejo na foz,
O patrio valor a cantar costumados,
Não deixam, com tudo, de estar deslumbrados
Do brilho das armas do heroe Palafox.

II.

Nas cordas valentes da lyra que sôa,
Eu ouço entoar esse nome famoso,
Que o Sena, em tremores, escuta medroso:
Que os Alpes, ao longe, nimbrosos, atrôa.

III.

Bellona em furor, e a Discordia fremente,
D'accesa Vingança os raivosos clamores,
Unidos da Guerra aos funestos horrores,
Me assaltam, agitam, abrazam a mente.

IV.

As formas encaro, medonhas, da morte,
Seguindo o varão de batalha em batalha:
A voz é de bronze, quand'altos espalha
O peito anhelante os louvores do Forte.

V.

No fogo o descubro dos muros terrivel,
De mortos, e sangue, entre montes, e lagos:
No centro do estrondo dos brutos estragos,
Os tigres talhando, implacavel, horrivel.

VI.

No seio penetra d'Augusta indomavel
Lefèvre, encubertas estradas achando:
Alli, mais que nunca, em valor trasbordando,
Ao encontro lhe sahe Palafox formidavel.

VII.

Da empreza sublime arredal-o resolve,
Propondo-lhe a paz, o Francez fementido:
O egregio guerreiro, em rancor accendido,
— *Ás armas*, *á guerra*, —em resposta lhe volve.

VIII.

Alçou vingativas, horrisonas vozes
O povo, que aspira á defeza dos lares:
Fuzilam as bombas, que estalam nos ares;
Mas nada amedrontam as almas atrozes.

IX.

Do fogo, ou da luz, ou dos raios ao Deus
Espanto causaram as massas ardentes:
Dos vastos incendios das torres ingentes
São curtas imagens os fogos ethneus.

X.

As vidas embora na briga terminem:
Os homens aos homens avançam ferozes:
Os golpes aos golpes succedem velozes:
Os ferros nos ferros ferindo retinem.

XI.

As frontes, os peitos murados com aço
Nao valem, dos brutos nem plantas ligeiras;
Qu'eu vejo as Polacas luzentes fileiras
Por terra abatidas á furia do braço.

XII.

D'ardis, apezar, infernaes, o traidor,
Em novos combates, de novo aterrado,
Da heroica cidade fugiu carregado
D'opprobrio, de sangue, de raiva e d'horror.

XIII.

Ès digno rival, Palafox, do Pelida
Qu'enchia de mortos as teucras ribeiras:
A vista de cujas façanhas guerreiras
Os deuses tremeram nos serros da Ida.

XIV.

Do Tybre, do Pó, do Danubio, do Rheno,
Ao som de teus feitos, as aguas captivas
Sahiram dos leitos, soltaram mil vivas:
Soberbas em torno alagando o terreno.

XV.

Emquanto em honrar-te os cinzeis empregados,
Frustradas barreiras ao Tempo apresentam,
Teus nobres triumphos meus versos sustentam:
Que a zoilos resistem, a Tempos, a Fados.

# VARIEDADE.

## A VESPERA DA QUEDA D'UM MINISTRO D'ESTADO.

Neste dia se havia enegrecido o horisonte politico para o ministerio em geral, e com particularidade para S. Exc., o barão D..., ministro e secretario d'estado da repartição de... Aqui devemos desfigurar com attenção nomes e datas, para fugirmos de alusões e personalidades. A sessão da camara dos deputados foi tempestuosa; o batalhão sagrado dos representantes afeiçoados ao partido do poder, havia eedido ao numero e á força dos ataques. Todas as ambições, vendo que o ministerio vacilava, tiraram a mascara, e tomaram a palavra. De cima da tribuna, cada orador assestava a sua eloquencia contra o ministro, cujo logar desejava, e todos os discursos se podiam resumir a esta frase ordinaria:—Tira-te d'ahi, para eu me por.

Nas occasiões de temporal, quando a equipagem d'um navio se embarca em alguma lancha ou jangada, e se acha no mar largo, vendo só agua e ceo, sem leme e mantimentos, chega o instante em que a fome e a desesperação suscitam resolução terrivel. Tira-se a sorte uma victima que ha de servir d'alimento ao resto dos naufragos, e conservar-lhes a existencia por um dia, no decurso do qual ha esperança de salvação... Da mesma fórma o ministerio, que está no perigo de cahir imolla uma das Excellencias, para vêr si póde salvar as outras.

Assim como na lancha dos naufragantes, nem sempre esta loteria de morte é feita com escrupulosa probidade, e quasi sempre forçam a sorte, para entregar a morte o mais fraco, e o mais innocente da tripolação, assim tambem o ministerio que está em perigo de vida offerece em holocausto aquelle dos seus membros ou collegas, que tem menos voga.

O barão D..., homem intelligente, entendeu optimamente que devia ser elle o primeiro, ou talvez o unico que naufragasse nesta luta. Despido de todo o amor proprio, e por um exforço de modestia philosophica houvera podido comparar o seu papel, ou situação á do burro, na fabula — « *Os animaes feridos da peste.* » — Os seus collegas já haviam tido o cuidado de o prevenir com alguns remoques á simelhança dos medicos, que advertem o doente, que chegou a occasião de arranjar seriamente os seus negocios e fazer testamento.

O ministro agonisante foi para casa, e disse á mulher:

— Não ha remedio, só tenho um dia de vida!

A baroneza deu um grito de surpreza e de horror.

— Não entendeis o sentido das minhas palavras, lhe replicou o barão, eu não estou doente, nem por modo algum estou disposto a imitar o tragico fim de Castlereagh. A morte de que fallo nada mais é do que uma demissão.

— Como é isso! Pois o ministerio cahiu?

— Aqui para nós digo-lhe, que é impossivel, que possa sahir do labyrinto em que existe, e por força ha de ficar mal. Nem um ministerio até hoje foi tão pessimamente composto, nem o houve mais incapaz de cumprir as suas funcções, e hoje eu daria tudo quanto possuo só para não ter feito parte delle. Os meus queridos collegas, no meio da sua cegueira, ainda julgam que podem sustentar-se, fazendo uma concessão, e querem-me sacrificar assim como a meu amigo B..... exigem que sejamos demittidos e que entrem no conselho dois dos seus adversarios; de maneira que o gabinete ficará formado, como nunca, de elementos heterogeneos. Demais, a mim mesmo dou os parabens desta retirada antecipada; por melindre não quiz até agora dar a minha demissão, mas acceito com todo o gosto um arranjo, que me poupa a uma queda vergonhosa.

— Por essa forma voltamos á vida privada, e tornaremos a morar em a nossa cazinha da rua....

— Sim, minha senhora, e creia que nem por isso teremos de que nos queixar, tal é a fadiga, e a barafunda, que traz comsigo esta grandeza chimerica.

— É então necessario despedir-me deste magnifico palacio, destes quartos riquissimos!... Como me acharei apertada nesses pequenos cubiculos em que n'outro tempo viviamos! E como estarei ociosa, não tendo que fazer as honras da casa nos banquetes e nas assembléas ministeriaes!

— Ora ! tudo isso póde ainda voltar. Demais estamos ricos...

— Deveras ?

— Mas, tome sentido... perceba, que n"o é conveniente ostentar o mais pequeno luxo, quando a gente larga o poder ; os meus inimigos não perderiam essa occasião, para publicar, que me havia aprôveitado das circumstancias para illicitamente me enriquecer. Viveremos algum tempo sem fausto, sem fazer estrondo, para escaparmos aos tiros venenosos da calumnia.

— Isso é que é mau !

— Demais, eu sempre heide ser deputado, conselheiro d'estado, tendo as honras de ministro, isto é, páu de que se fasem as *excellencias*. Os homens d'estado, os homens consumados em experiencia, hoje em dia são muito raros, e cá hão-de vir ter commigo, e então saberei fazer outro arranjo mais solido do que este.

— Sim ! mas quando ?... Emquanto isso não chega, o que eu vejo, é que temos que mudar de casa.

— Aprenda, senhora, a soffrer com paciencia e nobre confiança no futuro estes passageiros revezes, inseparaveis da minha alta dignidade. As suas affliçoes, hão-de por fim abatter-me o valor, e hão-de comprometter a dignidade que devo ostentar n'esta critica occasião. Nem mesmo a senhora terá o desgosto de se constranger em publico, porque o revez que me ameaça é sabido ; ninguem ignora que o meu fim está proximo e já esta noite não teremos visitas e estes salões ficarão desertos.

O ministro estava enganado a este respeito e faltava-lhe a experiencia, havia aprendido a manejar o poder mas ainda não sabia o que se passava n'um ministerio na vespera da sua queda.

Nas montanhas da Suissa, nas margens do Oceano e do Mediterraneo, os viajantes curiosos dos aprasiveis expectaculos da naturesa não são mais avidos em contemplar o *pôr do sol*, como os cortezãos e requerentes em comprimentar a decadencia do poder. Assim como o homem rico conta todos os seus collateraes em roda do leito quando está proximo a morrer, um ministro, nos ultimos instantes, é sempre assistido pela avida multidão dos seus familiares e afilhados. Nunca os sallões da casa do ministro se haviam visto mais apinhados como n'esta noite ; o barão não podia tornar a si de admirado : choviam sobre elle os cumprimentos e era adulado, como nos mais bellos dias da sua prosperidade, e tanto que, illudindo-se ácerca do seu estado, acreditou n'uma volta de fortuna inesperada. Pediram-

lhe trinta audiencias para o outro dia e elle as concedeu todas com aquella graça e jovialidade natural das pessôas que sao felizes.

No dia seguinte quando despertou viu o ministro desvanecidas todas as suas esperanças. Os periodicos do governo publicavam com toda a clareza que estava chegado o seu ultimo dia. Todavia, não havia perdido o valor que tinha tido na vespera, sentia-se animado pelo seu merito e o seu amor-proprio lhe enfeitava o futuro. Entrou com rosto socegado e sorriso nos labios no salão em que já o estava esperando o official maior da secretaria.

— Então, lhe disse elle, está perdida de todo a partida?

— V. Exc. ha-de desforrar-se, lhe respondeu o official, fazendo-lhe uma grande cortezia.

— Temos alguma cousa ainda que fazer? Não quero deixar nada em atrazo.

— Mas eu, Snr., julgo que estamos correntes. A assiduidade de V. Exc. tem sido sempre tão excessiva? . . . . Só tenho que apresentar a V. Exc. uma petição e essa diz-me respeito. — Exm.º — não duvide da minha allusão, estou unido á sua sorte politica, e sahirei da Secretaria com V. Exc. . . . V. Exc. teve sempre muita contemplação commigo, e não ha-de deixar-me desempregado.

— Tem razão, querido amigo, em que o posso servir?

— Um ministro d'estado, que prehencheu as funcções do seu cargo com tanta gloria como V. Exc., até ao ultimo instante, tem valimento bastante para proteger os seus criados. Ha um logar vago no Concelho d'Estado. . . .

— Muito bem; logo irei ao Concelho de Ministros e então proporei a sua nomeação.

— Ficar-lhe-hei summamente obrigado, e em toda e qualquer occasião V. Exc. póde contar commigo.

Dito isto, o official maior retira-se, mete-se no carrinho e correndo vae a casa do supposto successor do ministro, procurando por um sublime exforço tornar-se agradavel ao *Sol nascente*, e accumular o emprego que já tem com o que lhe está promettido.

A turba dos requerentes entulhou a salleta e o porteiro que estava de serviço, fez entrar logo o director e um dos redactores d'um jornal dos mais acreditados na defesa do ministerio.

— Senhor Ministro, disse o director do jornal, sustentamos

a V. Exc. com todos os exforços emquanto esteve no poder, e vimos pôr á sua disposição a nossa folha para o ajudarmos a reconquistar seu cargo que ninguem melhor poderia prehencher.

— Tanto zelo e affeição me sensibilisam, Snrs., quizera darlhes provas de quanto sou grato ao seu nobre procedimento.

— Si V. Exc. está resolvido a interessar-se pelos seus amigos póde fazel-o facilmente. Ha oito dias que requeiro um privilegio para uma salla de dança, depende só d'uma assignatura. . . .

— Dê-me o seu requerimento.

O ministro escreveu na margem as palavras —*Como pede*, — e voltando-se depois para o redactor:

— E o snr. tem tambem alguma cousa a pedir-me? Não me esqueço dos seus excellentes artigos; tem facilidade, destreza no estilo e finura nos discursos. . . . Vá indo assim. . . Não lhe vejo nada ao pé dos botões? . . . Quer um habito? . . . . Uma medalha? . . . Sempre é bom.

— Aceito, Snr. Ministro, mas confesso-lhe que desejo requerer outro testemunho da benevolencia de V. Exc.

— Oh! diga o que é? . . .

— Quizera obter alguma missão litteraria.

— Nada mais facil; — a medalha não entra na conta. Mas p'ra onde quer ir?

— P'ra onde fôr do agrado de V. Exc.

— Vejamos! Não lhe fallo da França por que não vale a pena. A Italia? Está muito em uzo! . . . A Inglaterra?

— Eu já fiz uma viagem a Londres e a Edimburgo.

— E a Hespanha?

— Não está socegada.

— Então a Allemanha? Mas não; já mandei para Allemanha sete ou oito litteratos que nada adiantaram. Quer ir para a Russia?

— Com todo o gosto.

— Pois então vá para a Russia com 12,000 fr. de ordenado, incluidas as gratificações. O decreto expedir-se-ha esta manhãa.

Logo depois dos periodiqueiros apresentou-se a S. Exc. um pintor com um *Album* ricamente encadernado.

— Aqui está o *Album* da Snra. baroneza, trabalhei quanto pude para o enriquecer de todas as nossas notabilidades. . . Permitta-me V. Exc. a honra de lhe offerecer esta miniatura. È o retracto d'uma dama que V. Exc. protegeu por occasião do seu *debute* no theatro.

— Está muito parecido !... Obrigadissimo, meu snr. ! Tenha a bondade de me dizer quanto lhe devo ? . . . .

— Oh ! meu Snr., eu servi a V. Exc. como artista, e póde, sendo do seu agrado, recompensar-me como Ministro ?

— Muito bem, hoje mesmo será encarregado de fazer dous quadros historicos. O snr. sabe d'esta pintura ?

— Eu pinto em todos os generos.

Em quanto isto se passava, o relogio ministerial deu as horas do Concelho : o barão sahiu do gabinete e foi para a salla da espera. Apenas appareceu levantaram-se vinte requerentes e o rodeiaram com respeito e enthusiasmo.

— Senhores, entreguem-me os seus requerimentos, disse S. Exc., descancem que hei-de despachar a todos na razão de affeição que me tem mostrado.

Com effeito no Concelho de Ministros, a que por ultima vez assistiu, recebeu o barão a noticia de sua demissão, e antes de se retirar dos seus collegas, lhes disse :

— Deixo a Vossas Excellencias sem reserva, mas tenho toda a esperança que Vossas Excellencias me farão a mesma honra em attenção aos meus actos e recompensa dos meus serviços. Em quanto tive a pasta, trabalhei sempre por ir de acordo com Vossas Excellencias no que era compativel com as minhas attribuições. Hoje reclamo de cada um de meus collegas dous ou tres despachos que pertencem aos seus respectivos ministerios.

O barão estava bem iniciado nos segredos e podia-lhes vir a ser inimigo perigoso, e Suas Excellencias deviam têl-o do seu partido. Sahiu do Concelho com as algibeiras cheias de decretos e portarias. As 6 horas, todos os seus amigos estavam com elle á meza jantando santamente, era a ultima despedida : nunca houve um banquete mais explendido nem mais folgasão ! . . . Beberam á saude de um futuro ministerio de que o barão seria presidente, e, entre muitas saudes, com a effervescencia do vinho chegaram a fazer opposição revolucionaria. A sobremesa levantou-se o ministro e fez com toda a gravidade o discurso seguinte :

« Meus Seuhores, o jornal official d'amanhãa ha-de publicar « o decreto da minha demissão e da pessôa que me ha-de subs- « tituir. Governei com coragem e abdico sem susto. Saio do « ministerio com as mãos limpas, volto como Cincinnato para « os meus lâres. Lá é que me hão-de achar, quando tiverem « precisão de mim ; em toda e qualquer occasião estarei promp-

« to para sacrificar os meus justos resentimentos ao serviço da « patria. Sinto não haver feito mais por ella e pelos meus ami- « gos. Faltou-me o tempo mas não os desejos. Não lhes pude « dar audiencia esta manhãa : a ultima obrigação do meu car- « go me chamava ao paço. Esta noite, louvado Deus, ainda « estou em circumstancias de ser prestavel aos meus amigos. « Simão traze essa bandeja. »

Vinte decretos lhe foram apresentados n'uma magnifica bandeja de charão.

Aqui está o ultimo presente que lhes faço, disse o ministro; vou distribuil-o.

Havia uma recebedoria geral, um logar de primeiro presidente de um tribunal, dous cargos de concelheiros, tres recebedorias particulares, um chefe de divisão, seis empregos da alfandega, dous consulados, um privilegio de industria, uma patente de capitão de fragata, etc., etc. Todos tiverem o seu quinhão n'estes empregos e graças. Logo que acabou a distribuição o barão despediu os convidados para cuidar dos negocios relativos á sua mudança politica, em quanto a baroneza tratava de cousas de pouca monta.

Passou a noite em busca de papeis importantes, queimou os que podiam ser uteis ao novo ministro e guardou todos os que lhe podiam servir para comprometter o ministerio e tornar a agarrar a pasta.

Elle sabia a maxima do celebre Pitt : —È muito tolo quem sahe do ministerio sem trazer comsigo cousa que lá o torne a levar.

No dia seguinte apparece no competente jornal o decreto fatal e então o ex-ministro, com razão, pôde dizer a sua mulher : —Ninguem nos procurará esta noite.—Está o sol posto.

O barão d'H. . . . homem d'estado, dizia n'outro tempo aos seus amigos : — Acabo de encontrar a Talleyrand, está fóra da graça ; vinha do gabinete de S. M., impassivel como sempre, mas, como já sabia da sua queda, olhei para elle attentamente sem o cumprimentar. Deve ter-me em boa conta.

E como os seus amigos lhe levaram a mal este cumprimento, o barão d'H. . . . lhes foi dizendo :

— Por certo eu sou de bons principios. Cumprimentar um ministro que está fóra da graça é uma mangação politica, é comprometter-se a gente loucamente. Talleyrand pensa d'este modo, e si ainda agora eu lhe tivesse feito a mais pequena cortezia não teria feito caso de mim. —O barão d'H.... tinha razão. * * *

# MISCELLANEA.

## NOTICIAS SCIENTIFICAS. — BIBLIOGRAPHIA.

---

*Historia do Brazil por F. S. Constancio. — 2 vols. — Pariz.*

Si é difficil a missão do historiador, embora mesmo depare á sua disposição com todos os documentos necessarios, embora lhe não faltem memorias, chronicas, relações imparciaes, fieis e veridicas; quão ardua não deve ser ella para aquelle que pretende escrever a historia de um paiz novo que lhe não póde ministrar os esclarecimentos, dados e noções precisas para fielmente levar sua intenção ao fim á que se propoem, de um paiz desconhecido, sem historia geral, sem noticias especiaes, cujo passado pertenceu ao capricho da nação, que o descobriu e dominou, e que por esse motivo tão obscuro existe!

È entretanto isto o que quiz praticar o Snr. dr. Constancio, louvores lhe sejam dados pelos seus nobres desejos, entretanto digamos-lhe com toda a sinceridade, que foi muito inferior á sua tarefa, que não correspondeu d'esta vez ao que de seus talentos e suas luzes tinhamos direito de esperar.

Ainda que, geralmente fallando, se possa dizer que o Brazil não fornece todos os documentos necessarios á composição de sua historia, comtudo aqui e ali se poderiam colher noções com que se pode formar e escrever uma historia mais fiel e verdadeira nos factos, mais instructiva e philosophica nas lições, mais pura e singella na linguagem do que a que acaba de publicar em Pariz o Snr. dr. Constancio.

Algumas Memorias espalhadas e desgraçadamente quasi que

esquecidas, taes como as de Pizarro e Accioli, as Chronicas interessantes de S. Bartholomeu dos Martyres, a Corographia de Ayres de Casal, as Historias de Southey, os extractos de João de Barros e outros documentos que por ahi rolam nas bibliothecas, eram sem duvida dignos de serio exame, de profunda meditação, e quem se desse ao trabalho de recorrer á elles não apresentaria um amalgama de falsas noções, de factos inverosimeis, de ideias tão absurdas como as que se encontram á cada passo n'essa historia.

Antes de entrar na *Historia do Brazil* o Snr. dr. Constancio começa com um resumo geographico e estatistico do paiz, e, como que já de antemão procurando manifestar aos leitores a falsidade dos factos historicos que pretende miudamente narrar, apresenta erros extraordinarios na sua introducção. Affirma logo no principio (pag. 40) que em 1817 era o Brazil dividido em vinte provincias, contando n'esse numero as do Paraná, Uruguay e Porto-Seguro. Nunca conhecemos na historia do Brazil provincias que tivessem semelhante nome, a ultima presumida provincia que se menciona, foi sim, no começo da existencia do Brazil, quando se fez a divisão do paiz, constituida donataria, mas depois do seculo 17 tirou-se-lhe essa qualidade e annexou-se á Bahia, á que desde então se conservou ligada.

A falsidade maior entretanto das que consta aquella introducção é a asserção de que a cidade da Bahia está situada á foz do Parahiba á 600 pés ácima do nivel d'agua (pag. 126). Custa com effeito á acreditar-se que um homem conhecido e illustrado como o Snr. dr. Constancio, tivesse avançado, escripto e firmado um tão extraordinario absurdo, parto todo de seu entendimento, por isso que em parte alguma o encontraria o autor — á menos de querer passar por innovador.

O Parahiba, segundo o Snr. dr. Constancio, nasce nas serras do Paraty e lança-se em São Paulo banhando a cidade de S. Luiz. Certamente que esta nova asserção é tão digna de irrisão como a que acabámos de apontar.

Todas as villas do Brazil, na opinião do Snr. dr. Constancio, como Santos, Pindaminhangaba, etc., são cidades antigas e principaes. Ao menos d'esta vez deu-lhe a exageração para engrandecer o Brazil e semeal-o de cidades florescentes e grandes, talvez para gloriar o seu paiz natal como autor e creador d'ellas.

Mencionando a longa lista dos animaes quadrupedes do paiz apresenta o sabiá na sua classe. E aqui cumpre notar uma cir-

cumstancia que bastante applicação tem ao caso presente. Já no seu *Diccionario da Lingua Portugueza* mostra o Snr. dr. Constancio á sua ignorancia em pontos de historia natural do Brazil, por que affirma-nos que o *tucano* é uma ave parecida com a pomba. Agora o *sabiá* é classificado *quadrupede*! O progresso portanto é patente.

E, quanto a villa de Santos, não se contenta unicamente o Snr. dr. Constancio com eleval-a a cidade, marca-lhe tambem a época em que ella teve essa cathegoria — a de 1546, — ora, n'essa época poucos habitadores ainda haviam na hoje provincia de S. Paulo, e é no anno de 1839 que Santos se constituiu cidade por um acto do poder legislativo provincial. Erros tão palpaveis custam á encontrar-se em tão grande numero em qualquer obra, entretanto a do Snr. Constancio abunda em falsas noções e não só em geographia e estatistica sinão tambem em historia de factos e em opiniões erroneas ácerca de sua significação, sua origem, sua natureza e consequencias.

A pagina 144 avança o Snr. Constancio que os pretos denominados Minas que existem no Brasil na qualidade de escravos tem esse nome, por haverem nascido na provincia de Minas, olvidando-se, elle Portuguez, de que entre as colonias portuguezas d'Africa ha a grande costa da Mina, tão conhecida e apreciada por seus admiradores, — a grande costa da Mina, d'onde Portugal tirava os melhores e mais polidos marfins de que tanto fallam seus antigos historiadores, — a costa da Mina d'onde é oriunda essa raça de pretos, que, para mais provar a invenção do illustre traductor de Ricardo, não abundam na provincia de Minas, antes pelo contrario ahi são muito raros, existindo sim grande numero nas provincias da Bahia, Sergipe e parte do norte do Brazil.

Quando trata dos homens illustres do Brazil como que o autor tende á roubar ao paiz a gloria de ter sido patria de algumas notabilidades. Parecem suas ideias uma demonstração solemne do despreso que elle consagra ao Brazil, não o julgando capaz de produzir genios e illustrações. O celebre Bueno de S. Paulo que salvou aquella provincia da anarquia para a entregar nas mãos do monarcha portuguez, não teve, na opinião do Snr. Constancio, o seu berço no Brazil, nasceu sim em Hespanha. Esta futil asserção tão contraria á tradicção e ás memorias existentes acerca de Bueno, que muito claramente o fazem nascer no Brazil, parece ter tido fundamento na palavra *Bueno*,

que dá visos de mais se assemelhar ao Hespanhol do que pertencer á lingua Portugueza.

E aquelles a quem o illustre autor não póde de maneira nem uma negar-lhe o nascimento no solo brasileiro, são por elle altamente censurados, injuriados e estygmatisados. José Bonifacio de Andrade e Silva é um ambicioso sem probidade nem talento, um intrigante sem estrategia, um estadista supinamente ignorante. Os homens que figuraram no theatro dos acontecimentos modernos, como o Snr. marquez de Barbacena são servis, escravos sem consciencia, sem pundonor, sem honra. E aquelles Portugueses que comnosco quizeram unir seus exforços para a declaração da independencia do Brazil, que adoptaram este paiz por patria, não ha nome deshonroso, epitheto infamante que lhes não caiba. O Senhor D. Pedro 1.º, á quem tanto devemos, o fundador da primeira monarchia na America, é taxado pelo Snr. Constancio de covarde, hypocrita, ambicioso, máu filho, máu esposo, máu pae e pessimo imperante. E si o autor santifica e elogia a revolução de abril, ainda que tambem aos seus autores não conceda boas intenções, é mais em despeito do que ella derribou e destruiu do que por sympathia á ella e similitude de sentimentos.

O Brasil, diz o autor da nova historia, deveria ter seguido o exemplo dos outros povos da America, que se levantaram contra as metropoles europeas, e se declararam independentes; deveria ter abraçado a fórma de governo republicano. Nem a experiencia das desgraças, que tem assollado aquelles estados, nem a força das theorias modernas, que altamente reprovam o systema republicano, proclamando como mais adequado e proprio para constituir a felicidade de qualquer povo o eclectismo politico do governo monarchico representativo, poderam resolver o Snr. Constancio a parar na carreira desastrosa, que seguira, sobre tudo devendo o illustre autor lembrar-se de que escrevia a historia do Brasil, que necessariamente deveria ser lida no Brasil, e que semelhantes ideias, alêm de falsas e erroneas, eram anarchicas e desorganisadôras.

Não sabemos si sinceramente o Snr. dr. Constancio adopta principios republicanos. Custa-nos a crer, que elle com uma tão vasta leitura dos publicistas e economistas ingleses, — no centro da capital do mundo civilisado, ouvindo continuamente Guizot, Thiers, Odillon Barrot, Cousin e Villemain, os maiores homens actuaes da França, os mais sabios e illustrados escri-

ptores, possa pensar tão estravagantemente, possa não prestar ouvidos ás lições de prudencia, de saber e de experiencia pratica d'esses célebres oradores. Não sabemos si essa confissão de systema será franca — nosso sentimento repugna aceital-o como tal. —

E não só a Historia do Brasil do Snr. dr. Constancio é insufficiente, na parte de ideias, e factos, sinão tambem — com dôr o disemos — pareceu-nos sua composição objecto de pura especulação, porque até nem estylo têm: como que foi escripta ás pressas, sem meditação, sem repáro, offendendo as mais simplices regras da grammatica, despresando a linguagem, — a pura linguagem de Vieira e Camões, — e peccando contra as noções da boa logica e hermeneutica.

A cada pagina, á cada linha, exemplos se encontram de um estylo pouco ou nada castigado, e inferior á dignidade, a nobresa de um historiador.

Poderiamos muito mais longe levar esta analyse, poderiamos apontar maior numero de falsidades e erros de que se compoe a *Historia do Brazil* do Snr. dr. Constancio. Como porêm já bastante nos alongamos, o que fica expendido basta para que o publico conheça a insufficiencia de tal obra, para que o publico lhe faça a justiça devida.

*P. da S.*

---

MEMORIAS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO BRASILEIRO.

A primeira d'estas memorias contém a solução do programma geografico — *Quaes são os limites naturaes, pactuados e necessarios do Imperio do Brazil.*

O Exm. Snr. VISCONDE DE S. LEOPOLDO autor d'esta Memoria, depois de breve exposição, passa a tratar do objecto do programma; começando pela fronteira do Sul passa a do Norte e depois á do Occidente. Depois de ter discutido, pelos tratados os limites pactcados, mostra sobre preciosos documentos que elles coincidem com os naturaes e necessarios, e desenvolve as differentes invasões, que, em tres fronteiras, tem padecido o nosso territorio: a questão do Oyapok, que tão extensamente tem occupado a nossa tribuna, acha-se ahi esclarecida e posta ao alcance de todos os Brasileiros, para que ninguem entre em duvida ácerca da usurpação que actualmente soffremos, tanto mais injusta quanto feita debaixo de pretextos capciosos que

mesmo dados, já não militam para a continuação de tal occupação.

Diremos tudo d'esta Memoria assegurando aos nossos leitores que ella, apezar de sua brevidade, é um digno trabalho do senador illustrado, do Brasileiro patriota, a quem o estado deve tantos serviços e os *Annaes da provincia de S. Pedro*, verdadeiro modello em estillo, ordem e boa critica.

Acha-se na livraria dos Snrs. Laemmert irmãos, rua da Quitanda n.° 77.

---

ELEMENTOS DE GGEOMETRIA. È ainda a um illustre e sabio membro do respeitavel senado, o Exm. Snr. MARQUEZ DE PARANAGUA', que se deve a publicação d'esta obra.

Esta 4.ª edição sahe com augmentos e alterações importantes e, entre outras addições, a de um tratado de geometria esferica. A Geometria do nosso sabio compatriota, reune ao rigor de *Euclides*, a deducção de *Lacroix* e o escrupuloso ennunciado de *Legendre:* tem muitas demonstrações que são totalmente suas, e deu um character de uniformidade á sua obra, preciosissimo para o ensino elementar, qualidade em que excede os autores citados. A sociedade litteraria do Rio de Janeiro, fez imprimir esta obra, de que a difficil execução typografica nada deixar a desejar.

Acha-se na loja do Snr. Lameira, rua do Ouvidor.

---

## STATISTICA.

O caminho de ferro de Liverpool a Manchester abriu-se á circulação desde 1831; tem de comprimento doze leguas e meia de França; custou 33 milhões de francos, e desde sua abertura até 31 de dezembro de 1838 tem feito as seguintes receitas:

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1.° semestre. | 1831. | 89,809 lib. | 2 s. |
| Anno. | 1832. | 155,608 ,, | 19 |
| ,, | 1833. | 183,306 ,, | ,, |
| ,, | 1834. | 202,683 ,, | 14 |
| ,, | 1835. | 217,431 ,, | ,, |
| ,, | 1836. | 234,635 ,, | 12 |
| ,, | 1837. | 226,000 ,, | 4 |
| ,, | 1838. | 260,304 ,, | ,, |
| | | 1,569,778 | 11 |

Assim no curso de sete annos e meio recebeu esta companhia a enorme somma de 39 milhoes e 500,000 fr. É de notar que, a excepção do anno de 1837, cujos productos foram affectados pela crise americana, as receitas cresceram constantemente em grande proporção: de 1832 a 1838 o augmento é de 67 e 1/2 por 100.

---

POPULAÇÃO EUROPEA DAS POSSESSÕES FRANCEZAS NO NORTE DA AFRICA. — Em 31 de dezembro de 1838 havia 20,068 Europeus nas possessões francezas no Norte da Africa, divididos d'esta maneira.

| | *France-zes.* | *Inglezes.* | *Hespa-nhoes.* | *Italianos.* | *Allemães* | *Gregos, Russos e Port.* | Total. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Argel. | 5,392 | 971 | 4,311 | 750 | 584 | ,, | 12,008 |
| Oran. | 1,324 | 189 | 2,073 | 777 | 123 | 24 | 4,510 |
| Bonc. | 1,184 | 1,162 | 134 | 527 | 118 | 5 | 3,130 |
| Bougic. | 112 | 50 | 120 | 11 | 8 | ,, | 301 |
| Mostagauam. | 69 | 3 | 59 | 46 | 2 | ,, | 791 |
| | 8,031 | 2.375 | 6,687 | 2,111 | 835 | 29 | 20,068 |

Este numero total de 20,068 compõe-se de 10,543 homens, 4,126 mulheres e 5,399 creanças.

## STATISTICA DO EGYPTO.

ARMADA. — A armada do Pachá compõe-se de 9 naus de linha, quatro das quaes tem 100 peças, 6 fragatas de 60, 4 corvetas, 7 brigues, 3 paquetes e 1 cutter de 10. Duas naus de linha estão no estaleiro. O numero effectivo dos marinheiros é de 16 mil, dos quaes 800 são officiaes.

EXERCITO. — O exercito conta 29 regimentos de infanteria, com 97,820 homens em effectividade. Quatorze regimentos de cavalleria, dois dos quaes formam a guarda do Pachá, 12,750 homens, sapadores 12,886 h.; artilheria a cavallo e a pé 7,614; veteranos, 7 batalhões, 5,675 h.; invalidos, 15 companhias, 1,815 h. Total do exercito 127,286 h. Deve juntar-se 10 a 12,000 soldados turcos irregulares e 30,000 Beduinos.

Eis os soldos que tem cada militar, segundo o seu posto:

General de divisão. . . . . 150,000 piastras (*).
— de brigada . . . . . 125,000

(*) 97 piastras e meia fazem 25 fr. ou 8$000 rs. pouco mais ou menos.

| | |
|---|---|
| Coronel. . . . . | 100,000 |
| Tenente coronel. . . . . | 36,000 |
| Chefe de batalhão . . . . . | 30,000 |
| Capitão . . . . . | 6,000 |
| 1.° Tenente. . . . . | 3,600 |
| 2.° Tenente. . . . . | 3,000 |
| Sargento de brigada. . . . . | 410 |
| Sargento . . . . . | 360 |
| Cabo de esquadra. . . . . | 240 |
| Soldado da guarda. . . . . | 300 |
| Soldado. . . . . | 180 |
| Invalido. . . . . | 144 |

EDUCAÇÃO PUBLICA. — O Pachá instituiu 50 escholas primarias, das quaes ha 3 no Cairo, 1 em Alexandria e outra em Siout. O numero total dos alumnos sobe a 5,500. Ensina-se-lhes a ler e a escrever o Arabe e os elementos de arithmetica. Depois de 3 annos de estudos, os discipulos são admittidos ás escholas preparatorias de Abouzabel e de Alexandria. O primeiro d'estes estabelecimentos conta 1,500 estudantes, o segundo 800. Ensina-se o Arabe, o Persiano, o Turco, e faz-se um curso completo de mathematicas. Os estudos preparatorios duram 4 annos; os alumnos são então admittidos ás escholas especiaes, que são em numero de 10, a saber:

| | | |
|---|---|---|
| Eschola de Medicina. . . . . | 300 | alumnos. |
| — de cirurgia e veterinaria . . . | 120 | ,, |
| — de cavalleria. . . . . | 300 | ,, |
| — de artilheria. . . . . | 300 | ,, |
| — de infanteria . . . . . | 800 | ,, |
| — de Polytechnica. . . . . | 225 | ,, |
| — de linguas. . . . . | 150 | ,, |
| — de musica. . . . . | 150 | ,, |
| — de agricultura. . . . . | 50 | ,, |
| — de partos . . . . . | 20 | ,, |

Os alumnos moram em barracas e estão subjeitos á disciplina militar. O Pachá lhes dá uma pensão cujo minimo para as escholas primarias é de 8 piastras por anno, e o maximo para as escholas especiaes de 80. As despezas com monitores, com comida e vestuario são feitas pelo Pachá. Ha Europeus entre os professores das differentes escholas. Nos regimentos ha escholas para os soldados. Todas as mesquitas tambem tem escholas que lhes pertencem. Finalmente os Europeus tem creado estabele-

cimentos no Egypto *ad instar* das instituições francezas e inglezas.

Hospitaes. — Em Alexandria ha dois hospitaes militares. O mesmo é no Cairo. Um d'elles é destinado para os pestiferados. O hospital de Coser-el-Ein póde receber 1,200 enfermos: o de Esbeckieh tem 300 camas para homens e 200 para mulheres.

Pensões. — Ha 16,037 pensionistas do estado. O montante total da pensões é de 16,741 bolças de piastras (5 lib. e 6 din. sterl. por bolça).

Commercio. — As operações commerciaes de 1836 poseram em movimento um capital de 100,000,000 de francos.

Medicina. — O Pachá estabeleceu um concelho geral de saúde, cujos membros são Clot-Bey, inspector geral, presidente; Giatani-Bey, medico do Pachá, membro honorario; Delsigrove-Bey, medico inspector; Derouches-Bey, boticario inspector.

Clot-Bey tem 30,000 fr. de ordenado, cada um dos outros tem 10,000 fr. Os medicos, cirurgiões e boticarios europeus empregados no exercito ou nos hospitaes são 151, dos quaes 105 são Italianos, 32 Francezes, 6 Inglezes, 5 Allemães, 4 Polacos e 2 Hespanhoes. Não se póde ser admittido como cirurgião-mór sem justificar que tem diploma de doutor em alguma faculdade da Europa.

Em 1829 os soldados reunidos no campo de instrucção junto de Abouzabel foram decimados pelas enfermidades; de 25,000 homens adoeceram 2,000; Clot-Bey obteve então do Pachá a permissão de fundar o hospital de Abouzabel e de crear n'elle uma eschola de Medicina.

O programma dos estudos comprehende a anatomia e a physiologia, a pathologia e a clinica, a therapeutica, a hygiene, a medicina legal, a chimica e a botanica. D'esta eschola tem sahido desde seu estabelecimento 410 alumnos, que foram admittidos como medicos no exercito.

Em 1837 estabeleceram-se em Alepo e Alexandria escholas secundarias de Medicina.

Pela supressão do campo de instrucção de Abouzabel transferiu-se para o Cairo a eschola de Medicina. Duram os estudos cinco annos; os alumnos vivem sob a disciplina militar e recebem soldo. O director d'esta eschola é M. Davigneaud: tem de ordenado 7,000 fr. Os outros professores, que são todos Europeus, tem cada um 5,000 fr.; cada professor tem um substituto arabe que entende o francez.

Em 1832 Clot-Bey pediu e obteve o estabelecimento d'uma casa de partos. A direcção d'elle foi dada a uma parteira da faculdade de Pariz, tendo por ajudante um Arabe medico por uma das faculdades de França: para o serviço da casa ha 20 negras e abyssinias.

ARSENAL DE ALEXANDRIA. — Ha n'este arsenal 8,000 trabalhadores, o dia de trabalho comprehende doze horas.

ACADEMIA DE MARINHA DE ALEXANDRIA. — Contam-se n'esta academia 854 alumnos arabes destínados ao serviço da marinha, onde são empregados como officiaes.

C. S. AZARIO.

---

Aqui offerecemos a nossos leitores a nota dos navios que no anno de 1838 passaram por Santa Helena:

Inglezes 361 (145,015 toneladas); francezes 76 (25,616); americanos 97 (30,788); hollandezes 107 (57,161); hespanhoes 1 (313); portuguezes 1 (300); suecos 3 (830); hamburguezes 3 (804); dinamarquezes 1 (400). — Total: 650 navios, — 262,227 toneladas.

---

No fim do anno de 1838, S. Petersburgo, capital da Russia, contava uma população de 469,720 almas, 333,669 homens e 136,051 mulheres. Durante o anno suicidaram-se 34 pessoas.

---

*Força naval dos Estados Unidos.* — O registro official da marinha dos Estados Unidos, para 1839, leva o numero dos officiaes commissionados a 579, e dos officiaes em reserva a 602. O numero dos navios de guerra formando a marinha dos Estados-Unidos é de 2 naus de linha em commissão, 5 em serviço ordinario, e 4 em construcção, 1 nau desarmada; 14 fragatas das quaes 6 estão em construcção; 13 corvetas e 3 em construcção; 4 brigues; 8 escunas, um navio de guerra, de vapor, e outro em construcção.

---

*Oiro cunhado nos Estados Unidos em* 1839. — Segundo o

relatorio do Snr. Patterson, director das moedas na União, sobe o montante total do oiro cunhado, o anno passado, a 1,809,595 dollars, dos quaes 1,622,515 dollars foram cunhados em Philadelphia, 84,165 em Charlestown, Carolina do norte, e 102,915 dollars em Dahlonega, Georgia. Sobre a quantidade mencionada havia 7,200 *aguias*, 286,588 *meias aguias* e 47,030 *quartos de aguia* (*aguia* é uma moeda de 5 dollars). Do oiro empregado, foi fornecido pelas minas dos Estados Unidos pela maneira seguinte: Philadelphia para 171,700 dollars, Charlestown para 127,000, Dahlonega para 135,700 e Nova Orléans para 700, somando tudo 435,000 dollars. O montante total das moedas de prata cunhadas foi de 2 milhões 333,243 dollars todas cunhadas em Philadelphia, a excepção de 40,243 dollars, que foram em Nova Orléans, não estando ainda as outras casas da moeda autorisadas para cunhar moedas de prata, nem havendo sido proposto á camara dos representantes o bill para esta autorisação, que ainda se acha no senado. Resulta d'este relatorio que o montante total das operações da casa da moeda nos Estados Unidos e de seus diversos ramos, em moedas de oiro e prata foi o anno passado de 4,142,838 dollars, ou 2,879:272$410 moeda forte. Alem d'isso cunharam-se 63,702 dollars de moeda de cobre, ou 44:272$890 moeda forte.

———

Eis aqui uma estatistica das pessôas, que se affogaram no rio Sena (em Paris) desde 1831 até 1838, e cujos cadaveres foram encontrados, e depositados por dias na casa da *Morgue*, para se descobrir quem eram:

Em 1832 — 32 —
Em 1833 — 16 —
Em 1834 — 25 —
Em 1835 — 25 —
Em 1836 — 17 —
Em 1837 — 24 —
Em 1838 — 40 —

———

Em uma das ultimas sessões da camara dos Communs em Inglaterra, sir James Graham fez o seguinte resumo das forças

navaes da Gram Bretanha, da França, da Russia e dos Estados Unidos: A Inglaterra tem 21 naus de linha em commissão; a França tem 10; a Russia 40; os Estados Unidos 2. A Inglaterra tem 2 fragatas de 50 peças e mais em commissão; a França tem 10, a Russia 4 e os Estados Unidos 6. A Inglaterra tem 57 naus de linha ordinarias; a França tem 10; a Rusia 3; os Estados-Unidos 5. A Inglaterra tem 17 fragatas de 50 peças; a França tem 15; a America 9. A Inglaterra tem 12 naus de linha em construcção; a França tem 29; a Russia 7; a America 26. A Inglaterra tem 5 navios de guerra, movidos por vapôr, em commissão; a França tem 22; a Russia 8; a America 1. A Inglaterra tem 7 d'esses navios em construcção, a França 15.

---

Um periodico allemão diz que os exercitos combinados da Austria, Prussia, e Confederação Germanica, elevam-se a 1,400,000 homens, dos quaes a Austria fornece 700,000, a Prussia 400,000, a Confederação 300,000.

---

## SCIENCIAS NATURAES.

Em uma das ultimas sessões do Atheneu das Artes, em Pariz, o Snr. A. M. Laisné, em nome d'uma commissão de cinco membros, fez um relatorio muito est. n o a respeito d'um novo microscopio, chamado *microscopio pancratico*, que se deve ao Snr. professor Alexandre Fisher (de Moscow), e ao Snr. engenheiro Chevalier.

Este microscopio offerece sobre tudo a facilidade de produsir successivamente e á vontade, sem mudança de peças, e por simplices movimentos pouco scnsiveis, engrossamentos que variam de 270 a 560 diametros para os corpos transparentes, e de 75 a 235 para os corpos opacos. (Offerece ao mesmo tempo, indicado no proprio corpo do instrumento, o grau de engrossamento do tubo.) Esta vantagem obtida sem sacrificio da limpeza e claridade das imagens, será devidamente apreciada pelos observadores, que muitas vezes tem necessidade de estudar um mesmo objecto sob poderes amplificantes muito diversos, e que perdiam, para as disposições materiaes, tempo consideravel. O

Atheneu das Artes, adoptando as conclusões de sua commissão, deu inteira approvação á engenhosa construcção d'este bello instrumento.

---

Esperando medir a presteza das correntes, diversos navegantes, começando de 1763, mas principalmente depois de 1818, tomaram o expediente de lançar ao mar um corpo leve que, fluctuando na superficie, fosse arrastado pelo movimento geral das aguas. Emprega-se quasi sempre para isso uma garrafa vazia e bem arrolhada, tendo dentro um bilhete que indica o logar em que foi lançada ao mar, assim como a data de sua immersão.

Convencido da utilidade que teriam algum dia taes observações, M. d'Aussy reuniu todas as que chegaram a seu conhecimento, em numero de 97 e teve o cuidado de acompanhal-as de certas, indicando o itinerario presumido dos corpos fluctuantes lançados ao mar, tendo a precaução de traçar a linha mais recta possivel entre o ponto da partida e o ponto da chegada, sem jamais fazer uurpações sobre as terras. Ora, todas estas observações indicam que o movimento das aguas tem logar de Este a Oeste entre os tropicos, e de Oeste a Este pelo contrario nas latitudes mais elevadas. Quanto a presteza d'estes corpos fluctuantes á mercê das correntes, foi ella sempre de 2 a 3 leguas ou de 6 a 9 milhas em 24 horas, o que concorda muito bem com os calculos já conhecidos de MM. Fleurieu, Bordu, Humboldt, Roussin, etc.

---

O Snr. Ed. Herrick, hoje residente em Connecticut, escreveu ultimamente a M. Arago que, na noite de 7 para 8 de dezembro passado, tinha observado uma chuva de estrellas cadentes. Já Brand tinha assistido a um phenomeno semelhante em igual dia do mesmo mez, porêm em 1798. N'esta noite de 7 para 8 de dezembro de 1838 dois observadores contaram em New-Haven 93 estrellas cadentes das 8 para 9 horas, e 71 entre 9 e 10 horas. O Snr. Herrick diz que quatro observadores que tivessem repartido igualmente, e por quarto, toda a metade visivel do ceo veriam correr 30 estrêllas por hora.

---

O periodico *Augusta Chronicle* annuncia que o centro da ilha Guadelupe abateu-se profundamente abaixo do nivel do mar, e que este acontecimento, attribuido ao terremoto que devastou recentemente a Martinica, destruiu ricas plantaçoes. Muitos edificios consideraveis se sumiram nas furnas que se abriram a superficie da terra.

---

## CURIOSIDADES.

O imperador Nicolau ordenou o estabelecimento d'uma cadeira da lingua persiana na universidade de Kasan; o estudo d'esta lingua é obrigatorio aos officiaes das armas especiaes.

---

Um cazamento muito extraordinario foi celebrado, na igreja de Whaley, entre e Snr. Whaley, sapateiro, e a Snra. J. Dewhurst. O marido tem seis pés de altura e sua mulher 3 polegadas. Posto que tenha 30 annos de idade a Snra. Dewhurst pesava sómente 30 libras.

---

Johnson, um dos mais celebres contrabandistas da Inglaterra, morreu em Londres, em sua casa, com 67 annos de idade. A vida d'este homem foi muito extraordinaria. Quando se preparava a expedição de Walcheren, no ministerio do conde de Chatam em 1809, Johnson estava cumprindo uma pena que o condemnava a muitos annos de prisão, pronunciada havia pouco tempo contra elle, por crime de contrabando. O ministro deu-lhe a liberdade e encarregou-o de conduzir a armada ingleza ao porto de Flessingue. Para recompensal-o d'este serviço, concedeu-se-lhe uma pensão annual de 825$000 rs., com a expressa condição de não mais empregar-se no contrabando.

---

A 18 de março em Pariz, reuniram-se os templarios para celebrar o anniversario da morte da Jacques Molay, seu ultimo grão-mestre, que morreu a 18 de março de 1314; ha 525

annos. — O Snr. Conde de Mantalivet é grande official da ordem.

---

Foi tamanho o frio em Londres e nas vissinhanças nos primeiros dias de março que um dos watchmen empregados na entrada do caminho de ferro de Londres e de Birmingham morreu gelado em sua guarita.

---

Cartas da Sicilia que recebemos fallam de uma grande e violenta erupção do Etna. A lava sahiu pela cratera grande, dirigiu-se em linha direita para o lado do este, aonde alguns curiosos inglezes tem casas de campo, ahi mudou de repente, depois de lhes ter causado bastante medo e precipitou-se em um valle sem causar damno notavel.

---

Asseveram-nos do Cabo da Boa Esperança que grande numero de habitantes abandona quotidianamente a cidade, em 6 mezes de 5 a 6,000 pessoas foram-se estabelecer para outros logares do interior. As principaes causas de tão espantosa emigração, ainda não igualada na historia das possessoes inglezas, são attribuidas a epidemia que continuamente ali reina, á emancipação dos escravos e á pouca segurança para os proteger contra os attaques das tribus selvagens visinhas.

---

O benevolo acolhimento que do publico recebeu esta publicação, pôz os seus redactores ao alcance de dar-lhe mais extensão, e por isso d'aqui em diante a Revista Nacional e Estrangeira conterá pelo menos 80 paginas.

---

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.
*Rua do Hospicio n.* 66.

# LITTERATURA.

## JUISO DA REVISTA DE EDIMBURGO SOBRE A LITTERATURA FRANCEZA CONTEMPORANEA. (*)

A SITUAÇÃO da litteratura franceza ha trez annos tem alguma coisa de muito notavel. Concordam todos os escriptores distinctos d'este paiz no chaos de ideias, na ridicula extravagancia do estylo, que deshonram a mor parte das novas producções. Concordam em profligar o frivolo egoismo, o cynismo asqueroso de que offerecem estas obras tão tristes exemplos. Há um concerto de queixumes e anathemas contra esta falta de convicção religiosa, de moralidade, de gosto e de consciencia. O genio do povo corrompe-se, disem elles: não ha ahi cousa que seja profunda, verdadeira, sentida; o que porêm maravilha é que os mesmos homens que mais altamente pregam esta theoria, que acham as mais eloquentes palavras para entregar ao despreso o estado intellectual da França, são precisamente aquelles que cavam o abysmo, que envenenam a chaga, que acumulam sementes de corrupção nova a essa corrupção de que se queixam. Romances sobre romances, dramas sobre dramas, não fazem mais do que augmentar ainda os elementos de discordia e o chaos de opiniões de que é victima este paiz. Sempre scenas de licença ou de atrocidade, sempre palavras, ora furibundas, ora embebidas no deboche: nada que console o coração, nada que aperte os laços sociaes, nem uma obra verdadeiramente moral que tenha por fim firmar em sua base essa fé christãa á qual se prendem todavia todos os habitos, todos os sentimentos, todos

(*) Este artigo foi escripto em 1833.

os costumes modernos, e que a tantas revoluções tem sobrevivido.

Quem vê a litteratura de nossos visinhos tal qual a fizeram ha algum tempo, dirá que o genio do mal, o da confusão e do chaos, é o unico Deus que elles admittem, a unica musa a que sacrificam. Quem a examina parece debruçar-se sobre um pego no qual redemoinham e luttam todas as incoherencias, todas as contradicções; especie de poço sem fundo como os circulos de Dante. D'ahi sahem ao mesmo tempo *idiomas differentes*, *palavras humildes*, *gemidos de dôr*, *vozes atroadoras e fracas ao mesmo tempo*, *e longas palmadas:*

Diverse lingue, orribile favelle,
Gemiti di dolore, accenti d'ira,
Voci alte e fioche e suon di man con elle!

Acima do abysmo se elevam incessantemente formas grotescas ou sangrentas; algumas satyras cynicas; algum anjo descabellado, de sorriso funesto; nada porêm annuncia que a ordem, o repouso e a grandeza devam em breve succeder a estas apparições revoltantes ou absurdas, a este chaos fantastico.

Felizmente não se pode duvidar que seja puramente transitoria esta situação desgraçada. Hoje, considerando em si mesmo a litteratura da França, ella se ostenta bem miseravel e bem nulla, falta-lhe ao mesmo tempo a dignidade, a grandeza e a fecundidade que só pertencem ás epochas de crença, e o vigor destructivo que assignala as epochas de revolução.

A litteratura do seculo XVIII, por exemplo, só tinha um fim: destruir; mas como se mostrava forte! como era poderosa! como se patenteava convencida! Ella tinha fé na energia humana, na perfectibilidade de nossa natureza. Ao passo que lançava o anathema, abria ao mundo uma perspectiva de gloria, um futuro de força. Com uma mão aniquilava a autoridade dos seculos, com a outra abria o livro d'essa revelação moderna, d'esse apocalypse philosophico que devia fazer felises todos os homens, todas as leis sabias e todos os povos florescentes. Ella fasia cahir o antigo cimento das instituições sociaes; mas pretendia regeneral-as para as fazer mais bellas, mais fortes, mais solidas. Os Voltaires, os Helvecios, os Diderots, sabiam muito bem o que queriam: tinham-se por felizes, alegravam-se quando os muros do edificio antigo se esboroavam e desmoronavam em de redor d'elles; quando os idolos e os tronos, os sanctuarios e

as torrinhas feudaes juncavam o solo e cahiam aos golpes de seu potente alveão. Estes homens tinham vida: o futuro os terá por gigantes. Elles se ajudavam, se animavam para a obra commum. A Europa tremia a cada ruina nova que vinha attestar seu poder: eram os grandes sacerdotes d'uma era nova, os apostolos devotados e fanaticos d'uma destruição então necessaria.

Vede tambem que união em seus exforços! que eloquencia, que pico, que potencia intellectual em seus vôos! Que fertilidade de imaginação, que accôrdo magestoso e hardido! Serão lidos mais tarde, como hoje são lidos os Padres da Igreja, sem admittir a verdade de seus axiomas, sem acreditar em todos os seus argumentos. Será condemnada sua violencia, sua ironica e aspera polemica, suas declamações, que foram, para os Anacharsis Clootz e para os Robespierres, brandões de guerra civil; será porem admirada sua coragem e suas poderosas faculdades.

Si os compararem aos escriptores hoje da moda em França, estes parecerão bem pequenos, bem vagos, bem falsos, bem despidos de fim e plano, bem estereis em ideias, bem prodigos d'um ridiculo brilhantismo de palavras. Está chegado o tempo do enojo, do marasmo e da desesperação. A experiencia, terrivel conselheira, ha resfriado o ardor dos enthusiastas. Quanto mais insensatas eram as esperanças que cegamente se haviam concebido, tanto mais amargo e profundo foi o desanimo que seguiu o paroxysmo. Hoje cada qual duvida de tudo; nem um systema acha sinceros proselytos; reconhece-se que o edificio antigo está arruinado, e que nem um monumento duradoiro se ha levantado sobre suas cinzas. Já não há fé na bondade, na força, na nobreza da especie humana. Terrivel reacção que não é bastante para reconduzir a intelligencia e a alma dos homens a sua antiga fé destruida, d'onde resultam porêm essa nullidade extravagante, essa litteratura sem ponto central, sem verdade, sem força intima, que envergonharia qualquer povo, si todas as nações não fossem forçadas a soffrer o mesmo opprobrio.

Penetremos n'esses limbos de tendencias oppostas, de especulações vagas, de divagações mais ou menos brilhantes e de talentos perdidos; ensaiemos examinar de mais perto a litteratura da França: reconheceremos todavia, n'esta situação que parece desesperada, a promessa d'um melhor futuro. Duas correntes hoje se embatem, dois rios caudalosos luttam; d'uma parte a philosophia materialista de 1760 e da outra a philosophia

moral e espiritualista, que, por muito tempo vencida, procura reconquistar seu logar. Todas as barcas lançadas no vortifice formado pela collisão d'estas torrentes contrarias, saltam e abalroam-se com violencia, e estão destinadas a mor parte a desapparecer no pego que se vae abrir, condemnadas a perderem-se e a desapparecerem para sempre aos olhos da posteridade. Sem duvida esta agitação se acalmará mais tarde, o rio reassumirá seu curso bonançoso; margens mais felizes, mais ferteis, se descobrirão aos olhos; mas até aqui nada está fixo, nem um leito duradoiro está aberto: não vemos ainda sinão uma tempestade e um combatte.

Não se diga que a tendencia espiritualista de que fallamos seja uma chimera de nosso espirito; ella se revela de todos os lados; a necessidade d'uma crença se encontra na essencia dos systemas mais estravagantes, que recentemente se hajam inventado. Theophilantropos, mysticos, swedenborgenses, templarios, san-simonianos, todos confessam que a segurança social não tem outras bases, e a resignação nem um outro appoio que a religião. Deixemol-os procurar ainda por algum tempo refundir em seu cadinho philosophico os antigos preceitos christãos; permittamos-lhes lançar essas bolhas de sabão, que, adornadas por um momento com todas as côres do arco-iris, quebram-se e evaporam-se. Quando todos esses caprichos puerís da especie humana forem reduzidos a atomos impalpaveis, quando o homem, instruido pelas convulsões da revolução franceza e pela apathia moral dos tempos em que vivemos, reconhecer que se não basta a si mesmo, e que suas chimeras não são idolos, ver-se-ha socegar, acalmar-se e desapparecer toda essa fermentação, toda essa escuma da litteratura franceza.

Os escriptores que hoje a honram, e cujas obras encherão de singular espanto a seus netos, fazendo-os sorrir de desdem, são talentos de segunda ordem, aos quaes a revolução de julho deu um impulso fatal a sua gloria. Depois d'essa epocha parece terem-se quebrado todos os diques, haver-se despedaçado o sello de Salomão, ter-se dado passaporte geral á licença, á immoralidade, ao phrenesi. Não se acredite porêm que os trez dias de 1830 tenham causado essa vehemente erupção; apenas fizeram surgir os maus sentimentos, havia muito tempo adormecidos no seio da sociedade. No tempo da restauração encontro os mesmos principios, antes a mesma falta de principios, o mesmo gosto, antes a mesma falta de gosto. Preciso é di-

sel-o, os Bourbons, depois de 1815, nada fizeram para o melhoramento moral e social da França; por espaço de 16 annos procuraram firmar-se no trono e nada mais. Não sabemos si lhes seria possivel depurar e regenerar o espirito do povo que deviam governar; porem de certo não era levantando com pompa um vão simulachro de catholicismo decrepito; não era alistando um exercito de jesuitas e capuchinhos, que podiam dar um pouco de energia e virilidade, de probidade e fé a essa massa sobre que haviam passado em um quarto de seculo mais de dez revoluções. No reinado de Carlos X, premios se deram á hypocrisia; a educação da infancia não cessou de ser dominada pela mesma rotina ridicula; nada se fez para completar essa grande alliança da moralidade e das luzes sem a qual não ha virtudes nacionaes. Pelo contrario, homens sem duvida sinceros, porem inteiramente ignorantes de todos os moveis da humanidade, e d'um desmaselo sem exemplo, procuraram fazer reviver esses mesmos abusos, essas mesmas loucuras, esses mesmos excessos, contra os quaes se havia armado de massa poderosa a philosophia do seculo XVIII. Sabe-se qual foi o desfeixo.

A litteratura da restauração era alguma coisa de incompleto, de vago, de suspenso entre duas opiniões contrarias; alguns ensaios notaveis, esboços de Vitet, os dramas de Mérimée, annunciaram uma mudança grave e total no gosto do publico e na tendencia dos espiritos. Depois da revolução de julho, a estrada aberta por estes dois escriptores, que não pouparam nem o terror nem o crime, se alargou pelas mãos de Balzac, de Sue e de Janin; é d'essa epocha nova que data sua reputação. Foram então publicados esses pesadêlos litterarios, todas essas orgias feroses que enchem *la Confession*, *la Salamandre*, *la Peau de Chagrin;* a apologia do assassinato e do deboche encontra-se em todas as paginas, e é quasi o unico fim philosophico que se póde notar em taes obras. Mérimée e Vitet continham-se ainda por alguma ideia da arte, por algnns principios fixos. Depois dos tres grandes dias viu-se nascer um litteratura ephemera, copista muito attenta e muito lisongeira das paixões más e dos preconceitos quotidianos, trasendo visivel o cunho de sua fragilidade e do interesse pessoal de envolta com o espirito de partido, resuscitando todas as ideias, insultando todas as opiniões, misturando todos os estylos, lançando ao acaso todas as côres, pedindo vestidos e palavras a todos os tempos e a todas as idades, lubrica como Aretino, estoica como Zeno, correndo

á ventura, e rindo-se como uma louca com o verdadeiro riso da desesperação; proclamando com impudencia seu nada, sua loucura, sua impotencia; lamentando-se por seus vicios sem se corrigir, e dobrando assim a dose do despreso que merece: triste litteratura cuja palavra de ordem parecia ser: Não esperar em nada, não acreditar em nada e nada temer!

De que servirão pois todas estas lucrubações? qual será o fructo d'esta seve tão mal despendida? forçar o futuro a lançar olhos admirados para essa completa desorganisação, de que é a expressão. Na epocha em que estamos, desgraçadamente ella aggrava, pelo contagio do exemplo, o mal que revela. Releva ver uma myriade de autores, dotados todos d'essa mediocridade de talento que consegue copiar o talento verdadeiro, e aproveitando-se todos d'esse chaos para ao mesmo tempo adquirir uma fracção de fortuna e de fama, para pescar nas aguas turvas, si me permittem esta expressão popular, um pouco de gloria e um pouco de dinheiro. Traficanteszinhos da litteratura que prodigiosamente pulularam depois que se abriram todas as eclusas, depois que um publico benevolo recebeu, sem exame, quanto queriam escrever e imprimir. São gente que, sem ter o merito de ser sinceros, estão sempre promptos para assenhorear-se da voga, seguil-a, exploral-a e levar ao ultimo grau de ridiculo e absurdo as passageiras predilecções da multidão. Dotados de destreza e de facilidade sufficiente para serem perigosos, procuram que suas obras sejam compradas por um dos partidos que dividem o estado; e este officio que os sustenta contribue mais ainda para aviltar a litterattura nacional. A elles se devem as diatribes centraditorias dos periodicos, os romances obscenos e atrozes que conspurcam a imprensa, os elogios e as criticas de complacencia ou venalidade que abundam nas Revistas. Em que outro tempo se poderia ver um homem de imaginação e de talento, M. de Balzac, atirar ao rosto d'uma sociedade, que tem pretenções á virtude e á elegancia, um volume inteiro de obscenidades em estylo antiquado *(les Contes drôlatiques)*? Em que outro tempo se teria visto o primeiro autor dramatico da epocha escolher para heroina de seu drama a infame Lucrecia Borgia, ligando-se, por amor ou amisade, o autor não o diz, ao filho incestuozo que ella teve de seu proprio irmão? Sobraria, para pintar o estado de desordem e de anarchia moral em que se acha a litteratura da França, rememorar o estranho suicidio de Escousse e de Lebras, dois mancebos

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

que, por haverem composto pessimos dramas acolhidos com muita benevolencia, e por não terem recebido dos periodicos todos os elogios de que se julgavam credores, asphyxiaram-se juntos!

A litteratura nascida debaixo d'estas desastrosas influencias compõe-se de duas partes: uma que tem as pretenções de ser fantastica; outra que se assenhorêa, diz ella, das realidades, mas que pelo revoltante absurdo de suas mentiras, excita-nos mais despreso que a primeira.

Fantastica! a França fantastica! quem jámais o acreditaria em principios d'este seculo? Entretanto hoje que o presente pouca consolação offerece, e o futuro pouca esperança, não ha difficuldade em comprehender como a nação a mais espirituosa, a mais alegre, a mais ironica, se haja deixado arrastrar como sem o querer para um mundo ideal, livre de todos os obstaculos da vida actual, vasta e divertida como o infinito? Há cinco annos que os Francezes se tomaram de paixão extravagante por Hoffmann e procuram imital-o, — antes parodial-o. Hoffmann é de todos os escriptores o que soffre menos imitação. O genero em que escreveu, é as vezes insustentavel para elle mesmo. Quando consegue o fim, esse triumpho deve ser attribuido a uma idiosyncrasia que o appropriava para avantajar-se n'esse estylo, precisamente porque para mais nada servia.

Um temperamento naturalmente nervoso e irritavel, levado até os limites da loucura pelo habito da embriaguez e por enfermidades chronicas; a consciencia d'uma alta capacidade enfraquecida por excessos e trocada por impotencia; uma imaginação enferma; uma intelligencia dominada por pressentimentos e crendo perceber a garra do demonio no pé do leito, no atrio da chaminé, nos menores acontecimentos da vida; um cerebro cheio de espectros por elle creados, e que o faziam tremer; taes eram os indispensaveis elementos d'um genio, como o de Hoffmann, sem duvida original, porêm tão inimitavel quanto original. A quem poderia elle communicar essa crença profunda no mundo invisivel, esse terror que lhe inspiravam os phantasmas concebidos por seu espirito enfermo e engendrados nas lojas de bebidas? Hoffmann era um phenomeno physico e intellectual; só elle podia analysar e descrever a febre mental que o devorava: só elle podia encontrar o laço imperceptivel que ás coisas da vida real ligava essa phantasmagoria immensa. Quando uma multidão de escriptores francezes julgaram imitar

Hoffmann, inventando figuras grotescas, mostrando-nos um demoninho a cavallo no martello das portas, serpentes e anjos de azas azues volteando em cima da chama do ponche, de balde pediram ao louco Allemão emprestado o material de seu theatro. Para acompanhar-lhe o genio, seria mister que, como elle, taes escriptores estivessem suspensos entre a embriaguez da taberna e a da casa dos orates. Temos lido mais de cem contos fantasticos francezes, em que os novoeiros e o brilhantismo vaporoso das *Fantasie-Stuecke* são copiadas com laboriosa necedade: o verdadeiro elixir de Hoffmann, seja embora o elixir do diabo, a mais ninguem pertencerá, e será sempre um segredo para seus desasados imitadores. Ao menos os escriptores fantasticos pretendem mentir, e mentem bem ou mal: abrem as portas ao mundo invisivel; si vos desagrada esse mundo, si sua varinha magica não vos descobre thesouro algum, não deveis accusar sinão sua impericia, porêm elles não vos enganam. Que direi d'aquelles que se dão por pintoress de realidades, e em cujos escriptos não se encontra uma realidade, uma verdade, um character? Seus actores estariam tão bem nos immensos dominios do espaço, ou nas regiões preadamitas d'um globo antediluviano, como na China ou em Monomotapa. Imaginae personagens que jámais deveram existir, e que obram sem relação alguma com o proprio character que lhes prestam. Tudo é inconsequencia, inconveniencia; por toda parte é ferida a logica; si a heroina é docil e virtuosa, loira e alva, como disem esses autores, podeis ter por certo que, antes do fim do primeiro volume, lhe será attribuido algum crime inconciliavel com seu primeiro character; si tal homem é um monstro, prestar-lhe-hão grandes virtudes. Atirado rudemente de inverosimelhança em inverosimelhança, de contraste em contraste, de estravagancia em estravagancia, o leitor, cuja curiosidade é ao principio estimulada, acaba por irritar-se; e quando esta irritação se prolonga pela multiplicidade de abalos que lhe dão, torna-se enojo, e transforma-se em desgosto. Vi um saltador grotesco, cujo primeiro salto surprehendia-me, a segunda pernada fatigava-me, e o terceiro salto perigoso obrigava-me a deixar o logar.

Não digo que n'estes escriptores, como em alguns dos nossos autores antigos, não se acha de quando em vez um raio de luz, uma phrase brilhante, um pensamento atrevido, um rasgo de imaginação; porêm apenas tem escapado da nuvem o raio

luminoso, fecha-se a nuvem, e de novo sois lançado no turbilhão nebuloso e ensanguentado que vos cercava. Julgaram elles que assim renovavam sua litteratura e por esse meio provavam a fertilidade de seu genio; ao contrario nada prova tanto a esterilidade e pobresa de recursos, como a necessidade de recorrer sem cessar ao extraordinario e ao horrivel. Os homens d'um talento verdadeiro produsem effeito com elementos ordinarios: inventar um character de homem, crear uma cadeia de incidentes que interessem a imaginação, suspender a curiosidade sem violentar a rasão, é tarefa que exige tempo, reflexão e ao mesmo tempo genio: porêm não atrahir a attenção nem conserval-a sinão por scenas de licença, de embriaguez, de incesto, de adulterio e de assassinato; chafurdar-se nos asquerosos mysterios da Morgue, da Salpetrière, ou da praça de Grève, officio é triste e facil que se póde exercer sem trabalho, com tanto que a penna seja atrevida e pouco escrupulosa.

O proprio Voltaire, escriptor a quem muito convem o nome de autor satanico, nunca assim procedia. Em *Candide* elle não esboça uma personagem, não lança um só incidente ao acaso. Qualquer que seja a veia ironica de seu genio, tudo é combinado, tudo concorre para sustentar um systema. Um só pensamento, doloroso, é verdade, domina toda a obra e desenvolve-se com energia em meio de todas as saliencias da imaginação e da satira. Vede, pelo contrario, como os escriptores hoje da moda em França procuram provar seu systema e esteiar suas theorias. « Eu quiz aqui, diz M. Janin no prefacio da *Confession*, mostrar a difficuldade moral d'um homem que sente a necessidade d'uma crença, e que já não encontra essa crença no sanctuario porque nenhures ella está. » O que feriu o autor, o que, segundo sua propria confissão, elle tractou de pintar foi o ponto mais saliente da physionomia moral da França. Cumpria-lhe unicamente considerar quanto o rodeava: cada individuo, cada familia, com tanto que elle os houvesse escrupulosamente examinado, e attentamente reprodusido, lhe teriam offerecido exemplos d'essa enfermidade que deplora. Uma narração tão fantastica como todas as diabruras de Hoffmann serve-lhe para sustentar a these. Anatole, seu heroe, um homem da *Joven França*, usando bigodes, colete de setim abotoado até a barba e sem camiza, enforca com suas proprias mãos sua mulher na primeira noite de seu casamento, por muitas rasões. Primeiro porque ella dançou com praser; depois elle

reflectiu que envelhecendo, sua bella noiva ficaria tão enrugada e tão feia como a aia de oitenta annos que a acompanhava, finalmente porque ella esqueceu seu nome de baptismo quando se deitou, e adormeceu mais cedo do que devia, segundo elle pensava. Todos estes motivos tão fortes levam nosso homem de juizo e de *bom tom* a assassinar a moça; — ebulição de loucura seguidamente por uma ebulição de remorsos. Anatole quer confessar-se, procura um padre digno de absolvel-o; um é muito gordo, outro muito magro; este é muito indifferente em materia religiosa, aquelle é muito severo e não se atreve dar-lhe a absolvição. Passa em revista uma duzia de sacerdotes; entre outros um padre hespanhol que elle surprehende em conversação inconveniente com uma pessôa mui bella, e que parece não ter disposição alguma de enforcal-a. Só depois d'uma longa odyssea descobre Anatole um padre como queria; o bom padre consola-o, absolve-o, e manda-o embora quasi restabelecido. Depois d'uma loucura de seis mezes, o heroe toma tonsura, ordena-se, diz missa, e adquire tamanha gordura que seus amigos deixaram de conhecel-o.

Tudo isto é destinado a provar que não ha em França religião. Ora com effeito são estes incidentes bem provaveis e characterisam maravilhosamente a sociedade moderna! Admire-se um pouco a logica do autor, que, para provar que já não existe religião consoladora, lembra-se de mostrar-nos em seu desfeixo um homem religioso e consolador. É impossivel encontrar em litteratura alguma cousa que se assemelhe á sem rasão e ao absurdo d'esta conclusão. Muita rasão teve M. Janin em diser no seu prefacio que escreveu sem plano e ao acaso: mas não ha justiça em comparar-se com Crebillon filho, pintor d'um seculo muito immoral, autor de retractos que nos revoltam muitas vezes, posto se pareçam ao menos com os originaes.

Faltam pois a todos os escriptores francezes de nossa epocha a philosophia, o fim, o plano, a ideia mãe. O talento dos pormenores não póde compensar essa miseravel incoherencia, nem substituir o todo ligado e a cohesão que com tanta insolencia despresam. Em Janin se acham todavia qualidades pouco communs; muito brilhantismo no estylo; episodios cheios de enthusiasmo; uma certa alegria maligna e candida que se reune ás passagens mais patheticas e que as faz resaltar; finalmente raios luminosos e penetrantes, que, sem terem nunca grande alcance, sem abraçar o todo da sociedade actual, penetram as

vezes sua profundidade. Parecem-se com essas illuminações subitas da embriaguez que brilham como um relampago no meio do chaos e das trevas da intelligencia. O autor, é verdade, nunca sabe ser casto e simples por muito tempo : domina-o um genio de affectação intima, fatal a toda grande obra, e que estranhamente contrasta com capitulos d'uma simplicidade encantadora e de grande força de estylo. Tal é a descripção da passagem d'um barco de aldeia na *Confession*. A historia dos sacrificios feitos pela barqueira para dar a seu filho a educação ecclesiastica, é uma das mais bellas paginas que se haja escripto ha muito tempo.

Não só a *Confession*, mas todas as obras de Janin attestam uma imaginação ardente e apaixonada, um juizo e um gosto falso, e uma ineptidão completa para construir e amadurecer um grande todo. Encontra-se n'ellas sobre tudo o profundo vestigio da falta contra a qual elle declama com tanta vehemencia, falta de principios em moral, em politica, em religião, em litteratura. Vê-se um homem prompto a escrever pro e contra todas as questões, em todos os periodicos imaginaveis, não talvez por motivos de interesse, mas porque nada é verdadeiro, nada é falso a seus olhos. Sua primeira obra, *l'Ane mort et la femme guillotinée* é um d'esses embroglios hediondos, uma d'essas miscellaneas de sangue, de enfermidade e de voluptuosidade, que um carniceiro, preso em Bedlam por loucura, mui bem poderia conceber. A *Confession*, de que havemos fallado, seguiu-se *Barnave*, esboço não acabado e defeituoso, mas tocante e hardido, d'essa epocha em que a monarchia e o povo antigo se separavam para nunca mais se encontrarem, para nunca mais se reconhecerem ; tanto deviam mudar, ella na emigração, elle nas conquistas. Quanto ás suas duas ultimas producções, *les Contes fantastiques* e *les Contes nouveaux*, não fallaremos d'ellas : um conto intitulado *Rosette* e um Ensaio sobre Crebillon moço, são as unicas cousas que nos parecem dignas da reputação de M. Janin.

Si houvessemos pensado classificar segundo seu merito respectivo os escriptores francezes, certo não teriamos dado preferencia a M. Janin, mas a M. Victor Hugo, autor dramatico original, poeta lyrico da primeira ordem, e romancista muito distincto. Sua imaginação é creadora, sua aspiração é alta e pura ; vê claramente o fim que se propõe, e caminha para elle com passo firme e com vigor ; sabe pensar muito tempo e ama-

durecer com perseverança os objectos de que quer tratar; finalmente essa faculdade que possuem seus rivaes, a de crear pinturas energicas e coloril-as com brilho, é ainda mais notavel nas obras de M. V. Hugo do que nas d'esses escriptores. Infelizmente esse fermento de corrupção e de desordem que se encontra em todos os livros contemporaneos, acha-se tambem em suas obras, e quanto mais elle progride tanto mais parece agravar-se essa enfermidade intellectual. Comparae suas primeiras e ultimas producções. Em *Bug Jargal* e *Han d'Islande*, o espirito descança ao menos em algumas scenas brandas e consoladoras, em alguns characteres virtuosos, que fasem esquecer tantos horrores accumulados; vê-se que a alma do autor é sensivel e dotada de elevação. O que é porêm *Lucrèce Borgia* e *le Roi s'amuse?* Uma massa incoherente de assassinatos, de incestos e de deboches. Não ha ahi emoção humana ou generosa; as influencias fataes da epocha parecem ter feito descer o barometro moral de seu genio. Em todos os tempos, o defeito especial de M. Hugo foi a exageração; suas melhores obras tem esse cunho; como o nosso *Maturin*, usou em seu *Han d'Islande*, e até abusou dos terrores da Scandinavia. Seu *Bug Jargal*, conto tirado da historia da insurreição de S. Domingos, é inteiramente despido de verosimelhança. O heroe é um negro, especie de Grandisson, que concebe um amor platonico pela mulher branca, e sacrifica sua vida á felicidade d'aquella a quem ama e á de seu marido. Muitos episodios d'esta narração são brilhantissimos pelo vigor do pincel; entre outros a descripção da lutta em que sobre o precipicio se empenham Habibrah e d'Auverney. Esta ultima scena é pintada com tal energia e tão minuciosa, que o leitor que segue todos os lances d'um combate de morte, apenas respira até o momento fatal.

A unica obra que M. Hugo tenha produsido perfeita tem por titulo *le Dernier Jour d'un Condamné* (*). Não é um romance, é a analyse d'uma situação: uma autopsia moral e psycologica, a chronica dos pensamentos de um homem, o registo exacto de suas sensações, no espaço de tempo que separa a condemnação a morte do suplicio. Não ignoro que, depois d'essa epocha, M. Victor Hugo se representou a si mesmo como tendo querido

---

(*) Esta obra está traduzida em Portuguez e vende-se na loja de Livros da rua da Quitanda n. 77.

fundar uma doutrina, abolir a pena de morte em França e mudar a legislação. È essa uma das mil pretenções, uma das mil affectações que os escriptores francezes julgam dever escolher por bandeira. O que porêm cumpre admirar em despeito de todas as affectações, é o drama interior e methaphysico, creado por M. Hugo; o coração d'um homem, em uma circumstancia terrivel, minuciosa e habilmente descripto; uma tragedia inteira, intima que o autor nos revela, sem se servir de meio algum accessorio, sem mesmo diser-nos porque foi condemnado seu heroe.

Parece que em todas essas producções francezas de hoje devem inevitavelmente esconder-se, como a podridão em certos fructos, uma enfermidade intima, um principio envenenado e corruptôr. O defeito fundamental da obra, alias cheia de vigor e talento, é que o condemnado que tão bem se exprime, que a si mesmo se analysa com tanta philosophia, que tem a alma tão branda, o espirito tão poderoso, o estylo tão bello e tão firme, parece-nos inteiramente fóra das condições do tribunal de *assizes*. Quem se lembra de haver visto nos bancos d'esse tribunal, no meio dos *gendarmes* e dos ignobeis officiaes de justiça, um homem capaz de escrever um só dos paragraphos de M. V. Hugo, e entretanto accusado de assassinato, convencido de assassinato, que não alcançou o perdão, nem mesmo commutação de pena! Estes crimes violentos pertencem as vezes a entes nobres por sua natureza e desvairados pela paixão, porêm são, por assim diser, antilitterarios, incompativeis com a reflexão philosophica e a calma do trabalho intellectual. Um jovem Hespanhol matará sua amante; outro tanto porêm não farão Rousseau ou mesmo lord Byron: estes contentar-se-hão com declamar: o pensamento, tão violento n'elles, paralysa a acção.

*Notre Dame de Paris*, que foi muito admirada, contem rasgos de genio, uma bella pintura da architectura da meia idade, grande barulho de homens e de costumes, que se diz pertencerem aos tempos antigos, e que realmente não são de tempo algum. Aqui como em todas as obras de M. Hugo, as bellezas dos pormenores volteam em roda d'uma impossibilidade: um centro absurdo e illogico serve de eixo a uma fabula que não deixa de ter interesse. *Han d'Islande* vos offerecia um monstro meio urso e meio homem, com braços como uma aranha, e goéla como javali; *Bug Jargal*, um africano muito amorozo, battendo-se como os antigos cavalheiros, e votando-se ao amor pu-

ro. *Notre Dame de Paris* é animada pela presença d'um heroina da meia idade, Esmeralda, tal como nunca, sem duvida alguma, em 1400 viram os becos de Pariz. Esta imitação da *Mignon* de Goethe e da *Fontenelle* de Walter Scott teve muitos partidistas. Com effeito, ha belleza dramatica na mor parte das scenas em que ella apparece ; porêm essa alta civilisação em uma Bohemia, porem essa brandura e elegancia de costumes em tal seculo, porêm essa Taglioni transportada para uma epocha barbara, são, em nosso entender, o cumulo da inverosimelhança e do absurdo. Pintor energico e exacto de scenas violentas, M. Hugo semeou *Notre Dame de Paris* de paginas e quadros admiraveis. Tal é aquelle que representa um dos heroes do conto, contemplando do alto da torre de Nossa Senhora a execução de sua victima, que é queimada na praça, agarrado depois por Quasimodo e atirado á rua, a duzentos pés de distancia, por essa mão vingadora. Tem belleza essa descripção que se parece muito com a do combatte de d'Auverney e de Habibrah, de que já fallamos. Cada movimento do miseravel padre, cada suspiro que escapa do seu peito, cada contracção de seus dedos que se agarram ao que encontram, tudo é exacto. Uma goteira de chumbo o faz parar em sua queda ; o padre agarra-se a ella ; a goteira vae dobrando lentamente com seu pezo ; em baixo berra a multidão ; em cima Quasimodo pranteia a victima que sacrificaram. O padre balancêa muito tempo sobre o abismo, sua desesperação tenta um derradeiro exforço ; larga as mãos ; seu corpo descendo vae girando sobre si mesmo ; cahe, espedaça-se sobre um telhado, donde escorrega e vae esmagar-se nas pedras. N'estas descripções achareis M. Victor Hugo todo inteiro ; mas são fragmentos, e o todo de suas obras está longe de offerecer a unidade e harmonia que characterisam os primôres da litteratura.

Finalmente podem chamar-se *fragmentarias*, como disem os Allemães, todas as litteraturas de França. Qualquer autor que emprehende grande obra, em geral não faz mais do que uma collecção de episodios ; alguns trechos brilhantes o satisfasem. Outros, mais sinceros, confessam sua impotencia para compor obras estiradas, publicando sómente pedaços destacados, collecções e miscellaneas. Muitas vezes cotisam-se trez ou quatro escriptores para faserem um livro. Ah ! todos estes symptomas revelam uma fraqueza e esterilidade desgraçada ! e só por estudos profundos, por uma mudança de situação social, tornarão

á sua patria os escriptores francezes sua antiga superioridade intellectual.

Lede os romances de M. Sue, que tem obtido tão brilhante triumpho. Elle quer ser o *Cooper* da França. Pode-se mui bem censurar a difusão, a frieza e as vezes a pequice do celebre romancista americano: não vos perdôa uma folha de arvore, um prego de navio, uma caza de botão da casaca, nem a malha d'uma meia: escreve um conto como se fasem inventarios; tem personagens que são de pau, de ferro e de cobre, como os barcos de seus lagos, e aos quaes sómente falta o coração, a sensibilidade e a vida. M. Sue porêm é ainda melhor. Si suas pinturas são fieis não ha navio francez que não seja um pandemonium fluctuante, commandado pelo diabo em pessôa e tripolado por maus anjos. Segundo o que elle diz, a vida do navio compõe-se de mortes e de pirataria, de roubos e de violações, de assassinatos e de imprecações: todos os convezes de fragatas são juncados de cadaveres; uma atmosphera de morte, de enxofre, de fumo, de vinho, peza sobre cada navio; o incendio do paiol é um acontecimento de todos os dias; a mor parte dos capitães são enforcados nas vergas, e todos os marinheiros comem carne humana como nós comemos beef-steak. Releva voltar sempre a nosso sermão habitual: exageração, mentira, falta de logica, estes enormes defeitos da litteratura franceza estinguem suas qualidades, travam o desenvolvimento da maior parte dos homens de talento.

*Atar Gull* (tal é o nome da melhor obra de M. Sue) é um heroe da moda, a maneira dos de M. Victor Hugo e de M Janin, contrariando todas as leis ordinarias só pelo praser de surprehender e inquietar o leitor. N'esta litteratura as avessas, em que parece só haver medo do bom senso e da verdade, em que se deixou a baixeza classica para precipitar-se na logica da casa dos orates, foi convencionado que toda virtude será crime, e todo crime virtude. Atar Gull é um negro, um bom negro, que por espaço de sessenta annos curou de seu senhor, tratou d'elle, serviu-o, sacrificou-lhe sua saude, sua fortuna, suas vigilias. A Academia franceza acaba por dar-lhe um premio de virtude que elle não merece, como ides ver: Atar Gull, hypocrita profundo, cobriu-se com a mascara de dedicação para arruinar seu senhor, assassinar toda a sua familia, e assassinar a elle mesmo, como lh'o confessa quando esse pobre colono, o melhor dos homens, jaz em seu leito de morte.

Poderiamos ainda fallar dos *Contes philosophiques* de M. Balzac, de seus *Contes drôlatiques*, do romance *la Peau de Chagrin*. É um homem de espirito vigoroso e fecundo, que não deixa de ter a faculdade de contar e que as vezes conta bem. É illogico como Janin, sem alcance, sem philosophia real, e sobre tudo de um cynismo affectado que repugna em um homem de talento; mas abunda em pormenores felizes, em cousas com finura sentidas, agradavelmente narradas. É tambem homem de talento incompleto, que nada tem amadurecido, em nada pensado, que atira ao acaso uma multidão de contos esboçados e não acabados, sempre defeituosos no desfeixo, feitos ao correr da penna, palavrosos, discursivos, inverosimeis. Para M. Sue, M. Janin e as vezes para M. Victor Hugo, o crime, o assassinato, o estupro, o incesto são os pontos cardeaes da moralidade do romance. M. Balzac contenta-se com o deboche, leva a graça gauleza a seu ultimo grau de indecencia e de audacia. Ha contos d'este autor que fariam corar um dragão e que espantariam um carreteiro.

Todos estes escriptores estabeleceram por ventura algum principio, fundaram doutrina, consolaram uma só alma, deram uma só lição util? Não certamente. Elles lançaram n'este turbilhão tempestuoso de egoismo e de desgosto qne se apoderou da sociedade franceza, seus pensamentos que só augmentaram o mal; elles aprofundaram e envenenaram a chaga social. Ireis procurar em suas paginas, como nas de Montaigne, a experiencia sincera, philosophica e um pouco desleixada da vida humana tal qual é? Inspirarão ellas pensamentos enthusiastas? Moverão as almas energicas como as paginas de Rousseau? Contribuirão a dar relevo a esse culto de dedicação que é substituido pela individualidade mercantil e verdadeiramente hedionda? Achará ahi o futuro o vestigio d'um pensamento honesto e generoso, d'uma nobre emoção? Não certamente. Nas proprias obras escriptas com mais calma e com apparente doçura, em *Indiana* e *Valentine*, por Georges Sand (*) a revolta contra as instituições humanas e especialmente contra o cazamento, isto é a apologia do adulterio, encontra-se em todas as paginas; ou antes é esse o fim e a essencia d'estes diversos romances. O derradeiro autor que havemos citado avantaja-se a maior parte dos

(*) Mde. Dudevant.

romancistas francezes quanto ao talento de apresentar em scena suas personagens, de interessar-nos por elles, de pintar o interior das familias e de reproduzir as realidades. Podem citar-se as primeiras paginas de *Indiana* como primorosas, como um quadro de interior verdadeiramente acabado. Achareis alêm d'isso n'este livro uma moça victima d'uma sensibilidade nervosa de tal maneira pronunciada, que experimenta dois amantes sem contar seu marido, e acaba reconhecendo que o mais tranquillo e o menos brilhante dos trez é justamente o mais digno de seu amor.

Um dos escriptores que mais romances tem produsido ha quinze annos, encobriu-se com o nome do bibliophilo Jacob. M. Paulo Lacroix, assim se chama elle, não nos parece ter falta de fecundidade, nem de facilidade de estylo; mas seu pensamento principal é quasi sempre fraco e velho; uma erudição adquirida de hontem e pesadamente amontoada esmaga a fabula principal. A *Danse Macabre*, por exemplo, compõe-se de peste, de sortilegio, de licença, de pormenores extrahidos dos antiquarios e de mortandades sem tregua e sem fim. Recentemente no *Divorce* e na *Vertu et Tempérament*, procurou este escriptor deixar a esphera da meia idade na qual se havia circumscripto até então, e estender seu campo de observação á sociedade moderna e viva. Não lemos ainda estas obras, e não sabemos dizer até que ponto conseguiu seu fim.

Fallaremos de Paulo de Kock, o pintor das raparigas e dos tolos de Pariz, successor de Pigault-Lebrun? e d'uma multidão de desconhecidos pretenciozos que vivem da perversão de sentimentos e de ideias que reina em França, e que manufacturam o romance com todos os crimes do tribunal de *assizes*? D'estes é immenso o numero. Podem contar-se pouco mais ou menos cincoenta romances novos por mez. N'este numero os romances publicados com o nome de Michel Raymond, e que são o fructo d'uma associação de homens de talento, merecem ser considerados. São fortes pinturas da vida paririense. Quereriamos que a este vigor sarcastico e sombrio que comprehende e esmaga os vicios contemporaneos, se juntasse uma sympathia real pelo bem e pela virtude. Quereriamos tambem que sua sensibilidade, sem deixar de ser ardente e viva, fosse mais vezes dirigida por um juizo mais recto, que não tivessem o povo por incapaz de faltas, os vicios como inherentes a uma civilisa-

ção elegante, e que todo o vigor de seu odio não recahisse exclusivamente sobre as classes medias e superiores.

Paremos aqui e procuremos resumir algumas das ideias que se nos offereceram no decurso d'este exame. Contaminada de exageração, de exquisitice e de mentira ; querendo fazer effeito a despeito de tudo ; desdenhando a verdade, pregando uma misanthropia louca e insocial, affectando não accreditar em cousa alguma e lamentando-se por não acreditar ; sensual porêm sem abandono ; dogmatisando, mas sem logica ; não acreditando em Deus sem convicção ; chorando a queda das crenças, mas sem sinceridade em seu pezar ; não offerecendo ponto de apoio, doutrina, mesmo no mal ; nada perfeito, nada acabado, nada completo ; a litteratura franceza contemporanea é evidentemente uma litteratura de transição. Alguns dos nomes que se tem ligado a sua gloria sobrenadarão apenas em melhor tempo. Quanto as producções de que fallamos, destinadas a um esquecimento rapido o qual já peza sobre ellas, não serão consultadas por aquelles que nos succederem sinão como as estranhas recordações d'uma enfermidade social que terá durado muito tempo.

*(Edinburgh Review.)*

# ECONOMIA SOCIAL.

O *Journal des Débats* tem ultimamente publicado diversas cartas muito interessantes, a respeito da Russia: hoje offerecemos a nossos leitores a traducção da sexta carta que se occupa

## DA DEPORTAÇÃO PARA A SIBERIA.

Para fallar-vos francamente, Senhor, vejo-me em grandissimo embaraço, porque quero diser-vos uma opinião que tenho concebido ha muito tempo, e que, temo, vos parecerá paradoxal. Sou de parecer que a deportação dos criminosos para a Siberia é uma das mais bellas instituições penaes da Russia e um dos grandes meios, que a força publica põe em jogo para o aperfeiçoamento do povo, e para o estabelecimento da civilisação nos desertos da Asia. Como porêm, depois de todas as exagerações e de todos os contos que se tem propalado pela Europa a este respeito, usarei, sem excitar a terrivel hostilidade dos preconceitos, emprehender o desenvolvimento d'esta opinião, e fazel-a partilhar por todo mundo, por quanto tão justa me parece minha pretenção que não hesito, eu o confesso, em leval-a a este ponto? Parece que a Siberia é um d'esses abysmos sem nome, como aquelles que os poetas collocaram no inferno, e no fundo dos quaes são precipitados, sem que d'elles se occupem mais, os desgraçados a quem um poder inexoravel condemna a descer vivos a esse horrivel tumulo. Dir-se-hia em verdade que por uma estranha confusão de ideias, n'esta grave questão da punição dos crimes, a humanidade está só do lado d'aquelles que fazem que os culpados subam ao patibulo, para que morram morte cruel aos olhos da multidão convidada a este espectaculo, e que a barbaridade, ao contrario, está da parte

d'aquelles que, tirando tambem os criminosos do centro da população que desolaram, e a qual, ou por sua morte, ou por sua vida, não podem deixar de ser nocivos, querem dar-lhes ainda meio de melhorarem, e fazem d'elles instrumento uteis á sociedade. Bem vedes, Senhor, que se não trata aqui, em minha ideia, da deportação arbitraria considerada como meio politico, mas da deportação considerada como meio de justiça civil. Não fallo do recrutramento das colonias penaes da Siberia sinão na relação em que pode ser assimelhado ao das colonias penaes instituidas pelos Inglezes, com applauso do mundo civilisado. Demais, contentar-me-hei, recorrendo á melhor maneira de esclarecer esta discussão, — a simples exposição dos factos. Trata-se d'um d'esses pontos de direito que se resolvem pelas luzes do bom senso, e nas quaes o melhor arrasoado se reduz a uma narração imparcial.

A pena de morte, vós o sabeis, Senhor, não existe na Russia; ella foi abolida no seculo XVIII, e a Russia d'est'arte deu o primeiro passo n'essa carreira que tantos philanthropos preconisam e que tantos homens praticos repellem somente por intempestivo. Mas suprimir a pena de morte e não substituir esse por outro castigo capaz de ferir ao menos a imaginação dos criminosos ou d'aquelles que meditem sel-o, seria de certo o cumulo da imprudencia e por consequencia da injustiça, pois que o fim da lei é antes de tudo proteger os bons cidadãos contra as emprezas dos maus. Foi pois a deportação para a Siberia escolhida como prehenchendo todas as condições. Ser tirado para sempre do seio de seus parentes, do meio de seus amigos, de sua terra natal, transportado para um paiz desconhecido, donde ninguem, por assim dizer, ha voltado, não será uma morte verdadeira, uma morte cujo luto traja o proprio deportado, uma morte cujas tristes e inevitaveis consequencias a mais forte incredulidade não poderá pôr em duvida?

Até 1822, Senhor, a deportação para a Siberia fez-se com pouca regularidade, não havendo lei geral alguma antes d'essa epocha para determinar as applicações do principio. Em 1822, sob a administração do conde Speransky, então governador da Siberia e cuja perda recente hoje deplora a Russia com todos os amigos da humanidade, foi promulgada essa lei, a qual regulou desde então todo o serviço. Seus beneficios foram immensos e as colonias penaes da Siberia elevaram-se a um grau de prosperidade que deve fazer conceber as mais bellas esperanças por sua grandeza futura.

Os deportados partindo de todos os pontos do Imperio, excepto os das provincias visinhas da Siberia, os quaes são dirigidos directamente para Perm, vão reunir-se em Kasan. Ahi forma-se uma só columna que se põe em marcha para Tobolsk, onde até 1838 tem estado a séde do governo da Siberia occidental. É ahi que, depois de sua longa viagem, viagem de duas mil leguas para grande numero d'elles, são finalmente entregues á administração dos deportados *(cylny prikasse)*. A esta administração pertence fazer a classificação dos deportados e repartil-os pelos pontos do territorio, como mais conveniente fôr. Sagundo a natureza de seu crime e em attenção tambem a diversas outras circumstancias, os condemnados são divididos em cinco cathegorias: 1.ª os condemnados a trabalhos forçados; 2.ª os trabalhadores; 3.ª os criados; 4.ª os colonos; 5.ª os incapazes. Passarei uma rapida vista sobre sua condição n'estas cinco cathegorias.

Os condemnados da 1.ª cathegoria são os mais culpados, por consequencia são tambem tratados com maior rigor; entretanto não duvido que si a ideia da deportação, a da longa e penosa viagem que é preciso fazer para ganhar a Siberia, que si o preconceito emfim não se juntasse á realidade da pena para agraval-a, não se deveria julgar esta pena mui pouco severa para conseguir seu fim e gerar o terror salutar que a justiça deve fazer pesar sobre a cabeça dos criminosos. A duração da pena dos condemnados a trabalhos forçados não pode em caso algum, salvo nas reincidencias, passar de vinte annos. Passado este termo, o forçado é livre e entra na ordem dos colonos da Siberia, no cantão que elle mesmo designa. Ahi, corrigido pela idade, pela experiencia, pela reflexão, vê abrir-se diante si uma vida nova na qual pode ainda encontrar a felicidade e a liberdade.

Faz-se lavrador ou official de officio á sua vontade. Alguns d'esses forçados que souberam inspirar bastante confiança para obter a credito alguns generos fazem-se mercadores, criam uma pequena fortuna e deixam um estabelecimento a seus filhos. Em uma palavra, mesmo para os condemnados a ultima pena, o futuro tem ainda bellos dias, e não se deve escrever nas fronteiras da Siberia a terrivel inscripção que proscreve a esperança. Finalmente, os condemnados, durante o tempo de sua pena, são empregados nos trabalhos do governo; tem cada um uma cabana e os trastes necessarios, e recebem uma paga regular,

pouco consideravel sem duvida, porem sufficiente para manter-se e que os habitúa, mesmo n'esta escravidão temporaria, a occupar-se por si mesmo do cuidado de sua pessôa. Grande numero d'estes forçados são empregados na grande manufactura de panos estabelecida em Omsk.

A cathegoria dos officiaes de officio é sempre a mais numerosa; é tambem uma das mais interessantes, por ser o viveiro de classe industriosa propriamente dita. Esta cathegoria fornece á colonia os pedreiros, os carpinteiros, os marceneiros, os ferreiros, etc. Os condemnados, durante o tempo de sua pena, são repartidos por divisões de trinta a trinta e cinco individuos postos sob a dependencia d'um mestre a quem pertence vigiar sobre o trabalho e bôa ordem. Seu ganho não é dado todo, e, d'esta somma, o que não é necessario para sua subsistencia é applicado ás despezas das casas centraes de trabalho. Finalmente a pena só dura seis annos; terminados, estes condemnados são po tos em liberdade e adstrictos sómente a fixar sua residencia nasSiberia.

Os deportados da 3.ª cathegoria, os criados, são distribuidos pelos habitantes da colonia, e servem em suas casas como criados. Este uso, Senhor, poderá causar-vos admiração, si eu não acrescentasse que os deportados d'estas classes, são ordinariamente criados já habituados ao serviço, a quem esta primeira experiencia dos resultados d'um mau procedimento tem ordinariamente bem corrigido. Como quer que seja, o certo é que na Siberia acha-se utilissimo o emprego d'essa gente, e que muito difficil seria excusal-o. Eu não aconselharia que se fizesse em França um ensaio n'este sentido, porque supponho muita indocilidade em vossos criminosos. È porem verosimil que os maus exemplos e os maus conselhos exercem grande influencia na mor parte d'estes deportados, que não ha cousa alguma muito enraisada em seu coração, e que basta subtrahil-os ás causas de seu primeiro desvario para mettel-os promptamente em bom caminho em que aliás uma vigilancia um pouco severa é sufficiente para os conter. Depois de oito annos de serviço, estes criados, si lhes convem, podem deixar as casas em que estavam, ou ficar recebendo de então para diante a totalidade de seus salarios. Muitos se casam e entram no commercio de retalho.

Os lavradores, deportados da quarta cathegoria, servem no arroteamento da Siberia: são distribuidos pelos cantões incul-

tos, e todavia ferteis, d'este vasto territorio. As sommas necessarias para seu estabelecimento são adiantadas pelo governo, e elles restituem depois pouco a pouco, a medida que o producto de seus campos lhes dá meios de o fazer. Seu primeiro trabalho, chegando ao logar a que são destinados, é construir as cabanas em que devem morar. Todos os materiaes necessarios para este objecto são dados gratuitamente pela administração da colonia, bem como todos os instrumentos agricolas. Durante o primeiro anno são igualmente sustentados gratuitamente, tanto elles como suas familias; porque devo dizer-vos, Senhor, que o governo, por uma medida muito prudente, não consente que entrem n'essa classe agricola sinão os deportados, que lhe parecem dignos d'isso, e que são casados. Parece que o governo reconheceu, o que é profundamente verdadeiro, que o principio d'uma aldeia não é uma reunião de braços, porem uma reunião de familias. Resulta d'ahi que a mor parte dos deportados, cuja ideia se não oppõe ao casamento tratam, logo que chegam a Siberia, de pedir permissão para contrahil-o, e este casamento junto ás occupações ruraes, a esse divorcio completo com todas as occasiões de mau procedimento, torna-se de ordinario o melhor e mais simples meio de rehabilitação moral. Quando chega o tempo de sua liberdade, estes colonos entram na classe dos lavradores da corôa, e tem todos os seus direitos, taes como a propriedade hereditaria da terra, o que basta em rigor para fazer passar um homem da classe dos servos para a dos cidadãos.

Pouco direi da quinta cathegoria que se compõe dos invalidos e dos velhos que tem mais de sessenta annos. São repartidos pelas differentes communs, onde são empregados em todos os serviços que podem fazer. Estas communs são encarregadas de sua subsistencia e de sua vigilancia.

O quadro que tracei, Senhor, bem o vedes, nada tem de horrivel. As intenções do poder, na estabelecimento d'este systema penal, são evidentes, e, como vos dizia no principio, eu teria mais disposição, si a devesse censurar, de achar a lei mui pouco severa, do que de reproval-a por dura e deshumana. O governo de todos os deportados é confiado ao *prikasse* estabelecido em Tobolsk, que tem um certo numero de inspectores encarregados de visitar continuamente a Siberia para velar na boa ordem das colonias, na conveniente educação das creanças, na justiça exacta para com todo mundo. Ouvem as queixas dos de-

portados, examinam suas petiçōes, e, conforme seu procedimento, adoçam sua sorte fazendo-os passar d'uma classe para outra. Parece que a longa peregrinação feita a pé, por meio de tantas provincias, aos olhos d'uma multidão que concorre de todas as partes á passagem da columna, é considerada pelo Estado como uma reparação sufficiente do crime, e que, chegando á Siberia, os deportados já não são, para a força publica, condemnados que se devem punir, porem colonos que se devem sustentar, fazer entrar no caminho da liberdade e da abundancia, casar, e constituir cidadãos. É assim que a população da Siberia vae augmentando diariamente, que suas terras, incultas desde os tempos da creação, se roteam e cobrem de seáras, que os ramos da nação russianna se desdobram pela Asia. Do que era um principio de mal e de discordia em suas provincias da Europa, ella faz um principio de vida e de prosperidade para suas provincias do Oriente. Tem-se notado que a população dos deportados se há confundido mui promptamencom a população indigena, o que é um grande bem. As reincidencias são excessivamente raras, e os colonos e seus filhos parecem esquecer, como esquece todo mundo, a causa que determinou seu estabelecimento n'estas regiões longinquas.

Os deportados partem ordinariamente de cada prefeitura uma vez por semana. Tudo está organisado para os receber no caminho que devem seguir até Kasan. Cada companhia é escoltada por guardas d'etapes e faz ordinariamente 20 a 30 verstes por dia. Casas construidas de distancia em distancia, e mantidas á custa do Estado, tendo quanto é necessario, servem-lhes de logar de repouso. Os que adoecem na viagem são transportados para a enfermaria da prisão mais proxima, e ahi ficam até convalescerem. Os velhos e invalidos, são transportados em carros á custa da provincia. Os homens e as mulheres marcham em columnas separadas, e nunca se communicam. Julga-se que o numero das mulheres condemnadas á deportação é um quinto do dos homens. As mulheres livres que querem acompanhar seus maridos ao exilio, podem ir com elles, e é muito frequente ver mulheres de condemnados acompanhadas por seus filhos, cumprir com coragem este grande e piedoso dever. A lei entretanto não lh'o ha prescripto, e a mulher do deportado, livre de direito, é senhora de cazar-se segundo vez em seu paiz natal. Esta permissão porem raras vezes é aproveitada pelas mulheres russiannas, e nada iguala a belleza d'esse acto de fideli-

dade conjugal a não ser sua tocante simplicidade. Não é necessario dizer que tanto as mulheres como os filhos são mantidos, durante toda a viagem, a custa do Estado. Não é raro ver mulheres acompanharem algum deportado, seguir este triste noivo a terra do exilio, e irem procurar n'ella novo estabelecimento e fortuna.

Desejava poder dizer justamente que população tem a Russia derramado d'esta maneira na Siberia; porem em vão procurei os necessarios documentos. È tanto mais difficil fazel-o, porque os deportades, como disse, logo que termina o tempo de sua pena, não se distinguem mais do resto dos lavradores da corôa. Entretanto vejo que, segundo os dados fornecidos por alguns estatisticos russianos, póde-se levar de 15 a 20.000 o numero dos habitantes que a Siberia adquire annualmente d'esta maneira. È uma somma importante sem duvida a primeira vista, porem bem fraca si em vez de a considerar em si mesmo, a compararmos com a extensão immensa dos desertos ferteis, que, n'esta parte do mundo esperam ainda que o homem venha animal-os e cultival-os.

. . . . . .

*N. T.*

# SCIENCIAS NATURAES.

## Geologia.

### II.

A figura da terra já não é hoje um problema, até os mais rasteiros annexins lhe dão a forma globular; mas a sua medição exacta foi trabalho de grande numero de sabios modernos: o que ahi ha de bem notavel é a coincidencia dos seus resultados com o numero mnemonico que deu o nosso celebre astronomo Pedro Nunes. Ensinou elle que o circulo maior do globo tinha 36:363.636 varas de volta, e assim bem proximamente o acharam os modernos Francezes, Inglezes e Americanos.

Mas outra observação estava reservada para os modernos, mais conhecedores das theorias da Mecanica, e Newton conjecturou que o globo terrestre, tendo uma rotação consideravel, devia ter-se achatado nos polos, e assim, em vez d'a terra ser uma esphera perfeita, viria a ser esferoide ou globo achatado nos mesmos pólos; e com effeito assim se achou, e de mais a theoria, conforme com a obeservação, deu que este achatamento era muito pequeno e mesmo de menos de 1/3 por 0/0 (1 por 300) do diametro da terra.

Aqui temos nós dois dados que nos fornecem todas as outras dimensões do planeta que habitamos. Sabemos pois que a volta inteira do globo é de 6.060 2/3 legoas, das nossas, de 3.000 braças cada uma; e que a distancia de qualquer ponto da terra ao centro é, com pouca differença, de 960 legoas.

Poderá alguem suppor que as altas montanhas que em partes tem o nosso globo, possam fazer differir sensivelmente a forma da terra da esferoide, mas as maiores montanhas pouco excedendo a uma legoa, e a distancia do centro á superficie sendo de quasi mil, a desigualdade d'ahi proveniente na superficie do globo não seria, relativamente, maior do que a natural escabrosidade da superficie da laranja da mais fina casca.

Alêm da terra, temos á roda d'ella uma capa de ar a que damos o nome de *athmosfera;* esta não tem mais de 15 legoas de altura, e relativamente, continuando ainda com a nossa antecedente comparação, a delgada capa de vapor que se formaria pelo bafo sobre a laranja, seria maior do que, comparativamente, a nossa athmosfera. Pelo que respeita a nós, tenues e imperceptiveis habitantes d'esta tôna humida, seriamos completamente invisiveis em tal globo, mesmo ao observador armado dos mais fortes microscopios ! ! ! E somos nós os que nos atrevemos a formar systemas, edificar theorias, aventurar opiniões sobre todo o universo, sua formação, sua historia, seu destino e até seu fim ! Grande é o poder de Deus !

Partindo o homem do mesquinho comprimento do palmo e do pé, mediu a terra, passou aos astros e calculou as suas distancias: tomando por base o pequenino peso do seu corpo, calcula o braço da balança romana em que fazia equilibrio ao Mundo; o que fez exclamar ao celebre Archimedes: *Dai-me um ponto fixo e moverei a terra* !

Mas taes numeros são ainda diminutos para a comprehensão humana, e um ente tão pequeno, na presença da creação, não se contenta de medir o grande e vasto campo que vè, que conjectura: é capaz de conceber um espaço infinito, sem limites; não é a terra aos seus olhos nem um grão de areia solta na immensidade. E o homem o que será ? nada fisico; mas este nada é o instrumento da alma, da rasão, capaz das maiores, das mais attrevidas concepções, capaz de ascender aos pés do throno do *Creador.*

Para melhor se entrar no estudo do globo que habitamos, nosso especial objecto, se póde considerar de fóra para o interior como formado de duas camadas e de um nucleo ou amago: a primeira camada é a athmosfera que contem o ar que respiramos: a segunda é a casca ou capa de terra que habitamos e que temos explorado com as nossas pesquizas; e finalmente a massa central de que formamos conjecturas que hoje parecem offere-

cer um gráu não só de possibilidade, mas mesmo de probabilidade. Demos algumas noções geraes acerca d'esta massa central.

Por experiencias e calculos se achou que o globo inteiro da terra pesa o dobro do que pesaria, si fôsse todo de pedra, e d'aqui se segue que essa massa central deverá ser extremamente pesada para compensar o menor peso da camada superficial. D'aqui se segue que não é a terra dentro ôcca ou apenas cheia de algum ar ou de agua ; mas ao contrario deve constar de substancias do peso dos metaes mais densos. Mas em que estado se acham estas substancias ? Eis o que se tem exforçado os fisicos para conhecerem : vamos a ver quaes os dados que elles tem obtido.

Varios naturalistas tem examinado a differença de temperaturas que se experimenta, penetrando por covas ou minas para o centro da terra, e observou-se que o calor ia augmentando sempre para baixo e mesmo acharam, pela observação, que este augmento era quasi de um gráu (do Thermometro de Fahreinheit) por 6 a 12 braças de descida. D'estes resultados tem sido diversos os obtidos pelos differentes fisicos, mas sempre concordam no augmento de temperatura á medida que se desce ou se approxima do centro da terra.

Este facto bem importante e bem provado hoje pela sua constante observação, deu logar a uma nova supposição ácêrca da massa interna do globo · com effeito, mesmo suppondo que o augmento é o menor dado pelas experiencias, a 46 legoas de profundidade, todos os metaes conhecidos por nós devem ahi estar em fuzão. Ha pois, para o centro da terra, um manancial de calor, quer elle seja devido a uma causa interna, quer a um anterior estado de fuzão de todo o globo terrestre. Vejamos agora qual é a causa do calor na superficie da terra.

O calor de que gozamos na superficie do globo não é devido sómente ao estado da massa central ; mas sim, e pela maior parte, á acção do sol, que conforme a sua altura e as differentes estações do anno, assim é mais ou menos intenso, mais ou ou menos appropriado para a manutenção e bem estar da vida humana. Este calor tão variavel com as horas, os dias e os mezes do anno na superficie do globo, penetra com difficuldade atravez da casca terrestre, e isto mesmo se acha provado pela observação feita em os subterraneos em que a temperatura se conserva invariavel durante todo o anno, pela difficuldade

que experimenta o calor em atravessar camadas densas de 10 e mais braças. Ora como esta temperatura é a media entre as differentes do anno, d'ahi vem o dizer-se que os subterraneos são quentes no inverno e frescos no verão.

A acção do calor não obra só directamente, mas tambem pela reverberação dos outros corpos; e si em uma baixada cercada de escalvadas penedias o calor do sol se faz sentir energicamente, em um monte afastado da reverberação dos outros ou dos campos o ar se esfria, e vemos, mesmo debaixo do equador, o cimo das mais altas montanhas coberto constantemente de gelo, apezar de ser a presença do sol ali mais duradoura do que nas planicies visinhas, que são ás vezes sombreadas por essas mesmas montanhas.

Outra observação ainda verifica esta asserção e é que o augmento do frio ainda é maior quando se effectua o ascenso em balão: *Gay-Lussac*, subindo em Pariz a uma legoa, ahi experimentou um grande frio, achando-se então a planicie a 77.° ao passo que o thermometro do seu balão desceu até 10.° Assim em um corpo isolado, como era o balão, a intensidade do frio era ainda maior do que a que se deveria experimentar em uma montanha de igual altura.

O sabio mathematico Mr. *Fourier* chegou mesmo a calcular a temperatura do espaço em que nadam os planetas do nosso systema, e achou que ella deve ser pouco inferior á temperatura em que se gela ou endurece o mercurio; isto é pouco mais ou menos de 40.° abaixo de 0. Alem d'isto provou mais que o calor central, apezar de dever ser muito consideravel, não pode em virtude de sua distancia produzir effeitos sensiveis na superficie do globo e no estado actual; e mesmo suppondo que a massa interna do globo se resfriava toda, ou passava á temperatura da superficie, o mundo se conservaria como está e os climas não experimentariam mudança sensivel. Poderemos pois descançar a respeito do máu fim que nos destinava Buffon de morrermos de frio, não menos assustador do que o promettido por outros de virmos á acabar de sêde ou queimados nas chamas em que ha-de arder o mundo no seu fim; não se póde por isso duvidar do verdadeiro serviço que a theoria veio prestar aos que, esperando longa vida, tem medo de vir a acabar de um modo tão desastroso no tão decantado fim do mundo.

Vê-se, pois, pela breve exposição antecedente, que parece provado que, a massa inteira do globo deve ter existido primi-

tivamente em estado de incandescencia e de volatilisação. No resfriamento lento que se foi operando, formaram-se os solidos quer irregulares quer faceados ou christaes; as substancias que se achavam volatilisadas na athmosfera, contrahiram-se pelo frio e se tornaram liquidas e mesmo solidas; o ar se descarregou das densas nuvens que o occupavam e escureciam; as aguas voltaram do estado de vapor, em que então se achavam, ao liquido que occupa as quatro quintas partes da superficie do globo; e este globo, assim modificado, pôde receber, alimentar e multiplicar os differentes individuos vegetaes, depois animaes; e finalmente o homem, corôa da creação terrestre, que em pé nas ruinas de tantos seculos e de tão grandes revoluções, senhorêa o globo já mais descançado das terriveis crises ou cataclysmos que lhe mudaram a face. O homem contempla a naturesa, e decifrando os characteres magnos que deixou traçados a mão do tempo, volta pela observação a vista para o passado, reproduz pela experiencia, em miniatura, os grandes fenomenos que são como os marcos indeleveis da historia da terra, e de tantos elementos, na apparencia discordes, organisa e coordena uma theoria do estado actual do globo e da sua historia.

Terminaremos offerecendo aos nossos leitores uma nota das alturas de alguns pontos notaveis do globo, em braças nossas, de 10 palmos cada uma.

| | |
|---|---|
| 14.º Pico de Himalaya (Azia) | 3.550 |
| Nevado de Sorata (Amer.) | 3.500 |
| Chimborazo (dito) | 2.950 |
| Volcão de Antisana (dito) | 2.650 |
| Dito de Cotopaxi (dito) | 2.600 |
| Dito de Arequipa (dito) | 2.550 |
| Monte St.º Elias (dito) | 2,500 |
| Caucaso (Azia) | 2.260 |
| Monte branco (Eur.) | 2.200 |
| Povoado de Potosi (Amer.) | 1.880 |
| Ofir (Azia) | 1.800 |
| Libano (dito) | 1.770 |
| Cidade de La Paz (Amer.) | 1.690 |
| Pico de Tenerife (Africa) | 1.680 |
| Etna (Eur.) | 1.480 |
| Cidade de Quito (Amer.) | 1.320 |
| Monte rotondo (Eur.) | 1.210 |
| Passagem do grande S. Bernardo (dito) | 1.140 |

| | |
|---|---|
| Cidade de Arequipa (Amer.) | 1.100 |
| Pico dos Açores (Africa) | 1.080 |
| Monte Athos (Eur.) | 940 |
| Serra da Estrella (dito) | 770 |
| Ben-Nevis (dito) | 600 |
| Vesuvio (dito) | 550 |
| Montanha da meza (Africa) | 530 |
| Hecla (Eur.) | 455 |
| Corcovado (Rio de Janeiro) | 310 |
| Madrid (Eur.) | 275 |

*B.*

# POLITICA.

## INSTITUIÇÕES MILITARES.

Um dos pontos mais importantes da politica militar de um Estado, é o systema das instituições que regem os exercitos. Um excellente exercito com um general mediocre, póde fazer alguma cousa bôa. Um mau exercito commandado por um grande capitão, talvez faça o mesmo; mas vê-se quanto ganharia este em commandar um exercito, que correspondesse aos talentos do chefe.

Doze condicções essenciaes concorrem para a perfeição de um exercito; a saber:

1.ª Bom systema de recrutamento.
2.ª Boa formação.
3.ª Systema de reservas nacionaes bem organisado.
4.ª Tropas e officiaes bem adestrados no serviço interno e de campanha.
5.ª Disciplina vigorosa, mas não humilhante.
6.ª Systema de recompensas e de emulação bem organisado.

7.ª Armas especiaes (Engenheiros e Artilheria) com instrucção theorica e pratica satisfactoria.

8.ª Armamento e esquipamento bem entendido e superior, sendo possivel, ao do inimigo, tanto nas armas offensivas, como nas defensivas.

9.ª Um estado maior de exercito, capaz, por sua instrucção e organisação, de utilisar estes elementos.

10.ª Bom systema de municiamentos, hospitaes, e de administração em geral.

11.ª Organisação judiciosa do systema de commando das tropas, e da direcção das operações de guerra.

12.ª Promoção do espirito militar.

Um Governo que menospreza o seu exercito, seja qual fôr o pretexto que para isso appresente, é culpavel aos olhos da posteridade, porque prepara humiliações ás suas bandeiras e ao paiz, ao passo que pelo seu devido apreço, espera o respeito dos externos e a tranquilidade interna. Seria um absurdo sustentar que um governo deva sacrificar tudo ao exercito; mas é bem verdade, que deve ser um dos objectos de seu constante cuidado, e que, si o principe não tiver uma educação militar, difficilmente se poderá prehencher este fim. N'este caso, que infelizmente occorre repetidas vezes, é necessario supprir esta defficiencia por instituições sabias e previdentes, de que as primeiras serão, sem contradicção, um bom systema de estado maior de exercito, o bom recrutamento, e as reservas nacionaes. È mormente no seio da paz, que importa velar na conservação dos exercitos, porque então estão mais sujeitos a degenerar, sendo summamente importante mantel-os em bom estado moral, e exercital-os nas grandes manobras, simulacros, ainda que imperfeitos das guerras, mas que para ellas os preparam. È indispensavel conservar a actividade e robustez das tropas, empregando-as em trabalhos uteis á defeza do paiz.

A separação das tropas em regimentos pelas differentes guarnições, é um dos mais funestos systemas que se possam seguir, e a disposição russa e prussiana, por divisões ou corpos de exercito, lhe é muito preferivel.

Quanto ás recompensas e promoções, é necessario respeitar o direito da antiguidade de serviço, deixando, porêm, passagem ao merecimento; os trez quartos de cada promoção deverão ser segundo a ordem de antiguidade, e o outro quarto reservado aquelles que se façāo notar por seu merecimento e zêlo do ser-

viço. Em tempo de guerra, deve ser suspendida esta proporçao, e o accesso por antiguidade limitado, quando muito á terça parte, deixando o resto aos actos de valôr e aos serviços extraordinarios bem verificados.

A superioridade de armamento póde augmentar a probabilidade de feliz exito de uma guerra; não ganha só por si as batalhas, porêm muito contribue: a inferioridade da artilheria dos Francezes pouco faltou que lhes não fosse fatal em Eylau e Marengo: a cavallaria pesada franceza ganhou muito com a adopção de couraça; os corpos de lanceiros são de grande utilida nas batalhas campaes.

O armamento dos exercitos é ainda susceptivel de muitos melhoramentos, e a nação que tomar a iniciativa d'elles tirará grandes vantagens. A artilheria pouco deixa a desejar, porêm as armas offensivas e defensivas da infanteria e da cavallaria merecem a attenção de um governo previdente.

As invenções que tem apparecido ha 20 annos, parecem ameaçar-nos de uma grande revolução na organisação, armamento, e mesmo na tactica dos exercitos; porém a Estrategia ficará com os seus principios que foram os dos Scipiões e dos Cezares e hoje os mesmos de Frederico, Pedro Grande, e Napoleão; porque estes principios são independentes da natureza das armas e organisação das tropas,

Os meios de destruição se aperfeiçoam, em uma progressão espantosa: os foguetes de Congreve, de que se diz, que os Austriacos chegaram a regularisar o effeito e direcção: os obuzes de Schrapnell, que lançam montões de metralha ao alcance da balla: as espingardas de vapôr de Perkins, que cada uma lança tantas ballas como um batalhão, vão multiplicar os perigos da guerra, como si as hecatombes de Eylau, de Beresina, de Leipzig e de Waterloo não fossem bastantes para dizimar as populações europeas!

Si os soberanos se não reunirem em congresso, para proscreverem estas invenções de morte e de destruição, será necessario indubitavelmente modificar e roborar o armamento defensivo dos exercitos.

Resumiremos em poucos preceitos as bazes essenciaes da politica militar que um governo prudente deve adoptar.

1.° Dar ao principe uma educação ao mesmo tempo politica e militar, porque, achando-se sempre mais cercado nos seus

concelhos de estadistas e administradores do que de militares, deve elle sel-o.

2.° Si o principe não commanda pessoalmente os seus exercitos, os seus mais importantes deveres e mais charos interesses exigem, que nomeie para isso pessôa habil, para lhe confiar a gloria do seu reinado e a segurança dos seus Estados.

3.° È necessario que o exercito permanente se possa facilmente duplicar, em circumstancias extraordinarias, por meio de reservas bem preparadas. A instrucção e disciplina devem marchar ao par de uma boa organisação; finalmente o systema de armamento deve ser, ao menos igual, ao dos seus visinhos, em melhoramento.

4.° Abundancia de material e exercito, e as reservas necessarias para a elevação ao pé de guerra ou reparação de algum revez.

5.° O estudo das sciencias militares deve ser protegido e recompensado bem como o valor e o zelo pelo serviço. Os corpos a que são necessarias estas sciencias devem ser estimados e honrados: este é o unico meio de chamar ás sciencias militares homens de merecimonto e talento.

6.° O estado maior do exercito deve ser empregado, em tempo de paz, em trabalhos preparatorios para todas as occurrencias possiveis de guerra: os seus archivos devem-se enriquecer de numerosos materiaes historicos, e bem assim de todos os documentos estatisticos, geographicos, topograficos e estrategicos para o presente e para o futuro. È pois essencial que o chefe d'este corpo e uma parte dos officiaes permaneçam na capital, em tempo de paz, e que o deposito da guerra não seja outra cousa mais do que o archivo do estado maior, salvo querendo-lhe dar uma secção particular de documentos secretos, que só poderão ser vistos pelos officiaes generaes e superiores.

7.° Empregar todos os meios para se obter a estatistica e a geographia militar dos Estados limitrofes, afim de se conhecerem os seus meios materiaes de attaques e de defesa. Devem-se empregar n'estes trabalhos scientificos officiaes distinctos e recompensal-os amplamente quando satisfaçam a sua missão.

8.° Estando resolvida a guerra é necessario fixar, não o plano completo das operações o que é sempre impossivel, mas um systema, a sua base e o seu objecto, e preparar todos os meios para a execução e bom exito da empresa.

9.° O systema de operaçōes deve ser relacionado com o objecto da guerra: com o espirito dos inimigos que se vão combatter: com a naturesa e recursos do paiz: eom o character das naçōes e seus chefes militares e civis. Este systema deve ser baseado sobre os meios de attaque e de defesa que os inimigos podem oppor: finalmente, deve-se metter em linha de conta as allianças provaveis que podem sobrevir pró ou contra os dois belligerantes durante a guerra e que complicarão as probabilidades.

10.° O estado das finanças não podem deixar de ser considerado como elemento para se intentar uma guerra; porem ha casos em que a guerra alimenta a mesma guerra: e quando o estado se acha empenhado em uma lutta que se apresenta como nacional, ou quando domina o amor da gloria, a guerra se alimenta com muito pouco e vae por muitas vezes buscar os seus recursos aos paizes conquistados: a França revolucionaria e o reinado de Napoleão são provas d'esta asserção.

Uma potencia rica nem sempre se poderá bem defender de seus adversarios: a historia nos attesta que os povos mais ricos não são sempre os mais fortes e os mais felizes: porque o ferro pesa, ao menos, tanto como o ouro na balança dos bellicos successos. Por isso, não deixa de ser fóra de duvida, que a feliz reunião de sabias instituiçōes militares, de patriotismo, ordem nas finanças, riquesa interna e credito publico constituirão a nação mais forte e mais capaz de sustentar uma guerra aturada.

*General Baron de Jomini.*

# RETRATOS HISTORICOS.

## Mr. de Talleyrand.

Morreu Mr. de Talleyrand com 80 annos de uma vida que acompanhou em suas vicissitudes todas as revoluções da nossa epocha. N'este tempo em que os acontecimentos são grandes e os homens pequenos, houve a rara qualidade de ter uma grandesa pessoal que se sustentou, emparelhando os factos e os homens, mesmo ao lado de Napoleão. Ninguem mais envolto do que Mr. de Talleyrand no movimento do seculo, porêm nunca por elle confundido ou esquecido. No meio dos mais terriveis conflictos indagavam de Mr. de Talleyrand, das suas obras, modo de pensar e vontade. Mr. de Talleyrand era uma potencia *per se*, não era chefe de partido, orador, general, nem escriptor celebre; parecendo assim destituido dos titulos que dão, ou parecem dar, hoje as famas e influencias. O que mais notavel tinha esta influencia era que, parecendo seguir as differentes fases dos acontecimentos politicos bem pelo contrario os dirigia e modificava, provinha isto de que tendo este celebre estadista previsto ou preparado os acontecimentos que sobrevinham, estava prompto antes dos outros, e nem um facto o apanhava de sobresalto; eis em que consistia a grande superioridade de Mr. de Talleyrand, não porque os acontecimentos tivessem sempre logar no sentido em que elle os queria, nem tão pouco por que faltasse na sua longa vida politica uma ou outra decepção; mas porque, não perdendo a esperança e presença de espirito, a sua intelligencia superior lhe ministrava sempre um recurso, um expediente, uma sahida onde os outros não viam sinão embaraços, e que, conforme a sua maxima, sempre havia um partido que era o melhor, importava divisal-o e tomal-o: a sagacidade

e presença de espirito de que era dotado lhe forneciam os meios cuja reunião é difficil e rara entre a mor parte dos homens.

Há um verso de Horacio que póde definir Mr. de Talleyrand e explicar o que fica dito ácêrca de seu modo de comprehender e dirigir os acontecimentos :

Omnis Aristippum decuit color et status et res. . .

Como Aristippo e em theatro mais vasto e agitado do que o antigo filosofo, Mr. de Talleyrand sabia acommodar-se com todos os estados de causas e fazendo sempre uma figura digna, o que é o verdadeiro sentido do verso de Horacio. E para ser grande e digno em todas as circumstancias é necessario não ser o servo humilde d'ellas mas senhoreal-as, conforme outro verso de Horacio que elle gostava de repetir :

Et mihi res, non me rebus submittere conor.

Eis o que fazia Mr. de Talleyrand, graças a esta maravilhosa intelligencia e previsão dos factos politicos que era seu dom e particular talento : não esperando jamais dos acontecimentos o que elles não podiam dar, mas apreciando com justeza todos os seus resultados possiveis, affouto dentro d'estes limites e não os ultrapassando jámais, comprehendia melhor do que ninguem que para se chegar a um fim remoto e desejado é necessario variar algumas vezes de direcção, de caminho e muitas de transporte.

A sciencia dos acontecimentos é mais difficil, porque é a que carece de mais senso e menos paixão : é necessario muito bom senso porque os acontecimentos seguem uma ordem regular e logica, e que, tomados em geral, nunca são extravagantes ou caprichosos : é necessario ser desapaixonado porque os affectos impedem que se faça justa ideia das coisas. Esta sciencia dos acontecimentos que constitue o homem avisado que sempre chega a seus fins, é em maior desenvolvimento o tacto fino politico que conduz o homem de estado ao mando ou a influencia duradoira. Esta influencia acompanhou sempre Mr. de Talleyrand sem trabalho nem occultas intrigas, porêm naturalmente. Tomava o primeiro logar sem o pedir, e ninguem lh'o levava a mal ou lh'o contestava : a nobre generosidade de que era dotado e a consciencia de sua alta ascendencia, eram qualidades

que bem o serviam n'esta natural primazia. Esta nobresa longe de se desmentir, realçava na occasião em que representava a França abattida pelos revezes. Os que o viram em Erfurth, ao lado de Napoleão senhor da Europa e em Vienna em 1814 depois da derrota da França, dizem que era o mesmo homem, igualmente sereno e seguro de seu poder; parece mesmo que mais dignidade ainda apresentava no ultimo caso. Os que viam Mr. de Talleyrand não duvidar um instante da grandeza do paiz que representava, esqueciam as nossas derrotas ou julgavam ver em sua segurança a convicção dos recursos e forças da França que escapavam á penetração ordinaria, talvez d'ahi lhe viesse a confiança, e este character escondia a nossa fraqueza.

Antes do Congresso de Vienna já se tinha experimentado a sua influencia pessoal. No dia da entrada dos alliados em Pariz a 31 de março de 1814, o imperador Alexandre foi morar em casa de Mr. de Talleyrand, occupou o 1.º andar e Mr. de Talleyrand as lojas: este não era mais do que um ex-imnistro dos negocios estrangeiros, não tinha plenos poderes dos Bourbons para tratar da restauração, nem da França para tratar da forma de governo que ella queria, nem do exercito que, posto que vencido, era ainda poderoso e podia pesar na balança: era elle um vencido como toda a França, e, apezar d'isso, todos sentiam como por instincto que este homem era o depositario do segredo do futuro, e as lojas eram mais visitadas do que o 1.º andar. Pela manhãa quando Mr. de Talleyrand se vestia e empoava, e, pela moda do seculo passado, o fazia diante de suas visitas, ahi se encontravam Mr. de Nesselrode, Mr. de Metternich, os ministros de todos os reis vencedores para conversarem de pé com este vencido, que, passando depois á salla, era seguido pela Europa victoriosa, e tudo isto parecia simples e natural de ambas as partes; e continuavam a praticar ácerca dos negocios da Europa e dos reis que se haviam de elevar ou depor, e Mr. de Talleyrand, arbitro e senhor n'estas conversações solemnes, como si a sua escada não estivesse atulhada de soldados Russos, como si o estrondo das armas, que de espaço a a espaço se fazia ouvir, fosse ainda o das guardas de Napoleão de sentinella nos pateos de Schœnbrunn, de Postdam ou do Kremlim.

N'estas lojas foi resolvida a restauração e foi Mr. de Talleyrand que a decidiu: o imperador Alexandre hesitava e prevendo que o espirito do antigo regimen ia restaurar-se com os

Bourbons, procurava outros expedientes: lembrou o duque de Orleans, mas Mr. de Talleyrand lhe objectou que depois da queda de Napoleão era necessario um principe novo e que não convinha substituir uma usurpação por outra usurpação, embora fôsse de sangue real: elle pois assentou a legitimidade sem se illudir sobre os seus inconvenientes e o imperador Alexandre cedeu ainda que com difficuldade. Quando a nova do desembarque de Bonaparte e de sua marcha triumphante sobre Paris chegou a Vienna, por occasião de um baile que dava Mr. de Metternich, o imperador Alexandre, atravessando rapidamente á salla, veio aonde estava Mr. de Talleyrand e narrando-lhe a fatal noticia, exclamou:—Bem vos dizia eu que isto não se podia sustentar!

E de facto bem difficil era a estabilidade tendo Napoleão na ilha d'Elba. Mas não é por isso menos verdade que a legitimidade, tanto em 1814 como em 1815, era o principio salvador, era o melhor partido que se podia tomar. E que mais se havia de fazer?

Proclamar o rei de Roma e estabelecer uma regencia era conservar o regimen imperial sem o homem proprio para o sustentar; e si Napoleão fosse conservado governaria, ao principio pelos seus conselhos e finalmente em pessôa, seria o 20 de março sob um differente aspecto, a Europa não poderia tolerar este estado e haveria nova guerra; era necessario pois que se decidisse a questão entre Napoleão e a Europa porque não havia transacção possivel. A regencia do rei de Roma em 1814, bem como a do duque de Bordeos em 1830, era um verdadeiro addiamento; porque em 1814 como em 1830 era necessaria uma resolução definitiva. Não se funda um governo com meias medidas.

Escolher o duque de Orleans, era usar do remedio antes de tempo; alêm de que, o governo do duque de Orleans em 1814 teria tido os mesmos embaraços que o governo de Luiz XVIII, e não impediria o 20 de março; porque este só teve por objecto restituir a Napoleão o trono de França: a liberdade não teve voto n'aquelle acto, e a sua obra foi depois nos dias de julho.

Quaesquer que fossem, portanto, os seus inconvenientes, a legitimidade era o principio mais appropriado ás circumstancias em que a França e o resto da Europa então se achavam. Querendo-se que a França e Napoleão fossem separados para sem-

pre, só o principio da legitimidade poderia ser efficaz. Observe-se mais que depois das trocas e mudanças de corôas feitas durante a conquista, depois de tão prolongado despreso da justiça, nada era mais proprio para restituir um trono, e para restaurar um paiz acabrunhado pelo peso das suas derrotas, do que proclamar os direitos que então prevaleciam contra a força. Que importa que fosse invocado e applicado como principio de direito divino? Pois é pouco persuadir a bayonêtas triunfantes que ha direitos? que ha argumentos que lutam e vencem os exercitos e os thesouros. A santidade do direito dos reis, dos povos, ou dos individuos, eis a ideia da restauração; eis o que exprimia admiravelmente Mr. de Talleyrand, quando chegou ao congresso de Vienna, como embaixador de um povo vencido sem soldados nem munições, e dizia aos reis e ministros da Europa victoriosa: «Trago-vos mais do que tendes; a ideia do «direito.»

Parece que foi por este tempo que fez Mr. de Talleyrand a alliança entre a Inglaterra, a França e a Austria, contra a Russia, e que foi um dos principios da sua politica. Nada dá melhor a conhecer a opinião que a Europa, sob sua palavra, tinha formado da França em 1814, do que este tratado, que quebrando a liga de 1812, formava outra em que entravamos como alliados, no dia seguinte ao da nossa derrota. Mr. de Talleyrand sempre quiz a alliança da França, da Inglaterra e da Austria, porque estes eram, conforme a sua opinião, os trez povos civilisados, unindo-os para os oppor á Russia, paiz conquistador por gosto e por necessidade, porque a guerra é, digamo-lo assim, o genero de governo que mais convem aos povos semi-barbaros.

O interesse da França, da Inglaterra e da Alemanha, é conservador, a sua fortuna está feita: a Russia tem que augmentar a sua, e por isso a agitação lhe convem. A quem se dirigiu Napoleão, quando quiz reconstituir a Europa, para esta obra de conquista e geral transtorno politico? Ao imperador da Russia, e sobre este objecto foram as famosas conferencias de Tilsitt e de Erfurth, em que Napoleão e Alexandre dividiam ou ajuntavam os povos sobre a carta da Europa.

A politica de Mr. de Talleyrand nunca foi russiana; não porque elle tivesse odio áquelle imperio, mas porque conhecia que a liga com a Russia podia trazer mais riscos do que proveitos: por isso, quando se tratou do casamento do duque de Berry,

lançaram alguns as suas vistas para uma princeza da Russia, a gran-duqueza Anna, irmãa do imperador Alexandre; então Mr. de Talleyrand dissuadiu Luiz XVIII de fazer este casamento. É notavel a summa habilidade com que se houve a este respeito, escrevendo de Vienna: depois de poucas palavras, e de passagem acêrca das consideraçõos politicas que deviam apartar este consorcio, espraiou-se muito na carta dirigida ao conde de Artois, depois Carlos X, sobre a differença de religião; e na que dirigira ao rei, sobre a desigualdade de nobreza entre as casas de Holstein e de Bourbon, porque Luiz XVIII era o homem mais delicado em ponto de nobresa de toda a Europa: e esta parece que foi a principal rasão que decidiu o rei a não consentir no casamento; não quiz que seu sobrinho descesse de nobresa, desposando uma gran-duqueza da Russia. O tacto fino de Mr. de Talleyrand, fel-o comprehender os fracos ou opiniões do rei e do conde; um publicista ordinario, ou um orador, teria feito uma carta recheada de bellas reflexões politicas e não teria conseguido o fim.

Si Mr. de Talleyrand comprehendia tão bem este orgulho da casa de Bourbon, é porque tambem o tinha da sua antiga nobresa. No dia da sua morte, quando o rei o foi visitar, agradecêu-lhe a honra que esta visita fazia á sua *caza*: e a caza de Périgord data, conforme se diz, do decimo seculo, e é quasi tão antiga como a de França.

Mr. de Talleyrand foi o ultimo d'esses grandes senhores da antiga França. O seu modo era nobre e natural; a grandesa não o encommodava nem offuscava, como tanto accontece aos homens de nobresa recente: graças a esta convicção de nobresa, não tinha conflictos nem dependencias; tinha dignidade, e servia-se do talento e da penna de outros, sem por isso ter-lhes ciume litterario, e a amenidade e franqueza de seu tracto concorriam para o fazer amavel e influente. A grandesa de que era dotado não era do nosso tempo, e por isso não offuscava nem offendia a pessôa alguma, nem tão pouco era diminuida pela presença das grandesas transitorias. Ligado por ascendencia, e serviços pessoaes á causa da França, não a esqueceu pela dos principes. Quando foi ministro de Napoleão, como era creatura sua, podia bem reputal-o como instrumento da regeneração da França, e jamais a França como instrumento da grandesa pessoal de Napoleão: por isso estava affeito á ideia de que tempo viria em que seria preciso separal-os: eis o que não podiam con-

ceber as creaturas de Napoleão, que nada viem antes ou depois d'elle; mas o que entrava nos calculos do descendente de uma caza, que durante os novecentos annos de sua historia, tinha presenciado a quéda de tantas grandesas.

O character da alta aristocracia, é que os chefes das cazas se sustentam ao lado da realesa, grandes mesmo junto a ella, e ás vezes contra ella. Mr. de Talleyrand será em nossos tempos, o ultimo exemplo da grandesa das antigas familias, que tanto realçavam n'elle a grandesa pessoal. De hoje em diante, já não ha ao lado do throno, para contrabalançar o seu poder, sinão as assembléas populares: todas as grandesas intermedias, que a antiga jerarquia tinha collocado entre o throno e o povo, sob o nome de familias, e que briosamente se intitulavam *cazas*, desapareceram, e a morte de Mr. de Talleyrand levou ao tumulo a sua ultima sombra.

Mr. de Talleyrand terá um grande logar na historia. A sua fama era immensa, dominava a politica europea, e dava grande força á França. Sempre occupados com os nossos pequenos debates, não damos a sufficiente attenção á morte de um homem que se manteve grande, attravez de todas as nossas revoluções, e que é para o nosso poder uma grande perda: não attentamos a que debalde, para supprir á perda de taes homens, reuniremos todas as nossas influencias. Ai de nós! Não é com os caniços de um dia, que substituiremos os annosos carvalhos da floresta!

*(Journal des Débats.)*

# POESIA.

## EPISODIO DO POEMA INEDITO DO SNR. MAGALHÃES :

## A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS.

---

CANTO I. — *Invocação, descripção do Brazil, chegada dos Portuguezes, os Padres Anchieta e Nobrega, escravisação dos indios.*

Oh Sol! astro propicio, que abrilhantas
Do creado universo altos prodigios,
Que aos bosques dás verdor, doçura aos fructos
E os petalos das flôres vario esmaltas;
Oh Sol! vital principio, que, na terra,
O tenro germen da semente aqueces,
E fecundas co'os raios teus benignos;
Oh Sol! fonte de luz, nume adorado
Do filho do homem bronco das florestas,
Que mal seu Creador, seu Deus conhece;
Oh Sol! hoje me inflamma a mente ousada
Que, p'ra mais remontar, azas empenna.

---

Vós, solitarios genios dos desertos
Do meu patrio Brazil, nunca invocados
Té-qui per nenhum vate, a cujas vozes

Doçura deram da *Carioca* (*) as aguas
Genios, que outr'ora, com choroso accento
Suspiros repetistes lamentosos
De tantas malfadadas tribus d'Indios,
Que viram do Europeu n'ávida espada
O sangue gottejar dos caros filhos,
Das mulheres, dos pais e dos parentes;
Doces inspiraçõcs prestae-me, oh genios!
Dos Tamoyos o intrepido hardimento,
Á colonia fatal dos Portuguezes,
Do olvido sorvedor hoje exhumemos;
Na mente bafejae-me imagens, que ornem
Da filha do sertão o amor e o caso.

---

Das americas plagas fortunosas
Que das plagas do mundo são mais bellas,
Ufana-se o Brasil como a primeira.
Formosa é sempre ahi a Natureza
Eterna a primavera, o outono eterno.
Em leitos diamantinos lympha pura
Em correntes caudaes seus campos rega,
Que frementes ás vezes e espumosas,
Murmurando de afan em crystaes curvos
De rochedos alpestres precipitam-se
E de horrendo stridor peijando os ermos
De valle em valle entre asperos fraguedos
Onde echoam tambem gritos das feras,
Das serpes os sibilos, e os trinados
Dos passaros, e a voz de roucos ventos,
Viva orchestra parece a Natureza,
Que a grandeza de Deus perene exalta.

---

(*) Diz Rocha Pitta, apoiado em uma tradição, que as aguas da Carioca tem a virtude de dar boas vozes aos muzicos. Talvez esta crença venha dos Indios, por quanto os Tamoyos, que habitavam o Rio de Janeiro eram inclinados á muzica, e conhecidos pelo talento poetico. Hoje mesmo os habitantes do Rio de Janeiro são appelidados—os Cariocas,—por causa da grande fonte que corre na sua capital, e todos sabem que a maneira de fallar d'esta gente é mais doce e suave, e per conseguinte mais musical que as das outras provincias.

Balisa natural ao norte avulta
O, das aguas, gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo;
Do oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate!
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho,
No solio, á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos grandes ha rios no mundo!
Ao lado seu direito e ao esquerdo lado
Mil feudatarios rios vêem pagar-lhe
Tributo perenal de suas aguas;
Resupino gigante se afigura
Que estende os membros p'ra abarcar a terra.
Pujante assim no Atlantico se entranha
Ante si repellindo o argenteo salso,
Como s'elle na terra não coubera,
Ou como de innundal-a receioso,
Si mais longo e mais lento a discorresse.
O Amazonas co'o oceano furioso
Lutta renhida trava interminavel
Para roubar-lhe o leito, e ronca e espuma,
Qual no lago, co'a cauda atada a um ramo,
Feroz sucuriúba horrida ronca,
Quando sente mover-se em cima a lontra,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancára, a lingua sólta,
Para de uma só vez tragar o amphibio.
Tal no pleito co'o oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Legoas abre setenta, a ingente lingua
Estende de cem vezes nove milhas
Como uma longa espada, que se embebe
Através do Atlantico iracundo
Que gemendo recúa no arremesso,
E em montes, alquebrado, o dorso enruga:
Armas que arroja ao mar são grossos troncos
Arrancados na furia, são pedaços
De esbroadas montanhas qu'elle mina.
Seus gritos são trovões tão horrorosos
Que parece que ali baqueia o mundo;

Equorea, espessa nuvem se levanta,
Como uma chuva contra o céo erguida,
Reflectindo do Sol c'loridos raios.
Tal o conquistador, que co'os despojos
Dos reis desthronisados se opulenta,
Os co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro dos combates,
Envolto n'uma nuvem de poeira,
Na frente vai levando debandada
Inchente aluvião de inimigas hostes,
E ante as portas de bronze do castello
Nova, alterca, victoria porfiosa.

---

Da opposta parte, não tão magestoso,
Mas grande em si, o Paraná se alonga
Da serra Mantiqueira, e cava e afunda
Largo sulco nas terras, que devassa;
Como escorregadiça, argentea estrada,
Obra sem par das mãos da Natureza
Em pró dos filhos seus circumvisinhos;
No trajecto veloz se assenhorea
De pingues, numerosos affluentes,
Té no Prata perder-se, ou dar-lhe origem.
N'esta vasta estensão do Eden terrestre,
Se ostenta o céo tão lindo e tão sereno
Como os olhos da virgem, cuja mente
Erma está de amorosos pensamentos;
Tão crystalino e azul como um zimborio
De inteiriça turquesa, ou de saphira.
O ar é tão nectareo como o aroma,
Que o esposo frue nos labios da consorte,
No dia nupcial, co'o primo beijo.
E tão leda e garbosa a Naturesa
Como as faces de riso salpicadas
De uma mãe, que se espande entre filhinhos,
Que innocentes meiguices lhe tributam.
Oh vós da Grecia deleitosos campos
Onde o Todon e o Ismeno serpenteiam
E em cujas margens Dryades habitam;

Montes, que daes abrigo em vossos topes
Dos loureiros á sombra, ás castas musas;
Vós não assoberbais á magestade
D'estes montes brasileos, d'estes bosques !...
Orgulhosa a Natura aqui não se ergue
Co'as sonhadas ficções da mente humana.
Malignos Faunos, pudibundas Nymphas
N'estas virgens florestas não vagueiam.
Grande, como sahiu das mãos do Eterno
A Naturesa é tudo, é nada o homem.
Oh placido remanço ! Aqui a mente
Repousa, e se deleita em contemplal-o;
E no intimo d'alma que se espraia
Resoa de seu Deus a voz cadente,
Como resoa em bosques de palmeiras
Vago sôpro das auras matutinas.

---

Raças mil d'homens livres, sem cultura,
Cuja origem té hoje ignora o mundo, (*)
Estes sertões outr'ora povoaram,
Antes que a industria e as artes transplantadas
Pela mão do Europeu aqui mudassem
Brutas pedras e troncos em cidades.
Mas quanto, oh Parahiba, quanto sangue
De innocentes indigenas primeiro
Tuas aguas tingîu, regou teus campos !

---

Tu só Religião sublime e pura,
Do Deus por nosso amor martyrisado,
Tu só consolador oleo verteste
Nos ulcerados corações dos Indios.
Tu só vibraste as cordas, e sons gratos

---

(*) Para darmos o desenvolvimento que requer este verso, ácerca da origem dos selvagens da America, não nos bastaria o curto espaço de uma nota. Muito se tem escripto sobre esta materia, e diversas são as opiniões.

N'harpa mysteriosa harmonisaste ,
Que aos filhos dos desertos encantaram ,
E á tua grei os foram attrahindo.
Si as maravilhas tuas cantar posso
Meu estro fortifica , aquece-o , anima-o
Co'uma brasa do teu sacro turibulo.

---

Oh ! e porque tão frio , tão amargo
Pranto verteis , meus olhos encovados ?
É pola sorte que choraes dos Indios ,
Ou é dos nossos paes pola dureza ,
Com que á escravidão os redusiram ?
Sim ; máus nossos paes foram p'ra com elles ;
Torpe ambição , infame crueldade
Os esforços mil vezes deslustraram
Dos primeiros colonos Lusitanos.

---

Não foi só dos canhões o echo estrondoso
Que ao Indio impoz terror ; a morte menos ,
Que mortes e trovões terror não causam
Aos filhos dos sertões , á guerra affeitos ,
Que livres deslizavam vida errante.
Foi sim o captiveiro , algemas foram
Que alguns , ora colonos , de seus pulsos ,
Aos pulsos dos indigenas passaram ;
Alguns ora colonos , mas que outr'ora ,
Em Lizia , réos infames , se opprimiam
De empestadas prisões nos subterraneos.

---

Como présa a andorinha a liberdade ,
Que per instincto sôhe cantar errante ,
Errante fabricar ligeiros ninhos ,
E si no aereo carcere encerrada ,
Triste pende a cabeça , encolhe as azas
E na garganta espira-lhe o trinado ,

Regeita tenue grão, suspira, e morre;
Não menos estes filhos das florestas
Errante vida e a liberdade estimam.
Ora aqui, ora alli erguem choupanas,
E onde frondosas arvores estendem
Peijados ramos de gostosos fructos
Ahi é seu paiz, ahi se abrigam.
« Toda esta terra é nossa, e nunca falta
« Terra para os mortaes. O passarinho
« Que com azas nasceu nos ares vôa,
« E nem n'um tronco só seu ninho tece;
« Embora o tronco firme sobre a terra
« Supporte a chuva, e o sol, e o vento, e o raio;
« Não tem membroso tronco que o transportem!
« Mas nós, homens, a quem Tupá deu tudo,
« Nós, que livres nascemos nas florestas,
« Porque escravos agora nos faremos? »
D'este geito discorrem os selvagens.

---

Depois que os valles dos sertões brasileos
Escutando o clangor da artilheria
Repetiram taes sons — tudo isto é nosso;
Viram-se os Indios sob o peso curvos
D'asperrimos trabalhos como brutos,
Que brutos Portuguezes os julgaram,
Cantando ao som do látego incessante,
Mas cantiga de dôr com voz de escravo.

---

Não mais, grotas, não mais em vós soava
O canto d'homem livre. — A liberdade
Trocado havia em lucto as brancas vestes,
E só tristes suspiros exhalava,
Como o *Guará*, que perde as alvas pennas
E novas, porêm negras, só lhe crescem,
E de tão lindo qu'era e tão mimoso,
Adejando ligeiro á flôr do lago,
Co'o rosto ora ferindo-o, e contemplando

Sua imagem no meio de mil orbes,
Que as movediças aguas vão formando;
Ora curvando a aquatica vergontea
Co'o peso de seu corpo, e qual esbelta
Virgem, sobre uma corda, se embalança;
Ora emfim alongando o airoso collo,
Como uma frauta eburnea, sons modulla:
De tão lindo qu'elle era, se transforma
Em passaro funereo, e fugitivo
Geme, como carpindo a perda sua,
E nem ousa mostrar-se envergonhado.

---

Assim ella fugiu! — Ai pobres Indios! —
Uns faziam gemer a virgem terra
Co'os golpes das enchadas, dia e noite,
Outros nos densos bosques mutilavam
Vinhaticos, brasis, graunas, cedros,
E os bosques rebramavam co'as pancadas
Sonantes dos machados; parecia
Que de dor se carpiam, por se verem
Roçados pela mão de escravos homens,
Pela primeira vez; homens que outr'ora
Livres á sombra sua se acoutavam:
Outros alfim das abas das montanhas
Sobre os despidos hombros já calosos
Os lavrados esteios carregavam,
Que deviam erguer nascentes villas,
Para commodo só dos seus senhores.

---

Inda tudo não é, mesmo no centro
De incognitos sertões o Luso armado
Qual da destruição o infrene genio
Levava o captiveiro, o horror, e o espanto
E a carneficina ás tabas indianas.
Homens justos em balde censuravam
Tão fero proceder, tão ruim costume.
Conselhos de dever, d'honra que valem
Ás almas encharcadas na cubiça?

Apostolo de Christo, austero Anchieta,
E tu Nobrega, em vão clamaveis:
« Iguaes os homens são, e christãos devem
« Abraçar seus irmãos, do erro salval-os,
« Guial-os ao Senhor, morrer por elles,
« E não matal-os como fazem tygres.
« Deus não nos enviou do antigo mundo,
« Estrada abrindo em não trilhados mares
« A esta ignota plaga, p'ra flagello
« D'estes miseros homens. Não, oh Lusos,
« Nossa missão é outra. A luz da Europa,
« Não seus crimes, aqui plantar devemos.
« A cruz ergamos, sim, a cruz de Christo,
« Signal da redempção, a cruz que outr'ora
« No capitolio alçada salvou Roma,
« Como a Arca santa, que salvou das aguas
« A antiga geração; da cruz em torno,
« Estas gentes de Deus a luz recebam
« Como em outr'era os barbaros do Norte
« A seus pés cahir viram do erro a venda.
« Amor, Fé, Esperança, e Caridade,
« Eis do Cordeiro as armas invenciveis,
« Christo com ellas conquistou o mundo!
« Nós com ellas os Indios venceremos
« E não com ferro e fogo. — Ouvî, oh Lusos,
« A palavra do céo, não a do inferno.

---

Assim bradaram, mas em balde, os Padres
Sanctificando as maximas sublimes
Co'o firme exemplo de uma vida pura,
E a Caridade e a Fé os roboravam.
Não só desertos da Tebaida viram
Milagres de constancia, o justo Anchieta,
O venerando Nobrega aqui deram
De virtudes christãas exemplo novo.
Mas Satan, rei do Inferno, a quem só prazem
Crimes, destruições, afflicto via
Medrar a santa lei no novo mundo,
Costumes evangelicos, em troco

De bruta crença e barbaras usanças :
Incansavel Satan , pelo odio acceso ,
As paixões convocava , servas suas ,
As paixões que de cores mil se trajam ,
Mil formas tomam , mil aspectos mostram ,
Mil linguagens ostentam , mil encantos ;
Mas de todas Satan conhece a origem ,
Conhece a força , e o caso , e o tempo proprio
De chamal-as a si ; sempre per ellas
Sobre a terra imperou , deu leis aos homens ,
Cidades arrasou , reinos , imperios.
Ora amor , ora o odio , ora a vingança ,
Ora a ambição e a colera accendendo
Nos corações dos homens , qual astuto ,
Sophistico rhetorico , que enleia
O incauta ouvinte , que arrastar se deixa
Encantado e sem tino ao seu capricho.
Satan d'est'arte o senso fascinando
O erro esmalta com brilhantes côres ,
E antepõe a mentira aos olhos d'homem
Adornada co'as vestes da verdade.
E o homem que té no erro acertar cuida
Pela paixão vendado , escravo d'ella
Ante o phantasma enganador se curva.
E canta o seu triumpho , e a si se applaude ,
Ai misero ! e tão cego , que cem vezes
Repelle , e insulta a quem salval-o intenta !
Assim entre os narcoticos vapores
Do fumo d'opio a moribunda victima
O antidoto recusa , imaginando
Vital somno dormir , — e dorme , — e morre.

---

Livre fez Deus o homem ; — razão dêo-lhe
Que o bem do mal destingue ; leis sagradas
Innatas e prototypos gravou-lhe
No coração , porque guias lhe sejam
Na pesquisa do bem , do santo , e justo ,
Porque lhe applaquem das paixoes a furia ;
E si contra taes leis o homem pecca ,

Aos olhos da razão elle é culpado,
Responsavel a Deus, — e o crime é do homem.

---

Anjo, outr'ora da luz, hoje das trevas
Oh Lucifer maldito, o céo perdeste
Pelo orgulho, e os mortaes, que obra é já tua,
Arrastas pelo egoismo á nova perda!

---

Já das trevas o rei jactancioso
Cantava seu triumpho, revoltando
Contra os dous eremitas os colonos,
E em seu proprio interesse lhes fallava.
A uns, para excitar maior despeito
Ironico dizia: — Como, oh! Lusos,
« Não ouvis os conselhos d'Anchieta?
« Soffrei o ardente sol d'este igneo clima,
« Trabalhae, e regae co'o suor vosso
« A conquistada terra, em quanto os Indios,
« A quem deveis respeito e amor fraterno,
« Livres pelos desertos se recreiam;
« Elles são os senhores, vós escravos:
« S'elles vos atacarem, pacientes
« Supportae suas flexas matadoras;
« Que de vossas cabanas se apoderem,
« E vós, orai a Deus, morrei humildes.
A outros, com sophisticas arengas,
Em theor philosophico, dizia:
« O homem marcha ao bem por lei do instincto,
« É seu genio o prazer; virtude, e vicio
« São vans palavras, o interesse é tudo.
« Na Grecia, em Roma ao vencedor foi dado
« A seu grado dispor dos seus vencidos,
« É vasto campo de batalha a terra
« E oppostas forças sem cessar se embatem
« Por lei da Naturesa, e a vida e a morte
« Surgem d'este conflicto, a Naturesa
« Apoia os fortes, quando fracos gera,

« Guerra aos barbaros ! guerra ! ou vós , ou elles !
« Oh Romanos d'esta era ! a vós a gloria
« De imitar a rainha do Universo !
« Vêde os frios Bretões, Francos e Gallos
« Ceder á Roma a terra de Teutates,
« Depois de em vão regal–a co'o seu sangue ,
« Palmo a palmo pleiteando ao pé romano.
« Assim a vós, de Viriato prole ,
« Se curvarão os barbaros Tamoyos ;
« E elles que os tiros vossos assoberbam
« Com voadoras settas , hão-de um dia
« Humildes acceitar vossas cadeias ,
« Arar por vós a terra que defendem ,
« Por vós luttar contentes como escravos.
« Guerra aos barbaros ! Avante , oh Lusos !

---

Cada colono murmurar ouvia
Estes e outros discursos seductores
No fundo de sua alma , e repetindo ,
Como si fosse inspiração divina ,
De Satan o caminho ia trilhando
Aos tygres imitando na fereza ;
Roubar , indios matar era virtude.
E assim os corações se embruteciam,
O lume da razão se deslumbrava,
E o rebanho de Christo ia minguando.

---

Mas si na dura prova é dado ao inferno
De chamas fornecer o altar terrivel ,
Expiatorio altar , onde se apuram
As virtudes christãas de paixões atras ,
Qual ouro no chrysol em fogo envolto ,
Em terra , em cinza , mais se purifica ,
Perde as feses e limpo se condensa ,
Gosar não póde o Inferno o seu triumpho.
A razão sempre vence ou cedo ou tarde ;
A lei da Providencia é infallivel ,
Por ella a Humanidade ao bem caminha.

# VARIEDADES.

## I.

## UM PRIMEIRO MINISTRO.

A condessa de Neringen reuniu uma noite nos magnificos salões do seu palacio o grande tom de Darmstadt. Dizia-se pela boca pequena que o grão duque figurava alguma cousa no luxo que ella ostentava havia dous ou tres mezes, apresentando um trem esplendido, e augmentando progressivamente o brilhantismo de sua casa. Sabia-se além disso que seu marido por sua morte apenas lhe tinha deixado uma mediocre dotação. Mas o principe ainda não tinha tornado sua paixão official, e a politica da corte não permittia sinão mysteriosas conjecturas aos curiosos e indiscretos. Não precisamos a época desta aventura a fim de não comprometter pessoa alguma.

Um dia dançando com o grão duque, a condessa deixou cahir o leque; um joven cavalleiro de boa presença tendo-o apanhado o entrega com uma perfeita graça nas bellas mãos de Madame de Neringen.

— Quem é este homem? pergunta o principe, eu nunca o vi na corte.

— Ha pouco que reside em Darmstadt, respondeu a condessa, e appareceu hoje pela vez primeira no nosso mundo. O ministro de França me pediu hontem um convite para elle. É um cavalleiro Saxonio por nome o barão de Steimberg.

Um momento depois o joven estrangeiro tendo-se posto a valsar, a condessa não pôde deixar de notar ao grão duque que era impossivel haver quem o excedesse na dança.

O principe fez um signal ao seu ministro dos negocios estrangeiros que se aproximou respeitosamente.

— Mr. de Fatzbourg, diz o grão duque, quando terminar a valsa, vós me apresentareis áquelle jovem que dança com Mm.e do Maguenau.

O barão de Steimberg não pareceu de nenhuma sorte embaraçado com a honra que lhe fazia o principe dirigindo-lhe a palavra com benevolencia. Toda a corte fitou naquelle momento os olhos sobre elle ; mostrou boa fisionomia , e patenteou tanto gosto e espirito em suas respostas , como encanto e distincção em suas maneiras. Tendo-lhe o grão duque perguntado se contava passar alguns tempos em Darmstadt , elle respondeu que sua tenção era residir ali por alguns dias.

— Eu serei mui feliz , tornou o principe, de vos vêr realisar esse projecto. Esta palavra que foi ouvida por todos , lhe grangeou muitos invejosos , e valeu ao mancebo numerosos cumprimentos e attenções.

No dia seguinte houve uma revista commandada pelo grão duque.

O barão de Steimberg appareceu a cavallo no ponto da revista , e o grão duque tendo-o apercebido , o fez aproximar , e lhe perguntou como achava suas tropas.

— Eu nunca jámais vi tão bellas e melhor exercitadas, respondeu o barão.

— Tendes servido em Saxonia ! — Não, meu principe.

— Quereis vós tomar serviço no meu exercito ? Basta que mostreis vossos titulos de nobre , e eu porei á vossa disposição uma nomeação de official.

— Os favores de vossa alteza me tocam paofundamente, mas devo fallar com franqueza , não tenho nenhuma inclinação para a profissão militar.

— È fatalidade !

— A educação que recebi me impressionou outros gostos, e eu aproveitaria o beneficio que digna testemunhar-me vossa alteza, para lhe pedir a permissão de comprar um encargo decente na sua corte.

— Certamente ; ha um emprego de secretario que se acha vago. Vós vos entendereis com o meu ministro do interior.

O barão de Steimberg tinha começado mui bem para que deixasse de fazer rapidamente seu caminho na corte de Darmstadt. No fim de poucos tempos entrou nos conselhos do principe e se distinguiu por sua clareza de juizo , rapidez de concepção , e fecundidade de recursos , que bem depressa lhe adquiriram uma poderosa influencia.

BIBLIOTECA NA S.L.R.

O grão-duque estava encantado com o seu conselheiro ; em todas as circumstancias adoptava os conselhos do barão , e nunca falhou de se achar bem com elles. No mundo e junto ás mulheres nenhuma pessoa havia mais amavel que o barão , e no conselho excedia em madureza e gravidade a seus mais velhos colegas. Depois de ter feito brilhar em um frivolo entretenimento as graças de um espirito superficial , elle encarava os negocios serios com admiravel profundidade. Assim uma alta fortuna politica lhe estava imminente.

Jámais o favor de um soberano foi melhor merecido como o que gosava o barão de Steimberg , mas nunca tambem este favor foi tão rodeado de zellos e odios. As capacidades mediocres , os ambiciosos sem talento que abundavam na corte de Darmstadt , viam com indignação e rancor avançar com passo firme para o poder este homem de um merito real e de uma incontestavel superioridade. Muitos laços lhe foram armados , mas inutilmente ; todas as vezes que a occasião se apresentou o barão desenvolveu uma grande prudencia , e desfez as manobras mais bem urdidas.

O joven conselheiro do grão-duque d'Hesse não dava preza a seus inimigos sinão sobre um artigo : elle era mui inclinado á galantaria , e este Goliath politico , depois de ter derrotado todos os Philisteus da corte, podia ainda succumbir ás seducções de algnma belleza perfida. Prevendo que seus inimigos o attacariam por esse lado , dedicou o mais profundo respeito ás damas de Darmstadt , e se dirigiu a final para a mulher de um banqueiro de Francfort que lhe pagou com coração aberto. Esta dama tinha uma caza de campo a sete ou oito legoas de Darmstadt ; o barão ahi ia muitas vezes , e um dia , em quanto elles passeavam juntamente no jardim , lhe atiraram um tiro atravez de um vallado. A balla lhe roçou pelos hombros , fazendo uma ligeira ferida que occasionou um grande escandalo ; mas apesar de todas as indagações não se pôde descobrir si o presente vinha do marido da bella , ou dos inimigos politicos do galante. A policia do grão-ducado de Hesse nunca pôde saber si o tiro foi atirado de Francfort , si de Darmstadt. Com tudo , o credito do Barão não foi abalado por esta aventura , e o grão-duque para desafrontar seu favorito , e fornecer-lhe uma nova occasião de pôr seus talentos em evidencia , o encarregou de uma missão muito importante e difficil.

O embaxador excedeu nesta negociação as esperanças que seu

merito tinha feito conceber, e voltou a Darmstadt com um tratado que assegurava ao grão-duque vantagens solidas e duradouras. Desde então o barão foi considerado como o bemfeitor do paiz, e o principe para recompensar seus bons serviços o nomeou seu primeiro ministro.

Em este posto eminente o barão se assignalou por prodigios de habilidade. Todos os diplomatas da Europa admiraram sua sabedoria. Introduziu no governo felizes melhoramentos, e elle elevou o grão-ducado ao mais alto gráu de força, de esplendor, e de superioridade. Notava-se que em todos os negocios de consideração o barão escolhia sempre os meios os mais decisivos e menos esperados, e sempre o successo coroava sua empreza.

Durante seis annos Steimberg prehenchia com esplendor as funcções de primeiro ministro, e o odio não tinha cessado de o rodear esperando o momento favoravel. De longe em longe alguns pequenos tramas se urdiam, mais eram promptamente destruidos. Para minar seu favor, se imaginou excitar contra elle os zelos do principe, e se espalhou o boato de que o barão possuia a graça e attenção de uma dama que tinha succedido á condessa de Neringen. A duvida e a suspeita penetraram no coração do grão-duque; mas o ministro se justificou facilmente, provando que elle tinha desde muito tempo concebido uma violenta paixão por uma joven e bella herdeira.

—Nunca, disse elle, eu me atreveria a declarar, porque Mademoiselle Berthe de Reisenbach é o mais bello partido do grão-ducado, mas a calumnia obriga a esta indiscrição.

— Bem está! respondeu o principe, a perfidia de vossos inimigos se voltou em vosso proveito, e vós esposareis aquella que amais!

O feliz barão soube de Mademoiselle Reisenbach que sua paixão era retribuida. Nada restava mais á sua felicidade.

O grão-duque quiz que os esponsaes do seu primeiro ministro fossem celebrados no palacio e com toda a pompa. O dia desta ceremonia, toda a corte se reuniu no palacio do principe. O barão de Steimberg ria-se para a noiva e não encontrava em torno a si sinão homenagens e cumprimentos. Repentinamente o conde de Fatzbourg entrou com um rosto estranhamente imprimido de fel e de ironia.

M. de Fatzbourg tinha sido sempre ministro dos negocios estrangeiros; emprego que occupava ainda no dia em que o barão de Steimberg foi apresentado em casa da condessa de Neringen. Não podia perdoar ao barão de lhe ter roubado o posto que elle

julgava merecer por seus talentos, e seus antigos serviços. A sua apparição ali naquelle dia, deixa ver que o conde tinha preparado alguma boa maldade. Os assistentes não esperaram longo tempo a resolução deste enigma.

O ministro dos negocios estrangeiros, ingerindo-se na conversação, annunciou que ia contar uma historia curiosa. Prestou-se-lhe a maior attenção e começou então da maneira seguinte:

— Havia uma vez em Bohemia....

— Em Bohemia! exclamou involuntariamente o barão de Steimberg.

— Perdão, meu senhor; repetiu M. de Fatzbourg, tende a bondade de não interromper, pois farieis perder á minha historia muito do seu interesse.

— Continuae, senhor, eu me callo, escuto.

— Havia pois em Bohemia um mancebo por nome Frederico de Ollinberck....

Aqui o barão de Steimberg se tornou palido.

— Um mancebo, continuou friamente M. de Fatzbourg que tinha recebido de natureza um espirito vivo, e uma alma ardente. Destinavam-o ao estado ecclesiastico, mas elle se revoltou contra esta violencia feita ás suas inclinações monachaes. Para escapar ás perseguições de sua familia, elle fugiu, e se fez soldado; voltou novamente á caza paternal, e se namorou de uma de suas primas, e a roubou. As perseguições tornaram a renovar-se; e na penosa lutta que elle tinha a sustentar, o mancebo Frederico, cuja cabeça tinha sempre sido mui fraca, perdeu completamente a razão. Foi fechado em uma casa de doudos onde se conservou tres annos; mas em um bello dia elle arrombou sua prisão e se passou a Darsmstadt. — A Darmstdt?

— Sim, meus senhores, Frederico de Ollinberch, o doudo, veio para Darmstadt, e ainda aqui se acha.... ainda mais.... está aqui no meio de vós e occupa o primeiro logar junto do soberano. Em uma palavra, é o heroe da festa de hoje; aquelle que vós conheceis com o nome de Steimberg.

—Que insolencia! exclamou o grão duque; que absurdo! Sois vós, conde de Fatzbourg, que sois um insensato!.... Mas pagareis mui caro o insulto que acabais de fazer ao meu primeiro ministro.

— Vossa alteza, me permittirá ao menos justificar-me e provar o que acabo de avançar.

— Provas? Apresentae-as!

O barão de Steimberg fazia todos os seus esforços para apresentar uma fisionomia tranquilla ; o surriso de seus labios exprimia o desdem e a colera.

Attentos olhos se fitavam sobre elle, e um profundo silencio se apossou de toda a assembleia. O conde de Fatzbourg sahiu e entrou um momento depois trazendo comsigo um desconhecido vestido de negro.

— Quem sois vós ? perguntou arrebatadamente o grão-duque ao estrangeiro ?

— O doutor Lameski de Tœplitz.

— Que pertendeis vós ?

— Venho reclamar um doente que pertence ao hospital de que sou director.

— E esse doente, onde está elle ?

— Ei-lo , respondeu o doutor , apontando para o barão de Steimberg que cahiu sem sentidos sobre um soffá.

Quando o barão tornou a si, o grão-duque lhe dirigiu a palavra com summa bondade, e lhe fez muitas questões ás quaes elle respondeu com uma intelligencia, rasão e sabedoria incontestaveis.

— Vede o homem que se pertende fazer passar por doudo, diz o principe, levantando os hombros... mas quero que me expliquem esta comedia !

— Nada mais facil, diz o doutor.

Dito isto Lameski poz-se defronte do barão e pronunciou algumas palavras em lingoa Bohemia. Perturbou-se o barão ; parecia que lhe lançavam fogo nos olhos , e disse algumas palavras sem sentido , e entrou logo em um accesso de loucura , mas uma loucura socegada , que só se manifestava pela incoherencia do discurso.

O grão-duque estava consternado ; poz termo a esta scena cruel ; o barão se retirou para sua casa , e o conde de Fatzbourg se retirou triumphante , acompanhado do doutor da Bohemia. Na noite d'este fatal dia, o principe foi occultamente a caza do seu favorito , o achou tranquillo. — É com muita verdade , lhe diz o barão, que eu estou doudo. Os medicos facilmente o reconheceram, ha dez annos, e a justiça tinha sanccionado sua decisão. Fui julgado doudo por um tribunal , e assim me encerraram com os demais. Quando me evadi da prisão , fui achar um antigo criado de minha familia , esse velho Fritz, que ali está, e que está chorando ao ouvir a minha nar-

ração. Eu tinha então perdido meu pae ; minha mãe por sua morte deixou para mim a este honrado homem uma somma consideravel. Com este dinheiro comprei a baronia de Steimberg em Saxonia, e depois me passei á vossa côrte. Vós sabeis o resto. O que tendes unicamente ignorado até este dia é o meu estado. Vós não podieis pensar que vosso conselheiro intimo era um louco , vosso embaixador um louco, vosso ministro um louco ! Minha loucura é doce, mas é incuravel ; os accessos não são nem frequentes nem perigosos ; mas minha rasão não póde escapar-lhe ; è uma tontura que sinto aproximar-se e dissipar-se , e na qual eu muitas vezes não perco o sentimento em quanto mesmo me governa. Eu devo tambem confessar a vossa alteza que muitas vezes lhe tenho dado conselhos e concluido os negocios os mais importantes do estado nos meus momentos de loucura ; mas felizmente eu nunca aconselhei melhor nem melhor administrei sinão n'estas crises d'alienação mental.

O principe prodigou as mais affectuosas consolações ao barão de Steimberg, mas não podia convenientemente confiar a um louco a pasta de primeiro ministro. A scena do doutor teve muitos expectadores. O conde Fatzbourg succedeu pois a Steimberg , e preencheu tão mal suas funcções , que no fim d'oito dias o grão-duque lhe disse em pleno conselho : « Nomeando-vos primeiro ministro , quiz tornar publica vossa incapacidade. Enviai-me a vossa pasta , senhor , e aprendei que para conduzir os negocios do estado um estupido não vale mais que um louco. É porque a estupidez não tem intervallos lucidos. Eu nunca jámais esquecerei , que me privasteis dos serviços de M. de Steimberg. Exijo que o ar do campo seja d'aqui ávante e em todas as estações indispensavel á vossa saude.

Vós passareis bem senão alterardes este regimen.

O doutor Lameski foi vergonhosamente enviado á Bohemia. O barão de Steimberg se retirou ao seu castello situado nos arrabaldes de Darmstadt : tinha esposado Mademoiselle de Reisenbach, e foi perfeitamente feliz. Em circumstancias difficeis o grão-duque hia consulta-lo , e citava sem cessar em seus conselheiros o merito e actos d'este louco , que tinha sido o modello dos primeiros ministros.

* *

*(Extraido do Nacional de Lisboa.)*

## II.

# O CLUB DE SOUTHAMPTON.

No club de Palmier, em Southampton, havia um dia reunião magna de abolicionistas; eram sessenta e um; não possuindo nem um d'elles, como é de crer, uma polegada de canna nas colonias; todos amigos jurados dos negros, e roxos de colera logo que lhes fallavam em brancos.

Discutia-se a questão de saber si devia deixar-se á natureza o cuidado de cultivar a canna e o anil, ou si se devia obrigar os brancos a se fazerem negros, para trabalharem em suas propriedades.

Segundo o costume pronunciaram-se de parte a parte muitos discursos. Quando os homens se reunem para *fazer*, conforme disem, o bem de seus semelhantes, começam por fazer discursos: assim se chama a uma certa quantidade de phrases alinhadas a cordel, capases de matar de enojo, e que todo o mundo finge escutar e não escuta.

O Sr. John Perthws queria confiar o cultivo da canna a natureza, porquanto, dizia elle, pois que a natureza inventou a canna, cumpre deixal-a a seu cuidado. Desde que os homens roteam a terra, descança a natureza, crusa os braços, e observa como elles trabalham. De dia em dia vae a natureza desembaraçando-se d'um cuidado; não foi entretanto com este fim que a natureza creou a natureza. Vêde as terras em que não ha penetrado o ferro do cultivador; vêde as matas virgens; ahi as plantas e as arvores prehenchem vigorosamente as condições de sua existencia. A arueira dá seus bellos fructos encarnados e saborosos aos macacos e as araras, o coqueiro planta-se per si mesmo, e deixa cahir em linha recta seus pesados côcos na cabeça dos negros adormecidos a sua sombra protectora; a palmeira compõe com toda arte seus bellos caxos de assucar can-

di, e generosamente os offerece aos ursos indefluxados. Os macacos, as araras, os ursos, os negros nada cultivam, não é este seu dever. A natureza põe a meza, e os convivas sentam-se ao banquete. Quisemos usurpar as prerogativas da natureza; pretendemos corrigil-a; que aconteceu? A natureza disse: Ah! vocês mettem-se com o que lhes não importa; pois bem, trabalhem, não quero saber mais d'isso. Digam o que quzierem, a natureza tem razão; ninguem gosta que mettam a mão em sua seara; quem põe a mão entre a bigorna e o martello do ferreiro, fica sem dedos. Portanto, sabeis o que cumpre fazer para tornar as cousas a seu estado natural? Nada: é muito simples. Teremos assucar, porque o assucar existe na natureza; a prova é que bebo este copo de agua com assucar. *(Applausos.)* Tambem teremos rom; o rom existe na natureza, e a prova é que todos vós o bebeis. Voto portanto que se ordene á natureza que produsa os generos coloniaes sem soccorro do homem negro ou branco, como no paraiso terrestre ou nos matos virgens do Brazil.

Causaram tão viva sensação estas palavras que geralmente pediram votação. O presidente propôz a questão pela forma seguinte:

Aquelles que são de parecer que a natureza entre em seus direitos primitivos de producção espontanea, levantem-se;

Os que são de parecer que a natureza collabore com o homem na exploração das colonias, deixem-se ficar sentados.

Trinta membros se levantaram contra a natureza e trinta ficaram sentados. O membro 61, que podia fazer pender a balança, não quiz pronunciar-se apezar de lhe haverem pedido muito, pretendendo que não estava sufficientemente esclarecida sua consciencia. Affirmaram que elle era assallariado dos colonos ou da natureza, e alguns mesmo disiam, que tanto os colonos como a natureza o haviam pago para que não désse o seu voto.

Ora vejam do que dependem as vezes os destinos! Um voto de mais e ahi estava a naturesa condemnada a trabalhar como uma negra, por decisão do club de Southampton.

Não se achando esgotada a ordem do dia, passou-se a tractar de outra questão.

Convinha deliberar si os negros das duas Indias seriam immediatamente postos em liberdade, com a faculdade de tomar brancos a seu serviço para a cultura do café, do assucar e do anil.

O Sr. Max Macrowhs pediu a palavra ; era um abolicionista decidido, que não duvidaria abolir-se a si mesmo ; gosava de grande reputação no club. Houve profundo silencio em todos os bancos.

« Milords e Senhores, disse elle, todos nós gememos *(gemidos)* sobre as crueldades exercidas contra os negros por colonos avarentos, que depois de haver dado mil piastras por um escravo, o fazem morrer em tormentos, para enriquecerem-se com o seu cadaver. Gememos *(novos gemidos)*, gememos tomando chá tres vezes por dia, café duas vezes, pudding muitas, copos de agua com assucar sempre, quando pensamos que esse oceano de liquidos que consumimos é humedecido com os suores dos negros. Que destino tão cruel para nós não é esse de não tocarmos em um prato, em um copo grande ou pequeno, sem derramarmos uma torrente de lagrimas, as quaes lagrimas reunidas formariam um volume d'agua bastante consideravel para fazer nadar uma nau de trez batterias no estaleiro de Chatam ! Haverá talvez no que digo hyperbole escosseza (não, não, não) : dizeis que não ? ainda bem ! não ha hyperbole, senhores, ha realidade pura. Terrivel realidade ! realidade esmagadora ! porque representa a somma exacta do mal que nossa philantropia obriga que aniquilemos. *(Explosão de bravos.)*

« Como devemos pois aniquilar o mal ? Nada é mais simples. Vou levar a convicção a vossos coraçoes *(estamos convencidos !)*; dizeis que estaes convencidos, bem sei d'isso, porêm nós estamos aqui para fallar, e fallaremes para sustentarmos nossas convicções.

« Cumpre levar ao parlamento um bill concebido nos seguintes termos : « Todo o escravo é por direito livre. Os colonos são convidados a licenciar seus negros. É permittido aos Snrs. Colonos entrar no serviço dos seus ex-escravos. Os negros, attendendo a sua longa servidão, só poderão servir aos negros. Cada negro será decentemente vestido, e como um homem ordinario, a custa dos colonos. Os negros que recusarem quebrar suas cadeias serão punidos com cinco annos de prisão.

« É escusado, milords e senhores, apoiar em longos raciocinios á sabedoria d'este projecto de bill : todos vós os conheceis : entretanto, como tenho de costume fallar uma hora todas as vezes que subo a esta tribuna, vou fazer-vos breve commentario á sabedoria do bill proposto. »

Um continuo brada em voz alta : — Querem fallar ao Snr. Max Macrowbs.

— Quem me procura ? perguntou o orador.
— O agente do *Foreign-Office*, respondeu o continuo.
— Dizei-lhe que entre.

Entra o agente e entrega uma carta ao Snr. Max Macrowbs.

O orador abrindo a carta vae disendo : « Milords e senhores , antes de passar á segunda parte de meu discurso, antes de pedir toda vossa sollicitude em favor da liberdade immediata dos negros, ditos escravos , permitti-me que lance os olhos por esta carta que vem da India , e que sem duvida contem alguns preciosos documentos sobre a questão actual. Foi a Providencia quem aqui conduziu o agente pela mão. (Lede , lede !)

O Sr. Max Macrowbs leu então para si a seguinte carta :

Calcutta . . . . . .

« Um antigo amigo de vosso pae , o agricultor inglez Falbrougtheir , morreu ha pouco tempo em uma caçada de tigres, d'uma pneumonia complicada com a unhada do animal. Era um homem honrado, digno de melhor sorte.

« Antes de morrer mandou chamar um tabellião : eu fui chamado e corri a sua casa para conhecer qual era sua ultima vontade. O antigo amigo de vosso pae tinha immensas propriedades, cujo extracto é o seguinte :

« Uma fabrica de anil, rendendo 2,000 libs. st.

« Uma fabrica de assucar do mesmo rendimento.

« Uma posta de cavallos, servida por negros , em falta de cavallos , em um raio de cem leguas , estrada de Lahore. Trez mil escravos de ambos os sexos e de todas as côres.

« O antigo amigo de vosso pae, por não ter filhos , e odiar a seus avidos collateraes , vos nomeou seu universal legatario. O legado acha-se em minha mão á vossa disposição. Respondei-me pelo primeiro navio da companhia que sahir de Southampton.

Williams WILBERFORCE.

Tabellião em Calcutta , rua de Sião.

O orador Max Macrowbs tinha já lido esta carta duas vezes , e preparava-se para a terceira leitura, quando o autitorio , im-

paciente por ouvir o fim do discurso abolicionista, levantou-se em massa gritando: Orador, orador, acabae, acabae!

O orador foi dobrando a carta com todo vagar e disse:

« Milords e Snrs., vou terminar meu discurso. *(Ah! ah! ouvi! ouvi!)* Sim, cumpre abolir a escravidão, abolil-a para sempre *(sim! sim!)*, mas a sabedoria exige tambem que procedamos com discernimento n'esta obra de reparação *(Oh! oh!)* Colonias há em que a abolição deve ser immediatamente; outras ha em que a medida reclama mais lentidão. Assim, por exemplo, Calcutta.... *(interrupção)*; senhores, deixae-me terminar meu pensamento.... *(porque fallaes em Calcutta?)*; disse Calcutta como diria Mauricia, tomemos Calcutta....

*(Uma voz:* Nem Calcuttá, nem Mauricia.)

« É porque tendes pouco conhecimento de Calcuttá; vou contar-vos um facto, porque estudei profundamente a questão. Ha em Calcutta uma posta de cavallos que faz o serviço da estrada de Lahore *(E que nos importamos nós com isso?)*; ides ver. São necessarios cavallos para os viajantes; pois bem, não ha cavallos, entretanto é necessario que os viajantes viagem, sem o que não haveriam viajantes. Para obviar a esta penuria de quadrupedes, imaginou-se substituir os cavallos por negros, em quanto não ha aquelles.... (Horror! horror! infamia!) Sim, é um horror, porêm um horror que dá duas mil libras de renda ao dono da posta, e, em consciencia, e sem cavallos não podereis despojar.... (Nós o despojaremos) sem indemnisação.... (Sem indemnisação). Ora, Snrs., sois summamente justos....

(Uma voz: Fostes vós quem fez a proposta.)

« Sim, sim, fui eu, e eu a sustento; sómente peço que se tome em consideração Calcuttá.

(Uma voz: Eil-o com Calcuttá ás voltas!)

« Meu Deus! Senhores não voteis vosso odio contra um nome tomado ao acaso.... há em Calcuttá um dono de posta de cavallos.... (Disei de homens, vossos irmãos.) Sim, sim, de homens que esperam por cavallos para serem substituidos; e si a Inglaterra, em sua munificencia, quiser dar de suas estribarias sómente dusentos ou trezentos cavallos.... (A Inglaterra não deve nada). Sejam duzentos.... (Nem um asno!), que são duzentos miseraveis cavallos, quando se trata de prevenir uma injustiça....

(Uma voz: Orador, essa indemnisação estabeleceria um ter-

rivel precedente : si indemnisarmos o dono d'essa posta de Calcuttá , dever-se-hia estender a medida a todas as colonias , e o budget não chegaria para tanto).

« A todas as colonias, não, outra vez não. Notae bem, Senhores, que se não trata de cannas de assucar , mas d'um serviço publico ; que farieis vós , Senhores , si fosseis donos da tal posta ?....

(Uma voz com solemnidade : Imolariamos a posta no altar da humanidade. — Appoiados geraes. — Sim , sim , imolariamos a posta ! )

« Vós não a imolarieis ! (A ordem ! a ordem !)

O presidente cobre-se em signal de confusão e diz com voz commovida : Orador , sustentando que os membros d'esta assembleia não imolariam a posta, offendestes a sympathia de cada um d'elles, eu por tanto vos chamo a ordem.

« Pois bem ! diz Max Macrowbs , eu dou minha demisssão.

— Que discurso singular ! disem os da assembleia retirando-se ; Macrowbs está doido. — Não , satá sabio , respondeu o orador.

MÉRY.

*Revue du* 19.^e *Siècle.*

# MISCELLANEA.

## NOTICIAS SCIENTIFICAS. — BIBLIOGRAPHIA.

---

*Correspondencia de V. Jacquemont durante sua viagem ao Brazil e ás Indias. — 2 vols.*

Veio-nos á mão uma obra com este titulo e, como n'ella se falla do Brazil, julgamos necessaria sua analyse para conhecimento dos Brazileiros. Na Europa, verdade é, principalmente nos estados mais civilisados, aonde a factura de livros é um ramo de commercio muito productivo de riquezas, qualquer individuo, sem possuir as mais simples noções de grammatica, sem ter a menor inspiração do talento, sem mesmo conhecer o objecto de que vae tratar, lança mão da penna, sem ceremonia alguma, e rabisca algumas folhas de papel, que, apenas publicadas, são curiosamente procuradas e furiosamente lidas. A mania de escrever e a mania de ler exagerou-se a ponto, que os numerosos prelos de Pariz, de Londres, de Leipzic, de Stuttgard e de Berlin apenas podem precipitadamente e sem o menor cuidado, publicar e lançar no seio d'essa população insaciavel a prodigiosa quantidade de obras que se escrevem annualmente. Tambem verdade é, que uma ou, ao muito, duas sobre mil escapam ao naufragio que as ameaça desde seu berço: apenas uma ou duas sobre mil se conserva na memoria dos leitores; apenas uma ou duas sobre mil são preciosamente guardadas nas bibliothecas; todas as mais morrem apenas lidas, desapparecem apenas publicadas, somem-se apenas escapam dos prelos. Mezes depois já pessoa alguma se lembra nem do seu

contheudo, nem do seu titulo, nem do nome do seu autor. A curiosidade é saciada por novas obras, por novos autores, por novos titulos que tambem a seu turno seguirão aquelle destino.

Ainda que as *Correspondencias do Sr. Victor Jacquemont* sejam um d'esses livros de que todos facilmente se esquecem, já pelo seu nem um merito de estylo, já pela fraqueza e nullidadade de pensamentos, já pelo seu contheudo; ainda que em França ninguem talvez se lembra mais d'elle e do seu autor; comtudo como n'elle trata-se do Brazil faremos sua analyse; e rogamos encarecidamente ao leitor que a analyse e o livro tenham o mesmo triste fado, porque tanto ella como o livro foram escriptos com rapidez, sem nexo, sem ordem e sem merito algum litterario.

Tinha o Snr. *V. Jacquemont* a intenção, embarcando-se em Brest na *Zelée*, de tocar na Ilha da Madeira e então d'ahi fazer rumo para o Brazil. Entretanto porêm não o fez, diz elle na sua carta de 11 de setembro de 1829, porque a incertesa das relações da França com D. Miguel e o receio de ali encontrar Brasileiros e Portuguezes á *unha*,—notem bem os leitores que na traducção pretendemos conservar o mesmo estylo e pensamento do original;— lhe modificaram seu plano, e trocou então a Ilha da Madeira pela Ilha de Teneriffe, no que ganhou muito, acrescenta elle, por ser impossivel que a Madeira mais bella e pittoresca lhe parecesse do que Teneriffe com seu elevado pico e seu volcão maravilhoso.

« Si circumspectos fomos, si com prudencia obramos, fugindo d'essa *canalha* de Brazileiros e Portuguezes, continua o autor, eu te affianço que com os mercadores de Teneriffe mostramos-nos feros e arrogantes. »

Por este exordio descobre-se immediamente a intenção do autor do livro das *Correspondencias*. Teme encontrar guerra entre Brazileiros e Portuguezes na Madeira, quando esta Ilha estava subjeita ao dominio do usurpador D. Miguel. E sem conhecer que homens são os habitantes da Madeira, quaes seus costumes e sua indole, já os intitula *canalha* e atrozmente os insulta. Que ideia podemos fazer do Snr. *V. Jacquemont* quando elle não duvida lançar um estigma sobre duas nações inteiras, que confunde ou por ignorancia ou caso pensado, estigma não motivado por algum desar, que lhe tenha succedido, mas simplesmente occasionado por supposições suas, por caprichos de imaginação, por estupidos preconceitos? Nem a terra, nem

o solo devem parecer-lhe bello, elle de antemão o assegura sem o ter visto.

De Teneriffe, aonde se demorou um dia, o Snr. *Jacquemont* seguiu viagem para o Rio de Janeiro aonde chegou aos 28 de oitubro. Felizmente a perspectiva do paiz teve a honra de agradar-lhe; elle a acha magnifica. Aqui começa o autor a sua correspondencia sobre a America, seus habitantes, seu solo e sua posição e futuro. E cumpre, antes de tudo, notar que elle demorou-se no Rio de Janeiro somente 15 dias, e que esta foi a cidade unica da America que elle viu, e entretanto ella o leva a julgar de todas as outras sem ceremonia e sem pejo.

« Esta noite, diz o Snr. Jacquemont, a paginas 28, vou vêr uma especie de *animal* extremamente raro na America, é um *imperador*. Verei ao mesmo tempo a *Italiana in Algieri*, por quanto é no theatro que gozarei da vista de tao habil palafreneiro. »

Admira que um Francez cujo melindre se deposita todo em maneiras exteriores agradaveis, que colloca sua honra e seu brio na civilidade externa, n'uma expressão sempre lisongeira e sempre alegre de seus pensamentos as mais das vezes diversos d'ella, ouse assim enunciar-se acerca de um monarcha extrangeiro, quando devêra lembrar-se que a França tem tambem uma forma de governo monarhcica e que certamente — elle francez — não approvaria antes estigmatisaria aquelle estrangeiro que tão incivilmente tratasse os seus monarchas.

« Os homens, continua o Snr. *Jacquemont*, estragaram e arruinaram irreparavelmente este paiz. Eu vos fallei de S. Domingos, e o quadro que esbocei certamente que não foi brilhante; pois bem, em meu entender, S. Domingos está mais proximo a civilisação do que o Brazil. Os homens brancos no Brazil ou por educação ou pela circumstancia de possuirem escravos, são menos civilisados e dotados de um character mais violento do que os negros. Eu os vi com seu habito de oiro ao peito, com suas commendas de diamantes, suas fitas encarnadas e seus titulos, com sua ignorancia, sua vilesa e sua falta de probidade; — e coraram-se-me as faces de vergonha. Procurei uma classe media, laboriosa e economica, honrada e respeitavel, — qual!— não a há n'este desgraçado paiz. Abaixo da canalha de habitos e commendas só deparei com os negros escravos ou pardos livres, proprietarios tambem de escravos e os peiores de todos.

« Será isto uma naçāo? Entretanto eis o retrato fiel de todos os novos estados independentes hespanhoes. As raças portuguesa e hespanhola não são mais progressivas no novo mundo do que no velho. Ellas só possuem liberdade em nome. È portanto o Brazil e toda esta America um paiz de desolação e abominavel. Figurai-vos algumas centenas de viscondes e marquezes com cinco habitos pendurados, seis ou mais commendas pregadas no peito cuberto de oiro, prata e diamantes, ignorantes, fracos, vis, bajuladores de todos os caprichos do imperador; e, abaixo d'isto, nem um *tiers-état* ou classe media respeitavel, nada mais do que um povo de ladrões meio-brancos, e depois uma multidão espantosa de negros escravos, a mór parte nús, que vivem alguns annos e que morrem ordinariamente sem reproduzirem-se; que são obrigados a trabalhar á vergalhadas e cujo trabalho é que paga as carruagens, as finas camisas de cambraia e as meias de seda bordadas de tresentos marquezes.

« Destronisae D. Pedro e as provincias se separarão em republicas federativas, e depois virão as revoltas dos negros e a anarquia. Conservae o imperador, mas abolí o trafico de escravos, acabou-se o trabalho e todos morrerão de fome por causa de sua preguiça. Assim D. Pedro vive por viver, e D. Miguel é muito amado no Rio de Janeiro por ser o que consumou a independencia, »

Por estes trechos, que litteralmente traduzimos, conhecerão nossos leitores a favoravel opinião que mereceram os Brasileiros do Snr. *Jacquemont*, a gratidão que lhe elles devem tributar, e a imparcialidade *espantosa* e *civil* do autor das *Correspondencias*, sem que necessarias se tornem observaçōes nossas para melhor fazer resaltar o pensamento do illustre viajante francez, que com tão negras cores pinta o estado de toda a America Meridional, quando só conhece o Rio de Janeiro que viu em 15 dias, tempo insufficiente para bem conhecer o material do paiz o seu solo e sua uberdade, quanto mais formar juizos e juizos tão poucos prudentes e arrasoados sobre os habitantes e seus costumes; e, o que mais é para admirar, sua ousadia de publical-os, de lançal-os ao mundo no seio de sociedades civilisadas, sem temor de ser desmentido e vergonhosamente convencido de calumniador. Continuemos com citaçōes que mais interessante se tornará a analyse.

« Os poucos jornaes que ha n'este paiz são escriptos por ex-

trangeiros, em geral por francezes. O imperador não pôde ainda fazer adoptar por seus subditos, ou, para melhor dizer, por seus *macacos* (ainda que na linguagem de muitos sejam *pessimos macacos)* a liberdade de imprensa. Ella existe consignada na lei mas os costumes dos habitantes a regeitam. Alguns jornalistas, por haverem enunciado verdades, foram espancados de dia e no meio das ruas. Isto faz estremecer os redactores que nada disem que possa offender alguem. Os Brasileiros e Portuguezes são tão preguiçosos que nem servem para escrever.

« São frequentes as scenas de violencia. Eu escapei de receber um tiro de pistola disparado por um ladrão que se evadia aos guardas que pretendiam prendel-o. Foi agarrado, amarrado e levado ao corpo da guarda do palacio do imperador, no seu mesmo vestibulo. Ahi instruiu-se o processo *á turca*. Os officiaes e soldados de policia discutiram ácêrca do castigo que se lhe devia inflingir, ou de dar-lhe gibatadas ou de matal-o. Tudo isto se passava emquanto que os mesmos juizes indifferentemente fumavam seu charuto. Foi condemnado a levar bordoadas, e tanta levou que lhe quebraram um braço. Isto foi de dia, e na mesma noite eu vi um negro tanto espancar á outro que o estendeu por terra morto, e nada lhe aconteceu por que diziam que fôra o pae o assassino do filho. Os presos morrem de fome quando se lhes não dão esmolas. Tal é a administração da justiça aonde a miseria e o horror enchem asprisões! A unica comida que dá o governo aos presos é bananas.

« A marinha brazileira compõe-se de duas náus, e algumas bellas fragatas, cuja equipagem é extrangeira, e que é tão mal capitaneada por officiaes brazileiros, que um só navio de guerra francez, inglez, ou hollandez não deixaria, em poucas horas, de metter ao fundo toda essa armada.

« Ha no Rio de Janeiro um bello theatro, aonde uma detestavel companhia italianna, com uma orchestra mais horrivel ainda, estraga trez vezes por semana as bellas operas de *Rossini*. Eu vi a *Italianna em Argel*. Os *fashionables* chegam pelas 8 horas em carruagens. O postilhão lhes tira as duas magras mulas, que ficam pastando, durante a representação, a herva do largo. As 11 horas elle as arreia outra vez, e se prepára. »

Em outra carta dirigida ao Snr. *Tracy*, ainda se exprime assim o Snr. *Jacquemont*.

« Não ha *nação* no Brazil. A população d'este *soi-disant* imperio compõe-se de negros escravos, que morrem sem se repro-

duzir, e que incessantemente é de mister renovar-se, e de algumas centenas de Portuguezes, decorados com titulos e fitas, vestidos, apezar do clima, segundo a moda da Europa, homens porêm de uma baixeza de character, e de uma tão crassa ignorancia, que em vão se procuraria na Europa seus semelhantes. O imperador, apezar de ser mais civilisado que seus miseraveis vassallos, tambem só serve para montar bem a cavallo, e conduzir admiravelmente um carrinho.

Até aqui coube-nos á nós, Brazileiros e Portuguezes, o estigma lançado pelo Snr. *Jacquemont*. Mas elle com isto se não contentou. Taes eram os prejuizos, que dominavam seu espirito ácerca d'estes dois povos, tão terriveis se fiseram seus preconceitos injustos, infundados, caprichosos, que alêm de lhe não agradarem os naturaes do paiz; todos aquelles estrangeiros, que no Brazil residem, ou na America Meridional, todos os que conservam alguma estima ou gratidão por este solo, soffreram o anathema do autor das *Correspondencias*, e participáram de suas injurias e sarcasmos. Eis suas proprias palavras, ácerca de seus mesmos compatriotas, residentes na America Meridional.

« Nós Francezes sustentámos grandemente no Rio de Janeiro nossa reputação de cabellereiros e mestres de dança. A rua *Vivienne* do paiz, que se intitula, *rua do Ouvidor*, é povoada de *modistas*, alfaiates e cabellereiros de Pariz. Pensa-se portanto no Rio de Janeiro, pela terrivel regra de trez, que os Francezes são todos *cabellereiros*, e as francezas todas *modistas*. Por causa d'isto, eu fallava sempre inglez, para não parecer francez. »

Julgamos escusado continuar nas nossas observações ácerca d'esta obra, apparecida em Pariz em 1834, e sem duvida que desaparecida da memoria de todos no mesmo anno, não só pelo seu nem um merito litterario, como acima dissemos, sinão tambem pelas numerosas calumnias e falsidades, de que abunda, as quaes de prompto achariam sua refutação em todos os espiritos sensatos, que se déssem ao fastidioso trabalho de sua leitura, porque nós, apezar de tudo, sabemos fazer mais justiça aos estrangeiros, do que nos elles fazem.

Oxalá que assa mania de escrever cesse na Europa! É sem duvida um dos seus maiores males. Cada qual diz o que lhe vem á cabeça, sem pensar nos effeitos que muitas vezes podem resultar de suas ideias, sem cuidar nos inconvenientes que d'ahi podem originar-se. Quando a litteratura é um ramo de

commercio, quando se escreve unicamente para ganhar dinheiro, quando um livro é pago por paginas, linhas, palavras e lettras que contem, e não pelo seu merecimento real, pelo seu contheudo de pensamento, as lettras cahem, o enthusiasmo secca-se, e as boas ideias morrem. Como é possivel que um homem dotado de qualidades litterarias iminentes queira atirar suas obras no meio de mil outras sem merito, sem futuro, unicamente escriptas para produzir dinheiro, confundindo-se o livro da inspiração espontanea e verdadeira com o que produziu o trabalho material, a ideia do commercio ?

É assim, que pensamos nós. Cada qual cumpra o seu dever e a sua missão na terra, e a sociedade seguirá marcha regular e prospera. Só escreva quem tem para isso disposições naturaes, e estudos sufficientes da lingoa e do objecto de que vai tratar. Fóra d'isto, tudo é anarchia, e nenhuma noção verdadeira, nenhuma ideia boa ou moral resultará para o publico da publicação dos escriptos. *P. da S.*

---

CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DAS MENINAS por uma senhora americana, traduzidas do Hespanhol pelo Snr. Dr. J. C. de DEUS E SILVA. — O Snr. Dr. João Candido é incançavel, e graças a seu genio trabalhador, a nossa litteratura vae-se enriquecendo com livros escriptos em linguas estranhas, e que não estão ao alcance da grande massa da população que deseja ler e instruir-se, mas não tem meios e tempo de se aplicar ao estudo d'essas linguas. Alem d'isso, não é a unica habilidade do traductor o traduzir bem ; hoje que as imprensas atiram ao seio da sociedade milhares de volumes, é mister saber escolher, joeirar a bôa da má doutrina, e dar alimento de vida em vez de envenenado e corrompido : o Snr. Dr. Deus e Silva tem sempre bôa escolha : si quer familiarisar o povo com as ideias de Historia, dá-lhe a *Grandeza e decadencia dos Romanos* por *Montesquieu ;* si quer fallar-lhe de moral, offerece-lhe a agradavel leitura de *Droz ;* em educação, o Snr. Dr. Deus e Silva facilita a leitura das *Cartas d'uma Senhora americana :* assim o illustre traductor de tantas obras interessantes livra os incautos e pouco instruidos do perigo de leituras perniciozas. Este trabalho que toma o Snr. Deus e Silva é um verdadeiro serviço feito ao Brazil, sua patria.

As *cartas sobre a educação das meninas* é um livro interessante e seria para desejar que todos aquelles que se incumbem do penoso emprego da educação as lessem e meditassem sobre sua doutrina. Nas sociedades modernas civilisadas as mulheres occupam uma posição muito elevada: sua influencia é bastante ponderoza, e seria por tanto perigoso si não cuidassemos em dar-lhes educação propria para bem desempenharem sua missão.

Recommendamos este livro á todos os paes de familia.

---

# LITTERATURA.

## POESIA CHINEZA.

M. J. Fr. Davis residiu por muitos annos na China como membro da feitoria ingleza de Cantão. Elle se aproveitou da sua estada n'este paiz para estudar a lingua e a litteratura dos seus habitantes. Ajudado por mestres indigenas, elle se applicou menos ás investigações historicas, do que á leitura de romances, peças de theatro, e em geral, das producções poeticas dos Chinezes. Publicou ha pouco uma memoria em Londres sobre a poesia d'este povo, e o conteudo d'este tratado é em grande parte novo e interessante. Divide-se em duas partes, a primeira tem por objecto a versificação e as regras particulares para a composição dos versos, das estancias, assim como as fontes de que se derivam a melodia e a rima. Elle pouco accrescenta ao que havia dito M. *Abel Remusat* sobre os mesmos objectos no fim da sua excellente grammatica chineza. Aqui vê-se que a versificação chineza tem regras severas, é cheia de difficuldades, que exigem uma grande attenção do poeta, e que muitas veves o embaraçam.

A segunda parte da obra de M. *Davis* offerece mais interesse; ella se compõe de um lanço d'olhos succinto sobre o estilo e espirito da poesia chinesa, do genero de imaginação, dos sentimentos que prevalecem, e das suas differentes sub-divisões. A civilisação dos Chineses, e por consequencia o seu gosto, a sua maneira de considerar os objectos e o seu espirito, differem totalmente dos nossos, de sorte que para os apreciar sem pre-

vençāo, seria preciso poder identificar-nos com esse povo, o que não é facil. Estes objectos não podem fixar de outro modo a nossa attençāo, que não seja pela ideia, que nos dão do estado intellectual de uma populaçāo de quasi 300 milhões de habitantes ; porque a civilisaçāo chineza, não se limita só á China , ella tambem se estende ao Japão, e a outros muitos reinos da Asia occidental.

A mais antiga poesia dos Chinezes, bem como a de todas as outras naçōes, parece ter consistido em cançōes e obras , feitas para serem acompanhadas de musica. Um grande numero d'estes cantos populares nos tem sido conservados no *Livro dos versos* colhidos por *Confucio*. A maior parte d'estes cantos sāo de uma grande simplicidade, porêm muitos ha cujo estilo não é sempre inintelligivel sem os antigos commentarios , que os acompanham. Todavia, cada Chinez bem educado sabe de cór as mais celebres d'estas peças, e as allusões que se lhes referem acham-se frequentemente nas poesias modernas, e em todas as obras de alta litteratura.

A segunda e a terceira parte do *Livro dos versos* contem cançōes destinadas a ser recitadas em occasiões solemnes ; ellas tem por objecto acçōes heroicas e virtuosas de antigos reis e sabios. A quarta e ultima compõe-se de panegiricos de imperadores da dymmastia de *Tcheeu*, sob a qual vivia Confucio.

A idade de oiro da poesia moderna começa na China, com o reinado da grande dymnastia de *Thang* no 7.° seculo, e finalisou no 12.° Existem muitas collecçōes de poesias do tempo de *Thang ;* ellas contem um grande numero de peças, a que não falta imaginaçāo. Eis aqui uma para mostrar. — Um homem sentado em uma barca, e pescando com anzol , foi condusido por uma florida baleeira a um estreito recanto do lago, no fim do qual achou um logar habitado por pessoas, que pela simplicidade dos seus costumes, pareciam ter escapado, em seu retiro, das perseguiçōes do famoso tyranno *Thsinchy-houang* , e não ter tido depois communicaçāo alguma com o resto do mundo. Voltando d'este pequeno paraiso chinez, o valeroso navegante conta o que vira , e talvez o que sonhara, porque foram vãos todos os seus esforços para achar de novo este logar, que lhe desapparecera. — Ver-se-ha n'esta peça, que vai tradusida uma bem clara allusão ao incendio dos livros , que teve logar na China, no fim do terceiro seculo antes da nossa era.

*A enseada de flores do pescador.*

O fumo das chaminés sóbe aqui e ali ; pouca gente habita este logar.
Seus costumes são puros, são restos da mais alta antiguidade,
As arvores e as plantas crescem aqui tranquilamente ; nem um imposto pésa sobre este sólo.
De paes a filhos tem-se lido sempre livros, que não foram queimados.
Durante o dia ouve-se o canto do gallo á borda dos ribeiros, e nos recantos dos rochedos.
Os cães ladram quando a aurora alumia o colmo das chou-panas ;
Oh ! si o meu barco ligeiro aqui podesse voltar ! Eu ainda pescaria dez annos em beneficio de outrem.

Uma abundante mina de assumptos para o poeta chinez é o que se póde chamar a idade heroica da China , ou a épocha em que este paiz se achava dividido em muitos estados independentes, que entre si disputavam a soberania do territorio. Entre tanto os Chineses nada possuem, que se pareça ao que nós chamamos — Poema Epico. — As unicas narrações metricas , que se acham entre elles são os romances, e pedaços licenciosos , nos quaes a estructura dos versos é muito ligeira , e privada dos signaes caracteristicos que constituem o principal merito da sua poesia.

Os Chineses tem uma multidão de generos ; mas o da poesia discriptiva é o mais usual entre elles , e o que deve ter mais atractivo para com estrangeiros. Com effeito, toda a sua lingua abunda de expressões figurativas, derivadas de objectos os mais frisantes da natureza. É assim que o sonho da primavera , e as nuvens do Outono, designam visões aereas e felicidade : um bem, que se não póde conseguir , é chamado a reflexão da lua nas ondas , nuvens , que obscurecem o ceo , exprimem a sombra momentanea, que lançam os calumniadores sobre um character illustre , a difficuldade na execução é figurada pelas ervas entrelaçadas , que impedem o caminho a qualquer ; para indicarem o contentamento interior , dizem , que as flores do coração estão em pleno viço ; a virtude de uma mulher , chama-se jaspe branco , cristal sem mancha, gelo frio e transparente ; os que correm apoz os prazeres , são abelhas e borboletas entre as flôres etc.

Ha na poesia chineza um grande numero de allusões que se applicam á alguns acontecimentos historicos e romanticos, e é o que constitue a principal difficuldade para os estrangeiros que não podem vencel-a sem a explicação de indigena instruido. Por exemplo a expressão — *o coração responde a frauta*, — designa o abandonar-se á seducção: ella se refere a historia de uma rapariga chamada *Wenkiu* amada por *Szema* que lhe deu uma serenata e executou com a frauta uma canção chamada: — *O phenix em procura da sua companheira.* Esta musica tocou o coração da bella á ponto que fugiu de manhãa com o seu amante, e deixou os vestigios da sua fuga por todo o caminho orvalhado.

Para exprimir a ideia do reconhecimento de um beneficio servem-se da metaphora de — *o espirito que ata a erva.* Eis-aqui a origem d'esta maneira de fallar. Um imperador da dymnastia de *Tcheou* recommendou a seu filho que fizesse enterrar a sua dama favorita com elle, segundo o antigo costume dos Scythas; o filho tinha alguma repugnancia em executar esta ordem cruel e casou a bella com um dos grandes da côrte. Tendo bem depressa de sustentar uma guerra contra um famoso capitão, a sombra do pae da dama, já morto, appareceu-lhe em sonhos e prometteu-lhe protecção contra seus inimigos, em reconheeimento de ter salvado os dias de sua filha. O general inimigo foi com effeito derrotado, e algum agente invisivel lhe entrelaçou a erva em seu caminho, de sorte que não pôde fugir e cahiu prisioneiro.

A poesia chineza chama tambem muitas vezes a mythologia em seu auxilio: cada elemento da naturesa, cada phenomeno, cada montanha, cada rio, cada bosque tem o seu genio particular. *Hoci-lo* é o monarca do fogo; *Loui-Koung* é o deus do trovão; *Lou-chin* é o espirito das vagas. Outros mil genios povoam todos os recantos do mundo visivel. Uma divindade interessante é a que chamam *Yue-lao* ou o velho da lua. Elle tem o encargo de atar com um fio invisivel, e na epocha do nascimento os casaes destinados á esposarem-se: estes laços são tão fortes que nem uma distancia e nem um obstaculo, em apparencia invencivel, podem impedir a união final dos dois seres ligados pelo velho e cuja felicidade conjugal d'elle muito depende.

Com uma tal variedade de recursos da imaginação e com algumas das mais bellas paginas do grande livro da naturesa,

aberto a todos os olhos, seria preciso que os Chineses fôssem inteiramente despidos do senso poetico, para não acharem materia á descripçōes e allusōes de poesia. Mas os poetas chamam tambem em seu soccorro outra classe de seres misteriosos; são as fadas escolhidas ou immortaes que tem o poder de tomar differentes formas. Umas vezes ellas apparecem como bellas mulheres, outras como monstros hediondos, etc. O seu prazer maior é tentar os adoradores de *Bouddha* e fazel-os falhar em seus exforços para chegarem ao mais alto gráu de perfeição.

Terminarei este artigo por um retalho de poesia de duas estrophes, intitulada a *fertil chuva.*

— O terceiro mez do inverno tem sido, pela mor parte, claro e doce. Uma chuva bemfeitora felizmente cahe.
Os nevoeiros cobrem as altas habitaçōes nas montanhas.
As gotas do orvalho enchem as covas dos rochedos.
Os ventos da primavera começam a dissipar as nuvens que obscurecem o sol.
Agora tudo se aviventa e remoça.
Digamos pois ao lavrador: não retardes o trabalho nos campos occidentaes.
A verdura dos vimes ainda não esconde os caminhos; mas os bosques estão já vestidos com as flores dos pecegueiros.
A naturesa amortecida como que vae sentindo o sopro que a vivifica. E eu esquecer-me-hei dos beneciños do céo?
Á semelhança d'aquelles que, encostados á mesa, esperam uma velhice inutil sem ter feito uso das forças, quando ellas se podiam utilmente empregar?
A chuva cahe á jorros e desce pela ladeira em frente da minha porta; e eu, ou em pé ou assentado, medito profundamente.

*(Du Courrier des Etats-Unis.)*

---

## CURIOSIDADE.

**Primeiros ministros que tem havido na Gram-Bretanha ha sessenta annos a esta parte.** — A seguinte lista que comprehende todos os primeiros ministros desde o reinado de Jorge III até hoje, não deixa de ser interessante principalmente n'um

momento em que as modificações administrativas são tão frequentes, e quando é licito esperar, segundo o resultado conhecido das eleições, que o gabinete *Tory* será substituido por um ministerio favoravel aos votos e interesses da Nação Britannica.

O conde de Bute, nomeado em 29 de máio de 1762.
Mr. de Grenville, — 16 de abril de 1763.
O marquez de Buckingham, — 12 de julho de 1765.
O duque de Grafton, — 2 de agosto de 1766.
Lord North, — 28 de janeiro de 1770.
O marquez de Rockingham, — 30 de março de 1782.
Lord Selborne, — 13 de julho de 1782.
O duque de Portland, — 5 de abril de 1783.
Mr. Pitt, — 27 de Dezembro de 1783.
Mr. Addigton (hoje lord Sidmouth),—17 de março de 1801.
Mr. Pitt, — 12 de Maio de 1804.
Lord Grenville, — 8 de janeiro de 1806.
O duque de Portland, — 13 de março de 1807.
Mr. Perceval, — 23 de junho de 1810.
Lord Liverpool, — 8 de junho de 1812.
Mr. Canning, — 11 de abril de 1827.
Lord Goderich, — 10 de Agosto de 1827.
O duque de Wellington, — 11 de janeiro de 1828.
O conde de Grey, — 22 de novembro de 1830.
Lord Melbourne, — junho de 1834.
Sir Robert Peel, — dezembro de 1834.

Vê-se por esta enumeração, diz um jornal inglez, que os tories tem presidido aos destinos de Inglaterra pelo espaço de 64 annos, depois da exaltação ao trono de Jorge III, em tanto que o partido whig ou liberal não tem estado á testa dos negocios sinão pelo curto espaço de 9 annos.

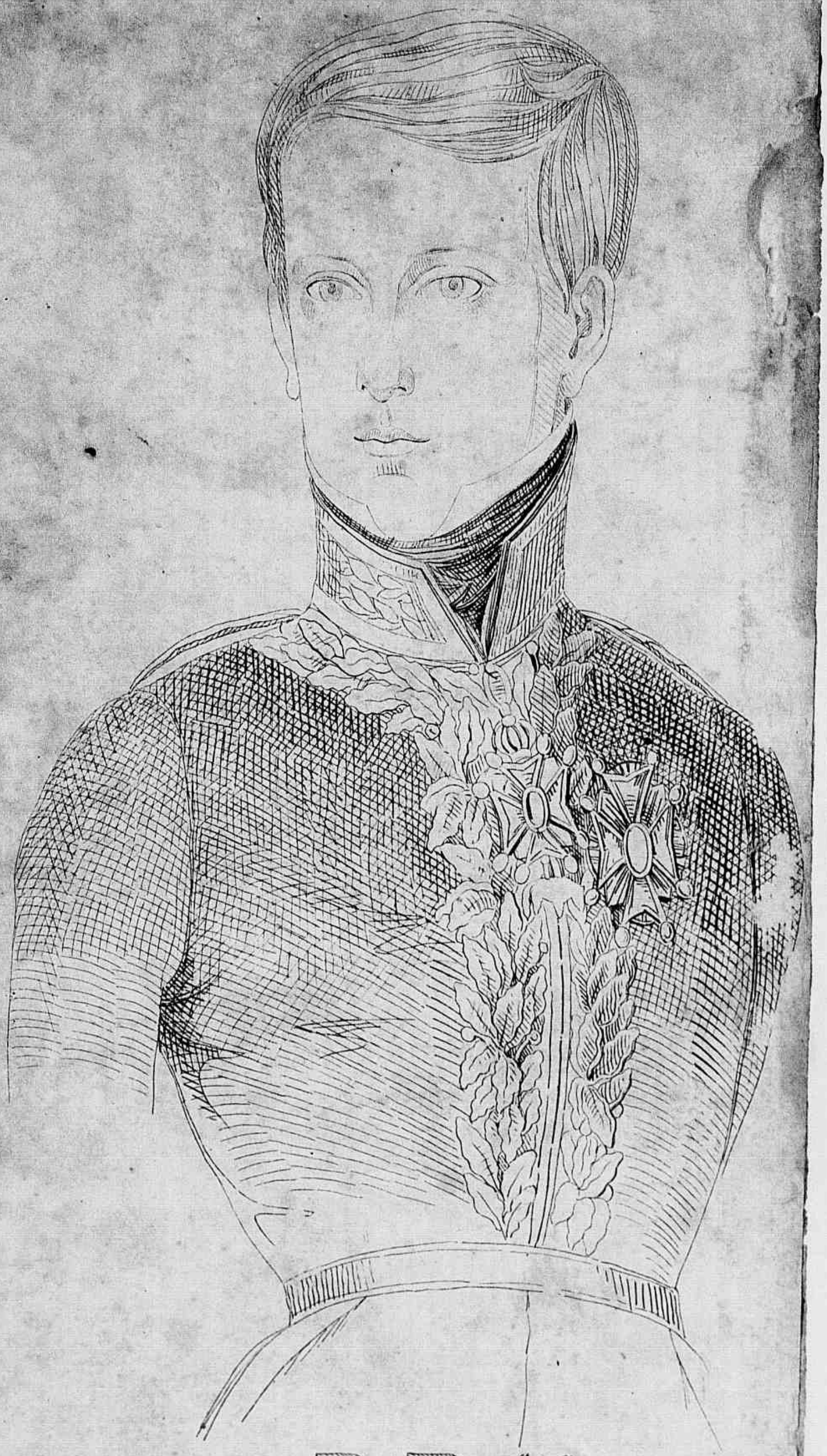
*N. B.* Depois de transcrevermos este artigo devemos acrescentar a esta lista lord Melbourne que é hoje primeiro ministro.

---

ERRATA do n.° antecedente.—Na analyse da Historia do Brazil, escripta por F. S. Constancio, por engano fallou-se nas Chronicas de S. Bartholomeu dos Martyres, querendo o autor do artigo referir-se ás Viagens de Fr. Caetano Brandão.

---

1839. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL,
*Rua do Hospicio n.* 66.



D.P.11.

# ECONOMIA POLITICA.

## QUAL É O MELHOR INTERMEDIO DAS PERMUTAÇÕES, AS MOEDAS METALICAS OU O PAPEL MOEDA?

. . . . . what is saved by dividing labour is last by exporting necessaries. A gold currency is one of the greatest antagonists to. . . . the division of labour. (*F. R. Edmonds.*)

NOTAVEL é o interesse que hoje excitam as discussões economicas. Abrangendo em seu seio algumas d'entre as mais importantes questões sociaes, a sciencia da riquesa tem attractivos seus que universalmente recommendam seu estudo, attrahem-lhe a attenção geral e premeiam bem empregados esforços. È considerando a sociedade pela face de sua actividade material, que ella a estuda e analysa; é sobre a ideia do util que faz concentrar todas as suas meditações e trabalhos analyticos; não importa, — a actividade material e moral do homem tem connexões tão intimas e tão reciprocas influencias, tão ligada está a ideia de utilidade com quantas outras dominam a intelligencia humana, tão poderosa é a preponderancia da prosperidade material dos povos sobre os progressos de sua intelligencia e sobre seu aperfeiçoamento moral, que não debalde repousam as naçõe boa parte de seus destinos e de suas esperanças nos porfiados, difficeis trabalhos da economia social; e a economia social tem, em grande parte, correspondido a confiança tamanha.

Entre as ponderosas questões a que a sciencia se entrega para explicar a face da sociedade que lhe atrahe mais sollicitos des-

vellos , avulta esse phenomeno da permutação , o mais vasto , depois da producção, que a economia social comprehende e desenvolve. Esse fenomeno , a principio o indicio mas leve da affinidade humana convertido , com o correr dos tempos , em o vinculo mais solido e possante das associaçoes politicas , tem , como todos os outros factos , leis invariaveis que á sua apparição e a seu desenvolvimente presidem , que cumpre conhecer e reflectidamente applicar.

De longa exposição porêm prescindiremos, que o tempo não permitte episodios , nem para esplanação do problema em que hemos posto peito , se ha de mister largo desenvolvimento da theoria da permutação. Bastará que reconheçamos um principio e nos persuadamos de que urge que as transaçoes humanas tenham um intermedio constante que facilite a verificaçao das permutaçoes quotidianas.

As forças humanas, consideradas dentro da actividade individual , tem muito diminuto elasterio ; homem nem um ha que, restringindo-se ao simples exercicio das faculdades proprias , produsa quanto necessita para sua subsistencia e satisfação de seus desejos. Isto que é real em respeito a um homem o é tambem em respeito a outro ; o genero humano está em cada um de seus membros subjeito a esta , não direi infeliz , antes ditosa condição. Não que as faculdades humanas sejam insufficientes para a producção que demandam suas precisoes , pois a commum experiencia demonstra que o homem em qualquer genero mais produz do que consome ; é sim que suas potencias activas não são susceptiveis d'essa capacidade variada, d'essas continuas distracçoes e multiplicados empregos , que , a ficar redusido a seus unicos recursos , a commoda conservação do seu ser irremediavelmente tornaria precisos.

Um instincto irreflectido aconselhou a divisão do trabalho, e a divisão do trabalho trouxe apoz si a exuberancia da producção. Mas a producção estava disseminada, cada genero pelo seu productor, e n'esse aggregado exclusivo de productos da mesma naturesa accumulados em cada mão por cada especie , longe estavam as necessidades de serem satisfeitas. N'estas circumstancias a permutação aproximou os meios as necessidades; repartiu a produção exuberante pelos necessitados e conseguiu d'est'arte , á força da geral communidade do trabalho , dissipar os graves inconvenientes da individualidade.

Para dissipal-os porêm inteiramente isso ainda não bastou,—

que nem sempre a producção exuberante de um era offerecida a quem d'esse genero carecia. Alêm de que a producção, em geral, não encerra constantemente esse attributo de summa divisibilidade tão necessaria á verificação das permutações, attributo que faz com que a cada parte da producção de um haja equivalente producção de outro. Eu que produso chapéos (para servir-me do exemplo de J. B. Say), ao carecer de um lenço que valerá a quarta parte do chapéo, não cortarei sem duvida um quarto do meu producto para haver isso de que necessito; nem tão pouco trocarei o chapéo por esse lenço porque privar-me-hia dos outros objectos a que me dá direito o valor excedente da minha industria. É mister portanto crear uma tal entidade valiosa que quatro forçosos charateres reuna, que por isso se torne valor e necessidade commum, que intremeiando-se em todas as transacções, facilite a troca entre quaesquer productores, embora não necessitados do producto alheio. Estes characteres, que devem distinguir o verificador intermediario, são: 1.º valor constante que se não gaste nem seja arbitrario; 2.º divisibilidade e fraccionabilidade quasi indefinida, sem que por isso se altere o valor; 3.º commodidade na recepção e na conservação; 4.º capacidade de conter em pequeno volume grande porção de valores. (*) Dadas estas qualidades tem-se constituido um intermediario para as permutações e d'esse modo alterado toda a primitiva industria humana.

Então a troca perde sua naturesa primitiva e converte-se em contractos de venda e compra realisados pelo intermedio, o qual verifica a venda mesmo quando ha necessidade de objecto que o comprador não possue, certo de que a sua acção irá descobrir, onde quer que seja, a satisfação das necessidades de seu actual possuidor. E este segundo facto contribuiu na opinião de Edmonds para maior latitude da primeira divisão do trabalho.

A necessidade de um intermedio é pois inquestionavel; todos d'elle necessitam: o papel importante que representa esse principal agente das transacções não póde deixar de ser reconhecido, pois que a extensão vastissima das relações commerciaes do mundo actual é a elle principalente devida. Mas esse agente inintermediario nem sempre tem sido o mesmo (**); as idades da

---

(*) M'Culloch-Principles of Political Economy, pag. 130.

(**) J. B. Say Curs. Prat. vol. 2 c. 7 — M'Culloch id. pag. 130.

civilisação o tem ido progressivamente alterando e modificando, e depois de muitos meios terem sido recebidos e despresados, depois de muitas materias haverem sido n'esse mester empregadas e repellidas, hoje todos os votos se dividem entre a moeda metalica e a moeda de papel. Decidir esse difficil processo é o que a mim me incumbe e a tarefa a cujo desempenho me proponho. Não fantasiarei systemas; só depois de aturadas reflexões alguma preferencia saberei dar aos dois famosos pleiteantes; e já que é indispensavel approvar e reprovar, examinal-os-hei e ouvirei as rasões que cada qual em seu abono apresenta.

## ARTIGO PRIMEIRO.

### *Naturesa, effeitos e vantagens das moedas metalicas.*

Para o fabrico das moedas tem sido os metaes preciosos de preferencia escolhidos; e para essa escolha tem contribuido as vantagens que essas, e não outras, materias primas offerecem. O valor consideravel que o oiro e a prata encerram em diminutas porções, a pouca variedade no valor d'esses metaes que, como mercadorias, tem soffrido progressiva mas não desparatada alteração, (*) a facilidade que apresentam de serem divisiveis até os ultimos gráus na escalla dos valores, a consistencia e solidez emfim de sua formação que poucos estragos facilita,— taes são os grandes motivos que occasionaram a preferencia justamente dada a estes sobre todos os outros metaes, e até sobre todos os mais productos quer da naturesa quer da industria. O oiro e a prata, diz o celebre Turgot, não foram adoptados universalmente como moedas em consequencia de convenção arbitraria de homens ou de influencia legal, foram-o sim pela indole e força das cousas.

O systema monetario portanto assim constituido diversas e importantes vantagens apresenta, vantagens que forçosamente provem da indole dos productos empregados na factura das

---

(*) Vejam-se os calculos de Hume e de Say sobre a comparação do valor dos metaes antigos com os modernos.

moedas. Corramos pois os olhos por essas vantagens, que sem conhece-las não poderemos ajuisar da pretendida preferencia ; o mesmo faremos d'aqui a pouco relativamente ao papel moeda.

As moedas, em rasão do valôr intrinseco que dentro em si comprehendem, dão garantia efficaz a quem as possue da segurança do proprio trabalho, que n'ellas como que está resumido e expressado ; esta segurança, a alma do commercio e da industria, produz resultados immensos de que o paiz aproveita, e de que a actividade industrial tira util partido : e ainda que, como teremos occasião de ver, o papel moeda possa gosar de garantias, não é justo que ás moedas se roube este importante corolario de sua existencia como intermedio de permutação. Verdade seja que o valor das moedas baixa ou sobe segundo as leis geraes que presidem á fixação dos valores, que segundo as relações entre a demanda e o offerecimento (relações aliás determinadas pelo estado da producção e numero de permutações em um paiz dado) mais ou menos augmenta ou diminue a quantidade das cousas que se dão em troca da moeda ; mas ainda assim um termo existe abaixo do qual não póde a moeda descer, que se acha marcado pelo valor das barras do metal, e todos sabem que, si alguma cousa ha que tenha soffrido pouca variação é o valor do oiro e da prata em barra, pois que o descobrimento d'America e das ricas minas do Perú, do Mexico e do Brazil, cobrindo a Europa de oiro e de prata, apenas fez diminuir, segundo o calculo de Hume, trez ou quatro vezes o valor que tinham no mundo antigo, ou seis vezes conforme os amplos raciocinios de J. B. Say, feitos em rasão do diverso preço do trigo, unico objecto que em sua opinião póde servir de unidade, e medida commum de valores.

Alêm disso as moedas de oiro e de prata podem não estar subjeitas a vicissitudes e consideraveis fluctuações de alta ou baixa, si geralmente for adoptado esse methodo proposto pelos economistas, que em si é o mais salutar correctivo que se póde dar ao agio ou á depreciação. Consiste elle em franquear os cunhos nacionaes a todos quantos queiram redusir barras a moeda ; o interesse particular, que tantas cousas encaminha e dirige bem, attento ás variações do termometro monetario, sustentará assim constantemente o termo medio nas relações de valor entre as barras e a moeda, e obterá esse resultado de vantagem publica mesmo quando outro almejasse de proveito particular, pois sabido é que a concurrencia dos diversos interes-

ses é o mais seguro correctivo que cada um d'elles em seus desvarios encontra. Logo pois que o valor das moedas suba, signal infallivel de escacez nos meios de permutação (sobre tudo na hipothese de não haverem muitas especies de meio circulante), o possuidor de barras as levará ás casas de moeda com o intuito de ganhar esse excedente de valor que o numerario affecta sobre os metaes; bem depressa porêm esse concurso de interesses dará á circulação essa porção de moeda, de cuja falta se ressentia, e os valores tornarão ao seu estado normal. O mesmo succede no caso opposto, quando por muita abundancia de meio circulante as moedas baixarem, e os metaes tenham mais subido preço: n'esse caso fundir-se-hão as moedas em rasão dos lucros que promette esta operação, e apenas saia da circulação a exuberancia que as depreciára, subirão ellas ao valor que lhes compete, isto é, um pouco acima do valor das barras. Tal é a mais forte vantagem que a emissão da moeda metalica offerece.

Outra circumstancia parece depor em abono das moedas metalicas, —é a difficuldade da sua falsificação. Não demos muito peso a essa ampla falsificação que se observa em nossa moeda; errado e vicioso foi, como todos o sabemos, o modo de sua emissão, e o systema que adoptamos por si mesmo favorece e facilita a grande depreciação que ha soffrido o nosso meio circulante metalico. Esse erro porêm não é geral; antes as moedas emittidas por naçõe illustradas tem-se geralmente aproximado a um valor tal, que do fabrico particular não resulta consideravel proveito; e em quanto as tentativas de falsificações, o cunho geralmente conhecido, o peso, e uma invariavel semelhança da forma e tipo, saberão pela maior parte prevenil-as quasi inteiramente.

Observaremos ainda mais que na emissão de metaes amoedados não podem os governos dar ouvidos ás insinuações do capricho, nem satisfaser os desejos de prodiga sumptuosidade. Sem valores reaes e existentes não se cunham moedas (no sentido proprio do termo), e si algumas naçõe se tem achado em apertadissimas crises financeiras pela depreciação de notas, creditos, ou quaesquer papeis fiduciarios, não nos consta que jámais houvesse difficuldade importante pela depreciação dos metaes preciosos. Podem descer, por abundantes, do antigo valor, mas encontrarão sempre na baixa um limite que é o valor do metal em barra. Alêm disso, como já enunciamos, o oiro e

a prata não são o melhor expediente para quem tem necessidade urgente ; si são cunhados com o devido peso e quilate, fraco remedio serão para arduas conjuncturas, si houver fraude, a moeda nova irá descendo rapidamente, e os governos temerão, porque uma fraude no cunho assusta mais do que a mais vasta emissão de creditos. Vantajoso é alêm disso ás moedas o não soffrerem grande prejuiso no valor pela excessiva quantidade que d'ella haja, por quanto, como diz Ricardo, nunca é possivel que a moeda regorgite á vista da natural faculdade que ha de fundil-a, quando esteja eminente sua depreciação.

Accresce que alêm de serem iguaes os metaes preciosos, quando puros, embora tirados da Asia ou da America, o oiro e a prata tem tambem a faculdade de girar por todo o globo ; e o intermediario suppõe-se dever ser tal que em todos os sitios e lugares possa verificar as permutações necessarias : é mais uma rasão que parece coadjuvar os motivos de preferencia a que aspiram as moedas metalicas. O antiquissimo uso do meio circulante metalico é tambem um argumento de que seus panegiristas se não esquecem.

Taes são em geral os predicados felises que acompanham a moeda ; um inconveniente da mais alta transcendencia porêm é adhente á sua natùresa, e esse inconveniente é tal que obriga a deslembrar tantas vantagens, a ir buscar outro meio de permutações que, posto susceptivel de errada e triste direcção, evita-o todavia, e a pedir emfim encarecidamente á sciencia maneiras efficases de garantir seus beneficios sem expor a sociedade aos males, muitas vezes insanaveis, que sua apparição costuma frequentemente produsir, desenvolver, e quasi infinitamente propagar. Este meio tão rodeiado de esperanças e de sustos, tão fecundo em promessas e ameaças — é o papel moeda ; vamos d'elle agora exclusivamente occupar-nos.

## ARTIGO SEGUNDO.

### *Do papel moeda.*

Designam-se vulgarmente com este nome as promessas escriptas pelos quaes o governo se obriga a pagar uma certa porção de valores. Estes creditos derramados pela população circulam por ella fazendo as vezes de intermedio das permutações e podem optimamente desempenhar os fins de sua missão.

Oriundo do mesmo principio que fez desde largos annos girarem as lettras de cambio, Mill entende que o papel moeda é a ultima expressão d'essa supposta invenção dos mercadores judeus, que tão sabiamente illudiu o vexatorio direito europeu da meia idade que vedava a exportação dos metaes preciosos. Na verdade as lettras suppõe bancos que foram alem d'isso descobrimentos quasi contemporaneos, e os bancos, como todos nós sabemos, muito tempo, por meio de suas notas, satisfizeram as necessidades que depois por si positivamente reclamaram a emissão de papel moeda.

Mas a verdadeira origem do papel moeda, no parecer de M'Culloch que sinceramente abraço, foi a necessidade que tiveram alguns governos de augmentar o meio circulante social, quando se acharam sem faculdades ou mesmo desejos de gastar enormes quantias para obterem o oiro e a prata necessaria.

È mister com effeito não ter reflexão alguma para que qualquer deixe de comprehender que tão oneroso deve ser aos povos o numerario sufficiente cunhado todo em oiro e prata; sabem já que o valor das moedas é proporcional ao das barras dos respectivos metaes, comprehendemos tambem que porção de numerario pouco mais ou menos necessita um grande povo para suas quotidianas transacções, — façamos agora ideia da somma prodigiosa de milhões que cada paiz inutilisa empregando-as sómente como intermedio esteril das permutações sociaes.

Todavia qualquer povo seria imprudente, diz Sismondi, si por uma tal economia compromettesse o que mais lhe importa. Não é economia, responderei ao economista italiano, é a necessidade que sentem as sociedades actuaes de converter em uteis capitaes esse luxo sumptuoso que orna o meio permutatorio e que o torna uma impertinente e nitida inutilidade. E si se falla em economia, como que por chasco, bom será observar a que somma deitam taes economias e si alguma vantagem póde dar-se ás nações que pretendam hoje effectuar essa reprovada troca dos metaes preciosos amoedados por papel moeda.

Emquanto avulta o numerario que verifica as permutações na França? Segundo as observações de Neker e Say podemos orçal-o em dois milliardos de francos, isto é, em oitocentos milhões de crusados ou tresentos e vinte mil contos de réis. Seria uma pequenina economia com effeito essa que empregasse em capitaes e instrumentos de industria oitocentos milhões inutilisados! . . . .

O papel moeda, diz J. B. Say, tem em relação aos metaes preciosos uma saliente vantagem, e é — que effectua as trocas tão bem como elles, sendo aliás um instrumento muito menos dispendioso; por tal sorte que uma nação que faz uso do papel moeda póde empregar em outros misteres todo o valor dos metaes que suas moedas anteriormente occupassem, não gosando por isso de um menos excellente intermediario em todas as suas transações, salvo talvez as mais pequenas.

È este portanto o grande e quasi irremediavel inconveniente que as moedas apresentam, cumpre sanal-o, e a medicina consiste na admissão do papel moeda. D'esta maneira os salutares resultados da divisão do trabalho não serão por cousa alguma empecidos e a sociedade não mais observará a exportação de productos necessarios ou uteis feita para conseguir-se em troca oiro inutil, o qual será tanto mais necessario, no estado actual das coisas, quanto mais vasta fôr em um paiz a producção, quanto mais urgente fôr a carencia de um bom intermedio e quanto mais caro e precioso fôr elle por isso mesmo. A sociedade não irá, como até agora, todos os dias a mais e mais empobrecendo, pois não mais privar-se-ha progressivamente de valores productivos até o computo da somma que houvesse de ir sempre empregando em metaes preciosos, para satisfazer cada vez mais exigente demanda do intermedio moeda. E todas estas vantagens porque? Porque a invenção do papel moeda, como Edmonds se exprime, remedeia o mal, substituindo um meio de permutação que nada custa a outro que custa talvez a decima ou vigesima parte do trabalho que custam os productos annualmente permutados. A superioridade portanto do papel sobre a moeda é tão grande, na frase do economista inglez, quanto o é a superioridade da moeda sobre o primitivo systema da permutações em especies.

Mas talvez me perguntem: — Si a moeda tem tantos e tão importantes attributos seus que acabaes á pouco de expôr, como por um incoveniente, e inconveniente de indole tão particular que o longo habito já tal o não reputa, quereis subjeitar a sorte dos povos ao experimento d'um caminho novo que talvez esteja eriçado de difficuldades e rodeiado de precipicios? — Cumpre responder a este quesito formal, e para isso me servirei das bellas doutrinas e profundos raciocinios que tem occupado os escriptores inglezes, esses escriptores constituidos hoje forçosos panegiristas do papel moeda.

Começarei dizendo que nem uma repugnancia encontro para suppor verificados no papel os bons resultados que dimanam do metal amoedado. Comtanto que haja boa fé e verdadeiro conhecimento das necessidades da circulação, o papel saberá manter-se acreditado no valor em que o quizerem emittir, e bastará para se obter este fim que a quantidade da emissão não exceda ás necessidades da circulação. Quando essa proporção se encontrar verificada, e quando alem d'isso outro meio não haja de permutação, infallivelmente se sustentará o valor das cedulas e ellas desempenharão sem duvida a missão que lhes é incumbida.

Garantias, é sobretudo de garantias que o nosso systema necessita; dêem-lh'as e difficil será depois encontrar rasões que desmereçam sua utilidade e vantagens no conceito dos homens illustrados.

David Riccardo tentou supprir esse desiseratum da sciencia, procurou por tal maneira garantir o papel moeda que o livrasse dos perigos da depreciação, os maiores incontestavelmente a que está exposto; analysemos pois as ideias do celebre discipulo de Adam Smith porque d'essa maneira responderemos victoriosamente á objecção que se nos faz.

Em 1816 o illustre membro do parlamento inglez propoz um meio de emittir o papel moeda que não tivesse os graves inconvenientes das notas inglesas nem dos assignados franceses. Consiste este expediente em emittir cedulas realisaveis em barras sempre que o portador o queira: com este methodo diversos fins se conseguirão. Primeiramente obter-se-ha a fixidade e permanencia no valor das cedulas, porquanto, havendo a faculdade de obter em barras de prata o valor que ellas indicam, sempre valerão ellas tanto como as barras; eis-ahi pois o papel obtendo a grande e principal vantagem que a principio tinhamos attribuido exclusivamente á moeda. Alêm d'isso como o troco se fará não em moeda, mas em barras de prata, pelo incommodo que estas produsem, poucos as guardarão, e assim, logo que se restabeleça o equilibrio dos valores, continuará a circulação das cedulas: d'esta maneira obtem-se com muita superioridade sobre a moeda a inestimavel vantagem da facilidade dos pagamentos, do commodo do transporte e da conservação, vantagens que n'esse gráu nunca a moeda alcançará por mais raros e preciosos que se tornem os metaes. Accresce que tendo o governo o restricto dever de realisar em barras as cedulas que

lhe apresentarem, ficará inhibido de pôr em circulação quantidade de cedulas superior ás necessidades da mesma circulação, pois que a situação em que a lei o coloca tirar-lhe-ha simelhante desejo, e ainda quando exorbite da necessaria quantidade, o troco destruirá a depreciação e porá os valores ao nivel uns de outros: — resulta ainda d'aqui o não poder a administração transtornar as relações sociaes, eis portanto ainda por esta parte identificada a condição da moeda com a do papel.

Verdade seja que o papel assim emittido não é nem um de tantos que conhecemos, mas só por isso muito confiamos em seus felizes resultados; é, por assim dizer, uma instituição nova que ainda não teve vida, que a terá no futuro. O defeito mais notavel do papel moeda até hoje emittido consiste na impossibilidade do reembolso apenas comece o descredito; e essa ideia grassou tanto que muito economista deu como characteristica d'esta especie de meio permutatorio a falta de um fundo qualquer que por ella fosse representado na circulação. Definiam, é verdade, o estado misero de alguns paizes, mas não explicavam a theoria economica que pode um dia talvez alterar geralmente o estado financeiro dos povos. Constituido pois o papel moeda, segundo o plano apresentado, terá todas as bondades das notas do banco, com a differença que o governo será o banco sem probabilidade de quebra e com a vantagem de não entrar em concurrencia com outro algum numerario circulante; é pois evidente que nunca chegará ao estado dos assignados da França, porque todos sabem que a depreciação do agente das transaçoes da França revolucionaria proveio da enorme quantidade de sua emissão, a ponto de ser o meio circulante mais consideravel vinte tres vezes do que a porção necessaria de numerario, isto é, si todos sabem que esse papel chegou a indicar a somma de 45 milliardos, 378 milhões de francos (18,231 milhões de crusados!), reconhecem todos tambem que a instituição do papel moeda da maneira porque a concebemos em tempos calmos, não toleraria de modo algum delirios tão extravagantes e tão descomunaes arrojos.

Alêm d'isso nas instituições politicas do paiz se deve encontrar a mais forte garantia.

O systema representativo em que é effectiva a responsabilidade ministerial deve desassombrar os animos suspeitosos e desvanecer esse tão grande receio de excessivas emissões. Com effeito todos temem a facilidade que tem o poder de multiplicar as ce-

dulas, desejo natural a que a autoridade difficilmente resiste, mas ainda assim, haja rigorosas leis de responsabilidade, empreguem-se todos os meios apropriados para tornar difficeis essas extraordinarias emissões, organisem-se tribunaes que presidam a todas essas transacções, e, como lembra Riccardo, que sejam independentes do governo e subjeitos sómente ao corpo legislativo, e estamos certos que tantos meios combinados com a opposição e publicidade — indispensaveis elementos do governo representativo — afugentarão grande parte dos males que tanto temem as almas escrupulosas. Quanto mais que exemplo ha de corpos publicos que exercem n'este genero funcções delicadas sem prejuizo nacional! Os fundos da amortisação são administrados em Inglaterra por commissarios só responsaveis ao parlamento, e a maior regularidade tem presidido a esse trabalho; porque não poderia ser a emissão do papel encarregada tambem a uma igual administração?

Não quero nem posso expor um systema capaz de supprir todas as faltas e fazer face a todas as objecções; aponto só o que entendo necessario para defender uma causa que julgo ligada a dos progressos da industria de todos os povos. Consideremos agora alguns outros obstaculos que habeis escriptores tem encontrado á realisação das ideias de David Riccardo.

O mais notavel é o perigo da falsificação e contrafacção. J. B. Say da-lhe summa importancia, e eu, ainda que o queira, não posso dissimular os riscos a que d'est'arte se vê a sociedade exposta. Bem vejo que a falsificação tambem se dá a respeito da moeda, mas tambem conheço e bem facil é conhecel-o que muito maior cobiça excita o lucro que promette uma nota falsa a qual pode ser de grande valor e só demanda por gastos, papel, tinta e habilidade, do que essa outra que teria por fim falsificar moedas que menor lucro promettem e muito mais valiosos empregos exigem. Todavia entendo que um systema de substituição periodica que certamente não seria dispendiosa, e que para maior segurança poderia ser em prasos variaveis, muitas falsificações previniria, ajudado como devêra ser de todas as uteis precauções que se tomam para mais difficultar o arremedo do papel, da estampa e das assignaturas. Nós temos no nosso papel moeda clara demonstração da quasi impossibilidade que ha em alterar de um para outro o valor das cedulas, trabalhe-se por aperfeiçoar esse producto e póde ser que se consiga, quando não impossibilidade de falsificação, ao menos difficul-

dade tal que exija consideraveis riquesas; o apparelho e o trem de machinas complicadas que poucos possam obter e menos ainda reter e occultar em segurança. N'estas periodicas substituições poder-se-hia lançar fóra todo o papel falsificado que fôsse encontrado, d'est'arte conseguir-se-hia dar sempre a população a certesa de que si alguma falsificação ha, essa não remonta alêm de um termo bem impresso em sua memoria.

Assim desvanecer-se-hia esse escrupulo e antipathia que guarda a população a quaesquer papeis fiduciarios, obstaculo que tambem apontam alguns como um perigo a que cumpre attender na adopção do papel moeda. Alêm da necessidade que ella terá de empregal-o como um meio unico de permutação, muitas cautelas se poderão tomar para dissipar-lhe os receios, e, entre ellas, avultarão as penas vigorosas e infalliveis que se imponham aos falsificadores de moeda e todos os mais recursos legaes e policiaes de que póde e deve usar em taes circumstancias um governo forte e bem organisado.

Temem tambem alguns a guerra civil ou a invasão estrangeira como um obstaculo ao papel moeda: para responder a essa supposta difficuldade tradusirei algumas linhas do excellente compendio de Mill. « No estado de adiantamento, diz elle, em que se acha hoje a civilisação, ha em todo o paiz que tem um bom governo e uma população consideravel tão poucas vicissitudes de guerra civil ou invasão estrangeira que, procurando os meios proprios para assegurar a felicidade nacional, não devem ter-se em conta successos taes. Adoptar um modo de obrar desvantajoso em todos os tempos, excepto nos de guerra civil e invasão estrangeira, só porque seria proveitoso n'essas occasiões, é tão absurdo como o querer em medicina subjeitar continuamente os homens ao regimen dietetico que conviria a uma febre violenta. Si as vantagens que resultam do papel moeda, continua o escriptor inglez, são taes que d'ellas sem diminuição consideravel se possa gosar em todos os tempos, excepto nos de guerra civil e invasão estrangeira, a utilidade do papel moeda está sufficientemente demonstrada. Ainda mais quando mesmo, para tempos de perturbação fôsse de mister alterar o emprego dos bons principios, não sei que fôsse util a circulação dos metaes, pois sabido é que em circumstancias taes a tendencia mais manifesta é a de enthesoirar, e todos conhecem de quantas funestas consequencias é muitas vezes susceptivel esse facto, aliás tão natural e obvio. Supponhamos que o meio circulante fôsse me-

talico e que se não houvesse ainda lançado mão do papel moeda e de qualquer outro representante fiduciario, —pergunto, faltaria ao invasor a faculdade de emittir papel quando exhauridos ou occultos estivessem os recursos metalicos? Certo que ninguem o negará: onde estão pois os grandes inconvenientes do papel moeda que Sismondi tanto exagera e hiperboliza? onde? Onde está o interesse que induzirá o invasor a querer depreciar o meio circulante de um paiz que domina, do qual tira muitos de seus meios de ataque, e em que deve pelo contrario por-proprio proveito augmentar todas as potencias productivas? Ou eu não os comprehendo ou muito pouca rasão ha n'isso que vosciam e apregoam.

Um facto observo eu que é terminante e poderoso. Vejo com as guerras civis, com as invasões extrangeiras muito paiz que não conhecia na circulação papel moeda, nem outros signaes de valores, perder sua moeda, e achar-se a braços com as difficuldades que provem do abuso do credito, sem lhe haverem valido as salvadoras garantias da moeda metalica; vejo igualmente outros em que o papel circula que, segundo o judicioso reparo de Mill, em presença de exercitos inimigos e no meio de convulsões intestinas tem bem pouco soffrido no seu meio de circulação, embora mediocres e mesmo fracas hajam sido as garantias do papel. Eis ahi pois consequencias que a experiencia deduz para desabonar os aferrados panegiristas da moeda, e que bem quizera ver explicadas satisfatoriamente. Sem duvida n'este ou n'aquelle paiz, n'esta ou n'aquella circumstancia, o papel moeda póde ter occasionado males, mas creio que o arbitrario não escolhe meios nem circumstancias, obra conforme entende, e segundo as leis da actual necessidade. As ilhas britanicas tinham moeda em circulação, e todavia o governo soube e teve meios de contrahir essa enorme divida interna que assombra a imaginação, e zomba de todos os esforços para aniquila-la constantemente empregados; a França tinha na administração de Neker dous miliardos e duzentos milhões de lb. *tournaises*, quantidade sufficiente para suas transacções, e não obstante isso os assignados subiram a essa avaliação espantosa que aterrorisa quando n'ella se contempla; nós tinhamos tambem sufficiente numerario circulante, e estamos hoje submergidos n'uma inundação de papel moeda; assim estão nossos visinhos das republicas meridionaes, assim estão a mór parte dos povos europeus; são factos estes communs que Ferrier não quiz observar, ou ao

menos mencionar : si pois os governos usam, usarão sempre e ninguem lhes póde ir a mão na emissão do papel moeda , sem a sociedade lucrar e dedusir todos os bens possiveis, faça-se hoje em beneficio dos povos o que a authoridade tem feito para seu proveito, e peçam-se á civilisação, ás instituições, á liberdade, e á opinião a confirmação dos votos da sciencia por meio de todas as garantias que as luses do seculo podem desenvolver e sufficientemente generalisar.

Muito mais poderia dizer em abono do papel moeda ; poderia perguntar a Ferrier e a Sismondi si os antigos bancos, si o antigo papel moeda tinham as garantias que então não eram possiveis e que hoje tão facilmente se podem dar ; poderia perguntar-lhes si o maior mal que temem não é a superabundante emissão de cedulas ; si no tempo em que o celebre escossez Law perturbou as finanças da França, não foi porque os erros—partilha do homem, que Law commetteu, nao haviam sido pesados por uma discussão illustrada que hoje podia ter logar ? Mas não entrarei em todas essas minuciosidades ; nem fatigar-vos-hei a attenção expondo e decidindo em succinto opusculo todas as diversas doutrinas e questoes que suscitar-se podem em materia tão vasta, que tão proximamente affecta os interesses mais charos da politica e da industria. Nem o curto espaço de tempo junto á diminuta experiencia da idade e á fraquesa do engenho consente largo vôo em tão elevada esphera intellectual.

Uma questão comtudo ainda resta que ventilar , a saber , si deve pertencer ao governo, a um banco nacional, ou a diversos bancos particulares a faculdade de emittir papel moeda. Todos estes methodos apresentam convenientes, todos encerram difficuldades. Os Estados-Unidos e a Escossia tem seus bancos particulares, a Inglaterra e a França, alêm d'estes tem um banco nacional, entre nós, alêm da emissão feita pelo banco do Brazil, hoje reconhecida como moeda papel , as cedulas e o cobre (verdadeiro papel moeda) correm em nome do governo. É preciso escolher e indagar a qual systema cumpre dar a preferencia.

Eu darei com David Riccardo ao governo a preferencia n'esta escolha, com tanto que se proceda da maneira exposta antecedentemente, e sou a isso indusido por uma argumentação do mesmo David Riccardo. Como me não foi possivel obter e por isso lêr por inteiro a Memoria que sobre tal assumpto escreveu elle em 1816, não sei quaes são as reflexões que o economista appresentou no

seu memoravel escripto ; recorrerei por tanto ao que se acha expendido nos seus principios de economia politica. A ideia do escriptor inglez é esta : — si o governo emittir cria uma divida , mas uma divida sem juro ; si o banco emittir , e o governo necessitar de uma porção , apparece igualmente a divida , mas divida com juro. No primeiro caso, paga a divida, subtrahe-se a correspondente quantia, no segundo caso está a naçáo subjeita a impostos para o pagamento da divida, e a impostos para pagamento dos juros em quanto ella durar. Acho pois que o governo deve ser o encarregado da emissão. Quanto mais que a emissão por via de um banco nacional não tem no caso actual rasão alguma especialmente justificativa ; tinha-a quando os bancos começaram a contribuir por via de seus creditos para a melhor circulação do meio permutante , porêm hoje querendo-se constituir a sociedade no ponto de ser circulante sómente o papel moeda, não é necessaria a intervenção das companhias de commercio : alêm disso a interferencia da authoridade administrativa na organisação e direcção do banco foi sempre considerada como um defeituoso precedente e mal agoureiro presuposto. Ahi está Pitt, governando a naçáo e o banco ; e o banco inglez multiplicando portentosamente o nominal de seus fundos , e fazendo estremecer em suas bases a monarchia britanica. Essa influencia não será hoje perigosa , si com leis , com instituições bem fiscalisadas pelos representantes do povo se poserem peias a ambição desastrosa dos ministerios ; mas si assim acontecer , nem uma rasão especial tambem haverá para que o banco faça a emissão. — A grande vantagem será que d'esta maneira uma porção consideravel da divida publica não pagará juro algum.

Os bancos particulares tem suas vantagens bem notaveis ; como admittem concurrencia estão longe de depreciarem seus fundos , antes observar-se-hão uns aos outros com cautela , e denunciarão reciprocamente ao publico os vicios e erros de sua instituição ; alêm disso, como emittem notas para um circulo pequeno, difficultaráõ a falsificação e poderáõ sobre tudo receber austeros regulamentos dos poderes supremos do estado. Mas ainda assim não sei que falta de authenticidade n'essas emissões encontro, que antes quisera o governo , si for possivel subjeitalo á infallivel uniformidade , do que quantos bancos possam apparecer.

Emfim ainda uma duvida apparece que está ligada á presente questão, a saber, de que modo se fará a verificação das permu-

tações mais simplices no mercado ? As notas não podem descer a tão minuciosos pormenores da permutação ; cumpre que outro meio haja de facilitar os trocos das menos valiosas cedulas, e de adaptar fracções de moeda ás pequeninas transacções do mercado. Para conseguimento d'este resultado basta o cobre ; e sendo essa moeda introdusida sem profusão e excesso na circulação, e ao mesmo tempo sem risco de ser falsificada, certo que desempenhará seu fim, sobre tudo si uma lei marcar a maxima quantia a que poderá chegar qualquer pagamento n'esta especie. Dadas todas estas seguranças, o cobre não estabelecerá desequilibrio na circulação, pois bastará para desvanecel-o que as estações publicas dêem o exemplo da não recepção de quantia maior do que o maximo marcado na lei.

Eis ahi as ideias que julguei necessario expender ; da exposição se conhece quão fraco é meu pensamento n'estas materias. Algumas applicações quizera fazer ao estado actual da nossa terra, mas a tanto não me atrevo. Façam outros por si o que eu ainda não posso, que temerario fôra sahir da região theorica em que tantos auxilios me são dados pelos livros, para caminhar por mim só em estrada em que só o proprio decernimento, quando claro e justo, póde ser mestre e conductor perito.

Tendo chegado ao fim do meu empenho, resumirei agora as minhas ideias.

## RESUMO.

A divisão do trabalho, tornando maior a producção, exige a creação de um meio permutatorio ; e a creação d'esse meio torna maior a producção : assim quanto maior producção, tanto maior necessidade de mais consideravel meio circulante.

O meio circulante póde consistir em metaes preciosos com valor intrinseco, ou em papel representante de valores.

Os metaes preciosos tem as vantagens todas que a moeda requer, excepto a de commodo transporte e contabilidade, — mas estão subjeitos a um inconveniente da mais alta importancia, a que cumpre attender.

Esse inconveniente consiste no custo enorme dos metaes preciosos necessarios para o fabrico da moeda ; este grande preço

e a estagnação de tantos valores que se lhe segue impecem a producção e destroem alguns effeitos possiveis da divisão do trabalho.

O papel moeda remedeia esse inconveniente. Mas é subjeito a muitas difficuldades que as instituições e os progressos da sciencia poderão remediar.

Muitos dos baldões que se lhe assacam são fantasticos, e provem dos males que podem ter produsido outros papeis-moeda sem garantia.

Si for possivel dar ao papel tantas garantias que o livrem inteiramente da falsificação e das más influencias do governo, esse meio permutatorio deverá ser a todos preferido, por ser o que mais prehenche seu fim, e por ser aquelle que hoje encerra em si o mais esperançoso germe de prosperidade, principalmente para os povos velhos, ou para aquelles que cultivam o commercio em larga escalla.

As instituições livres, que tanto tem melhorado o regimen das nações, a civilisação e a industria que vão difficultando as guerras e os abalos violentos dos povos, parecem prometter ao mundo da illustração moderna este melhoramento, que tanto contribuirá para seu ulterior progresso.

S. Paulo, 15 de oitubro de 1835.

Dr. F. Bernardino Ribeiro. (*)

(*) Esta dissertação foi escripta para o concurso a que se propôz o falleci. do Dr. F. B. Ribeiro no curso juridico de S. Paulo. Seu autor teria então 20 annos de idade, e dando-lhe a Congregação dos lentes o programma, elle o desenvolveu em 8 dias, na forma dos Estatutos.

# INDUSTRIA.

## PROGRESSOS DA APPLICAÇÃO DO VAPOR AOS DIFFERENTES RAMOS DA INDUSTRIA EM FRANÇA E EM INGLATERRA.

SEGUIR as differentes phases que tem percorrido a machina de vapôr, é um bello espectaculo: vel-a, esboço grosseiro tirado do nada, ir-se aperfeiçoando incessantemente, e chegar de progresso em progresso até desafiar pela exactidão de seus movimentos a regularidade do melhor chronometro; o que é porêm mais interessante e mais util é assistir aos resultados maravilhosos que nos ella offerece em suas relações com a industria. Os sabios, que primeiro apreciaram seu poder, temeram pol-o em jogo. Por muito tempo a bomba de fogo foi tida por creação perigosa, e por isso a deixaram dormir nos laboratorios e nos museus: mas desde que o genio da industria comprehendeu todo o partido que se podia tirar d'esta nova força, o pratico não deixou mais o monstro em tranquillidade, submetteu-o a suas experiencias e á força de ensaios conseguiu assenhorear-se de sua acção; então viu-se a machina de vapôr progredir triumphante na carreira, ajudando o trabalho, triplicando a producção, operando prodigios por toda parte, e enriquecendo todos aquelles que n'ella confiavam.

Uma vez reconhecida a força d'este descobrimento, a França, a Hespanha, a Italia, a Inglaterra disputaram a honra de haver inventado a machina de vapôr. Sigamos por um instante estes debates, e depois examinaremos qual é de todas essas naçoes a que mais vantagens soube tirar da invenção.

Em Inglaterra, nas sociedades sabias e nas fabricas, concor-

dam todos em ter o marquez de Worcester como o primeiro autor da machina de vapôr; a respeito d'este acordo formal, a França, admirada que o genio de seus filhos lhe faltasse n'esta occasião, consultou os tempos passados, e em breve proclamou, pelo orgam de seus sabios, que não é Worcester, porêm Salomão de Caus aquelle a quem cabe o merito da prioridade. Alguns eruditos quiseram dar á antiguidade a descoberta da machina de vapôr, — pretenção absurda. « Antes de Caus e Worcester, Heron de Alexandria, Aristoteles e Seneca, disem elles, sabiam de que enorme força era dotado o vapôr. Aristoteles e Seneca atribuiam os terremotos á subita transformação da agua em vapôr; e Blasco de Garay fez navegar no porto de Barcelona um navio de 200 toneladas pelo impulso do vapôr. » Mas as ideias emittidas por Aristoteles e por Seneca são vagas, e a experiencia do marinheiro catalão não é comprovada por documento algum authentico. O certo é que os primeiros que se occuparam com resultado da machina de vapôr foram Salomão de Caus e Worcester. A obra, na qual este indica o meio de servir-se do vapôr como força motriz, appareceu em 1663 no reinado de Carlos II; porêm cincoenta annos antes de Worcester, Salomão de Caus havia emittido o mesmo principio em uma obra intitulada: *Des forces mouvantes.* N'este livro Caus faz a descripção d'uma machina, com cujo auxilio póde-se, diz elle, elevar a agua a uma altura qualquer pela acção do fogo. O livro de Worcester é geralmente conhecido pelo titulo de *Century of inventions.* Worcester refere que tendo enchido de agua os trez quartos d'uma peça cuja boca tinha arrebentado, fechou hermeticamente a extremidade arrebentada; que tendo depois exposto esta peça á acção do fogo por 24 horas, ella arrebentou com grande estrondo; que tendo repetido a experiencia com vasos mais solidos, viu a agua elevar-se a 40 pés de altura; que um vaso de agua rarefeita pela acção do fogo elevava 40 vasos de agua fria; que para isso bastavam duas torneiras dispostas de maneira que quando um vaso estava esgotado, o outro enchia-se de agua fria, e assim successivamente. Era este o principio em que devia repousar a machina de vapôr. Mas como Salomão de Caus vivesse antes do marquez de Worcester, e como seu livro contém principios identicos aos de Worcester, â Salomão da Caus portanto toca o merito da prioridade.

Como quer que seja, nem um nem outro tiveram a gloria de fazer construir a machina de vapôr: Caus foi tratado de visio-

nario; o marquez de Worcester experimentou a mesma sorte. Este, forçado a expatriar-se, teve seus bens confiscados pelo parlamento, voltou a sua patria na restauração e morreu esquecido de Carlos II, cuja causa havia esposado. O Signor de Branca, e Moreland, que lhes succederam não foram mais felizes: um publicou um tratado sobre o vapôr, o outro um livro intitulado: *Elevação das aguas por todas as sortes de machinas reduzidas ao peso e á balança;* estas obras porêm ficaram ignoradas. A Papin estava reservada a honra de crear a machina de vapôr.

Dionisio Papin nasceu em Blois. Depois de haver tomado seus graus na faculdade de Medicina de Pariz, passou-se para Inglaterra, onde Bayle o fez nomear membro da sociedade real. Voltou em 1681 a seu paiz; forçado porêm a deixal-o como protestante, em consequencia da revogação do edicto de Nantes, foi buscar um asylo em Allemanha, onde professou as mathematicas por muitos annos. Foi ahi que appareceu a obra na qual Papin publicou sua descoberta: esta obra teve duas edições. O autor indica n'ella um meio simples de fazer rapidamente o vacuo no corpo da bomba, e de combinar em uma mesma machina a acção da força elastica do vapôr com a propriedade de que o vapôr gosa de condensar-se pelo resfriamento. O apparelho de que se serviu o autor, para experimentar sua invenção, era notavel pela exiguidade de suas proporções. O corpo da bomba só tinha duas polegadas e meia de diametro e não pesava mais de 5 onças; entretanto era tal a sua força, que elevava a agua a uma altura consideravel. Esta machina não é outra cousa mais do que a machina de condensação, machina tão perfeita pela regularidade com que trabalha, facilidade de conservação, e sobre tudo pelos poucos accidentes a que é subjeita, que a pesar de seu preço subido, e das grandes massas de agua fria e de combustivel que exige, é por toda a parte procurada; especialmente nas fabricas de fiar e em todos os estabelecimentos de situação fixa.

A Papin succederam Savery, Newcomen, Cawley. Savery applicou a primeira grande machina de vapôr athmospherica á industria; Thomas Newcomen e John Cawley crearam a machina athmospherica denominada machina de Newcomen. Estranho capricho do genio! estes dois homens, um dos quaes era ferreiro, e o outro vidraceiro, crearam uma machina tão perfeita, que ainda hoje se usa d'ella nas fabricas onde o carvão é barato. A machina de Savery pelo contrario era defeituosa, desarranjava-

se frequentemente : era preciso elevar a força do vapôr na caldeira a seis athmospheras.

Diz-se força athmospherica , aquella que experimentaria de fóra para dentro um corpo occo a que se tivesse tirado o ar de dentro. A pressão athmospherica , é de 16 libras , pouco mais ou menos para cada polegada de superficie.

Assim ia a machina de vapôr de progresso em progresso , estes progressos porêm eram lentos : por toda a parte ainda a desconfiança acompanhava este bello invento , quando em 1767 abriu-se-lhe uma era nova. Vivia por esse tempo nas montanhas nebulosas da Escossia um mancebo pobre , fraco , desconhecido , que , depois de haver passado sua infancia em uma *grammar school* , entrou na qualidade de aprendiz para a caza d'um fabricante de compassos. Sahindo da aprendisagem , este moço obteve um pequeno emprego na universidade de Glascow. Ahi encarregaram-o de concertar uma machina de Newcomen , e elle descobriu que esta machina era susceptivel de aperfeiçoamento. Faltava-lhe porêm o dinheiro ; procurou-o , dirigiu-se inutilmente a muitas pessôas , obteve depois um soccorro que lhe foi quasi logo tirado ; finalmente no momento em que, desanimado, abatido , ia renunciar a seus trabalhos , encontrou uma protecção cuja força pecuniaria tinha tanta extenção como seu genio. D'ahi esses bellos estabelecimentos, essas fabricas magnificas que se vêem nos suburbios de Birmingham , junto da aldeia de Handsworth. Este homem era James Watt ; seu protector era Bolton. A machina de vapôr fez então progressos immensos. Á machina de duplo effeito e d'um só corpo de bomba, succederam o parallelogrammo articulado , e a applicação do regulador de força centrifuga. Washbrough converteu o movimento rectilineo do embolo em movimento de rotação ; Murray executou os resvaladouros manobrados por um excentrico ; Trev-Hick e Vivian inventaram as machinas de alta pressão locomotivas , systema mais simples, menos despendioso , mais leve do que o da condensação , e produsindo maior força com um embolo de menor superficie. Estas machinas não exigem agua de condensação ; e emprega-se n'ellas o vapôr no grau de duas , trez, quatro e mesmo até dez athmospheras de força elastica ; de maneira que um embolo de certa superficie póde ser impellido com duas , trez , quatro e mesmo até dez vezes a força do simples effeito da pressão athmospherica.

Tendo chegado a este astado de perfeição, a machina de va-

pôr attrahiu a attenção de todas as industrias de Inglaterra. Cada manufactureiro quiz possuir um agente tão commodo, e hoje, cousa curiosa de observar-se, vêem-se as industrias de menor importancia que apenas precisam fracos motores, reunir-se em torno d'uma maquina de vapôr para pedir-lhe o excedente de sua força, como na meia idade os peões edificavam sua cabana junto ao castello feudal, a fim de encontrar n'elle soccorro e protecção. O vapôr foi empregado nos rios, e na navegação costeira; serviram-se d'elle para moer os grãos, cardar e tecer algodão e lãa, estender e reduzir a laminas o ferro e o cobre; foi applicado aos trabalhos hydraulicos, ás serrarias de madeira, ao fabrico de papel, da louça, das tintas; graças ao vapôr, Liverpool e Manchester, Carlisle, Newcastle, o condado de Glamorgan, Cardif e Mestyr-Tyrdwill, Cromford e High-Peak, Bermingham e Bristol, Leeds e Selby, Canterbury e Whystable, a Escossia e a Irlanda, viram em alguns annos abreviarem-se as distancias que as separavam. Hoje o vapôr, em suas diversas applicações, substitue em Inglaterra o trabalho de mais de trinta milhões de homens.

Em França seguiram as cousas outro caminho. A França vae com lentidão na carreira por ella aberta. Em 1816, quando o reino-unido já estava coberto de machinas de vapôr, a França quasi as não possuia. Em 1819, achamos que o numero total das machinas de vapôr empregadas em França, em terra, era de 65, as quaes representavam a força de 1,106 cavallos; em 1820 augmenta-se este numero com mais 28 machinas representando 342 cavallos. Eis o augmento progressivo d'estas machinas, assim como sua força motriz:

| *Annos.* | *Numero de machinas.* | *Força em cavallos.* |
|---|---|---|
| 1819 | 65 | 1,106 |
| 1820 | 28 | 342 |
| 1821 | 27 | 594 |
| 1822 | 52 | 827 |
| 1823 | 53 | 949 |
| 1824 | 25 | 416 |
| 1825 | 69 | 926 |
| 1826 | 73 | 1,153 |
| 1827 | 56 | 845 |
| 1828 | 47 | 710 |
| 1829 | 56 | 767 |
| 1830 | 74 | 881 |
| 1831 | 47 | 724 |
| 1832 | 86 | 838 |
| 1833 | 164 | 1,590 |
| 1834 | 177 | 2,099 |
| 1835 | 293 | 3,164 |
| Desconhecidas | 156 | 1,191 |
| Total, | 1,448 | 19,126 |

D'estas 1,448 machinas, 1,112 são de origem franceza, 191 de origem estrangeira, 145 de origem não verificada. As machinas de baixa pressão, em numero de 486, representam uma força de 8,785 cavallos, e as machinas de alta pressão, em numero de 962, representam a força de 10,340 cavallos. A mais forte trabalha nas forjas de Imphy (Nièvre); serve para estender e redusir a laminas o ferro e o cobre.

Assim, dividindo estas 1,448 machinas entre os 90 departamentos da França, acha-se que cada um d'elles, em 1835, termo medio, não dispunha sinão de 17 machinas de vapôr empregadas em terra, ou uma força de 222 cavallos e meio. Seria porêm dar uma ideia falsa da distribuição das machinas de vapor por departamento. Com effeito, departamentos ha em que tem sido sentida vivamente a influencia d'esta machina. Entre outros citaremos os departamentos do Sena, do Loire, do Sena-Inferior, e particularmente o departamento do Norte. Este departamento conta hoje 329 machinas, da força de 4,606 cavallos, em 1835 só possuía 297. O quadro seguinte indica os departamentos que possuem mais machinas de vapôr.

| *Departamentos.* | *Machinas.* |
|---|---|
| Norte. . . . . | 297 |
| Sena. . . . . | 197 |
| Loire. . . . . | 175 |
| Sena-Inferior . . . . . | 160 |
| Rhodano . . . . . | 65 |
| Aisne. . . . . | 49 |
| Alto-Rheno. . . . . | 48 |
| Saône-et-Loire . . . . . | 45 |
| Gard. . . . . | 35 |
| Marne . . . . . | 34 |
| Total. | 1,105 |

As 343 machinas que restam são repartidos pelos outros 55 departamentos; haviam n'esta epocha 21 departamentos que não possuiam uma só machina de vapôr. Depois, o augmento não tem sido muito consideravel.

O emprego d'estas machinas não é menos curioso. Aqui vê-se uma nova prova da hesitação que reina em todos os actos da industria franceza; cada ramificação faz uso da machina de vapôr, mas este uso é muito restricto; o exemplo da Inglaterra não convenceu ainda todos os espiritos; hesita-se, duvida-se ainda da importancia e da utilidade d'esta força. Eis-aqui qual era em 1835 o emprego das 1,448 machinas:

| *Industria.* | *Machinas.* |
|---|---|
| Fabricas de fiar. . . . . | 404 |
| Minas . . . . . | 266 |
| Refinação de assucar. . . . . | 412 |
| Fundição, forjas e laminadores . . . . . | 83 |
| Elevação de agua. . . . . | 76 |
| Fabricas de tecer pannos . . . . . | 72 |
| Moínhos de trigo . . . . . | 52 |
| Construcção de moínhos. . . . . | 51 |
| Fabricas de sedas . . . . . | 36 |
| Preparos de estofos . . . . . | 34 |
| Moínhos de oleo . . . . . | 29 |
| Empregos diversos. . . . . | 233 |
| Total. | 1,448 |

Vejamos agora o que se passa em Inglaterra na mesma epocha. Não temos o numero total das machinas de vapôr empregadas nas manufacturas do reino-unido; todavia facil será fazer saliente a immensa distancia que separa a industria franceza da industria ingleza no emprego de taes machinas, lançando os olhos para o quadro seguinte. Este quadro indica o numero das machinas de vapôr empregadas nas fabricas de algodão de cinco condados de Inglaterra no anno de 1835:

| *Nomes dos condados.* | *Machinas de vapôr.* | *Força em cavallos.* |
|---|---|---|
| Lancashire. . . . . | 717 | 20,303 |
| Chester. . . . . | 170 | 5,055 |
| Berby . . . . . | 33 | 553 |
| Stafford. . . . . | 3 | 90 |
| Yorkand West-Riding. . . . . | 75 | 1,317 |
| Total. | 998 | 27,318 |

A este numero deve-se juntar o augmento que tem tido logar depois. Este acrescimo foi para o condado de Lancastre, em um anno sómente, de 2,040 cavallos, representados por 90 machinas, das quaes 57 empregadas no fabrico dos tecidos de lãa, 19 no fabrico de tecidos de linho, e 19 no fabrico dos tecidos de seda, sommando portanto só para o condado de Lancastre 807 maquinas de vapor representando 22.343 cavallos.

Assim temos só para o condado de Lancastre 807 machinas de vapor equivalentes á força de 22.343 cavallos, ao passo que para toda a França ha 1.448 machinas representando um total de força de 19.126 cavallos. Quanto este algarismo desceria se o fossemos a comparar com o correspondente de todas as machinas de Inglaterra?

A avaliação da força de cada machina de vapor se faz em cavallos chamados de vapôr; convencionou-se chamar *cavallo de vapôr* á força necessaria para elevar o peso de 75 libras á altura de uma braça (ou o peso de uma libra a 75 braças) em um minuto; experiencias feitas com todo o cuidado mostram que esta força é tanto e meio da que tem um cavallo ordinario. Ora attendendo mais que o cavallo de vapôr não carece descanço emquanto o cavallo vivo não póde trabalhar mais do que 8 horas, ou a terça parte do tempo, por dia; segue-se

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

que a força de um cavallo de vapor, em constante acção, equivale, em seu resultado, á de quatro cavallos e meio vivos. Finalmente a manutenção diaria de um cavallo vivo custa (480 rs. na nossa moeda pelo cambio actual) tres vezes mais do que custa a do cavallo de vapôr, e mesmo ainda se dá maior differença em alguns logares da Inglaterra, em que chega a ser a decima parte d'esta quantia. Do exposto se vê que não só o condado de Lancastre possue mais cavallos de vapôr do que toda a França, sendo no primeiro equivalente a 102.344 cavallos vivos e na segunda 86.067; mas ainda alêm d'isto se nota que a despesa feita pela França para a manutenção da sua força em vapôr é um terço maior do que a de Lancastre.

Passando á applicação do vapôr á navegação achamos não menos notavel superioridade a favor da Inglaterra. Em 1835 a marinha mercante da França contava sómente 100 barcas de vapôr, de que as maiores, apenas podiam receber 600 passageiros; a maxima carga d'estas barcas é de 244 tonelladas; e os apparelhos motores d'estas 100 braças são 118: 82 de baixa pressão e 36 de alta pressão, representando na sua totalidade 3.863 cavallos de vapôr. A maior barca era o *Neptuno* de força de 140 cavallos. Ajuntando as 32 barcas da marinha real franceza pela forma seguinte:

| | | |
|---|---|---|
| 4 | de 220 | cavallos. |
| 20 | de 150 | ,, |
| 2 | de 150 | ,, |
| 1 | de 100 | ,, |
| 2 | de 80 | ,, |
| 2 | de 60 | ,, |
| 1 | de 40 | ,, |

Estas 32 barcas representam uma força total de 4.800 cavallos de vapor. Alêm d'estes a administração dos correios tem 10 a 12 paquetes de vapôr, cuja força total é de 1.600 cavallos. Eis o resumo:

| | | |
|---|---|---|
| Navegação mercante . . . . . | 3.803 | cavallos. |
| ,, militar . . . . . | 4.800 | ,, |
| ,, ,, do mediterraneo . . . . . | 1.600 | ,, |
| Total. | 10.003 | ,, |

Em Inglaterra só uma cidade, que é o porto de Liverpool, fornece uma força motriz quasi igual á de toda á França como se vê pelo resumo seguinte:

| *Companhias.* | *Barcas.* | *Cavallos.* |
|---|---|---|
| City of Dublin. . . . . | 19 | 3.155 |
| Saint-George's. . . . . | 9 | 1.170 |
| Drogheda . . . . . | 4 | 480 |
| Londonderry . . . . . | 2 | 300 |
| Scotch and others. . . . . | 23 | 2.520 |
| Belfort . . . . . | 2 | 320 |
| Waterford . . . . . | 4 | 580 |
| H. Magesty's . . . . . | 4 | 580 |
| Total. | 67 | 9.085 |

Alêm d'estas barcas, das quaes algumas custaram 20 a 24.000 lib. str. (quasi 100 contos ao cambio actual); ha em Liverpool umas 30 de força de 60 a 80 cavallos que se occupam na travessia do rio Mersey.

Mas não é sómente em Liverpool que a navegação de vapôr tem tomado grande incremento, Edimburgo, Glascow, Dublin e todos os portos da costa tem magnificos barcos de vapôr que augmentam diariamente. Em Londres acaba de se organisar uma companhia de barcos de vapôr, destinados á communicação entre Londres e New-York, um d'elles deve ter mais de 200 palmos de comprimento e quasi 60 de bocca, que, com os tambores das rodas, faz uma largura total de mais de 90 palmos; e seu porte deve ser de 1.890 tonelladas. Este barco será lançado no Tamisa, donde se dirigirá a Glascow para ali receber a machina que deve ser de dimensões muito alêm das ordinarias, devendo ter os cilindros 9 palmos de diametro: as caldeiras hão-de ser collocadas abaixo da linha d'agua: o deposito de carvão deve poder contar 600 tonelladas de combustivel; finalmente a velocidade diaria d'este barco deve ser de 200 milhas marinhas (de 8.400 palmos cada uma) ou 8 milhas e um terço por hora, portanto a viagem a New-Yorck deve ser feita em 15 dias e a volta em 12. (*)

---

(*) Uma barca de força de 100 cavallos, convenientemeute equipada, custa 20.000 lib. str. (160 contos): a despesa ordinaria em salarios, viveres e

Todavia, o exemplo d'esta applicação do vapôr, havia sido dado á Inglaterra pela França, e Papin, de quem já fallamos, foi o primeiro que a lembrou. Jonathas Hull, inglez, tirou uma patente de invenção d'esta applicação; porêm a apathia geral para tudo o que respeitava á industria, ou antes as difficuldades, inherentes a uma tal empresa, pareceram acima do talento e meios do machinista, e o publico não fez caso algum d'esta patente. Gantois, professor de mathematica, e Genevois, ecclesiastico do cantão de Berne, lhe succederam: o primeiro apresentou uma memoria á sociedade real de Nancy, que não foi recebida; o segundo publicou em Genebra uma obra contendo o que elle appellidou o descobrimento do grande principio que vinha a ser a applicação de uma machina de vapôr athmosferica á navegação; esta obra não teve exito algum. Depois d'elles o celebre Perier construiu um barco movido por vapôr, em que subiu o Sena, mas sendo, infelizmente, a força da machina muito diminuta não se deixaram vêr as vantagens do novo systema. Duriel, Desblancs e o marquez de Jouffroi repetiram a experiencia em ponto maior, e é d'esta época que datam as principaes applicações do vapôr á navegação.

Então Field, Ramsey e Bello, americanos exclarecidos, fizeram muitas experiencias sobre os lagos dos Estados-Unidos. Em 1788 Guilherme Symmington de Lead-Hill, condado de Lanark na Escossia, seguiu o exemplo, e, associando-se a Millar, tirou patente para uma machina de vapôr e a applicou a uma pequena barca que então se achava no lago de Dalswingston; e sendo feliz a empresa applicou-se com igual exito a outros barcos maiores. Lord Dundas, dono de uma parte dos canaes de Clyde e de Fort, encommendou então a Symmington uma barca de vapôr para dar reboque aos barcos que navegavam sobre estes canaes. Depois de mais algumas experiencias, a barca de vapôr *Carlotta Dundas* rebocou dois barcos de 140 tonelladas, apezar de o vento ser muito forte e na direcção contraria, de modo que os navios de vella não poderam largar esta barca, atravessou com a maior facilidade o intervallo entre Greenock e Glascow que distam entre si 16 e 1/2 milhas inglesas (5 legoas nossas).

---

combustivel é de 250 lib. str. (2 contos): em ancoragem, pilotagem, etc., 200 lib. str. (1:600$000); seguros 100 lib. str. (800$000); despesas que sommadas com o gasto da caldeira, e premio do capital, prefazem um total de 1.000 lib. str. (8 contos) por mez.

Foi por esse tempo que um americano, que então residia em França, Fulton, propoz ao governo francez a applicação do vapôr aos barcos destinados á famosa expedição de Bonaparte contra a Inglaterra, mas as suas proposiçoes não foram aceitas: apezar d'isto Fulton e Levingston, este então embaixador Americano em França, fizeram algumas experiencias com mais ou menos fortuna, e Fulton preserverando em tal empenho levou para a America machinas de Watt, e, apezar de innumeraveis obstaculos conseguiu fazer uma barca de vapôr para o transporte de generos de New-York para Albany. Então se estabeleceu a navegação costeira e interna por vapor nos Estados-Unidos: dois grandes navios de vapôr se construiram em New-York, e o espirito de empresa que characterisa os habitantes da America do Norte brevemente poz em communicação as regioes mais incultas e selvagens, que, como por encanto, se cobriram de exploradores, habitação e roças.

Da America a navegação por vapôr voltou a estabelecer-se na Europa, mas em França antigos preconceitos e grande desconfiança não admittiam este melhoramento, ao passo que em Inglaterra em 1811, já a barca *Cometa* fazia regularmente a carreira de Greenock a Glascow.

Em 1815 e 1816 novas construcções foram tendo logar, o *Rob-Roy* de 90 tonelladas e de força de 30 cavallos, fez a viagem do Clyde e de Belfast; e no anno seguinte uma linha regular de navegação por vapôr composta da *Hybernia* e da *Britania* foi estabelecida entre Dublin e Holyhead. Desde esse tempo a navegação por vapôr estendeu diariamente os limites do seu dominio; vão-se formando companhias e bem depressa o Mediterraneo, o Archipelago, o mar Negro, o mar de Allemanha, o Baltico, o Danubio tem sido arados por inumeraveis pyroscaphos com o pavilhão britannico. Hoje vogam no oceano o *Sirius* e *Great-Western*: digamos alguma coisa d'estes enormes barcos e da sua historia.

O *Sirius* pertence á companhia de S. Georges e tem feito com felicidade a viagem de Londres a Cork: tem 700 tonelladas e as suas machinas perfazem a força de 320 cavallos. Os estalleiros de Bristol, venerando porto que conta entre os seus filhos o celebre Sebastião Caboto, porto que estabeleceu o commercio entre a Inglaterra e a Russia, e que ha já quatro seculos forneceu navios de mais de 900 tonelladas, os estalleiros de Bristol produziram o *Great Western* de 1.340 tonelladas. O maior py-

roscapho (*) da marinha real, a *Gorgone*, tem apenas 1.150 e é destinada a receber carvão para 20 dias, 150 homens de equipagem, e, alêm d'isso, 1.000 passageiros com provisões para 6 mezes, tudo movido por uma força igual á do *Sirius*. A maior barca de vapôr americana é o *Natchez* que ultimamente se construiu em New-York e de porte de 900 tonelladas. O *Wilberforce* e a *Victoria* de Hull, tidos como as maiores barcos do antigo systema, dos quaes o 1.º tem 280 palmos de comprimento e 33 de diametro, e as suas machinas só cedem pela sua força ás do systema americano. Quanto ao pyroscapho de Bristol o seu comprimento é de 330 palmos: os seus cylindros tem 68 polle-gadas e os da *Gorgone* 60, igualando assim os maiores cylindros empregados nas grandes mineraçōes de Cornouailles. O *Great-Western* tem 4 caldeiras e o peso d'ellas com a agua contida deve elevar-se a 180 tonelladas: o deposito de carvão é para 900 tonelladas de combustivel, em caixas de ferro; e cada uma das duas machinas que movem a barca é de força de 225 cavallos. Para se fazer ideia do effeito que deve produzir esta enorme barca, póde-se imaginar uma não de 80 peças com uma grande protuberancia sobre cada lado, coroada de grande chaminé e de immenso apparelho para navegar á vella quando o tempo o permitte. A mastreação se compõe de 4 mastros apparelhados á escunas, e que podem muito augmentar o effeito da força do vapôr. A camara de prôa tem 64 palmos de comprimento, a meio navio é o local do mechanismo, e a ré está a camara grande de 115 palmos de comprimento e 48 de largura; as faces das duas camaras tem camas para 128 passageiros, alêm de 20 pāra criados: as pinturas da camara maior são no estylo de Watteau. Á machina se adaptou um ponteiro que indica por um systema de relojoaria, o numero de oscillaçōes do embolo da machina e a sua velocidade proporcional. Calcula-se que a viagem a New-York se fará em 15 dias e a volta em 12; o preço da passagem deve ser de 35 guinéos á ida e de 30 á volta (300$000 e 250$000 rs.) comprehendendo n'esta despesa a cama, a comida e o vinho. Este preço é o mesmo que o dos paquetes á vella e igual ao que se gasta no *Sirius*, mas este tem uma camara inferior em que admitte passageiros a 20 guineos (168$ rs). O Syrius deve fazer escala por Cork e d'ahi conta levar os

(*) Esta denominação designa barco movido pelo fogo.

mesmos 15 dias, brevemente se saberá até que ponto estas esperanças se realisam. (*)

Talvez se julgue que o *Great-Western* que acabamos de descrever é o derradeiro exforço que a industria humana póde fazer para atravessar o oceano por meio do vapôr; mas não é assim, a *Victoria* hoje em construcção em Limehouse, ainda excede e muito a sua rival de Bristol. Este barco extraordinario pertence á companhia Anglo-Americana de navegação por vapôr. O primeiro plano d'esta companhia foi de construir dois barcos de vapôr inglezes e dois americanos de consideravel grandesa, afim de estabelecer a regular correspondencia de New-York duas vezes por mez. O motivo d'esta differença de construcção era porque os mercantes Inglezes não podem levar mercadorias para os Estados-Unidos e pela mesma razão os barcos Americanos não podem introduzir em Inglaterra mercadorias sinão para reexportação: alêm d'isto calculava-se que estes quatro barcos poderiam fazer tantas viagens redondas como oito paquetes á vella. A distancia de Londres a New-York é de 3.000 milhas marinhas, e avaliando-se a velocidade media a 10 milhas por hora, davam 14 a 15 dias para a viagem de ida e 11 a 12 para a de volta, por causa da maior frequencia dos ventos de occidente. O consumo do carvão sendo avaliado em 9 libras por força de um cavallo e por uma hora, cada barca deve transportar 500 tonelladas de combustivel, que vem a ser uma quantidade sufficiente para o consumo de 20 dias.

Tal era o plano primitivo da companhia, mas depois de madura reflexão, se resolveu que o capital de 500,000 libras fosse elevado a um milhão de libras sterlinas, e que se começaria por construir uma grande barca no porto de Londres, tal é a origem da construcção da *Victoria*. Este monstro marinho é realmente um dos objectos mais curiosos da presente épocha: o seu porte é de 1,800 tonelladas, tem de comprimento na linha de agua 320 palmos, isto é, maior do que o maior navio de guerra; o comprimento total é de 350 palmos, tem 55 palmos de largura interior e quasi 38 de altura de pontal: a largura

---

(*) O *Sirius* e o *Great-Western* partiram em abril de 1838 para New-York e tem prehenchido a espectativa. O bom exito d'esta empresa e um grande facto na historia industrial das communicações, e põe a America na metade da antiga distancia da Europa, e alêm d'isto as viagens são mais certas, mais breves; portanto maiores commodos para os passageirss e menor tempo de empate dos generos embarcados.

total, comprehendendo as caixas das rodas, é de 96 palmos: abaixo da linha d'agua tem um volume, que de agua pesaria 2.740 tonelladas, e carregada demanda 22 palmos de agua. Os cylindros das maquinas tem 9 palmos de diametro: e cada uma das duas machinas é de força de 250 cavallos, calcula-se que poderá receber 800 passageiros de differentes classes e 1.000 tonelladas de mercadorias. A *Victoria* deve custar 100.000 lib. st. (800 contos ao cambio actual). O seu apparelho e velame é igualmente extraordinario, e assegura-se que d'aqui a poucos semanas esta barca estará prompta para ir ao mar e no verão seguir viagem de Liverpool.

Talvez se tenha feito reparo em que sendo Liverpool o principal porto do commercio com os Estados-Unidos, tenham partido de Bristol as primeiras empresas para estabelecer paquetes de vapôr, fazendo a carreira entre este porto ou Londres, e não partindo de Liverpool. Differentes motivos se poderiam apontar; mas é sabido que os habitantes de Liverpool não ficaram meros espectadores dos exforços de seus rivaes: porque acaba de se construir ali uma barca de ferro com 295 palmos de eomprimento, e dividida inferiormente em camaras á moderna: O *Liverpool* é barca de 1.040 tonelladas com machinas de força de 460 cavallos, e deve custar 43.000 libs. estr. (344 contos); além d'estes ha o *Columbus* barca pequena de experiencia, construida e montada no moderno systema de Howard, e que se diz que condusirá combustivel para 50 dias, sem demandar mais agua do que uma barca ordinaria da mesma força conduzindo para 12. Todos estes barcos se dizem destinados ao trajecto de Liverpool a New-York.

Cumpre obervar que a travessia do oceano pelos barcos de vapôr, não é inteiramente nova, porque em 1819 chegou a Liverpool uma barca vinda em direitura do Savannah; e outra, ou talvez a mesma, construida em Nova-Orleans para o imperador da Russia lhe foi enviada d'ali; alêm disto, não ha muito tempo que o *Royal-William* partiu para Halifax.

Hoje não é já o problema, saber si a navegação é possivel, o que se quer saber é si a communicação por vapôr entre a Inglaterra e os Estados-Unidos, póde appresentar vantagens e conveniencias que a sustentem. O pouco espaço que aqui temos nos não permitte que entremos em profunda discussão ácerca d'este objecto; contentar-nos-hemos com observar que os paquetes de vella, que fazem actualmente este serviço apesar de

terem chegado á maior perfeição possivel, ainda são sujeitos a grandes incertesas e demoras, não se podendo calcular o tempo de suas viagens, nem approximadamente. Em 13 de fevereiro d'este anno (1838) doze paquetes faltavam em New-York, de Inglaterra e de França: alguns dias depois faltavam 15; e sobre 45 a 50 paquetes pertencentes aos armadores de New-York, 27 se achavam no mar ao mesmo tempo. Um paquete que havia partido de Inglaterra em o 1.° de janeiro, foi encontrado a 27 de Fevereiro em 37 gráos de latitude e 53 de longitude (de Greenwich), isto é a 100 milhas ainda do porto do seu destino: a *Formosa* do Havre levou 75 dias de viagem; finalmente um navio que partiu de Damerary na Guyana, para Halifax nos Estados-Unidos, foi, por ventos poentes, arribado a Liverpool, desviando-se assim da sua carreira não menos de toda a largura do oceano.

Uma justiça se deve fazer á Inglaterra, e é, que desde a época da applicação do vapôr á navegação, os seus cuidados tem sido incessantes para modificar e aperfeiçoar tão util invento, e o mesmo se manifesta na navegação fluvial. Em a navegação da mor parte dos rios da Europa, os barcos de vapôr são altos, curtos, largos e pesados; na Gram-Bretanha, reconhecendo-se os inconvenientes d'estas proporçõcs, que são mais appropriadas para o movimento das vagas e para os temporaes, do que para a navegação uniforme dos rios, por isso dão aos barcos de navegação fluvial um comprimento de 8 vezes a largura ou bocca: os lados que tinham a forma convexa são actualmente rectilineos: a altura que era de 15 a 18 palmos foi reduzida a 12; a machina, á excepção do tronco da manivella, é collocada sobre o convés.

Pelo que toca ás machinas de vapôr applicadas aos caminhos de ferro, a Inglaterra tem uma superioridade que deve excitar e emulação da França. Os carris nascêram em Inglaterra, e ahi existem ha muito para o transporte do carvão de pedra aos portos de mar e de rios. A principio foram os carris de madeira, e o transporte se fazia pela applicação da força animal; outras vezes o proprio peso dos carros os trazia por um longo plano inclinado, levando para cima outros por meio de systema de roldanas; outras finalmente, machinas de vapôr estacionadas no alto das ladeiras, enrolavam cordas que accarretavam para cima os differentes tranportes; mas isto não era mais do que grosseiro esboço de melhoramentos posteriores. A introducção

das machinas locomotivas foi um grande passo que mudou inteiramente a face aos systemas de transporte dos materiaes. As peças de madeira fôra substituidas por outras de ferro fundido, e depois de ferro forjado. Então os caminhos de ferro tomaram um logar mais importante, e concorreram, com vantagem, com as estradas e os canaes; novas vias de communicação se abriram, e o Reino-Unido se cobriu de caminhos de ferro. Em 1819 é que se começou a manifestar com força este desenvolvimento; então 5 carros locomotivos se appresentaram para disputar o preço de 500 libs. estr. (4 contos) proposto pelos Directores da Companhia do caminho de ferro de Liverpool a Manchester, ao mais leve, forte e veloz carro locomotivo, debaixo de certas condicções. O peso dos carros puxados pelo locomotivo era fixado em 20 tonelladas, a velocidade em 16 milhas (perto de 4 legoas das nossas) por hora, e a pressão em 3 athmospheras. O *Rocket* ganhou o premio apesar da velocidade não chegar exactamente ás condicções do concurso. Este locomotivo levou 2 horas 14 minutos e 8 segundos, para effectuar e primeiro trajecto de 30 milhas (7 legoas), e para o segundo trajecto 2 horas 6 minutos e 9 segundos. O consumo foi de meia tonellada de combustivel e de 80 barris d'agua.

Entre todas as applicações do vapôr, a que resolve um maior numero de difficuldades, é a dos carros locomotivos: é por isso muito curioso ver um d'estes carros: em cada uma das extremidades, está uma caixa, separadas as duas por outra media que é o deposito da agua: a caixa de ré é a do fogo que recebe por uma abertura inferior o combustivel necessario para a sua manutenção. Começada a combustão, a chama é repartida por um grande numero de tubos que atravessam a caldeira da agua, e assim a aquecem com grande energia: então forma-se o vapôr no alto da caldeira, e pela applicação do calor chega ao gráo de força ou elasterio que se deseja; então uma communicação leva o vapor á caixa da frente do carro, onde jogam os apparelhos da machina; o vapor ora introdusido por um lado ora por outro de um cylindro, dá um movimento de vai-vem ao embolo que labora no mesmo cylindro, e por apparelhos proprios este movimento alternativo é convertido no movimento circular das rodas, e estas no seu giro conduzem o carro galgando pelos lisos carris de ferro por onde ellas correm. A cada movimento oscilatorio, ou de vai-vem do embolo, que se póde repetir 5 a 7 vezes por segundo, corresponde uma volta das rodas: assim

o pé do barbeiro obrando, na pisadeira, a cada exforço vertical que faz obtem uma volta do rebolo. Tem-se feito ensaios em que se tem obtido velocidades de 8 legoas e mais, porêm a regularidade da marcha de um tão complicado machinismo, obriga a conservar-se a velocidade entre certos limites, porque de outro modo, a força da machina torna-se muito menor, e o excessivo exercicio das differentes peças as gasta ou deteriora em pouco tempo.

Não possuimos a estatistica das machinas de vapor empregadas nos caminhos de ferro do Reino-Unido: todavia ser-nos-há facil manifestar a inferioridade da França, comparando os algarismos representantes da estensão dos caminhos de ferro em os dois paizes. A França conta apenas 60 legoas de caminhos de ferro, e só a Inglaterra tem mais do triplo d'este desenvolvimento. É, porêm, ainda mais importante a differença entre as machinas locomotivas empregadas em taes caminhos. A mais importante machina franceza acaba de ser construida nas officinas de Chaillot, e foi ultimamente experimentada sobre o caminho de St. Germain a Pariz; esta machina é do peso de 8 tonelladas, e os seus cylindros são de mais de 10 polegadas de diametro, e foi construida para o caminho de ferro de Saint-Etienne para Lyão; as rodas são de 6 palmos de diametro e são emparelhadas, condicção que, em geral, é pouco favoravel á velocidade: todavia o locomotivo de Chaillot percorreu uma distancia de quasi 2 leguas e 3/4, e rebocando um comboy de 73 tonelladas, em 28 minutos; n'outras experiencia fez o mesmo trajecto puchando 97 tonelladas em 30 minutos; mas ainda que estes resultados sejam muito consideraveis não se comparam aos que fornecem as machinas inglezas que tambem são mais fortes. Vimos o locomotivo que trabalha no caminho de Newcastle a Carlisle, rebocar desde Milton até Carlisle um comboy composto de 100 carros carregados de carvão de pedra, coke (*), e pedras, perfazendo carros e cargas um peso total de 450 tonelladas, e occupando a extensão de quasi duzentas braças: a distancia de 2 e 3/5 leguas foi percorrida em 45 minutos. Ainda nada igual teve logar em França, porêm nem por isso se deixa ahi de ter a maior solicitude e interesse pelo progresso das machinas de vapor.

---

(*) O coke obtem-se do carvão de pedra por um processo analogo ao que dá o carvão da lenha.

Actualmente ventila-se uma questão importante, e é sobre a conveniencia do numero das rodas dos locomotivos, Fenton-Murray de Leeds, e Bury de Liverpool, sustentam a vantagem das machinas de 4 rodas: Stephenson só quer construir locomotivos de 6 rodas. Adoptamos inteiramente a opinião d'este engenheiro a favor das machinas de 6 rodas, e, o que nos confirma n'esta opinião, é a vantagem que se tem obtido do seu uso nos caminhos de Antuerpia a Bruxellas, de Liverpool a Manchester e de Liverpool a Birmingham. Os locomotivos de 6 rodas tem mais velocidade, são mais seguros e muito menos subjeitos a deterioraçōes: e, finalmente, quando acontece quebrar-se um eixo, a caldeira não fica subjeita a cahir e quebrar-se como succede nas machinas de 4 rodas.

Mudemos de objecto e entremos nas officinas de fabrico d'estas machinas maravilhosas. Uma das mais consideraveis é a do celebre Fawcett em Liverpool (*), onde se constroem machinas para a navegação de força desde 2 até 300 cavallos. Um espectaculo magnifico se appresenta á vista, o movimento e a vida cercam por toda a parte o observador, mas este movimento e esta vida são governados com ordem admiravel. Trabalham incessantemente 600 obreiros, o estrondo dos malhos e dos folles é constante: o carvão chameja nas forjas e nos fornos, e o seu calor opera a fusão do ferro e do cobre; estes metaes são depois forjados, laminados, etc.; tomando depois mil formas diversas nas mãos dos obreiros: um forja um balanço, outro uma caixa para o fogo; emquanto um artista tornea um embolo outro fabrica um cylindro, e de todas estas peças juntas e harmonisadas sae a machina de vapôr.

O proprietario d'este estabelecimento merece tambem muito particular menção; é um homem grave, de 50 annos de idade, estatura mediana e ar serio; mas brilha em seus olhos a audacia e o talento indispensavel para as grandes empresas, e a sua vida é conforme aos characteres phisiognomicos que temos traçado. Fawcett tem já perdido e recobrado a sua fortuna por tres vezes: pertence ou ao menos pertenceu á sociedade dos amigos ou Quakers. Sobe-se quanto são amantes do trabalho os membros d'esta sociedade, e, a este respeito, Fawcett não se deixa vencer por nem um d'elles; levado por esta paixão, fundiu para

(*) As 3 primeiras machinas da companhia Nytheroyense são d'este autor.

o rei da Hollanda 400 peças de artilheria em um mez ; porêm sendo os quakers tão essencialmente pacificos , fabricar peças , espingardas ou qualquer outro instrumento de guerra , é pôr-se em contradição com os principios de tal seita. Em consequencia foi reprehendido pela sociedade e Fawcett se desculpou dizendo que não tinha outros meios do utilisar os materiaes que possuia ; desculpa que foi aceita , porêm continuando sempre no mesmo fabrico , a seita dos amigos o riscou do numero dos seus membros. Não consta que Fawcett tenha feito deligencias para levantar a excommunhão. Hoje acha-se millionario (de lib. str.) !

O quadro que acabamos de traçar dos progressos da applicação do vapor ás differentes industrias de França e de Inglaterra é certamente bem incompleto ; porem basta para demonstrar a immensa superioridade da Inglaterra sobre a França a este respeito. Para o diante trataremos este objecto com maior desenvolvimento e faremos conhecer as revoluções e os resultados que o novo motor tem produsido nos differentes ramos da economia social.

*(Mining Journal.)*

# PHILOSOPHIA.—MORAL.

## DA EDUCAÇAÔ DAS CLASSES SUPERIORES NA GRAM-BRETANHA, DE SUAS VANTAGENS E DEFFEITOS.



ENTRE os restos da meia-idade ha um que se tem conservado em sua integridade, e que ainda possue força. As universidades inglezas, regidas por leis de que se não faz ideia alguma no continente, afrontam ainda hoje a invasão do radicalismo e o progresso das ideias modernas. Por todas as partes são só os professores os encarregados de communicar a instrucção, em suas mãos se acha este deposito, em suas lições bebe a mocidade os conhecimentos universitarios. Em Cambridge e em Oxford, os professores não professam; dá-se-lhes um salario, ás vezes nominal, e um titulo honorifico ao qual se junta commoda morada, ás vezes esplendida. Ahi podem elles entregar-se no retiro a seus estudos favoritos; seu officio é coisa de apparato e de luxo. Poderiam trabalhar muito sem que por isso o collegio fosse melhor, e sua suppressão definitiva não secaria as fontes da sciencia.

As pessôas realmente encarregadas da instrucção dos alumnos chamam-se *tutores;* são os que trabalham, os que correspondem aos professores das universidades continentaes. As universidades de que fallo são divididas em collegios mais ou menos dispendiosos, e que dividem os estudantes em outras tantas classes distinctas. Cada collegio é independente de todos os outros, e occupa-se exclusivamente de seus proprios collegiaes; encarrega-se de eleger entre os membros mais antigos de seu proprio instituto, os que, por seu merito e seus autecedentes, lhe parecem dignos de ser nomeados tutores. Quanto á univer-

sidade, esta eleição nada lhe importa; ella só se occupa dos interesses geraes, e os professores em nada intervêem. Os tutores são pagos pelos respectivos collegios; ha um para cada dez ou quinze estudantes; alêm d'isso ha outros professores particulares retribuidos por aquelles alumnos que querem fazer mais rapidos progressos. A maneira de communicar a instrucção não é menos especial; não ha, como no resto da Europa, um homem que, sentado em uma cadeira, declame bem ou mal sobre tal ou tal objecto, desenvolvendo um texto e deixando todo o trabalho do pensamento á sagacidade de seus ouvintes. Na Allemanha principalmente, n'essa patria do professorado, a metade dos discipulos dorme em quanto o orador disserta. Nada impede que a attenção do publico se fixe em outros objectos, e não sabe o professor, depois da licção, si uma só de suas ideias penetram nos cerebros rebeldes dos moços que o ouvem.

O que em Oxford se chama licção é coisa inteiramente diversa: estabelece-se a discussão entre os alumnos, estando presente o tutor que lhes serve de guia, de juiz e de arbitro. Este exercicio intellectual não deixa adormecer sua energia, nem distrair-se; medem-se suas forças, a emulação constrange os mais preguiçosos a desenvolver suas faculdades: as explicações, os scholions, os commentarios do tutor esclarecem os pontos litigiosos ou obscuros da discussão. É um exame de todos os dias, é uma esgrima da intelligencia; dou a preferencia, confesso, sobre o methodo germanico a este methodo, a esta gymnastica do pensamento, a esta arena aberta aos talentos novos, a estes debates que tão bem preparam os espiritos, a esta lutta constante das forças rivaes. Em Allemanha os alumnos são os mestres, elles decidem do destino de seus professores. Estes abrem loja de sciencia: os *burschen* são encarregados de repartir o elogio ou a censura; todas estas lojas rivaes fazem mal umas as outras pela concurrencia, e o saber cahe na mais profunda deshonra.

N'esta organisação das universidade allemãas, alguma cousa ha de humilhante para os professores cujos lucros e fama dependem do capricho de seus discipulos; assim acha-se rebaixado o mais nobre officio do mundo; assim o professor vae enlanguecendo em uma inferioridade e servidão miseraveis. Accusae a aristocracia de Inglaterra: ao menos ella, protege a superioridade do pensamento: vale mais que a democracia dos *burschen*, da qual é proprio fazer recahir nas sombras o que mais honra dá a humanidade.

Examinemos entretanto esta pretendida aristocracia e seus resultados. Por que rasão se nos ostentará a aristocracia em Inglaterra tão colossal, tão poderosa, tão altaneira, tão pouco simelhante á aristocracia do continente? é por que ella sustenta uma lutta eterna. As raizes da arvore presas as penedias do rochedo açoitado pelas tempestades, enterram-se em maior profundidade e adquirem mais solidez. Incessantemente são contestados os privilegios da aristocracia que, ha mil annos, tem sustentado e protegido a estranha constituição interna de Oxford e Cambridge; a ella porem se deve que a profissão de sabio seja um officio honroso e que entre os nobres se tenha dado logar aos que exercem sua intelligencia. È profunda em Inglaterra a linha de demarcação que separa os homens votados ao trabalho mechanico dos homens que exercem sua capacidade intellectual, e essa linha é quasi nulla no continente. Entre nós, as profissões liberaes, juntas ao talento, condusem inevitavelmente ás honras e a fortuna. Um grande litterato, um professor distincto, um medico celebre, um astrologo andam a par com o official e com o diplomata. No continente pelo contrario, a diplomacia e o exercito são as unicas fôntes da consideração. Ali um Porson e um Bentley jamais teriam andado ao lado de Burke, de Fox ou de Wellington. O mais considerado erudito francez não alcança a metade do respeito que se concede a um marechal de França ou a um camarista-mor. Em Allemanha os nobres de raça formam uma casta separada, na qual não entram os Goethes, os Schillers, os Berzelius.

É bello e digno d'um grande povo ter feito da gloria litteraria e scientifica um titulo de nobreza. Na America só o dinheiro é tido em consideração; em França mostra-se respeito misturado de inveja pelos empregos e pela intriga: em Inglaterra, n'este paiz da aristocracia por excellencia, os maiores nomes, as mais antigas illustrações heraldicas se confundem com os baronetes ou com a nata dos nobres do campo, com os *squires* ou com os proprietarios e cavalheiros das classes medias, finalmente com os commerciantes de primeira ordem. No meio d'esta multidão tão mosqueada, vedes o homem de talento, o homem de lettras, o sabio, o professor, occupar uma esphera especial, que não é inferior a nem uma das espheras visinhas. De degrau em degrau, de nuança em nuança, estende-se atravez de toda a organisação politica um espirito de moralidade e de respeito pelo laço social. E' impossivel precisar exactamente

onde começa e onde termina a aristocracia; ninguem o sabe. Algumas pessôas que se querem mostrar distinctas e que se agastam com a multidão, formam de tempos em tempos circulos exclusivos nos quaes não admittem as classes inferiores e plebeas; estas especies de clubs porém são para a propria nobreza o que são para a pintura e para a musica certos partidos de pintores e musicos.

Em quanto os obscuros barões da Germania pretendem reservar-se o goso exclusivo d'uma athmosphera de orgulho hierarchico, os Howards, os Stanleys, os Talbots de Inglaterra, os Douglas, os Gordons de Escossia compartem os prazeres do professor de Edimburgo, e do negociante rico de Glascow. Note-se que podem haver relações de negocio e de interesse, quer com seus inferiores, quer com uma raça estrangeira ou inimiga, mas a communhão de prazeres offerece a prova irrecusavel d'uma communhão real de sentimentos e de ideias.

Os nobres em Allemanha ou vivem em absoluto retiro e comem seu patrimonio, ou, o que frequentemente acontece, si não tem patrimonio, sentam praça; a profissão das armas é a unica que se compadece com as pretenções do *Edelman*. Ha já muito tempo que a Inglaterra destruiu este preconceito; a este respeito, ella tem avançado em civilisação um seculo pelo menos comparativamente com o resto da Europa. No resto do continente, exceptuando a França (não se póde citar o systema social da França, hoje entregue a toda a incerteza democratica), as profissões do foro e do clero estão muito rebaixadas; a raça nobre as esmaga. Nada é mais triste do que o estado d'um ecclesiastico em toda a Allemanha meridional. O advogado no mesmo paiz, tendo poucas occasiões de desenvolver seu talento e de elevar-se á consideração por seus exforços, não é mais estimado do que um simples meirinho em Inglaterra. Não ha carreira aberta a eloquencia, não ha assembleia deliberante, não ha coisa que dê accesso á influencia popular. Goethe, a quem um phrenologista seu amigo disia que a natureza o tinha dotado de todas as faculdades d'um grande orador, respondeu sorrindo-se: «Pois fez bem a natureza! e é sem duvida prova de sabedoria dar-me qualidades que não tem uso em meu paiz, e cujo emprego debalde procuraria em toda Allemanha! » O genio do lutheranismo e a pouca elevação dada á situação social dos ecclesiasticos suffocam a eloquencia do pulpito. Um Jeremias Taylor,

um Bossuet, um Bourdaloue, são impossiveis em Hespanha, na Italia e em Allemanha. Quanto á França, levada no turbilhão de seus movimentos politicos, nós não a citaremos sinão quando ella existir. (*)

São pois fechadas todas as estradas; só a seus nobres, a seus guerreiros e a seus embaixadores é que o estado concede brilhantes distincções: o povo só respeita o aristocrata de nascimento, o official e o general. Alfieri, meio Spartano e meio Romano, falla dos banqueiros de seu tempo como nós fallariamos d'um usurario recheado com suas rapinas. Um grande pintor, um grande muzico são tidos por ornamentos que se não devem desdenhar, por muito bem collocados á frente dos heyduques e dos caçadores d'uma caza grande; em parte alguma porém se vêem todas as superioridades gozar sem contestação d'uma posição igual e honrada. Sómente em Inglaterra é que Rossini, recebido em audiencia particular pelo rei George IV, foi tratado com tanta consideração e respeito como lord Wellington; sir Josuah Reynolds andava a par dos chefes da opposição e do ministerio; o doutor Johnson era tão temido como lord Chatam, e Walter Scott mais honrado que Castlereagh. A democracia franceza está longe de ter chegado a este resultado: em logar de elevar as superioridades da intelligencia ao nivel dos grandes poderes do estado, ella os abatte ao nivel das capacidades industriaes e commerciaes. Hoje em qualquer salão inglez, Southey ou Wordoworth seria objecto de tanta consideração e attenção como o par do reino mais orgulhoso de sua genealogia, como o ministro certo da maioria parlamentar. Collocae pelo contrario, ao lado dos homens politicos acreditados, os nomes litterarios dos homens mais illustres da França, e vereis eclipsarem-se as glorias intellectuaes, obscurecidas pelas glorias politicas: o mais pequenino intrigante provido de alguma influencia poderá lançar na obscuridade o autor d'um bello poema, ou d'um grande trabalho historico. A democracia franceza tem-se mostrado menos liberal que a aristocracia britannica. Acontece ainda peior em Allemanha: cumpre não julgar este paiz pelas paginas dos escriptores germanicos, quasi todos plebeus e liberaes, levados por consequencia a conceder ás artes e á scien-

---

(*) Este artigo foi escripto em 1835.

cia estima e valor que lhes é recusado pelos trez quartos de seus concidadãos.

Que influencia porém póde exercer sobre os estudos o estado de cousas que descreveis? Vou disel-o: em Inglaterra são os nobres que frequentam as universidades, por que a sciencia é venerada e prende-se á nobreza: no continente, e especialmente na Allemanha, estuda-se para ganhar a vida: as familias querem abrir a seus filhos uma estrada fecunda; ellas os admittem ao estudo das profissões liberaes. Quanto aos nobres, destinados ás armas ou a uma vida voluptuosa e indolente, não precisam trabalhar para viver, nem procurar um meio de vida lucrativo; certos de sua existencia, só consultam seus gostos e abandonam á plebe a vida das universidades. Sem duvida os estudantes correm ahi apoz os praseres como em Oxford e em Cambridge; são porém praseres sem elegancia e sem luxo.

Em Cambridge e em Oxford, uma multidão de mancebos nobres que poderiam occupar-se na caça, no ensino de cavallos, em andar pelos theatros de Londres e sustentar actrizes, alistam-se voluntariamente nas bandeiras das sciencias, e testemunham assim seu respeito á intelligencia, as conquistas e riquezas d'ella. Por essa organisação, a fortuna e o poder, considerados aliás como as grandes alavancas da sociedade, ficam abaixo do pensamento e da instrucção. Nos outros paizes as sciencias dão meios de viver bem ou mal, porem não dão a certeza de ser tido em consideração. D'ahi duplicada depreciação do saber e das universidades que o propagam. Não é jámais com intenção completamente desinteressada que recorrem a estes depositos de conhecimentos publicos; é raro no continente que um alumno tenha alguns criados a suas ordens; em Oxford e Cambridge nada é mais commum; com effeito, a população universitaria d'estas duas cidades se compõe quasi exclusivamente da nata da nossa nobreza, emquanto que as universidades do continente recrutam todos os jovens sem fortuna por suas familias destinados as profissões liberaes. Deus sabe a quantos perigos está exposta a Europa por esta disposição das classes inferiores para transformar seus filhos em pintores, em litteratos, em advogados e em medicos! O numero dos candidatos á fortuna e a reputação augmenta annualmente em proporção espantosa e sem relação alguma com a somma total de dinheiro e honra que esperam estas profissões. Ha mais advogados que pleitos, e mais

medicos que doentes: assim cahem em maior desapreço profissões já pouco estimadas. Seria espantoso o calculo que comprehendesse todos os litteratos, pintores, musicos, medicos, advogados, professores de linguas, que morrem de fome, ou que arrastam miseravelmente sua existencia nos rodeios d'uma intriga obscura, sem terem certeza de que o pão de hoje não será seguido amanhãa pela fome.

Obstruidas todas as avenidas, o verdadeiro talento apparece com difficuldade. Tanto maior é o numero de estudantes, por ex., na Allemanha, quanto menor é o lucro que os autores tiram dos bons livros que publicam. É rarissimo o livreiro allemão que pague um manuscripto. Si Walter Scott houvesse vivido n'este paiz natal dos professores, das universidades, das dissertaçoes e dos estudos, suas obras vendidas na feira de Leipsick não lhe dariam mil e duzentas libras de renda. No paiz em que todo o mundo aspira a uma educação liberal, é difficilimo distinguir da mediocridade o verdadeiro talento.

Voltemos porem a Oxford: ahi o luxo nem é autorisado nem prohibido pela universidade. È justo que os alumnos possam viver em Oxford pouco mais ou menos como vivem no seio de suas familias, e regulamentos sumptuarios que os constrangessem a passar a vida dos *burschen* allemães, não deixariam de afugentar todos os herdeiros das grandes familias. Reprimem-se certas despezas extraordinarias que dariam mau exemplo; essa disciplina porem nada tem de muito severo, e voluntariamente fecham-se os olhos a tudo que não é contrario ás leis da decencia e da honra.

São portanto muito diversas, e segundo a fortuna de sua familia e a ordem que deve occupar o alumno no mundo, as despezas a que está elle exposto na universidade de Oxford. Daremos alguma ideia d'essas despezas, de que até hoje se não tem feito calculo exacto; fallarei conforme a minha experiencia pessoal, que sou um dos filhos d'essa universidade celebre. Quando cheguei a Oxford possuia pouco mais ou menos cincoenta guinéos; as hospedarias d'esta cidade custam muito caro. Eu tinha convidado para jantar meus jovens amigos, e não me restava com que pagar as vinte cinco lib. str. que se exigem de cada estudante, com o nome de *caution-money*; é um deposito que cada um tem obrigação de fazer, entrando para o collegio, e que serve depois para pagar ou as dividas atrazadas, ou as despesas de enterro no caso de morrer. Um dos collegios ou das

subdivisões universitarias de Oxford tinha diminuido a taxa d'esta somma, circumstancia que determinou-me a escolhel-o. Talvez entrasse tambem n'esta determinação a fama d'este collegio, cuja disciplina era tida por relaxada: era o unico em cuja igreja não havia orgam, e meu gosto decidido pela musica se teria offendido com esta circumstancia, si a primeira das rasões, a rasão pecuniaria, não houvesse prevalecido sobre os outros motivos.

No seculo decimo septimo, na epocha em que Milton estudava em Cambridge, moravam dois alumnos na mesma camara, o que se chamava *chumship* da palavra *chum*, companheiro, camarada. Hoje cada alumno mora em sua camara. Ao principio paguei quatro guinéos annuaes por um quarto muito triste, esclarecido por uma janella; depois seis guineos por outro mais conveniente; finalmente dez guineos por uma morada completa, composta d'uma salla, uma alcova e um gabinete de estudo. Esta ultima morada fazia parte das construcções modernas. Dei vinte cinco guineos pela mobilia que era completa.

Muito maior teria sido esta despesa si não fôra um costume singular que diminue grandemente os desembolços de cada novo alumno, que paga sómente o terço da somma dada por seu predecessor immediato, e transmittindo-se assim a herança dos moveis de alumno em alumno, acaba por custar ao ultimo locatario uma somma diminuta. Assim o primeiro de todos os habitantes pagou trinta guineos; seu successor dá dez; o terceiro trez guineos e nove schellins; o quarto um guineo e tres schellins; o quinto dez schellins; o sexto trez schellins e seis pences; o septimo um schellim e dois pences; de sorte que o decimo só desembolça alguns pences para ter uma mui bella morada. Este costume celebre, que se observa sómente em Oxford, chama-se *terçar a mobilia.*

A esta despeza deve-se juntar a dos *tutores* ou professores particulares, a quem se paga em todos os collegios dez guineos por anno. Vem depois os criados. Em quasi todos os collegios, seu salario nominal é de dois guineos. Estes dois guineos são dados a um chefe a que estão subjeitos todos os criados de Oxford, e que os retribue. Ninguem o vê; elle manda servir-vos por um delegado seu, que é ao mesmo tempo criado grave, porteiro, moço de recados, esfregador, barbeiro, cabellereiro, cosinheiro, *fac-totum;* este homem que está sempre junto de vós, e que prehenche tantas differentes funcções, não póde dei-

xar de ser gratificado com alguma somma pequena. Eu dava ao meu quatro guineos por anno ; a mor parte dos meus collegas não levavam tão longe a generosidade ; davam sómente dois guineos ao chefe e outros dois ao empregado. A veneração admirada com que elle recebia este dinheiro provava-me não só que a maior parte dos meus collegas lhe davam menos , como que minha ponctualidade era coisa nova e pouco commum.

È livre a quem quer ter muitos criados crear um cortejo do numero que lhe parece. A universidade prohibe ter cavallos e trelas , como porêm a autoridade do *proctor* ou guarda universitario estende-se sómente até certos limites que não lhe é dado ultrapassar , não é raro ver os estudantes ricos ter , fora da cidade e da jurisdicção do *proctor* , magnificas estribarias e tudo que constitue o trem d'um caçador. Como estes moços tem o cuidado de não condusirem suas equipagens pelas ruas da cidade, os superiores fecham os olhos a uma contravenção que nada tem de culpavel , e que aliás não poderiam impedir. È curioso o espectaculo que offerece uma cidade de estudo e de luxo, em que a sotaina magistral , a sciencia dos tribracos e dos dactylos , o amor á elegancia , a exquisitice das voluptuosidades e a ambição litteraria , se confunde a todo o momento.

São muito severas as leis contra o jogo. Quando o facto é provado , pune-se o culpado infligindo-lhe o que se chama a *rustication* , que é o exilio por certo numero de mezes , exilio equivalente a uma perda bastante consideravel de tempo e de dinheiro. Pela segunda ou terceira vez, o culpado é expulso definitivamente. As leis restrictivas porem com difficuldade impedem a paixão do jogo. Em meu tempo jogava-se muito pouco em Oxford : as coisas tem mudado muito.

A aristocracia de Oxford não é mais forte que a disciplina ; pelo contrario esta supera aquella ; e muitas familias ricas e poderosas julgaram dever queixar-se de rigor usado para com seus filhos. Ha dez annos um dos lords mais influentes da administração whig foi apresentar seu filho mais velho ao chefe da universidade de Cambridge , esperando que o melhor collegio (o da Trindade) acolhesse com satisfação um collegial tão distincto. Foi extrema sua admiração quando soube que essa admissão , tida como certa por sua familia e por elle , era subjeita a muitas difficuldades. Havia pouco tempo que alguns moços nobres tinham, por seu procedimento, perturbado a ordem interna do collegio , e o reitor , que se lembrava d'esta circumstancia, res-

pondeu a lord C***: —« Antes de tomar uma resolução definitiva, releva que estejamos certos que o filho de V. Senhoria se subjeitará a todos os regulamentos internos da universidade. Sem isso, sua admissão seria para nós um embaraço e não uma conquista, e não consentiremos n'ella. » — Revoltou-se a aristocracia do whig contra tal declaração, e não tratou mais de fazer entrar seu filho no collegio da Trindade.

O mesmo aconteceu aos dois filhos do duque de Wellington. Um d'elles tinha commettido um delicto que as leis de collegio punem severamente. Tratava-se de expulsar do collegio o culpado, e viram-se embaraçados os directores, porque era penoso applicar uma lei tão severa ao filho d'um general do exercito e d'um ministro a quem os Inglezes tem por seu heroe nacional. Deram a entender a esse moço que lhe era livre retirar-se do collegio a que tinha pertencido, e que faria bem de deixar a universidade de Oxford. Esta indicação bastou-lhe, e elle se retirou: seu irmão o seguiu, e ambos foram para Cambridge; creio que o culpado nunca foi admittido e matriculado no numero dos estudantes.

É assim que a aristocracia universitaria se eleva a par da aristocracia de linhagem e oppõe suas ideias todas republicanas da superioridade litteraria e scientifica á preponderancia hereditaria. Convem dizer tambem que os vestigios da vassallagem feudal, vestigios que por muito tempo estiveram impressos no todo e nos pormenores do systema universitario, se foram extinguindo pouco a pouco. Em outro tempo os estudantes pobres serviam de criados aos ricos, e continuavam seus estudos com o nome de *servidores* n'este estado de degradação: elles serviam á meza (*). A despeito d'esta humilhação, constituiam um corpo muito numeroso. Em Cambridge não os chamavam *servidores*, porem *sizars*. Muitos collegios tem renunciado inteiramente a este costume desgraçado. Só conheci dois servidores em todo o tempo de minha estada em Oxford. Um d'elles, homem de merito, em breve elevou-se a um tal grau de consideração que o collocou acima de seus collegas e arrancou-o da inferior que occupava por falta de fortuna; o outro só tinha de

---

(*) Esta classe aproxima-se muito da condição dos estudantes pobres nas universidades de Hespanha. Estes conservam-se em um estado permanente de criadagem; alguns ha que servem a pessoas que não são estudantes, reservando-se algumas horas para assistir as aulas e estudar.

cumprir alguma das funcções servis a que eram subjeitos seus predecessores: elle queixava-se unicamente de ser obrigado a andar pelas ruas com um boné sem galão, que o assignalava a attenção das moças da cidade.

Devemos ainda faser menção d'uma fonte de despezas necessarias, as quaes se conhecem em Oxford com o nome extravagante e incomprehensivel de *battel*. Uma palavra antiga usada nos conventos, *patella* ou *batella* (prato), deu origem á palavra *battel*. Trata-se do jantar e da ceia, com cerveja, mas sem vinho nem licores. Paga-se a parte a lenha, o carvão, a luz, o vinho e as fructas. Esta despeza póde montar a um guinéo por semana. Em alguns collegios a comida é publica; em outros cada estudante se faz servir em seu quarto. Ninguem se póde ausentar do refeitorio sem ter anteriormente pedido permissão, e sem ser subjeito a uma multa. Cada collegio tem seu refeitorio, sua capella e sua bibliotheca, e salla grande para todos os collegiaes. Janta-se mui simplesmente. Não ha peixe nem caça, uma ou duas especies de carne, alguns legumes e nada mais; não se dá vinho, excepto na meza grande, á qual se sentam algumas pessoas privilegiadas. Não ha cidade em Inglaterra em que o carvão seja mais caro do que em Oxford. Conforme o calculo exacto que fiz, e sendo trinta semanas o *maximum* da residencia que se póde fazer em Oxford, eis as despezas inevitaveis d'um estudante. Em alguns collegios póde-se ficar unicamente treze semanas, mas este caso é rarissimo.

| | Lib. st. | Schel. |
|---|---|---|
| Morada | 10 | 10 |
| Professores particulares | 10 | 10 |
| Criados | 5 | 5 |
| *Battel* | 40 | 4 |
| Lavagem de roupa | 6 | 6 |
| Luz | 2 | 5 |
| Lenha ou carvão | 5 | 5 |
| Especiarias | 10 | 10 |
| | 90 | 15 |

Compare-se esta depeza com a que um moço faz em caza de seus paes, ou que exige a vida de Londres, e re-

conhecer-se-ha que a educação aristocratica d'Oxford é tão liberal como a educação republicana do continente: si alguns estudantes querem dar bailes, convidar seus amigos para grandes jantares, comprar voluptuosidades por todo preço, não é para admirar que a vida de Oxford arruine sua fortuna; a mor parte dos estudantes recebem de sua familia uma pensão de duzentas libras esterlinas. Um membro da universidade, a quem perguntei que pensão rasoavel se poderia dar a um moço de boa familia, respondeu-me que 320 lib. sterl. era bastante. Dando á maior parte dos estudantes meios de existencia superiores a suas necessidades reaes, é este o resultado que se alcança: estabelece-se na cidade uma população de usurarios, que, emprestando-lhes dinheiro, dão cabo de sua fortuna.

Assim começou o destroço de minha modesta fortuna. Por pouco que se queira, pode-se despender muito dinheiro em Oxford. Há duas classes de estudantes: os *commoners* ou estudantes ordinarios, e os *gentlemen commoners* ou nobres estudantes que se chamam em Cambridge *fellow commoners*. As despezas d'estes são mais consideraveis que as d'aquelles. Na entrada depositam cincoenta guineos em vez de vinte cinco. Seu vestuario é do mais bello pano e custa, não cinco guineos como o do *commoner*, mas quinze ou vinte pelo menos. Compõe-se de duas sotainas academicas uma para de manhãa, outra de seda cheia de bordados, que é para os dias de ceremonia; o *boné* ou touca é coberta de veludo. Em Cambridge o galão da touca é de oiro; em Oxford só os nobres de raça gosam d'esse privilegio: em Cambridge os pensionistas correspondem aos *commoners* de Oxford, e cada collegio tem sua vestimenta particular; é este um meio para conhecer a que subdivisão universitaria pertencem os autores de delictos que se podem cometter.

Esta classe privilegiada paga vinte guineos a seus professores particulares, que não lhe dão melhores licções do que aos *commoners*. Comensal dos chefes, tem meza particular, e paga cada um d'elles a mesma somma quer esteja presente, quer esteja ausente. Todos estes augmentos de superrogação não seriam tamanhos si os *gentlmen commoners* não estivessem persuadidos que sua linhagem e sua fortuna exigem um acrescimo de despezas. Os que fazem isto são quasi sempre os que enriqueceram ha pouco tempo, felises e altivos por ostentarem sua opulencia im-

provisada, classe muito mais a ristocratica do que a nobreza e que só á terceira ou quarta geração perde a ferrugem de suas pretenções arrogantes; são tambem os filhos unicos de grandes proprietarios ou seus filhos mais velhos, por que raras vezes os mais moços penetram n'esta esphera. Ordinariamente elles se classificam entre os escholares (*scholars*), meio escholares (*demies*), estudante (*students*), jovens commensaes (*junior fellow*); subdivisões variadas da mesmo situação, que indicam todas a intenção de aproveitar as distincções academicas e as immunidades que ellas conferem aos laureados. Os descendentes da alta nobreza, os filhos de pares, vestindo-se d'uma maneira especial, e gozando de diversos privilegios quanto a duração de seus estudos e á facilidade de obter os graus, raras vezes querem ser *gentlmens commoners*. A mor parte d'elles entram no collegio aristocratico, *Christ-Church*. Algumas vezes, porem raras, renunciam a todos esses privilegios como fez George Grenville, hoje lord Nugent.

É o *gentleman commoner*, o improvisado, que ordinariamente serve de victima aos usurarios; sua vaidade e sua riqueza são meios faceis para enganal-o; e é tambem elle o que mais raras vezes alcança as distincções accademicas. Com razão se tem levantado o opinião contra esta primasia concedida a opulencia só, a riqueza bruta. Para explical-a, é de mister recordar que ella data d'uma epocha em que a riqueza territorial, a nobreza hereditaria e a superioridade intellectual andavam quasi sempre unidas.

Acabamos de dar um ligeiro esboço da organisação singular, complicada, e em geral mui pouco conhecida que rege esta universidade celebre. Ella assimelha-se muito á constituição ingleza, que, em meio do tão grande numero de absurdos apparentes e de ruinas acumuladas, tem conservado sobeja força e solidez para offerecer a gerações numerosas e gloriozas um asilo, um templo, um sanctuario.

*Tait's Magazine.*

# FINANÇAS.—COMMERCIO.

## ASSOCIAÇÕES COMMERCIAES E INDUSTRIAES DO RIO DE JANEIRO.

O RIO DE JANEIRO é uma cidade que se não deixa mais levar por falsos enthusiasmos politicos por ideias exaltadas e sediciosas. Seus habitantes industriosos e commerciantes, pela mór parte, comprehenderam plenamente a missão que na America lhes tocava, a parte que lhes convinha e o fim que os devera dirigir. Nem uma ideia exagerada de politica, nem um grito sedicioso encontrarão mais echo em homens dados inteiramente aos interesses materiaes, as especulações mercantis e as associações tendentes á promover e aperfeiçoar a industria, as artes de applicação e a escala das operações mercantis. E esta tendencia do povo é a mais apropriada á disseminar a instrucção entre as massas, a enriquecer o paiz e eleval-o ao logar que lhe cumpre occupar entre as nações americanas. Esta tendencia do povo para o bem-estar e para o socego, para o aperfeiçoamento da industria e para o progresso e extensão do commercio, é, em nossa opinião, a ideia civilisadora do Brasil, e por consequencia a ideia salvadora d'este vasto imperio, á quem as sedições tem retalhado, a guerra civil destruido em parte e falsas theorias de politica ameaçado de completamente arruinar. Cumpre firmar esta tendencia de ordem e de bem entendido progresso, cumpre animal-a, que, dominando ella, as fontes da riquesa publica prosperarão, a união entre os filhos do mesmo solo se tornará uma necessidade para cada um d'elles em particular, e para todos em geral, e só quando elles cabalmente comprehenderem esta ideia, adoptarem esta opinião, sentirem esta necessidade,

trabalharão em commum para o bem geral. O progresso material é, para nós, a primeira necessidade do paiz; o progresso material é a vida do Brazil. Quando todos se entregarem inteiramente e de coração as suas occupações, quando o desejo moderado de enriquecer-se por meios honestos for por todos adoptado, quando o unico pensamento hoje talvez verdadeiro, que as nações não podem ser grandes sem industria, sem commercio e sem união, for por todos comprehendido e posto em execução, teremos então paz e paz verdadeira, e, a par d'ella, a verdadeira civilisação que não consiste em ter o povo dois dedos d'uma instrucção superficial e *litteraria*, mas sim em possuir riquezas, industria, commercio, *fabricas*, rios navegaveis, canaes, vapores, bellas estradas, etc., em conhecer seus verdadeiros interesses e comprehender a missão que na terra lhe está reservada, em saber descobrir e lançar mão de todos os recursos tanto os que lhes prodigalisa a natureza, como aquelles que devem a seus esforços e trabalho. Em nossa opinião não vemos nações mais *civilisadas* do que a Inglaterra e os Estados-Unidos. São ellas que nos devem ensinar; adoptemos suas lições, sigamos seus exemplos.

Mas para que se realise completamente esse nobre desejo, direis vós, é de mister que haja confiança em todos e para todos, é preciso que o governo, que aquelles que estão á testa dos negocios publicos, saibam inspirar ao publico a esperança de prosperidade e faser nascer a confiança. È preciso que de cima venha o exemplo, sem o que nada, entre o povo, póde medrar, *que um rei fraco faz fraca a forte gente.*

Entretanto é tambem necessario que confessemos que somos nós os proprios que temos perdido a esperança ou fingido perdel-a; somos nós os proprios que não queremos ter e conservar confiança em governo algum, em pessoa alguma; somos nós os proprios que temos procurado cortar pela raiz o prestigio dos governantes, e por este modo lançado a desconfiança no seio da sociedade. Deixemos o governo em paz e liberdade cumprir com as complicadas funcções que o cercam, deixemos as autoridades executar a lei e satisfazer á seus dictames. Trabalhemos nós — que a confiança renascerá. Porque é que a capital do imperio tem avançado á passos de gigante na carreira da civilisação, emquanto que algumas capitaes de provincias em vez de progredir, pelo contrario, tem recuado? È porque o Rio de Janeiro procedeu pelo methodo que acima notamos; é

porque o Rio de Janeiro entregou-se de coraçao ao trabalho sem se importar sinão com aquillo que o poderia coadjuvar, não dando ouvidos á falsas sugestões, não prestando attenção á infundados calculos de espiritos desorganisadores. È porque o Rio de Janeiro quiz, antes de tudo, melhorar sua condição material, e, ao mesmo passo e sem talvez pensar, aperfeiçoou sua condicção moral e intellectual. Saibam imital-o as provincies e cidades do imperio! . . . .

E o meio o mais prompto de fazer que se desenvolva o espirito do trabalho, o meio mais proprio para fazer florecer o commercio e progredir a industria, é o das associações mercantis e industriaes. Assim é que prosperou a Inglaterra, assim é que prosperou os Estados-Unidos, assim é que prosperaram os Paizes-Baixos, a cidade de Hamburgo, Venesa, Genova, Pisa e Marselha. As riquezas de muitos reunidos prefazem um capital capaz de luttar com todas as difficuldades e obstaculos; os exforços de muitos reunidos dão uma força superior, cujo grau jámais alcançariam os de maior numero trabalhando em separado.

No Rio de Janeiro contam-se hoje muitas associacões mercantis a cuja testa se acham notabilidades do paiz. E antes de tudo, releva dizer, que si para as formar esperasse pelo governo certamente que jámais ellas se estabeleceriam. Ha um não sei que que repugna a todo o homem e o inhabilita de entrar em uma associação em que se deve fazer sentir a influencia do governo e das autoridades. É mesmo um principio hoje estabelecido por os economistas contemporaneos e por todos adoptado que um governo deve auxiliar, concorrer de algum modo para as empresas tendentes a melhorar a condicção de um paiz, mas nunca pretender dominal-as. O governo Francez tem destruido todas as empresas de caminhos de ferro, de navegação por vapôr em rios interiores e de canalisação porque quer sempre, *á fortiori*, ingerir-se na sua direcção e dominal-as. A acção do governo é o peior veneno que existe para matar, desde sua nascença, as empresas commerciaes e de industria que apenas se erguem.

O antigo banco do Brazil, si bem se recordam os habitantes do imperio, é o exemplo mais saliente que encontramos para provar até a evidencia esta nossa allegação. Marchou bem emquanto o governo receioso não ousava dominal-o. Logo porém que um ministro d'estado influiu sobre seus directores e fez sen-

tir seu poderio no estabelecimento, elle foi pouco a pouco decahindo, até que por fim lá pereceu nas vagas suscitadas pela autoridade ambiciosa.

Nos Estados-Unidos e na Gram-Bretanha os governos sabem melhor comprehender sua missão e cumprir seus deveres. Elles auxiliam, prestam todos os soccorros que julgam necessarios, toda a coadjuvação possivel ás empresas que pretendem formar-se: nunca porém sua ambição os levou a dominal-as. Deixam-as livres de lançar mão de todos os meios proprios para sua prosperidade, comtanto que não sejam elles offensivos dos interesses da união. Eis-aqui tambem a linha de conducta que hão seguido as associações do Rio de Janeiro.

São as principaes o *Banco Commercial*, o *Monte de Soccorro*, as *Companhias de barcas de vapôr* para a navegação costeira e d'uma á outra provincia, e a empresa dos *Omnibus*. Poderiamos aqui tambem enumerar a companhia de *estrada de ferro* da provincia, porque é no Rio de Janeiro que se tem vendido e negociado as acções; deixal-a-hemos comtudo porque ella tem de operar na provincia do Rio de Janeiro e não na capital do imperio, ainda que indirectamente sua prosperidade deva influir na côrte. Não fallaremos tambem n'aquellas que ainda estão em embrião, como a do *Morro do Castello*, *Correios Urbanos*, *melhoramento de praças e mercados*, *etc.*, porque aguardamos o momento em que se realisem, para com conhecimento de seu estado fallarmos ácêrca d'ellas.

È certamente o *Banco Commercial* o estabelecimento mais prospero do Rio de Janeiro. O seu dividendo ultimamente distribuido dá a prova a mais convincente da utilidade e vantagens da associação e da aptidão e zelo de seus directores. Em um anno, o primeiro de sua creação, apresentou um resultado equivalente á 10 por 0/0 livres de despesas e já dedusido o fundo de reserva com que se tem de fazer face as quebras e prejuizos que no continuar do tempo lhe possam sobrevir, sem que jámais o seu capital se ache compromettido.

De ha muito que se sentia na praça do Rio de Janeiro a necessidade de crear-se um banco cujos fins fossem o de auxiliar o commercio e o governo, o de ser util á nação e aos particulares. Graças á alguns honrados capitalistas creou-se a associação com o titulo de *Banco Commercial*. Seu fundo foi fixado em 10.000 acções, na importancia cada uma de 500$000 rs., ficando entretanto livre ao estabelecimento augmentar seu fundo ao passo

que progredissem e se multiplicassem suas operações. Mil obstaculos si anteposeram no começo á sua marcha. Elles porém pela ordem natural das coisas, pela necessidade e utilidade do estabelecimento se desvaneceram totalmente. Hoje o banco não tem que luttar com obstaculos: á todos superou.

Suas principaes operações consistem: 1.º no desconto das lettras dos particulares e dos bilhetes emittidos pelo Thesouro Publico. E n'esta operação faz o banco grandes serviços ao corpo de commercio, porque, avançando os dinheiros sobre lettras, habilita o commerciante a por meio de um premio fixo e igual para todos e por todos de antemão conhecido haver a somma necessaria para suas transacções mercantis. Faz tambem grandes serviços ao governo e ao paiz, porque ao passo que forma a concurrencia entre aquelles que costumam tomar bilhetes de emissão, operação, em nossa opinião, terrivelmente desastrosa porque d'ella nascem os maiores abusos que tem sido postos em pratica por alguns ministros da fazenda, diminue-lhes o premio e concorre com a somma requerida pelo thesouro, ficando com a sua caução. Alêm portanto de encontrar o governo dinheiro á sua disposição, não arrancado por força mas negociado de igual a igual para fazer face as suas despesas, acha-o pela concurrencia com abatimento do premio.

A segunda operação do *Banco Commercial* é a dos depositos. E cumpre dizer, que ella é nova ainda no Brazil, e entretanto não é inferior pela sua utilidade e seus bons resultados á operação intitulada dos descontos.

Não sabemos á quem verdadeiramente se deve esta operação bancal, apezar de ser ella moderna ainda mesmo na Europa. Em Londres os negociantes principaes não tem a sua caixa ou cofre em casa. Segundo elles, seria isto um grande embaraço e prejuiso porque lhes daria mil inquietações, e demais a mais absorveria improductivamente um capital monetario consideravel. Elles collocam por consequencia seus fundos em um edificio expressamente arranjado para recebel-os, a que dão o nome de *Clearing-House*, e quando tem que fazer algum pagamento sacam sobre aquella caixa commum, e d'est'arte parece enraisado o espirito da associação. A operação dos depositos por meio dos bancos equivale á esta. O banco serve de deposito aos fundos dos negociantes e capitalistas sem que lhes leve premio algum pelo seu trabalho, pagando-se porem d'elle pelas transacções que faz pelo jogo dos mesmos fundos e pelo seu empre-

go e producto. Quem tem a pagar alguma somma sacca sobre o banco por conta do capital que lá possúe e o banco paga á vista. Em vez de se guardar o dinheiro em casa, em vez dos sustos que se tem de ser elle invejado e assaltado, é depositado no banco, está em logar seguro sob boa guarda, debaixo de grande responsabilidade, e, quando se quer, d'ali é retirado.

Alêm portanto de ser simplicissima esta operação, é ella muito proveitosa aos capitalistas e negociantes e proveitosa tambem ao banco, porque negociando com o capital depositado, com os 2/3 por exemplo, tira vantagens immensas d'elles com que recompensa seu trabalho e sua guarda; e isto póde o banco fazer logo que a perspicacia e a habilidade presidirem á suas operações, porquanto não é crivel que havendo 50 pessôas, por ex., depositado 200 ou 300 contos de réis queiram todas tirar todo o seu capital no mesmo dia, hora e momento, a ponto de obrigar o banco á recorrer a seu proprio fundo para satisfazel-as. Calcula-se com segurança sobre a somma que se distribue, guardando sempre uma outra á disposição das transacções e pagamentos que fizerem seus donos.

A terceira operação que tem praticado o banco é a de emprestar dinheiros sobre penhores de metaes e pedras preciosas, sobre cautelas de fundos publicos e acções de companhias acreditadas. Desnecssario nos parece demorarmo-nos n'este logar na demonstração dos felizes resultados que nascem d'uma tal operação para os particulares, para a industria e commercio, assim como tambem para o governo cujos fundos publicos encontram credito no estabelecimento, sem que de mister seja o traspasse legal no competente livro da estação publica e unicamente guardando-se a cautela com a declaração necessaria. Os particulares, á quem circumstancias momentaneas obrigam a procurar de prompto sommas pecuniarias, com o deposito dos objectos de valor intrinseco ou extrinseco as encontram immediatamente no banco.

Uma, emfim, das operações do banco de que elle não póde usar em toda a sua plenitude é a de emissão. Exprimimo-nos assim porque, comquanto saibamos que os directores do banco tem emittido lettras ou bilhetes no valor cada um de 1:000$ de réis e que ellas tem tido bom giro na praça, tem sido procuradas por aquelles mesmos que no principio grandes clamores levantaram contra o banco, com tudo, como essa emissão não gosa de privilegio algum, não é aceita nas estações publicas,

nós ousamos dizer que não é completa. Verdade é que na praça ellas tem tido tanta aceitação como a moeda corrente, porque alêm de serem pagaveis em curto espaço de tempo e conterem pequena quantia, gosam de mais á mais d'uma confiança illimitada, graças á boa administração do estabelecimento que lhe tem sabido dar realce e credito, e que esperamos continuar na gestão dos negocios com igual zelo e habilidade. Mas, apezar d'esta circumstancia e porque seu curso é optimo e facil, não se póde dizer completa emissão. Para isso era de mister autorisação do corpo legislativo.

E permitta-se-nos aqui dar um conselho: pela nossa parte acreditamos que o banco prosperará e muito mais si se obtiver autorisação das camaras legislativas do Brazil e sanccionada pelo governo para emittir seus billhetes e gosarem elles de privilegio, sendo aceitos como moeda corrente nas estações publicas em que forem apresentados. Seriamos por consequencia de opinião que se requeresse ao corpo legislativo esse direito de emissão privilegiada. Talvez que nas circumstancias actuaes em que é quasi impossivel tratar-se nas camaras de um banco nacional, pelas immensas materias de mor entidade e interesse superior, se consiga facilmente semelhante pretenção. E no emtanto continue a digna direcção do Banco á emittir as suas lettras ou vales que muito concorrem para o augmento da associação, e augmento não só de fundo real sinão tambem de credito, porque continuando ellas á serem pagas com a ponctualidade com que se ha até aqui procedido crescerá a confiança de que gosa entre o corpo da commercio.

Tal é a analyse das operações principaes do banco commercial. E si tão prospero é já seu estado, sem que entretanto elle goze do direito de emissão privilegiada, qual não deve ser o seu porvir si a conseguir? — Si logo no primeiro anno, na infancia de suas operações, quando nem todos os dados estão ao alcance para se ter perfeito conhecimento, e se marchar com regra, se obtem um lucro proporcionado a 10 por 0/0, livres de despezas e de fundo de reserva, que esperanças não tem elle direito a fazer nascer? Que confiança não adquirirá? Que vantagens não resultarão do emprego de seus capitaes? — Com quanto o estado prospero do Banco nos não admire, com tudo é tanto mais lisongeiro para nós, quanto, tendo sido nomeado em Janeiro do corrente um dos membros da commissão de exame e fiscalisação, fômos nós e os nossos dignos collegas,

que lhe prevêmos e affiançamos um futuro prospero e seguro.

O banco commercial é por consequencia, — sinão a mais interessante e a mais util das associaçoes mercantis, — ao menos o mais prospero e feliz estabelecimento da cidade do Rio de Janeiro. Fallarêmos agora do *Monte de Soccorro.*

Este estabelecimento, fundado no seu principio sobre a theoria e systema dos *Monts de Pieté* — de França e Italia, tem seguido depois uma linha de conducta diversa da que lhe havia marcado o seu creador, o Snr. Dr. Aurelianno de Sousa e Oliveira Coutinho. Todos os seus esforços tendem á bancalisar-se, permitta-se a expressão. A directoria, que preside ao estabelecimento, animada de sinceros desejos de vêl-o prosperar, não tem recuado ante as medidas, de que lhe possam provir bons resultados. Este systema entretanto, — como queremos ser franco, claramente o diremos, — este systema nos não agrada, por que si actualmente as medidas adoptadas podem ser proficuas á associação, por que elle tem a ventura de possuir uma direcção habil e zelosa, poder-se-hão tornar nocivas para o futuro, quando dominarem outras pessoas, por isso que d'ellas necessariamente devem emanar tristes abusos, que talvez compromettam a sorte do estabelecimento.

Os *Monts de Pieté* são principalmente estabelecidos para favorecer as classes necessitadas da sociedade. Seu fim principal, e rigorosamente unico, consiste em emprestar dinheiros sobre penhores e joias. Todas as vezes, que se perder de vista este fim, todas as vezes que se dividirem as operaçoes, o futuro do estabelecimento enluta-se e torna-se ameaçador. Demais, os creadores de identicos estabelecimentos sao unanimes em concordar, que sendo seu fim o socorrer e auxiliar com sommas pecuniarias aquelles que, tendo metaes preciosos, ou effeitos equivalentes á estes, não os querem vender e reccorrem á um emprestimo, depositando taes objectos, necessariamente deve a condição de um ser igual á de todos, rechaçada a preferencia, e o valimento de qualquer. Está portanto firmado o principio geralmente adoptado, de que os premios das sommas emprestadas sobre deposito de valores e preciosidades, deve ser o mesmo para todos, igual para todos.

Estes principios foram completamente desconhecidos por aquelles, que dominam o Monte de Soccorro. Nós não fazemos d'isto motivos de censura. Cumpre porem appresentar o facto,

e declarar, que logo que se fez sentir a tendencia de bancalisar-se a associação, logo que se esqueceu o fim principal para que ella se creou, logo que se trocou a operação de emprestimos sobre penhores pela de desconto de lettras e effeitos publicos, logo que se acreditou que a segunda d'estas operações era mais lucrativa do que aquella, as medidas tomadas pela assembléa geral dos accionistas, sob proposta da direcção, foram ficis consequencias d'estes precedentes.

Releva porem confessar, que o Monte de Soccorro tem um fundo muito mesquinho para tornar-se banco, e sobretudo para as operações de desconto. Si quizer marchar n'esta via, augmente seu capital, mude seu titulo, que já lhe não convem, e entregue-se então á todas aquellas operações, que se denominam bancaes. Mas com um capital de 250 contos de rs., com o nome de Monte de Soccorro, que indica sua origem e seu fim, deve seguir o destino, que desde o berço lhe foi marcado, cumpre-lhe amoldar-se a sua sorte e ter em vista, que o seu fim, sinão unico ao menos principal, é o emprestimo sobre penhores e não o desconto.

Até a epocha da ultima assembléa geral dos accionistas o premio estava marcado á 12 por 0/0 amnuaes pelos emprestimos. È o mesmo que o de todos os *Monts de Pieté*, tanto do da cidade de Pariz, como dos de Milão, Venesa e Florença. Decidiu-se porem, por maioria, que se fixasse o minimo de 6 por 0/0, ficando a direcção auctorisada para contratar desde esse preço até 12 ou mais, que poderem obter. Simelhante medida porem nos parece repulsiva, 1.° por que destroe a igualdade, que deve existir entre aquelles que negoceiam com o Banco, e tão bons são os penhores e joias de uns como os de outros; e nem aqui se pode conceder esse grande fantasma, que se intitula *credito*, por que a somma emprestada acha-se segura pelo deposito de valores equivalentes, e mesmo superiores, — 2.° — por que logo que se souber que não ha um premio fixo para os emprestimos, poderão os contractadores obter sempre o minimo, e desde logo nascerão abusos, que farão desapparecer a bôa fé e confiança, de que deve gozar uma associação mercantil qualquer.

Ainda outras razões de desconveniencia poderiamos nós apontar. Ellas porem se tornariam demasiadamente longas, e não tem immediata relação com o objecto, que temos em vista.

Por consequencia, dos principios até aqui por nós emmitidos, julgámos que apezar da prosperidade apparente do Monte de

Soccorro, ha nas reformas, que se ultimaram nos seus Estatutos, um força capaz de comprometter seu futuro destino, si lhe nao obstarem os habeis esforços de seus actuaes directores. O Monte do Soccorro deu á seus accionistas, n'este anno, um dividendo equivalente á 8 por 0/0.

Resta-nos agora fallar sobre as companhias de Paquetes e Barcas de vapôr, e sobre a dos Omnibus. Como porem já este artigo se estendeu demasiado, guardamos para autra occasião o tratar d'estes objectos.

*P. da S.*

---

# POESIA.

## APOLOGO.

### MANÉ SAPO, DONA COBRA E UM CISNE.

Mané sapo, oh que sapo que não era!
Velho como os tresentos,
Impertinente, ratão e até chifrudo!
Em charco immundo ao despontar da noite
Dos cantores sapaes rouca sonancia
Elle regia, — e bem acreditado.

Astuta cobra ha muito que o bifára,
Si o corpo tachonado aos curvos botes
O destro maganão lhe não furtára
Com rara habilidade;
Pois elle quasi sempre em vendo a cuja
Na lama se sumia,
Ligeiro como um sapo.

---

De ameno lago as aguas chrystalinas
Um dia esbelto cisne ia fendendo;
E a candida plumagem sussurrando,
Recamada de aljof'res resplendia,
Por entre as ondas que encrespava o zephyro.

---

E nhô sapo que ha pouco escafedêra
As traças viperinas,
Vendo o cisne nadar com tanto garbo
Comsigo diz: — aposto que tão bello
Não é como eu por certo, — ora já viram!
Mas não sei como foi, — sobre um regato
Lançando a torva vista in continenti,
Fita os olhos em si, — era tão feio
Que elle proprio o conhece: — coisa rara!

---

Então a inveja surge-lhe no peito,
E não podendo equiparar-se ao cisne,
Intenta ao menos conspurcar-lhe as plumas
Co'a lama em que continuo se chafurda.
Eis remexe no lodo e mais se affunda,
Eis intenta voar, e as pernas presas,
Os braços encolhidos, corpo guenzo
Tudo ajuda lhe nega!
A bilis se exaspera,
Sae-lhe da boca em gosma atro veneno,
E nos olhos vidrados lhe chammeja

A ira endiabrada ;
E o papo se dilata , e a voz se extende ,
E o rouco echo dos paúes visinhos
Atordôa as florestas.

---

Tamanho espalhafato , tanta bulha
Não podia deixar de pôr á lerta
Quem por sapos se lambe.
Dona cobra á espreita só bispava
Ensejo de papal-o ;
Forma o bote veloz, e o bom do sapo
Presto , presto na boca se lhe encaixa.

---

Quanta gente conheço como o sapo
Que infeliz não podendo
O vôo altivo desferir nos ares
Como o genio celeste ,
Abocanhando-o , perfida se vinga !
Como se enganam — nescios !
Serena a lua vae do ceo caminho ,
Emquanto ao brilho seu late o molosso !

---

Quanta gente não morre pela boca
Como o pobre Mané enfatuado !
Si certos malandrinos
Não déssem tanto emprego á taraméla ,
Ninguem lhes reparára nas orelhas !

*F. R. da S.*

---

# ODE.

## O CARRASCO.

Omnibus est odio crudelitas, et amori pietas, et clementia. — Cicero.

Eia, musa desçamos
A ensopar o pincel na côr do inferno!
O coraçāo que é d'homem
Fuja de ouvir-me, trema d'escutar-me....
São puro horror meus versos denegridos.

Ao som de surda grita,
Por entre a multidão espavorida
Vinha o réo ao patibulo!
Cumpra-se a lei! — que fez? — .....
.....

Que transportes que eu sinto!!
Tumultua-me o sangue pelas veias:
Meus olhos cobiçosos,
Anhelando o espectaculo nefando,
Empanam-se, medrosos de encontral-o!

Eil-o que move os passos,
Um por um que o coração lh'os veda!
No seu rosto convulso
Pintada a morte com vizagens feias
Aggrava mais e mais o horror do transe.

Que montão de fantasmas
Se ergue de toda parte ao desgraçado!
No funebre atahúde
Negreja a imagem de futuro ignoto,
Que no escuro dos tumulos se aplaina.

Um só momento apenas
Da eternidade lhe separa o tempo!
No cimo do patibulo
De atropelar-lhe a vida d'um momento
Sentada a morte está surrindo anciosa! . . .

Mas que força violenta
Do cadafalso me retira os olhos?
Que mais horrores faltam
Que nova atrocidade para o quadro?
— Não vês! — lá tens o horrido carrasco!

Descae mão da segure
Sobresaltada de pavor a morte!
Precipita-se em terra,
E de longe volvendo o rosto squalido,
Encara o monstro e pasma d'avistal-o!

Eu o vi sem turbar-se
Da victima infeliz galgando os hombros,
Com frenesi não visto,
Aridos olhos, o semblante alegre,
Contar suspiros, numerar-lhe as ancias! . . . .

Ès monstro mais que um tigre,
— Que a naturesa não produz carrascos: —
Esse peito de bronze
Essas ferrenhas, asperas entranhas
Ai! só póde formar a mão dos homens!

A musa horrorisada
Não póde proseguir, — das mãos me arranca
A criminosa lyra:
E fazendo-a pedaços, foge e brada
Que finde aqui com lagrimas meu canto.

A. Augusto de Queiroga.

Esta ode foi feita em S. Paulo, em 1833, por occasião da execução d'um escravo.

# VARIEDADE.

## DIARIO D'UM MEDICO. (*)

### Iº

### O jovem doutor.

Não sei si ha profissão que ao observador offereça mais recursos, ao philosopho mais objectos de meditação, ao amigo de seus simelhantes mais motivos de pensamentos dolorosos ou consoladores, do que a profissão de medico. A seus olhos desenrola-se a historia secreta do homem. O exercito, o foro, o clero, a côrte não tem os mesmos meios de penetrar nos mysterios da vida humana, que se mostra aos que seguem estas diversas carreiras adornada, brilhante, corada, muitas vezes mentirosa. A dor porêm, grande reveladora, rasga todos os veos com que a civilisação nos decora e involve. A voz lastimosa da humanidade soffredora não dissimula: o medico a ouve e interpreta; essa linguagem sôa diariamente a seus ouvidos. Ao pratico intelligente e dotado de sensibilidade natural são conhecidas todas as nossas miserias, e tambem se revelam nossos mais nobres pensamentos. Heroismo secreto e que se esconde a todas as vistas; prodigios de constancia moral e de resignação aos golpes da dor; manifestação diversa do character humano; horriveis combinações de todas as agonias physicas, alliadas ás penas d'alma para abater-nos e esmagar-nos; scenas patheticas da vida

(*) A Revista Nacional e Estrangeira pretende publicar todos os artigos que com este titulo tem sido estampados nos periodicos inglezes, e julgam seus redactores que com isto darão gosto a seus leitores.

privada, desgraças nascidas de nossas faltas, erros engendrados por nossos infortunios; nada do que de mais intimo tem nosso destino é ignorado pelo medico que sabe vêr, que sabe comprehender seus simelhantes e com elles sympathisar.

Tem todas as outras profissões publicado suas memorias; conhece-se a vida dos campos e a dos palacios; essas existencias de pompa externa e de vaidade satisfeita ou ferida tiveram seus historiadores. Nem um medico ousou ainda dizer ao mundo uma parte do que viu. A riqueza e profundidade d'esta mina, que se não tem explorado, parece amedrontar aquelles que poderiam aproveitar-se d'este thesoiro. Haverá outra mais fecunda em incidentes e em lições tocantes? O leito da morte em que repoisa o homem de bem que morre na pobreza; a cama de seda, theatro de soffrimento para o homem opulento que uma vida má condemna a soffrer, deixarão de instruir e interessar? Não certamente; ha porem nas observações que se apresentam á sagacidade d'um medico cousas tão serias e tão tragicas que elle comummente se apraz em riscal-as da memoria: teme-se que revelações muito dolorosas não resaltem d'essas recordações comparadas entre si. É de mister coragem para reunil-as, e alguma força d'alma para as contemplar.

Um doutor de Edimburgo, que morreu recentemente e cujo nome devo calar, bem que esta precaução necessaria possa obrigar meus leitores a confundil-o com essas personagens ficticias de que são creadores os romancistas; esse doutor que se havia educado em Edimburgo, cidade estudiosa, e cujo talento se tinha desenvolvido em Londres, consignou em uma serie de *Memoranda*, que se acham em minhas mãos, as observações moraes, os incidentes, os characteres, os quadros domesticos, cujos materiaes lhe foram offerecidos por sua longa pratica. N'estas recordações é tudo real: por isso tem os inconvenientes e o merito que traz comsigo a realidade. Estravagantes muitas vezes como o destino, muitas vezes crueis como elle, contem mais d'uma pagina revoltante para o coração, horrorosa para o pensamento. Não temi folheal-os e extrahir os mais notaveis fragmentos. Não se procure n'elles algum dos recreios da ficção: trata-se de verdades, e de verdades tristes; nada foi arranjado para produsir effeito, nada foi combinado para comprazer o leitor.

Um grande numero d'estes fragmentos, relativos a pessôas vivas ou a observações puramente pathologicas, devem ser por

mim suprimidas; outros, que conservei, serão offerecidos ao publico com o necessario desfarce de algumas iniciaes suppostas. Mas, eu o repito, não ha motivo para confundir estas recordações com as narrações que a imaginação se apraz em crear; por pouco que se queira comparar estes esboços com as personagens e os factos que nos cercam, reconhecer-se-ha que seu character especial é uma verdade nua e austera; é tambem esse, confesso, seu maior merecimento, mas elle supre muitos outros.

---

PRIMEIRO FRAGMENTO. — Estas paginas, destinadas a conservar a lembrança das dores que pude aliviar, e das que minha arte tentou em vão amortecer ou extinguir, começarão pela narração de meus proprios infortunios.

Á mor parte dos moços inspira-se uma ideia cuja falsidade lhes é muito nociva, quando se lhes persuade que basta-lhes o talento para chegar á riqueza e a gloria. Não ha situação mais triste, por exemplo, do que a do medico novo que vem a Londres, sem amigos, sem dinheiro, sem protectores. Quantos esforços não faz para conquistar esse patrocinio tão necessario! e quantas vezes esses esforços desgraçados vão ter á desesperação e á miseria! N'este paiz de aristocracia e de moda, não se adquire clientella, si entre os poderosos e os ricos se não encontra esse apoio que tão frequentemente negam ao talento modesto e desconhecido. Experimentei todas as angustias d'uma tal situação: meus trabalhos e meus esforços foram por longo espaço estereis. O acaso foi só quem me salvou.

Descendente d'uma familia pobre, cujos recursos se haviam esgotado para dar-me a educação medica, sobre a qual repoisava meu futuro, achei-me em Londres aos 26 annos, com 100 lib. st. (800$000 rs.), possuidor d'algumas obras scientificas, e casado com uma moça da minha terra natal, que, no ardor d'uma paixão imprevidente, eu havia ligado a minha sorte. Emilia era pobre: um character angelico, um rosto cuja doçura e encanto bem pintavam a dedicação e admiravel candura de sua alma, tinham seduzido minha inexperiencia, e ambos nos unimos sem temer o abysmo que diante nós abria o destino. Serei eu, dizia commigo, o creador de minha fortuna e de sua

felicidade : este pensamento me ennobrecia , esta esperança me encantava. Com enthusiasmo e perseverança me havia eu dado ao estudo de minha profissão ; e , em tamanha cidade , poder-me-hiam faltar occasiões de aproveitar meu saber e de fazer-me conhecido?

Entretanto era precioso viver ; meu thesoiro não estava em proporção com minhas necessidades : eu sentia que para obter alguma confiança e collocar-me na linha dos meus collegas, não devia despresar as apparencias externas. Meu pae , a força de economia , tinha-me constituido uma renda pequena. A generosidade d'um Judeu , ao qual me recommendou um mancebo que fôra meu condiscipulo , avançou-me , não sem trabalho e sem supplicas da minha parte , tres mil libras sterlinas , com o modico juro de quinze por cento, e com condição de poder resgatar minha renda no espaço de cinco annos.

Eis-me senhor d'este capital ; nunca minha bolça tinha visto tanto dinheiro. Não era sem uma especie de temor que eu tocava n'esta somma que compunha toda a minha opulencia e toda a esperança de minha vida. A confiança é attributo da mocidade ; desviei do meu espirito os tristes pensamentos que o haviam por um momento atormentado : em breve viu-se brilhar na porta d'uma caza modesta , porem aceada , situada em um quarteirão aristocratico (*), meu nome gravado em uma chapa de cobre luzidio (**), e precedido do titulo de doutor. Uma stricta economia presidiu a todos os meus arranjos domesticos. Principal locatario da caza, cedi a um velho celibatario que voltava das Indias o primeiro andar do edificio, e esperei a fortuna com toda a paciencia. Seis mezes se passaram assim.

Apenas dois ou tres doentes da ultima ordem recorreram a meu saber : eu me achava perdido n'este oceano da capital. De dia passeava ao acaso pelas ruas, como si numerosas visitas houvessem reclamado minha presença : a noite esperava-me em casa a felicidade domestica : Emilia e eu nos bastavamos um ao outro. Mas que seria de nós quando os fundos adiantados por Amos L*** (é o nome do Judeu) houvessem desappa-

---

(*) Sabe-se que a parte Este de Londres é reservada ás pessôas do commercio , e que o Oeste da mesma cidade é habitada pela aristocracia.

(**) Estas chapas de cobre com o nome do proprietario ou principal locatario acham-se em todas as portas.

recido, absorvidos pelos juros enormes que elle tinha exigido e pelo pagamento do aluguel da caza ?

O horisonte em vez de esclarecer-se, ia-se cobrindo de mais expessas nuvens. A lista de meus doentes era curta, eu estudava minha arte, e não conhecia os recursos da intriga. Minha loucura, minha imprevidencia começava a apresentar-se a meus olhos sob suas côres verdadeiras. Em vão me consolava Emilia e me fazia esperar por melhor futuro : em suas doces palavras eu não via sinão uma prova da bondade de sua alma. Nossos fundos se iam escoando a despeito de nossa parcimonia. Insensato ! perdia-me o pouco conhecimento que tinha do mundo, e, segundo toda a apparencia, sem esperança de salvação. Acreditava eu que para ser medico e para ter doentes, bastava fazer conhecer ao publico a profissão que se exerce, e cumprir com talento os deveres que ella impõe. O desengano foi cruel.

Redobrei de exforços para introdusir-me em algumas casas ; tentativas inuteis ! Eu era muito moço ; ninguem confiava em mim ; não tinha carruagem : minha mulher trajava com simplicidade, e meu exterior, despido de graça, militava contra mim. Lembrem-se os medicos moços d'este aviso : uma figura nobre, agradavel, franca, a elegancia das maneiras, são as primeiras necessidades de sua profissão. As portas que se fecham a um doutor maltratado pela natureza offerecem facil accesso ao medico que se apresenta bem. O primeiro dos dois póde curar seus doentos : o ponto importante porem é comprazer-lhes.

A somma de minha receita no primeiro anno tem alguma cousa de comico e de ridiculo em sua exiguidade. Havia eu mandado ao redactor em chefe d'um periodico algumas notas medicas : minha mulher, que possuia espirito cultivado e fôra bem educada tinha mandado para o mesmo diario alguns versos compostos por ella. Estas elucubrações tão pouco importantes valeram-nos durante o anno a somma de 30 schellins (12$000 réis). A especie de triumpho que tinha alcançado meu ensaio de litteratura medica inspirou-me outra ideia. Julguei poder imitar muitos dos meus collegas que começaram sua fortuna pela publicação de alguma obra, atrahindo com ella o favor do publico. As enfermidades dos pulmões tinham sido para mim objecto de estudos especiaes e de experiencias. Trabalhei por espaço de seis mezes para pôr em ordem os materiaes que havia colligido : Emilia ajudava-me, animava-me. Minha secretaria, apezar da fraqueza de sua vista, escreveu duas vezes, com seu

proprio punho, toda a obra. Como pulsava nosso coração quando vimos a obra terminada! que esperanças se prendiam a esse manuscripto! que perspectiva de felicidade e de fama, si ella fosse bem succedida! Era porem necessario imprimil-a; fui a caza d'um livreiro, editor de obras d'esta natureza, e fui recebido com uma notavel polidez. Ouviu sem impaciencia o desenvolvimento de minhas ideias, discutiu commigo com toda a complacencia os pontos principaes da theoria nova que eu propunha: parecia-me haver excitado seu interesse. Eu via esses olhos pardos e embaceados do commerciante e do especulador fitarem-se em mim com uma expressão de benevolencia; e quando esperava que se encarregasse da publicação de minha obra, ah! elle tirou gravemente seus oculos, e assegurou-me que sua determinação estava tomada, e que jamais, fosse qual fosse o pretexto, publicaria obras de Medicina por sua propria conta.

— É essa, disse-lhe eu com dor, vossa definitiva resolução? — Minha voz recusava-se a pronunciar estas palavras.

— Sim, respondeu-me o livreiro, definitiva!

Metti o manuscripto na algibeira, e parti com a alma desesperada. Minha mulher que sabia que minhas derradeiras esperanças repoisavam na venda da minha obra, esperava-me a porta da loja do livreiro. Sua vista incommodou-me; não tive força para fallar-lhe. Todavia consolou-me a dedicação que ella me testemunhou; era sempre ella quem fazia brilhar a meus olhos alguns raios de esperança. Cobrei animo, e no outro dia fui offerecer a muitos outros editores meu tratado sobre as molestias dos pulmões. Despediram-me uns sem ceremonia: aconselharam-me outros que empregasse meus cuidados a minha clientella, e renunciasse o officio de autor. Ser eu o proprio editor da obra era perder-me. Eu não tinha relações litterarias; e minha obra, morta ao publicar-se, não acharia nem um periodico que a elogiasse, nem um comprador que lhe apreciasse o merito. Entrei em minha caza; minha desesperação era profunda; atirei-me sobre a cadeira, e o desgraçado manuscripto, lançado por uma mão furiosa, foi cahir no fogo; assim acabaram seis mezes de trabalho! Pobre Emilia! em vão procurou salvar os restos da obra: a mór parte estava já consumida: e eu via diariamente ir-se abrindo o abysmo em que minha vida, minha mocidade, e a vida e mocidade de minha jovem companheira deviam precipitar-se.

Esperava que a decencia e a tranquillidade de meus habitos, a regularidade de minha vida, inspirariam alguma confiança aos habitantes da visinhança. Os verdadeiros segredos da arte me eram desconhecidos: si vissem parar a minha porta, diante de minha casa, uma longa fila de carruagens, si minha salla, aberta a todos os fatuos da cidade, fôsse o logar de parada das pessôas de bom tom; si a protecção de algum medico da moda me houvesse feito entrar nos salões da aristocracia, e me tivesse dado sua approvação, meu destino teria mudado de face. A associação e recommendação faz tudo em Inglaterra. Perdia-me minha solidão.

Duas ou trez vezes fui chamado para ver doentes agonisando: um expirou no momento em que eu me chegava para elle; os outros tinham cessado de viver quando cheguei a suas moradas. Criados, porteiros, aias, compunham minha minguada clientella. Era preciso atravessar os pateos dos mais bellos palacios, e ir visitar, em suas aguas furtadas, a esses desgraçados que não tinham por fortuna sinão seus salarios, e por unico recurso seu trabalho. Era necessario resolver-me a aceitar o modico salario que minha humanidade quereria deixar-lhes. Eu estava exposto a mais irritantes humilhações. Como se sabia, no quarteirão em que eu morava, que minha clientella não era nem brilhante, nem muito numerosa, a fama me assignalava como um medico sem doentes; e esta triste fama acabava de perder-me. Um dia que o herdeiro d'uma grande fortuna e d'um bello titulo me mandou chamar, achei este joven *dandy* estendido desdenhosamente sobre um sofá. Diante d'elle, deitada em um coxim de veludo, estava uma bonita galga, favorita de seu senhor. Uma chicara de café, que o mancebo saboreava lentamente, absorvia toda a sua attenção: entro: sem levantar os olhos, elle me indica com o dedo a galga enferma (*); depois, descançando a chicara, deita-me a lunêta. Não fui senhor de minha indignação e revoltado por tal excesso de impertinencia, sahi imme-

---

(*) A mesma aventura aconteceu ao celebre doutor Abernethy. Chamado por uma velha da alta sociedade para curar seu macaco favorito, que tivera uma indigestão, viu elle no mesmo quarto uma creança singularmente vestido, neta da dona da caza. Este homem singular olhou alternativa e attentamente para as duas personagens: depois tomando-lhes o pulso a um e a outro, disse com ar grave: "Senhora, os unicos remedios que receito para os Snrs. vossos filhos é que se conservem em dieta e tomem chá." E foi-se immediatamente.

diatamente. Trez annos depois, encontrei o *dandy* em caza d'um dos meus amigos; não foi o menor adversario que tive: os obstaculos que me suscitou sua malignidade travaram por muito tempo minhas vantagens e os progressos de minha fortuna.

Algumas semanas depois, chamado em consulta com um doutor celebre, julguei que esta circumstancia, provando a um de meus collegas, mais avançado que eu na carreira medica, a minha capacidade, o empenharia a servir-me. Não contava com a condescendencia ultrajadora que me elle testemunhou. Eu tinha feito uma observação muito justa, pronunciada com a modestia exigida por minha posição.

— Pensaes, me disse esse homem com arrogancia, que ha apoplexia?

— È de temer que ella sobrevenha, respondi.

— Mancebo, continuou elle, dirigindo para a mulher do doente um olhar em que se pintava insolente compaixão, douvos minha palavra de honra que uma apoplexia e uma epilepsia são cousas inteiramente distinctas.— È o que vos digo, senhor.

Estas palavras acompanhadas com um ar de desdem impossivel de descrever, produsiram seu effeito. A caza em que eu estava me foi fechada d'ahi em diante: bastou, para tirar-me a confiança e banir-me d'essa familia que eu conhecia apenas, uma phrase de despreso.

Que fazer? dei liçōes de grego e de latim a um moço, par do reino, que não pôde elevar-se até a comprehensão do aoristo de *tymtó*, e parou nas primeiras regras da syntaxe latina. Um estudo tão fatigador o dissuadiu de sua pretenção; perdi meu discipulo. Meus recursos se iam esgotando. Emilia, o anjo protector de minha vida, continuava a livrar-me, por sua admiravel dedicação, dos golpes da desesperação; mas, por perspectiva, eu só tinha, depois de tantos exforços e privaçōes, a prisão e a miseria. Amargos pesares envenenavam toda minha existencia. A vida do soldado tão triste e tão penosa seria melhor para mim do que essa vida de esperanças vāas e de dores pungentes. Minhas dividas se accumulavam; o estado de gravidez de minha mulher augmentava nossas despezas e acrescentava meu pezar com a impossibilidade em que me achava de fazer face a tudo quanto tal situação exigia de mim. A mais rigorosa economia, junta a uma anxiedade sempre crescente, esgotava nossos exforços e deteriorava nossa saude. Mil pensamentos dolorosos luttavam em meu espirito: mil planos chimericos eram

o alimento esteril com que se nutria minha desesperação. Eu queria estabelecer um periodico medico, professar publicamente a Medicina, offerecer meu prestimo a um medico mais acreditado. Faltava-me dinheiro: restavam-me sómente 300 lib. str.; devia pagar ao velho usurario 450 libras de renda annual. Tal era minha situação desesperada.

Abrir-se-ha a meus passos uma estrada de repoiso e de bem estar? Tudo parecia desviar-me d'ella. Outros mais habeis teriam aproveitado com destreza os menores accidentes que a sorte lhes offerecesse. Eu não sabia nem aproveitar os acontecimentos, nem elevar-me por meio do charlatanismo ordinario. O trabalho e a perseverança tinham sido os unicos apoios, com que havia contado, — apoios bem frageis! Eu vivia em uma anxiedade forçada e em uma ociosidade febril: previa o instante em que a sociedade me regeitaria de seu seio, como um ente nocivo e malfazejo; incapaz de pagar a meus credores, eu ia perder até o derradeiro recurso do homem honrado, minha reputação

Um dia, acabrunhado por estes tristes pensamentos, fui sentar-me em um dos bancos do parque St. James, e crusei os braços; apathia mortal se apoderou de mim. Comparava a sorte d'essas creanças e d'esses trabalhadores que passavam, d'esses soldados marchando a compasso ao som do tambor e do pifano, d'esses meninos que brincavam na relva, com meu proprio destino, e não podia suffocar a força de minha dór, nem fazer secar as lagrimas que me opprimiam. Todos esses entes eram mais felizes que eu. Pensava em Emilia, n'essa creatura tão delicada e tão terna, que eu tinha pêrdido, desposando-a. Não me atrevia a voltar para caza; sua resignação cortava-me o coração. Que era feito d'essas chimeras enthusiastas, d'esses bellos sonhos a que me havia dado? Uma creança ia nascer o devia chamar-me seu pae; e faltar-me-hão todos os meios para sustentar sua debil existencia!

Um velho, cuja tosse frequente annunciava disposição asthmatica, veio sentar-se junto a mim; viu meu abatimento, e, por uma pergunta feita com benevolencia, entrou commigo em uma conversação que eu não teria podido sustentar, si me não houvesse fallado de sua molestia. Este objecto, de que eu me havia occupado com especialidade, excitou minha attenção, e respondi como medico a muitas questões que me elle dirigiu. Ouviu-me com attenção, informou-se de minha moradia,

e depois d'uma meia hora de consulta ao ar, offereceu-me um guineo, que minha altivez recusou. Poderia apreveitar-me d'esta occasião, e, apresentando-me no dia seguinte com audacia em casa d'este doente que me mandava o accaso, abrir caminho para uma situação menos precaria. A desgraça é timida: não me attrevi a perguntar ao velho onde morava. Seu criado veio dizer-lhe que o esperava sua carruagem; e eu fiquei mais dolorosamente sensibilisado do que nunca, persuadido que minha ruina seria o infallivel resultado de minha má fortuna, combinada com minha má vergonha.

Darei aqui circumstanciada noticia de todas as humilhaçõe, de todos os desappontamentos que pesaram sobre mim, de minhas visitas inuteis aos medicos acreditados, do que soffri á medida que meu fraco peculio se ia esgotando, de minhas angustias junto ao leito de minha mulher, da especie de estupor e idiotismo a que me arrojou a certeza de meu proximo desastre? Que ha ahi de mais cruel do que caminhar com olhos abertos e com passos que não é possivel impedir, para um abysmo inevitavel! No meio do luxo brilhante d'esta metropole, um homem bem nascido, educado para uma profissão liberal, ia morrer de fome em toda a extenção d'esta expressão, em todo o horror d'esta palavra!

É em uma d'estas situaçõe que a mais amarga misantropia se apodéra do homem desgraçado. A tarde passeava pelas longas ruas de Londres: a abstinencia, que me privava de forças, exaltava minha sensibilidade moral; a athmosphera escura e pesada, o ruido monotono e lugubre das carruagens rodando ao longe pareciam cazar-se com a cor funebre de minhas ideias, com minha estupida resignação. Os proprios animaes, sustentados pelo homem que os emprega, achariam na caza de seus donos os alimentos que me faltavam; o assassino recebia de seus carcereiros a ração ordinaria; e eu ia definhando sem haver comettido outro crime, outra falta do que a de minha ridicula confiança para com uma sociedade egoista, frivola, corrompida, sedusida pelo charlatanismo, destituida de interesse pelo talento não protegido. Com que amarga ironia contemplava eu meus vestidos, mentiroso indicio d'uma abundancia que eu não possuia, väa e absurda libré que só me inspirava compaixão!

A crueldade que os homens usam para com seus simelhantes é raras vezes o resultado d'uma maldade premeditada; é por vaidade, por leviandade, por personalidade, que elles fasem

mal: é sobretudo por esse ciume de officiaes do mesmo officio, sentimento odioso que desde a primeira idade nos inspiram com o nome de emulação, e que tão funestos fructos produz. O velho valetudinario que eu havia encontrado no parque St.-James mandou-me chamar um mez depois de nossa entrevista: sua saude peiorava; minha conversação lhe havia inspirado alguma confiança. Elle era rico; tratei-o durante a ausencia momentanea de seu medico ordinario. A volta d'este destruiu de novo minhas esperanças. A introducção d'um medico moço que lhe era desconhecido foi a seus olhos um verdadeiro crime: testemunhou sua admiração, seu descontentamento, seu mau humor. O doente teve medo de seu medico, despediu-me fazendo que me pagassem as visitas que eu lhe havia feito, e poucos mezes depois morreu.

Cem libras esterlinas de dividas, vinte cinco de capital, uma enorme renda a pagar, sem recurso para fazer face a isto... julgue-se do horror de minha posição.

Estas cousas de que me não recordo sem uma especie de estremecimento e terror, perderiam parte de sua utilidade para meus leitores, si eu enfraquecêra as sombrias côres d'este doloroso quadro. Vi-me obrigado a despedir minha criada. Emilia subjeitou-se, sem murmurar, á necessidade de servir e arranjar a caza; e, quando eu vinha de fóra, quando eu a encontrava occupada nos mais humildes cuidados do arranjo domestico, quando eu apertava-a de encontro a meu peito palpitante, que lagrimas amargas e ardentes corriam de meus olhos!

Tinha eu em Londres um parente em grau remoto, cujo orgulho aristocratico tinha sido sempre para mim uma especie de espantalho. Decidi-me a ir procural-o: elle viajava pelo continente: escrevi-lhe; minhas cartas não tiveram resposta; uma de suas tias, solteira velha e devota, tendo ouvido fallar de minha situação, mandou-me dez libras sterlinas dentro d'uma carta em que me testemunhava sua compaixão com insolencia, e prohibia-me que jámais me dirigisse a seu sobrinho. Acabrunhado por tantos desdens ultrajadores, eu ia perdendo toda a confiança que tinha em mim mesmo. O sentimento da dignidade humana esvaece-se de nossa alma, perdemos a coragem e altivez, quando a fortuna nos esmaga; parece-nos que ella é justa, e que, sem duvida, merecemos por algum vicio ou alguma incapacidade real e secreta os redobrados golpes com que ella nos maltrata. Um irmão do parente que acabo de citar voltou a

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

Londres: acreditar-se-ha que tive a fraqueza de ir a sua caza? A lição que havia recebido não me tinha ainda instruido da inutilidade, direi quasi da baixeza esteril d'um tal passo. Ai! para mim a questão era de vida ou de morte: d'uma parte via o opprobrio, a morte, para escapar-lhe eu me agarrava ao mais fragil ramo, a mais ligeira esperança.

Minha saude estava destruida, meu cerebro ardente ameaçava-me com uma enfermidade inflamatoria; dieta forçada me havia emagrecido; eu era o fantasma de mim mesmo. Sentia confusamente que ia dar um passo inutil e quasi vergonhoso, depois do acolhimento que haviam recebido minhas cartas. Treniam-me as pernas, meus labios entr'abertos e tremulos testemunhavam toda minha agitação, durante o caminho assaz longo que me condusiu ao esplendido palacio da grande personagem a quem me ia apresentar. O tempo estava magnifico; em torno de mim estava tudo risonho; parecia-me que esta alegria e actividade insultavam minha angustia, que estas cazas magnificas e as sumptuosas equipagens repelliam para longe d'uma sociedade tão brilhante um ente, que, como eu, era miseravel banido, não tinha protecção nem soccorro. Direi que, aproximando-me da porta, senti-me tão fraco, que na impossibilidade em que estava de sentar-me, fui obrigado a entrar em casa d'um boticario e tomar algumas gotas de ether para restituir-me as forças!

Timidamente levantei o pesado martello; um homem de cavallar pescoço entr'abriu a pesada porta, e, vendo que eu estava a pé, sem criado, mediu-me sem me deixar entrar.

— Alguma cousa de seu serviço? perguntou-me elle com um tom grosseiro e familiar.

— O Snr. conde *** está em caza?

— Está; que lhe quer?

— Quero fallar-lhe; respondi com mais firmeza. A arrogancia d'este criado me irritava.

— Creio que não será possivel, continuou elle medindo-me. O Snr. conde entrou esta manhãa as 6 horas, e agora está descançando.

— Poderei esperal-o? Vm. mostrar-lhe-ha meu bilhete, e lhe dirá que tenho de fallar-lhe sobre negocios particulares.

— Volte o Snr. as 4 horas.

— Esperarei, respondi ainda mais irritado.

Fizeram-me entrar. Quem não conhece a insolencia d'esses criados, alinhados nas avenidas que conduzem a morada dos

grandes? Esta insolencia é mais pronunciada em Inglaterra do que em qualquer outro paiz. Sente-se a influencia da aristocracia ingleza, que lhe communica uma côr de ironia fria e insultadora. Os picadores, os criados graves, os servos ordinarios passavam e tornavam a passar por mim sorrindo-se. Odioso supplicio! Numerosas carruagens paravam á porta, seus donos apeavam-se; eram introdusidos nos quartos interiores, e eu ahi permanecia victima dos insultos dos criados.

Duas horas se tinham passado. Ouvi um criado annunciar muitas pessôas; chamei-o e perguntei-lhe porque me não introdusiam, pois já se podia ver o dono da caza.

— Dou-lhe palavra de honra que não sei. — E fechou-me a porta na cara.

Fervia-me o sangue nas veias; bati; voltou o mesmo homem.

— Diga ao Snr. conde que lhe quero fallar.

— É impossivel, respondeu rindo-se.

Fiz todos os possiveis exforços para conservar meu sangue frio: n'este mesmo momento ouviu-se rumor, aproximou-se da porta uma carruagem.

— Si aqui vier lord S***, digam-lhe que sahi para ir a sua caza. Ouviram-se estas palavras pronunciadas com voz imperiosa; a carruagem rodou, fechou-se a porta; tudo voltou ao antigo silencio. Bati outra vez.

— Então já se póde fallar ao Snr. conde ***?

— Elle já sahiu. O mesmo riso sardonico não tinha deixado os labios do criado.

— Porque não lhe fallei? perguntei tremendo de colera. Mostraram-lhe meu bilhete?

— Sim, Snr., respondeu o criado com o maior desembaraço, mostrou-se-lhe, e, lendo-o, elle disse:— *Não tenho tempo de ver esse senhor.*

Eram muitos ultrages ao mesmo tempo. Corri para a porta e precipitei-me na rua. Tres annos depois, este homem, que com tanta dureza me tinha fechado sua porta, morreu de uma apoplexia. Elle era jogador: um accesso de colera, consequencia d'alguns lances desfavoraveis, custou-lhe a vida.

Continuar, sem omittir alguma particularidade, esta longa narração de penas pungentes e de injurias que me era preciso devorar, não será expôr o leitor ao mesmo supplicio que eu soffria? Os poucos soccorros que eu recebia vinham com a forma de esmolas, e eram acompanhados com cartas insultadoras;

um de meus collegas mandou-me *um guineo* com o bilhete seguinte; não será inutil acrescentar que meu correspondente, ao qual me havia dirigido na esperança de ser por elle introduzido em algumas cazas ricas, tirava de sua profissão oito a doze mil libras sterlinas de renda annual.

« O doutor R.... em nada pode ser util ao doutor... Incluso n'esta carta remette um guineo, e tem a honra de lembrar-lhe que se expõe a uma ruina certa quem entra sem recursos pecuniarios na carreira em que o doutor . . . não deveria entrar. »

Soou finalmente a hora fatal, prevista havia tanto tempo, e que nada podia retardar; estavamos na vespera do dia em que Amos, o usurario, devia vir receber os juros exorbitantes que tinhamos convencionado. Dez schellins me restavam; minha mulher amamentava uma desgraçada creança, nascida n'estas deploraveis circumstancias. Determinei-me a fazer uma derradeira tentativa, indo ter com o locatario de que já fallei, e que occupava nosso primeiro andar. Era um d'esses homens caprichosos que nos manda a India, estrangeiros para o resto do mundo, asiaticos pelo que toca á sensualidade, inglezes pela altivez e reserva, congratulando-se por não agradarem a ninguem, de não obrarem como os outros e de não ouvirem a quem quer que seja. Era para ver esse homem de bronze, essa estatua esverdeada e immovel, postar-se por de traz d'um immenso paravento, que o protegia ao mesmo tempo contra o vento encanado e contra as visitas, dois objectos de seu terror e de seu odio. A flanella o cobria desde a cabeça até aos pés, um grande fogo ardia diante d'elle nos dias caniculares. Não cessava de anathematisar o clima das Ilhas Britannicas; um *boné* de pelles cobria-lhe toda a cabeça e chegava ao colarinho. Posto diante d'elle por duas horas inteiras, um Hindou (*Klinkapôre* ou *Glingapôre* era seu nome) cantava não sei que melopea lugubre, monotona que o amo ouvia com extase: o desvario de seus olhos que o sol do tropico tinha privado de sua rectidão, mas não de seu brilho; a contracção d'este rosto encolhido e cortado de rugas, offereciam então um espetaculo estranho. Uma personagem tão pouco social não tinha attractivos para mim; apenas me tinha dito, depois que me conhecia, algumas palavras, e pareceu sempre repellir de proposito qualquer ideia, qualquer tentativa de intimidade entre nós.

O pedido d'um emprestimo de dinheiro, feito a tal pessôa, era uma loucura que jámais teria entrado na cabeça d'um ho-

mem senhor de seus sentidos. Já por duas vezes seu escravo me havia chamado para curar seu senhor, cuja saude fora comprometida pelas comidas indias de que se alimentava o nababo (*). Em paga de meus serviços, elle me tinha dado um bambu da China velho e um leque; objectos raros, dizia elle, porem muito feios e que para nada me serviam. Póde-se adevinhar com que embaraço fiz a este homem minha confissão, e pedi-lhe que me emprestasse 300 libras sterlinas; offereci-lhe por penhor o montante do aluguel que se fosse vencendo até a concurrencia da somma.

— Ai, meu Deus! exclamou o velho a quem minhas palavras pareciam encher de terror.

— Tenha a bondade, disse-lhe eu, de desculpar a indiscrição d'um tal pedido.

— Toma-me por um usurario, doutor?

— Não, senhor; tenho-o por um homem honrado, que pode, sem arriscar cousa alguma, obsequiar um homem de bem.

— E pensa vm. que eu voltei das Indias para dar meu dinheiro a qualquer que m'o viesse pedir?

— Senhor!...

— Está acabado; eu não empresto. E fechou-me a porta.

No outro dia chegou o usurario. Deus sabe o que experimentei, quando, com passo que a idade enfranquecêra, e que a cobiça precipitava, elle subiu a escada. Palido, abatido, porêm calmo como a desesperação, disse-lhe que n'aquelle dia não lhe podia pagar, mas que no dia seguinte... ah! eu não me atrevia a concluir. Seu olhar penetrador interrogou-me, e elle se retirou sem dizer palavra.

Trez dias depois, era o dia de Natal, eu tinha despendido meus ultimos schellins para offerecer á minha pobre Emilia um jantar menos succinto, e, com a alma magoada, eu me sentava á meza em que haviam algumas comidas menos grosseiras do que aquellas a que estavamos acostumados, quando bateram dous homens a porta: com a mais exquisita polidez, apresentaram-me uma tira de pergaminho; era um mandado de prisão. Emilia cahiu desfallecida; os officiaes de justiça permittiram-me que eu ficasse mais alguns instantes junto de seu leito. Que

---

(*) Alcunha dado, como se sabe, aos Inglezes que voltam das Indias: é este o titulo dos principes, vasallos do Grão Mogol.

meia hora a que succedeu á minha partida ! eu sentia meu coração apertar-se, como si uma mão infernal tivesse secado o sangue e feito parar a palpitação. Em breve uma *caza de deposito* (*) foi meu asylo. Persuadidos que eu tinha dinheiro, e que recusava comprar-lhes as attenções que vendem tão caro, os guardas d'este logar me deixaram, em um tempo frio, sem coberta, sem lençóes e sem alimentos. Cahi, extenuado de fadiga, na palha que me devia servir de leito : meu pensamento estava sem movimento e sem acção como meu corpo ; e a lembrança de minha mulher, a de meu desgraçado filho não se me apresentavam sinão como fantasmas armados de punhaes ; eu não tinha ideias, porêm torturas moraes. Esta immobilidade estupida, especie de torpor doloroso, durou até ao outro dia de manhãa : uma voz bem conhecida veio a meus ouvidos; senti-me apertado nos braços d'uma mulher e coberto de seus beijos. Emilia, que não reconheci sinão depois de alguns momentos, tinha obtido do velho locatario de nossa casa o emprestimo de 300 libras sterlinas.

Voltei para minha caza, acompanhado, ou antes sustentado por Emilia; fui immediatamente á morada do nababo ; lagrimas de reconhecimento corriam de meus olhos.

— Ah! Senhor, lhe disse, aproximando-me d'elle, sois meu salvador. . . a vida d'uma familia inteira dependia de vós. Que gratidão seria igual ao favor que acabaes de fazer-me ?

Elle ouviu-me com frieza e respondeu-me :

— Para mim é tudo isso absolutamente inutil. Eu preferiria vosso credito a vossos agradecimentos.

Esta insensibilidade gelou-me ; escrevi e assignei o credito(**), que elle me pedia e sahi depois de o haver saudado.

Em vez d'um credor tive dois ; o tempo correu ; nem uma mudança se operava em minha posição. Minha mulher ia gradualmente cahindo em um estado de infermidade nervosa que me partia a alma de dor. Descrever a situação em que me achei, seria difficil ; eu ja não tinha o sentimento da existencia. Os

---

(*) *Springing-house*, caza em que se deposita o devedor antes de sua prisão definitiva : seu nem um aceio o os impostos odiosos, que ahi se arrancam aos desgraçados, são, dizem, uma das mais vergonhosas chagas da legislação e da penalidade ingleza.

(**) Segundo as leis inglezas o credito d'uma divida, sem epocha determinada para o pagamento, é sempre valiosa para a prisão do assignado.

curtos instantes de meu somno eram um delirio ao qual me arrancava de tempos em tempos a branda voz de minha mulher.

— Cala-te, pelo amor de Deus, por amor de mim, não falles assim! — Estas palavras me chamavam a mim mesmo. Nosso locatario, acabado pelo peior regimen a que um mortal se possa submetter, queimado internamente pelo uso dos aromas e das especiarias, marchava rapidamente para a decrepitude. Eu não tinha o uso de minha razão sinão para prodigalisar-lhe meus desvellos; e era extranha a scena que se passava entre um doente silencioso, rabugento, e quasi ultrajador e um doutor cuja saude profundamente alterada peiorava diariamente. Nós nos fallavamos pouco; elle recebia minhas receitas, executava-as e sahia; a divida que eu havia contrahido para com elle se oppunha a que eu reclamasse o preço de minhas visitas: elle nada me disia a este respeito. O escorpião da fabula, expirando nas torturas d'um fogo que o cerca e ao qual não póde escapar, era um justo emblema de minha vida e de meus soffrimentos. Meu unico desejo era descançar para sempre, com minha desgraçada mulher e meu filho, no estreito jazigo dos mortos. Uma visão funebre absorvia quasi continuamente meu pensamento; eu me acreditava no meio d'um cemiterio, cujos tumulos eram cobertos pelo gelo, e sobre o qual uma mortalha de neve se estendia branca e lugubre.

Certo, si mais dois mezes houvessem passado, teriam naufragado minhas forças intellectuaes, e um asylo de charidade publica se teria aberto a meu corpo. No principio do mez de março, as oito horas da noite, eu me achava em *Haymarket* (*), para onde nem uma occupação, nem uma gritaria me chamava; meus olhos desvairados como meus passos pararam ante um cartaz do theatro; as carruagens vinham chegando em fila, as disputas dos boleeiros, o rumor das pessôas que se apinhavam no escriptorio, não me arrancavam de minha meditação. Um grande grito, partindo do logar em que se achavam as carruagens, chegou a meus ouvidos: corri para esse lado.

Um *landau*, cujos cavallos espantados recuavam, tinha tocado o braço esquerdo d'uma moça que estava em outra carruagem, e quebraria a caixa d'esta, si eu não chegasse a tempo para suster os cavallos espantados: as duas carruagens se desembara-

---

(*) O mercado do feno. O theatro de Haymarket e o grande *opera* dão para esta praça, ou antes para esta grande rua.

çaram; eu dirigi-me logo a moça, victima d'este accidente. Seu hombro estava deslocado, e uma ferida enorme fasia correr o sangue de seu ante-braço. Um homem idoso e uma senhora moça sustentavam em seus braços a moça desmaiada. Dei-lhes a conhecer minha profissão; o conde de B*** fez-me immediatamente entrar em a carruagem. Puz sua filha na posição que lhe devia ser menos penosa, liguei a ferida com minha gravata, e dois criados encarregados de ir procurar M. Cline (*), vieram com elle dentro de breve tempo. De que dependem a fortuna dos homens e sua miseria? são cousas de que o accaso decide. Este accidente tão desgraçado, tão pouco previsto, e no qual um sentimento de humanidade natural antes, do que um calculo de interesse, me fez empregar os recursos de minha arte, mudou inteiramente minha existencia. Shakespeare, observador admiravel de todos os elementos de que se compõe nossa vida, não esqueceu de pintar este *fluxo* e *refluxo* caprichoso a que nos submette a fortuna.

O talento do cirurgião Cline trouxe em breve a uma reducção completa a deslocação do braço. As necessarias ataduras foram dispostas, e eu recebi do conde, com as expresões do mais vivo reconhecimento, um bilhete de dez libras esterlinas. Pediu-me que voltasse no outro dia de manhãa, bem cedo. Figure-se minha alegria quando entrei em minha caza; a violencia de minhas emoções tocava á alienação mental; minha mulher, amedrontada pela extravagancia de meus movimentos, procurou tranquillisar-me; a delicadeza do instincto, de que são dotadas as mulheres, fez-lhe temer que, succedendo a minha alegria um desapontamento, me lançasse em uma desesperação mais profunda: ella soube moderar minha alegria, sem tirar-me a coragem e a esperança.

Mas tudo estava consumado: a sorte cançada de perseguir-me, tornou-se favoravel. A familia do conde, de quem fui medico d'ahi em diante deu-me entrada em muitas cazas nobres. O acaso me tinha offerecido, no momento de minha aflicção, o patrocinio indispensavel sem o qual minha ruina era inevitavel. Vi com inexprimivel alegria minha receita exceder á despeza; no fim d'um anno, não só me achei em dia, como resgatei minha renda e paguei ao meu carrasco, o usurario Amos. Minha excellente mulher appareceu na sociedade de que ella devia ser

(*) Celebre cirurgião de Londres.

o ornamento , aquelles que com mais despreso me haviam tratado foram os primeiros a mostrar-se polidos. Tive o prazer de restituir ao medico de que fallei acima o guinéo insultador com que me havia obzequiado ; minha consideração e meu credito augmentaram sem que meus habitos de economia fossem succedidos por gastos dispendiosos. As severas licões d'uma longa adversidade não foram perdidas para mim. Nosso velho locatario morreu subitamente : a abertura de seu testamento provou que a extravagancia de seu character não o tinha deixado sinão no ultimo suspiro ; elle dividia sua fortuna entre mim e o cantor Klinkapôre, instituindo-me seu legatario universal.

Taes são os lances singulares que me condusiram a uma situação pacifica e respeitavel. Bebi nos successos de minha vida mais d'uma instrucção util : aprendi a estender mão amiga aos meus jovens collegas, a nunca desesperar, a nunca me deixar embriagar pelas promessas da fortuna, nem abater-me a seus revezes.

*Lit. Gaz.*

# MISCELLANEA.

## SCIENCIAS NATURAES.

*Homœopathia moral.* — Quando M. Leuret, um dos melhores discipulos de M. Esquirol, encontra algum individuo que delira com raciocinio e somente sobre um ponto, começa por desmentil-o e o pobre louco mostra-se muito preoccupado, muito humilhado, e as vezes muito colerico por esse desmentido.

« Affirmaes, lhe diz elle por exemplo, que sois marido da duqueza de Berri, acreditaes que sois o filho de Napoleão; d'seis que sois presidente da republica franceza? Creio que não sois um impostor, mas tenho fortes rasões para duvidar de vossas asserções: provae-me a verdade do que diseis. Talvez, acrescenta elle, vos deixasseis enganar por falsas apparencias, ou por testemunhos de pessôas que não characterisarei. Pareceis-me honrado e incapaz de maus procedimentos. Pensae bem! dou-vos dous dias para reflectir no que diseis; como talvez vos custe uma retractação em minha presença e de viva voz, autoriso-vos para escrever-me; talvez responda a vossa carta e isso dependerá de vós! Alem d'isso, elle tem o cuidado de ameaçal-o com a *douche*, punição mais forte e mais temida que se inflige aos doidos furiosos ou recalcitrantes, depois que o illustre Pinel fez suprimir as cadeias e castigos. Devemos diser que o ingenhoso doutor Leuret tem curado muitos loucos raciocinadores, empregando o estratagema logico de que demos uma ideia.

## VACCINA.

*Relatorio da Instituição vaccinica de Inglaterra em* 11 *de fevereiro de* 1839. — Senhor. A enfermidade das bexigas se declarou epidenicamente e com muita gravidade, não somente em Inglaterra, mas em grande parte do continente europeu, desde o nosso ultimo relatorio. Consultando a historia d'esta enfermidade vê-se que ella se tem manifestado em grande epidemia com intervallos de 12 a 14 annos, desde a sua primeira invasão n'estas ilhas e sempre com uma violencia extraordinaria, e terminando frequentemente pela morte, por maneira tal que 45.000 pessôas pereceram em um d'esses annos epidemicos antes da introducção da innoculação em principios do seculo passado. Desde que começou a pratica da innoculação o numero dos mortos foi de 5,000 annualmente; mais depois da introdução da vaccina os casos fataes tem diminuido consideravelmente até que no anno de 1837 se reduziram a 200. Em o anno proximo passado a bexiga reinou epidemicamente, e 800 pessôas morreram d'esta enfermidade que vem a ser um sexto das que succumbiam annualmente durante o exercicio da innoculação, apesar do augmento de população da capital e seus suburbios.

È fora de duvida que se nota n'esta comparação uma influencia benefica, e por isso a nossa confiança na vaccina em nada se tem atenuado. Estamos intimamente convencidos que a vaccina praticada sem discernimento por pessôas ignorantes e sem titulos que não mettiam em conta o estado da saude do individuo, a qualidade da vaccina, nem os progressos e characteres das vesiculas, deve ter sido a causa principal da grande numero de operações infructiferas. Tambem não tem rasão os que sustentam que é necessario recorrer de novo a extracção do virus da doença das vaccas, allegando que a antiga deve já têr perdido a sua força. Pelo contrario a naturesa de um virus não é de degenerar e perder a sua influencia: podemos tambem dar certo testemunho da efficacia da vaccina originalmente introdusida por *Jenner*, experimentada sobre quasi um milhão de pessôas vaccinadas successivamente e das quaes muitos milhares tem sido expostas sem perigo a focos de epidemia variolica. Alêm d'isto ainda que nós por vezes hajamos recorrido á extração da materia fresca e pura tomada das vaccas, com tudo julgamos do nos-

so dever desviar os outros de recorrerem imprudentemente a este meio, visto que o animal é subjeito a outras enfermidades eruptivas, e que podem mãos inexpertas errar na escolha das pustulas.

Os nossos vaccinadores pagos tem vaccinado 18.000 pessôas em o anno proximo passado, e temos enviado para diversas partes do mundo 203.818 doses no mesmo anno. O augmento d'este anno relativo ao antecedente foi de 6.241 dos vaccinados e para as remessas de 70.097. Todas as administraçōes tem sido feitas pelo instituto nacional. — *Assignados.* — Henry Halford. — Leigh Thomas. — Thomas Walson. — Clemente Hue.

---

Uma nova eschola de Medicina estabeleceu-se em Constatinopla no serralho de Galatá. No dia 27 de fevereiro de 1839 teve logar, na eschola, o concurso para a nomeação dos professores destinados á ensinar a lingua franceza, a historia, a geografia, e os elementos de sciencias mathematicas, como estudos necessarios para poderem se inscrever os estudantes da eschola e seguirem as materias medicas e accessorias. Já tem a eschola para mais de 200 estudantes.

---

## PHILOLOGIA.

*Uma lingua historica.* — Sabe-se em que linguagem se exprimia Salomão: temos ainda sua prosa e sua poesia; ignorava-se porem até hoje qual a de que usava a illustre rainha que, do fundo da Arabia, foi fazer uma visita a Jerusalem, atrahida pela fama de magnificencia e sabedoria do grande rei, e querendo certificar-se por si mesmo si elle merecia sua reputação. A lingua que se fallava na corte de Saba foi descoberta por um dos membros da sociedade Asiatica, que se propõe a publicar brevemente a grammatica e vocabulario.

Esta lingua é ainda hoje a de que usam os selvagens de Mahrah no Yemen. M. F. Fresnel, que a descobriu nas montanhas de Hhacik, Mirbât e Zhâfar, na costa meridional da peninsula arabica, deu-lhe provisoriamente o nome de lingua ehhkili, tirado da raça nobre que a falla conjunctamente com

uma raça de *peões* chamados Tsshâri ; mas pensa que o nome scientifico que se lhe deve dar é o de lingua hhimgarita.

È da mesma familia que o arabe, o hebraico, o phenicio, o ethiope ; mas entretanto tem formas que lhe são proprias, que constituem um idioma a parte, e lhe assignam um logar especial na classificação das linguas semiticas.

Esta lingua offerece uma estravagante particularidade: trez das articulações que ella contem, que exprimiremos pelo *dh*, *zh* e *sh*, devem pronunciar-se do lado direito da boca, d'onde resulta, como se comprehenderá, uma contorsão que destroe a symetria do rosto. Si acrescentarmos que ella tem alem d'isso todas as vogaes nasaes francezas e portuguezas, e finalmente que figuram n'ella como no amharico, letras escarradas, o *gh* e o *th*, não haverá difficuldade em acreditar, como o affirma o sabio orientalista, que esta lingua é horrivel ouvindo-se e *vendo-se* fallar.

Pobre rainha de Saba! que terrivel golpe dado á memoria de teus encantos!

---

## STATISTICA.

*População de Londres.*—Em um recenciamento feito ha pouco tempo em Londres, achou-se uma população de 1:400,000 habitantes em 174.000 casas: notou-se que em 940.431 pessoas, havia a seguinte proporção de idades e de sexos.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Até 5 annos. | Masculinos. | 61.284. . . | Femininos. | 60.993 |
| de 5 a 10 . . | « | 48.030. . . | « | 49.907 |
| de 10 a 15 . . | « | 41.072. . . | « | 41.835 |
| de 15 a 20 . . | « | 37.937. . . | « | 48.136 |
| de 20 a 30 . . | « | 75.385. . . | « | 103.433 |
| de 30 a 40 . . | « | 67.938. . . | « | 78.604 |
| de 40 a 50 . . | « | 52.824. . . | « | 54.806 |
| de 50 a 60 . . | « | 32.058. . . | « | 34.663 |
| de 60 a 70 . . | « | 15.513. . . | « | 19.505 |
| de 70 a 80 . . | « | 5.639. . . | « | 7.849 |
| de 80 a 90 . . | « | 986. . . | « | 1.738 |
| de 90 a 100 . . | « | 74. . . | « | 197 |
| acima de 100 . . | « | 9. . . | « | 16 |
| Totaes. . . . . | « | 438.749. . . . . | « | 501.682 |

Foram inscriptos como eleitores nas listas dos departamentos da França 197,598 individuos. O departamento do Sena é o que dá maior numero de eleitores, 16, 871 ; o departamento da Corsega é o que dá menos, 310. Ha em França 85 departamentos.

---

Resulta d'um trabalho estatistico, feito por ordem do prefeito da policia de Paris, que n'esta capital o numero dos hoteis era de 4.967 no 1.° de janeiro de 1839.

---

Em 30 de julho de 1837 o numero dos membros da ordem real da legião de honra em França era de 50.809. Em janeiro de 1839 tinha-se augmentado este numero á 94.377, sendo 286 grão-cruzes, 598 grandes officiaes, 2.053 commendadores, 9.071 officiaes e 82.369 cavalleiros.

---

A população do imperio Russo elevava-se em 1835 á 56 milhões 135.585 de habitantes, sendo 30 milhões 237.352 do sexo feminino; 4 milhões 188.222 habitantes residem na Polonia, 1 milhão 372.122 no ducado de Finlandia, 1 milhão 378.316 nas provincias transcaucasianas, e 61.053 nas possessões russas da America.

---

## CIDADES MAIS POPULOSAS DO MUNDO.

| | | | |
|---|---|---|---|
| Yedo (no Japão) . . . . . | conta | 1.000,000 | almas. |
| Pekim (na China) . . . . . | ,, | 1.500,000 | ,, |
| Londres (na Inglaterra) . . . . . | ,, | 1.370,000 | ,, |
| Hansischen (na Asia) . . . . . | ,, | 1.100,000 | ,, |
| Calcuttá (idem) . . . . . | ,, | 900,000 | ,, |
| Pariz (em França) . . . . . | ,, | 850,000 | ,, |
| Madrasta (na Asia) . . . . . | ,, | 800,000 | ,, |
| Nankim (idem) . . . . . | ,, | 800,000 | ,, |
| Constantinopla (na Turquia) . . . | ,, | 625,000 | ,, |
| Benarès (na Asia) . . . . . | ,, | 512 000 | ,, |

## INDUSTRIA.

*Processo para dar maior valor ás agatas.* — Um lapidario dos Estados-Unidos dirigiu-se a Mr. Lukins para saber se seria possivel augmentar o brilho das agatas communs para lhe dar maior valor e assimelhal-as com algumas que lhe mostrou. Mr. Lukins, sabendo que ha algumas pedras que absorvem os oleos e outros fluidos, tentou a experiencia seguinte: poz de molho algumas agatas communs de Allemanha em azeite durante algumas horas, depois limpou-as e metteu-as em um banho de acido sulfurico (oleo de vitriolo) que fez aquecer até não evaporar mais acido. As agatas depois de terem passado por este processo e lavradas, tinham a côr mais forte, as veias mais distinctas, tendo-se por isso tornado as pedras de maior valor.

---

*Nova materia colorante.* — Mr. Trllai manifestou, ha pouco, uma nova combinação de antimonio, que póde servir de colorante. A combinação se obtem ajuntando uma solução de ferrocyanurêto de potassio a um chlorurêto de antimonio. O precipitado de côr azul ultramar é contemplado pelo autor como um composto de acido prussico, ferro e oxido de antimonio.

Mr. Apjonh julga que esta tinta é uma mistura de azul de prussia e do pó de Algorotti.

---

*Couro da Russia.* — O *yufte* ou couro da Russia tem grande estimação e é um importante ramo do commercio d'aquelle paiz, mas o de côr vermelha não é sufficientemente fixo. A repartição das manufacturas e do commercio interior acaba de publicar um annuncio em todos os periodicos da Russia, em que se promette um premio de 2.000 rublos (2:500$000 rs.) ou outra recompensa conveniente ao que fornecer, na exposição de 1839, amostras de yufte delgado tinto de côr fixa, vermelha ou outra, e conservando o cheiro e todas as outras qualidades d'esta especie de couro. Os premiados devem declarar os processos de fabrico e tinturaria para serem publicados. Ter-se-ha em vista na ad-

judicação do premio á possibilidade de se applicar o novo processo ao fabrico em grande e sem augmento consideravel de preço na mercadoria.

---

Morreu o Snr. Godofredo Engelmann, introductor da lithographia em França, e fundador do primeiro estabelecimento d'este genero na cidade de Mulhouse; tinha de idade menos de 50 annos. Recentemente tinha elle inventado a arte de imprimir com diversas cores, e com as mais delicadas *nuanças*, os retratos, paisagens etc, com uma perfeição que rivalisa com o pincel dos artistas. A industria franceza perdeu n'elle uma de suas celebridades.

---

## CURIOSIDADES.

*Agua tofana.* — Uma Italiana, em o 17.º seculo, de nome *Tofana*, fez e vendeu por 50 annos esta agua venenosa, em frasquinhos com o nome de maná de S. Nicolau, cuja imagem estava estampada n'uma face do frasquinho. No fim do tempo que fica dito foi apanhada pela justiça e confessou que havia entrado no envenamento de 600 pessôas. Muitas pessôas de distincção foram implicadas n'este negocio e algumas sentenciadas á morte, outros afogados nas prisões. A dose fatal era de 4 ou 6 gotas, e o effeito não era subito nem facil de se conhecer, e era transparente como agua. O Papa declarou que este veneno era de agua forte e arsenico. Um italiano ensinou, em França, o segredo da composição da agua tofana a famosa marqueza de Brinvilliers, que com ella envenenou seu pae e dois irmãos, alêm de outros: foi executada e os preparadores do mixto queimados vivos.

---

Escreve-se-nos da Noruega que o celebre naturalista e mineralogista, professor em *Christiania*, *Esmark*, autor de muitas obras sobre sciencias naturaes que tem sido tradusidas na Allemanha e em França, aonde principalmente gozava de uma estrondosa nomeada, morreu com a idade de 76 annos.

A litteratura hollandeza tem tambem de lamentar a morte do célebre litterato e escriptor *Van Campen* que expirou na idade de 36 annos. Era um dos mais fecundos e celebres escriptores da quadra actual.

---

O imperador Nicolau comprou em Pariz por 1:500,000 fr. somma equivalente a Rs. 240:000$000 em moeda forte, um vasto e bello palacio para moradia dos Embaixadores Russos, acreditados perante o governo Francez, querendo n'esta parte, imitar o governo Inglez que tem palacios seus em todas as capitaes civilisadas para residencia de seus agentes diplomaticos.

---

*O vinho da rosa* (Rosenwein) *em Bremen.*—A adega de Bremen é a mais antiga das adegas da Allemanha; está situada por baixo do Hotel-de-ville. Uma das suas repartições, chamada a *Rosa* (porque um baixo-relevo de bronze, representando rosas, lhe serve de ornamento e taboleta) contem o famoso vinho, chamado *Rosenwein*, que tem hoje dois seculos e 15 annos. Com effeito foi em 1624 que ahi se depositaram seis grandes toneis de vinho do Rheno, chamado *Johannisberger* (*) e igual porção do que se chama *Hochheimer*. A parte adjacente da adega, contem vinhos das mesmas especies, não menos preciosos, posto que tendo alguns annos menos; são guardados em 12 grandes toneis, cada um dos quaes tem o nome d'um dos doze apostolos; e o vinho de *Judas*, apezar da reprovação ligada a este nome, é ainda mais estimado que os outros; nas outras partes da adega se acham os differentes vinhos dos annos posteriores. A medida que se tiram algumas garrafas de *Rosenwein*, são ellas substituidas pelo vinho dos *apostolos*, este por um vinho mais novo, e assim por diante, de maneira que os toneis sagrados, com differença dos das Danaides, nunca se esvasiam,

Uma garrafa de *Rosenwein* custa na cidade mais de 2 milhões de rixdales (cada rixdale vale pouco mais ou menos, em moeda forte, 741 rs). Esta somma parece incrivel a primeira vista;

---

(*) *Schlose-Johannisberg*, hoje propriedade do principe de Metternich.

é porém facil verifical-a pelo calculo que um Allemão tomou o trabalho de fazer. Um grande barril de vinho contendo 5 *oxhoft* de 204 garrafas custava, em 1624, 300 rixdales. Contando as despesas de conservação da adega, as contribuições, os juros d'essa somma e os juros dos juros, um *oxhoft* custa hoje 555,657,240 rixdales, e por consequencia uma garrafa custa 2,725,810 rixdales; um copo ou a oitava parte da garrafa custa 340,476 rixdales, e finalmente uma gota, contando 1,000 gotas em um copo, custa 340 rixdales. O vinho dos *Apostolos* e sobretudo o da *Rosa* não se vende a pessôa que não seja cidadão de Bremen ou não tenha direitos a esse titulo. Os burgomestres tem sómente a permissão de tirar algumas garrafas para seu consumo particular, ou para mandar de presente aos soberanos ou principes reinantes. Um cidadão de Bremen, em caso de grave enfermidade, pode conseguir uma garrafa pelo preço de 5 rixdales; porem, para lhe fazerem esse favor, é obrigado a apresentar certidão de medico, e consentimento do burgomestre e do concelho municipal. Um habitante de Bremen que for pobre pode igualmente obter uma garrafa *gratis*, depois de ha er prehenchido as mesmas formalidades. Um cidadão tem alem d'isso o direito de pedir uma garrafa quando recebe em sua casa algum hospede distincto, e cujo nome é afamado na Allemanha ou na Europa.

A cidade de Bremen mandava algumas vezes uma garrafa de vinho de *Rosa* a Gœthe no dia de seus annos.

Durante a occupação franceza, alguns generaes do imperio esvasiaram sem ceremonia uma quantidade consideravel d'este precioso licor: por isso pretendem os de Bremen que sua cidade pagou á França uma contribuição mais forte do que todas as cidades da Allemanha reunidas.

---

Recebemos de Bruxellas a seguinte interessante noticia:

Estando um advogado a defender a causa de uma creança de 4 annos que reclamava uma herança consideravel, pegou d'elle na sua peroração, levantou-o nos braços dizendo cousas admiraveis. A creança chorava e as suas lagrimas, ajudando a eloquencia do advogado, excitava a compaixão de toda a assembléa. O advogado adverso inquieto de ver tantas simpathias á prol de seu contrario, lembrou-se de perguntar a creança que razões

tinha para assim chorar ? — Elle está a penicar-me , respondeu o innocente. Pozeram-se os juizes a rir , o auditorio á assobiar e o pobre advogado , apezar de sua eloquencia pathetica , perdeu a causa.

---

*Uso do bastão para manter a paz nas familias.* — Em Balengen , em Wurtemberg , observava-se em outro tempo um uso muito singular para manter a paz nas familias. Os lavradores escolhiam entre si um homem respeitavel, ao qual se dava a funcção de *datte* ( em dialecto suisso esta palavra quer dizer *pae* ) ; este escolhia entre os assistentes dois individuos que lhe pareciam proprios para ajudal-o em suas funcçoes, e encarregava-os de saberem o que se passava no interior das familias. — Depois de estar bem certo que reinava desintelligencia entre tal espozo e tal espoza , o *datte* , acompanhado por seus dois acolytos , ia de noite a caza do par desunido e batia na porta : perguntavam de dentro : Quem está ahi ? e elle respondia com voz sombria : *E' o datte* ! e retirava-se. Si a despeito de sua primeira advertencia, os esposos continuavam a viver mal, elle voltava e fasia o mesmo : mas á terceira vez, entrava inopinadamente na caza, e castigava os culpados com uma boa dose de pauladas. — Como os *dattes* abusassem muitas vezes de seu poder , o governo viu-se obrigado a abolir este uso.

---

Existe um original , o barão de R*** , que , ha muitos annos, viaja a pé sem interrupção, a caça de bellos pontos de vista. Si chega a algum logar onde, para conseguir uma bella prespectiva , julga a proposito deitar a baixo arvores ou bosques, não attende ás despezas, ajusta-se com o proprietario, e aluga trabalhadores por dias. Uma vez meteu-se-lhe em cabeça queimar uma quinta, que, em seu parecer, desfigurava o paiz e obstava á perspectiva ; porem ô proprietario não quiz fazer-lhe a vontade. Quando ha conseguido seu fim, observa a vista por uma meia hora quando muito, e retira-se sem demorar-se mais tempo , e nunca volta aos mesmos logares.

---